

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Dissertação

*“Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”*: **RECONHECIMENTO E NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA**

**Santa Julia da Silva**

Pelotas, 2014

Santa Julia da Silva

*“Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”* : RECONHECIMENTO E  
NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciência Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Aparecida Rubert

Pelotas, 2014

Santa Julia da Silva

*“Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”*: RECONHECIMENTO E  
NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 26 de setembro de 2014

Banca examinadora:

.....  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Aparecida Rubert (Orientadora)  
Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni  
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela EHESS - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, França

.....  
Prof. Dr José Antônio dos Santos  
Doutor em História pela Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues da Silva  
Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

Dedico esse trabalho *in memoriam* aos meus pais:  
Jovelina da Silva pela infinita capacidade de cuidar e amar.  
Irineu Silva pelo exemplo de vida e integridade.

## Agradecimentos

Nesse momento, expresso minha gratidão a pessoas que colaboraram no percurso deste trabalho, Embora a dissertação indique uma condição autoral o trabalho emerge sempre de um processo coletivo. A ordem não segue uma linearidade de importância, todas as pessoas aqui citadas foram especiais e essenciais em momentos distintos ou concomitantes.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel por me aceitarem como aluna, por acolherem minha proposta de pesquisa e possibilitarem um mergulho nos desafiadores caminhos da Antropologia. Meu especial agradecimento à Adriana, à Flávia, ao Mário, ao Francisco, ao Cláudio e a Lori.

Agradeço a minha orientadora Professora Dr<sup>a</sup> Rosane Aparecida Rubert pela disponibilidade manifestada desde o primeiro contato. Sou grata a sua generosidade, dedicação, perseverança, orientação cuidadosa e paciência. Minha gratidão pelas suas indicações de leituras, pelos telefonemas de final de semana, pelas inúmeras leituras das versões desta dissertação e pelas sugestões apresentadas. Agradeço pelo diálogo e observações sempre construtivas, pelo rigor e exigência expressa no processo da construção deste trabalho. Atribuo exclusivamente a mim, a responsabilidade pelas lacunas existentes.

Agradeço meus colegas de mestrado, apesar da velocidade do tempo, propiciaram que eu me situasse depois de muitos anos de afastamento ao “ambiente” acadêmico. Obrigada ao Evander, Daniel Vergara, Daniel Minossi, Roberta, Isadora, Juliana, Cristiano, Liza, André e a Janaína.

Sou grata ao Alberto Kapitango, que mesmo em um distante ponto desse *Atlântico negro* me irradiou seu entusiasmo, sua amizade e confiança no êxito deste percurso. Agradeço pela conversa, pela lucidez de seu pensamento e pelo seu permanente estado de estranhamento sobre Brasil, que me ajudou a entender “África”.

Agradeço à Regina Marques Parente, pelos livros, pela troca de experiência e pelo constante incentivo.

Agradecimento especial ao Professor Dr. Rogério Réus Gonçalves da Rosa por ter aceito compor a banca de qualificação. Sou grata pela leitura cuidadosa e sensível que fez do projeto e pelas contribuições substanciais, que acrescentou a este.

Agradeço aos colegas do IFSul: Roberto Vidinha Magalhães por ter me informado do edital de seleção no momento mais difícil da minha vida nos pampas. Ao Lisandro Lucas de Moura, pela leitura do primeiro esboço desse projeto de pesquisa, pela confiança que me transmitiu e pelas colaborações relevantes naquele momento.

Minha gratidão à família Schwonke (Alessandro, Camila e Camilo) pela acolhida carinhosa em Pelotas e pelos impagáveis almoços das terças-feiras.

Agradeço ao Iuri Rocha Barcellos pelas caronas perfeitas nas gélidas madrugadas do outono/inverno de 2012.

Agradeço à Kamila Curi Pires por sua paciência expressa em forma de silêncio acolhedor enquanto ouvinte das minhas angústias, na fase final deste trabalho.

Sou grata ao Leandro da Silva Camargo, pela forma tranquila e compreensiva frente as minhas necessidades de deslocamento nesse último ano.

Agradecimentos especiais ao Mauro Castro Martin, ao Ramão Correa e a Mônica Daiane Peters, colegas e amigos queridos, com os quais sempre contei nas mais diversas situações ao longo desse percurso e cuja gratidão se incorpora a vida, além do tempo-espaço desta dissertação.

Agradeço a minha família, tão numerosa quanto maravilhosa, que é meu território, meu chão, minha consciência de humanidade e minha referência de vida e afeto. Agradecimento em especial à Marta, à Ana, ao Eliézer, ao Ryan, à Hillary, ao Thiago, à Alexia, à Bia, à Cândida, ao Alisson e à Thais. Sou grata pela doçura de suas existências e com suas vidas, inundarem a minha de esperança e certeza de que tudo valeu a pena. Agradecimento especial à Amélia, cunhada e amiga querida, pela condição permanente de retaguarda, sempre disponível a colaborar.

Minha imensa gratidão aos interlocutores desta pesquisa. Agradeço por me emprestarem tempo, partilharem lembranças, emoções, narrativas e artefatos. Agradeço por me permitirem construir através de suas falas a pessoa-personagem Oliveira Silveira. MUITÍSSIMO obrigada, à Vera, à Naiara, ao Luiz, ao Edilson, ao Ronald, à Suely, à Gizelda, ao Alsom e ao Evandoir.

Meu agradecimento especial à Reginete Bispo, pela interlocução, pelo incentivo e, sobretudo, por ter realizado uma tarefa grandiosa e impossível a mim: entrevistar Oliveira Silveira.

Agradecimento especial ao Professor Dr. José Antônio dos Santos, à Professora Dr<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues e à Professora Dr<sup>a</sup> Cláudia Turra Magni por terem aceito o convite de participarem da banca de defesa desta dissertação. A Professora Cláudia Turra Magni meu agradecimento extra por também ter participado da banca de qualificação do projeto e pelas valiosas sugestões apresentadas.

Minha gratidão *in memoriam* a Oliveira Ferreira Silveira, por sua vida, por sua condição de mestre, pelos seus escritos, por suas poesias, por alargar a nossa consciência e, com a devida licença, tomo de empréstimo a palavra do poeta baiano Jonatas Conceição: Meu agradecimento ao “poeta que nos devolveu Palmares”.



## Resumo

SILVA, S. Julia. **“Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos!”: Reconhecimento e Narrativas Sobre a Trajetória de Oliveira Silveira**. 2014. 200 folhas. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Este estudo aborda numa perspectiva antropológica, a trajetória política e intelectual de Oliveira Silveira considerando um intelectual contemporâneo com uma significativa contribuição para a atualização do pensamento social brasileiro, por meio da elaboração de contranarrativas sobre a presença negra no país. As múltiplas frentes de atuação de Oliveira Silveira impulsionam a refletir sobre os atravessamentos identitários por meio dos quais este se constitui na pessoa-personagem narrada pelos interlocutores dessa pesquisa. Tomando como aporte as discussões que procuram atualizar o campo antropológico em termos teórico-metodológico, este trabalho se inspira na perspectiva de Sahlins (1990), Turner (2005) e Gonçalves (2010), autores que pensam a relação entre ação e estrutura, bem como a relação entre esquemas culturais prévios e as apropriações que os sujeitos fazem deles. Incorpora-se a perspectiva de Said (1993) que discute o papel do intelectual na sociedade contemporânea. Busca-se nos estudos pós-coloniais elementos convergentes para situar Oliveira Silveira como intelectual diaspórico e como portador de uma identidade híbrida representada pela articulação conjunta de sua identidade regional e de sua identidade negra. O estudo procura descrever os deslocamentos vivenciados por Oliveira Silveira tanto no sentido geográfico como sentido simbólico. Este foi o proponente do Vinte de Novembro como data de maior significado para a história negra do país, sendo também atuante em organizações negras, tais como: clubes sociais negros, escolas de samba, congadas. Além disso, organizou vários grupos de ativismo político na capital, o primeiro deles, o Grupo Palmares e depois o Grupo Semba, Razão Negra, Revista Tição e Associação Negra de Cultura. Todas as organizações lideradas por Oliveira Silveira se destinavam, simultaneamente, à luta política e à promoção da cultura negra. Essa dissertação se propõe a apresentar o percurso etnográfico percorrido para apreender como diferentes pessoas, que conviveram com Oliveira Silveira em diferentes momentos compreenderam, significaram e valorizaram a trajetória deste intelectual e ativista. A partir da proposta de etnografia multisituada de George Marcus (1994), a pesquisa procurou identificar a forma como cada interlocutor(a) elaborou sua percepção e interpretação a respeito da trajetória de Oliveira Silveira, convertendo-as em narrativas.

**Palavras-chave:** Oliveira Silveira; Intelectuais Negros; Estudo de Trajetória; Militância; Identidade sociocultural; Contranarrativas

## Abstract

The presuppositions of this study address the political and intellectual trajectory of Oliveira Silveira based on an anthropological perspective. This study takes into consideration that he is a contemporary intellectual that provides a meaningful contribution to the update of the Brazilian social thought, through the presentation of counter-narratives related to the black presence in the country. The many places that Oliveira Silveira occupies stimulated the reflection about the identity crossings from which he is constituted in the person-character, narrated by his interlocutors. Taking as a guide to the discussions that focus on updating the anthropological field in theoretical-methodological terms, it was adopted in this study the perspectives of Sahlins (1990), Tunner (2005) e Gonçalves (2010), authors that think the relation between action and structure, as well as the place of the individual in the cultural life. In this study, it was incorporated the perspective of Said (1993) who discusses the role of the contemporary intellectual. Studies on convergent elements of the post-colonial period were also consulted in order to place Oliveira Silveira as a diasporic intellectual with a hybrid identity represented though the simultaneous articulation of his regional and black identity. In this study, it is intended to describe this displacement lived by Oliveira Silveira in the physical as well as in the symbolic way. This was the proponent of November twentieth as the date of greatest meaning to the black history of the country, being also active in black organizations, such as: clubs, samba schools and *congadas*. Besides, he has organized many groups in the capital, the first of them, the group *Palmares* and after the group *Semba, Razão Negra, Revista Tição* and *Associação Negra de Cultura*. All these organizations were lead by Oliveira Silveira and aimed at the political fight and to the promotion of the black culture. These dissertations aim at showing how different people, at different moments, understood, made sense and valued the intellectual trajectory of this activist. The choice of the topic of this study brings, a priori in an implicit way, the observation of the meaningful role played by Oliveira Silveira. This research aimed at identifying how each one chose to narrate their perception and comprehension related to the trajectory of Oliveira Silveira.

**Keywords:** Oliveira Silveira; Black intellectual; Trajectory studies; Militancy; Sociocultural identity; Counter-narratives

## Sumário

1. Introdução.....	13
2. Um Intelectual Negro no Extremo Sul do País .....	28
2.1 A Noção de Intelectual no Mundo Contemporâneo .....	28
2.2 A Contextualização do Tema da Pesquisa.....	32
2.3 Quem é Oliveira Silveira .....	36
2.3.1 Autobiografia Poética.....	36
2.3.2. Autobiografia Descritiva.....	41
2.3.4. A Obra Escrita por Oliveira Silveira .....	43
2.4. Oliveira Silveira: O Intelectual Híbrido.....	49
2.4.1 Aspectos Diaspóricos em Oliveira Silveira .....	51
2.5. O Intelectual em Ação: O Grupo Palmares em Porto Alegre .....	61
2.5.1 A Insurgência de Zumbi.....	61
3. As Questões Teórico-metodológicas e o Encontro Etnográfico.....	67
3.1 Estudos de Trajetórias .....	67
3.2 Os Interlocutores.....	72
3.2.1 Luiz Carlos da Silva Ribeiro.....	73
3.2.2 Ronald Augusto da Costa .....	74
3.2.3. Vera Lopes .....	75
3.2.4. Naiara Silveira.....	76
3.2.5. Reginete Souza Bispo .....	77
3.2.6 Edilson Amaral Nabarro .....	77
3.2.7 Evandoir dos Santos .....	78
3.2.8 Alsom Pereira.....	78
3.2.9 Suely Ferreira da Silveira .....	79
3.2.10 Gizelda da Silveira Maciel.....	79
3.3. A Constituição do Campo - Porto Alegre .....	80
3.3.1. Marcha do Vinte de Novembro.....	81
3.4. Outros encontros .....	86
3.4.1. Encontro com Luiz Ribeiro.....	86
3.4.2 Encontro com Reginete Souza Bispo.....	88
3.4.3 Encontro com Ronald Augusto.....	90

3.4.4 Encontro com Edilson Amaral Nabarro.....	94
3.4.5 Encontro com Naiara Silveira .....	94
3.4.6 O encontro com Vera Lopes.....	97
3.5. Inserção por Rosário do Sul – A Chegada .....	101
3.5.1. Encontro com Alsom Pereira da Silva.....	103
3.5.2. Encontro com Suely Silveira e Gizelda Maciel .....	105
4. Etnografando uma Ausência Presente: Os Diferentes Olhares sobre a Trajetória de Oliveira Silveira .....	109
4.1. Contextualizando Narrativas.....	109
4.2. Os Processos Identitários.....	110
4.2.1. Homi Bhabha.....	110
4.2.2 Stuart Hall .....	113
4.2.3 Paul Gilroy .....	114
4.3. Oliveira Silveira nas Representações dos Seus Interlocutores.....	116
4.3.1Luiz Carlos Ribeiro: <i>Eu quero o passado bom</i> .....	116
4.3.2 Ronald Augusto – <i>Muitos e Poucos</i> .....	123
4.3.3 Edilson Amaral Nabarro – Haiti.....	136
4.3.4 Naiara Silveira - Negros sabem fazer .....	145
4.3.5 Vera Lopes - Cabelos que negro .....	159
4.3.6 Alsom Pereira da Silva – Réquiem para Luther King.....	174
4.3.7 Suely Silveira e Gizelda Maciel – No meu Rosário.....	183
4.3.8 Evandoir dos Santos – A foto .....	191
Considerações finais.....	198
Referências Bibliográficas.....	203

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo abordar em uma perspectiva antropológica a vida e obra de Oliveira Silveira, poeta e militante do movimento negro, tendo vivido no Estado Rio Grande do Sul entre 1941 e 2009. Oliveira Ferreira da Silveira foi um importante expoente das ideias que constituíram e constituem o que hoje se denomina de movimento negro contemporâneo no Brasil. Esse intelectual deixou uma produção, cuja importância e significação têm sido revisitadas por diferentes atores sociais. A intenção é refletir como essa trajetória foi pensada, apropriada e (re)significada por outros intelectuais, por organizações da sociedade civil e até mesmo pelo estado brasileiro. O nome de Oliveira Silveira se vincula às figuras importantíssimas do contexto das lutas políticas, travadas pelos coletivos negros, na busca de visibilidade e reconhecimento étnico-racial no Brasil como um todo e, especialmente, no Estado do Rio Grande do Sul.

Busca-se, portanto, a caracterização de uma trajetória de vida, através de significados atribuídos por diferentes interlocutores que conviveram com Oliveira Silveira e se dispuseram a narrar cada um a seu modo, quem era e o que representava em suas vidas, assim como a abrangência coletiva do trabalho desenvolvido.

No contexto desta pesquisa, esses interlocutores adquirem o sentido de uma rede de contatos multifacetada pela natureza da experiência e, em termos metodológicos, aproxima-se de uma etnografia multissituada<sup>1</sup>. Os caminhos da pesquisa serão sempre acompanhados por um fio condutor, a vida e a produção intelectual de Oliveira Silveira, situa-se nessa dimensão o fazer etnográfico desta pesquisa.

---

<sup>1</sup> Nessa modalidade de etnografia a pesquisa não é necessariamente restrita a determinado grupo situado no interior de um campo de observação. “Muitas vezes, o “objeto” consiste num determinado fenômeno social (...) e sua construção ocorre ao se fazer determinados movimentos (através de passos já previamente planejados ou oportunistas), seguindo pessoas, histórias, objetos ao longo de várias cadeias, superpondo situações e verificando os pontos nos quais a intersecções, ressonâncias e associações ocorrem” (MARCUS, 1995 *apud* SCIRÉ, 2008).

Toma-se como referência que o texto antropológico é um texto interpretativo e polifônico<sup>2</sup>, procura-se compreender de que maneira cada interlocutor optou por apresentar Oliveira Silveira. O modo, as pessoas, as convicções e as ideias através das quais este moldou e foi moldado em sua experiência de vida, constituem-se nos dados que dão corpo a este trabalho. De certa forma, pretende-se estudar as diferentes narrativas, tomando Oliveira Silveira como pessoa-personagem<sup>3</sup>. Como esses narradores apresentam e representam esse intelectual, a partir de pequenos detalhes, fragmentos, minúcias e particularidades espera-se mostrar Oliveira Silveira e seu entrelaçamento com a vida cultural, principalmente com valores que compõe a visão de mundo de povos africanos e das culturas negras da diáspora.

Na trajetória das Ciências Sociais, assim como no próprio desenvolvimento da Antropologia, há uma tensão constante entre ação e estrutura, entre individuação e socialização por esquemas culturais prévios. Desde Durkheim (1979), o pensamento social segue uma ideia de coerção do social sobre o individual. Neste contexto, assistiu-se a um debate relacionado às possibilidades de estudos biográficos na Antropologia. Essa, em última análise, busca se definir por um modelo capaz de explicitar a dimensão coletiva, a experiência cultural ou o inconsciente coletivo, aquilo que escapa dessa dimensão, ou seja, que não responde a um modelo de socialização prévio torna-se o desviante, o patológico ou a exceção da regra.

Um dos caminhos por meio do qual alguns antropólogos construíram uma saída para a superação desses impasses epistemológicos reside na percepção de que o sistema simbólico é composto por um descompasso entre significados e significantes, assim toda a cultura se torna um sistema aberto e em produção constante. Autores como Turner (2005) e Sahlins (1990) situam o

---

<sup>2</sup> O termo polifônico advém dos trabalhos de Bakhtin sobre a literatura russa. Incorporada pela Antropologia pós-moderna é hoje uma noção aceita na Antropologia contemporânea. “Trata-se de uma forma de narrar em que o narrador deixa de ser um deus-criador, controlando o pensar, o agir e o dizer de suas criaturas e passa a dar-lhes espaço e voz. Em termos formais, narrador e personagens, enquanto representantes de visões de mundo diversificadas, ocupam na narrativa um espaço equivalente. Assim, a polifonia não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equivalentes”. (TADDEI, 2012, p. 8).

<sup>3</sup> Essa definição de pessoa-personagem toma como referência o trabalho de Gonçalves (2012), onde o autor aborda as tensões entre biografia e etnografia propondo o conceito de pessoa-personagem construída na alteridade entre o etnógrafo e seu interlocutor. Essa conceituação será retomada e desenvolvida no Capítulo 3, desse trabalho.

lugar do indivíduo dentro do sistema simbólico. Turner ao estudar os rituais de *crise de vida* entre o povo *Ndembu* descreve aquilo que chama de símbolos dominantes e observa que independente dos significados ditados pela cultura estes apresentam uma série de conflitos, ambiguidades, contradições e polissemia de sentidos. O referido autor enfatiza que os rituais constituem-se duplamente, tanto como espaço de interação entre o indivíduo e a estrutura social, como espaços de alteração e de mudanças na forma como “novos” sujeitos vivenciam a cultura. Para Sahlins (1990), ação social representa um espaço de escolhas e interpretações diferente. Entretanto, em ambos os autores as apropriações simbólicas são conectadas à vida cultural. É preciso conhecer uma dada ordem cultural para compreenderem-se as ações dos sujeitos que a modificam ou a reproduzem.

As formas de narrar sobre Oliveira Silveira mostram um vivido que chama atenção para a singularidade e para as rupturas com formas prévias de ordenamento do real, como “uma vida que se deseja a si mesma”<sup>4</sup>. Não se pode também desconsiderar que a narrativa não é uma fala pronta, pois adquire significação no ato de narrar. O contexto narrativo composto por um gravador, um roteiro de perguntas e um momento de alteridade instalado produz um ato reflexivo, visto que os interlocutores ao narrarem a respeito da trajetória vivida por Oliveira Silveira organizam também o seu vivido e proporcionam o acesso à experiência cultural.

As relações de afeto, admiração e respeito encontradas na fala dos interlocutores fazem pensar que na vida desse intelectual não se encontra uma divisão fixa, rígida entre o público e o privado. Desse modo, estes procuram construir uma narrativa onde Oliveira Silveira emerge como indivíduo e como personagem, multifacetado em suas identidades de amigo, pai, avô, poeta, professor, irmão, militante. A construção dessa pessoa-personagem é elaborada a partir do lugar e do tempo em que cada um dos interlocutores olhou para Oliveira Silveira. O que se vê é a impossibilidade de aprendê-lo apenas de um ângulo, apenas de uma face de sua vida, suas ações encontram-se entrelaçadas, articuladas de tal forma que para ler e apreciar sua

---

<sup>4</sup> Expressão usada por Sahlins (1990) ao citar Nietzsche.

poesia é preciso também ter apreciado suas ideias, frequentado seus grupos, partilhado do seu mundo.

Na medida em que o trabalho se constituía, ampliava-se a compreensão desta pesquisadora de quanto sua trajetória comporta uma densidade de ações e eventos. Entretanto, o olhar centrou-se na seguinte observação: além dessa densidade, existe em Oliveira Silveira, algo que orienta todas as ações de sua vida, isto é, a condição de saber-se homem negro, num contexto histórico e cultural radicalmente desfavorável. É essa condição que atravessa seu viver, inspira sua poética, fomenta suas pesquisas, fundamenta sua ação política, orienta suas escolhas, enfim, dá sentido a sua vida, sendo essa uma interpretação recorrente em algumas interlocuções.

Adotando essa noção na análise da trajetória desse sujeito - homem negro, contemporâneo, intelectual diaspórico, nascido em um espaço/país profundamente marcado pelas desigualdades étnico-raciais – o trabalho buscou aquela dimensão na qual Oliveira Silveira poderá ser simultaneamente um narrador e uma narrativa, um produto e um produtor de novas formas discursivas que contribuíram para redefinir a noção de identidade negra e a forma como esta desloca narrativas hegemônicas sobre identidades.

A totalidade cotejada é aquela próxima de uma perspectiva perpassada pela sincronia e pela diacronia. Passado e presente, público e privado, afetos e racionalidades, interiorização e exteriorização, ética e estética, se tocam e se hibridizam o tempo todo na trajetória de Oliveira Silveira e espero conseguir mostrar esses aspectos ao longo do trabalho. Pelo exposto, a interpretação dessa trajetória incorpora o contraditório, as ambiguidades e os deslizamentos de sentidos como parte constituinte de qualquer ordem de significados.

Numa discussão entre história e cultura, Sahlins (1990) argumenta o fato de o pensamento ocidental encontrar-se polarizado entre ação e estrutura. Conceitua o que chama de *estruturas prescritivas* e *estruturas performativas* apontando que, embora não sejam excludentes entre si, alguns grupos tendem a ser mais prescritivos e outros mais performativos. Se se tomar esse modelo poder-se-ia afirmar que o discurso hegemônico sobre o que seja a nação brasileira prescreve um modelo sedimentado na crença na democracia racial. Oliveira Silveira, a partir de seu discurso contra-hegemônico, contribuiu para

inauguração do discurso performativo na identidade nacional. “Há uma existência dual entre a ordem cultural enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas” (SAHLINS, 1990, p. 9). Portanto, volta-se à questão já abordada sobre a atualização da problemática entre indivíduo e cultura tendo em vista a constatação de que os significados são colocados em risco na ação. “Os efeitos desses riscos podem ser inovações radicais. (...) os signos são passíveis de serem tomados pelos poderes originais de sua criação, ou seja, pela consciência simbólica humana” (SAHLINS, 1990, p. 10). Esse risco resulta tanto de uma conjuntura histórico-cultural, quando de questões subjetivas referentes às escolhas realizadas pelo sujeito nela situado.

É nesse contexto dinâmico entre reprodução e mudança, entre cultura e história que se pode situar Oliveira Silveira e outros intelectuais influenciados por uma “estrutura de conjuntura”<sup>5</sup>, simbolizada na luta pelos direitos civis norte-americanos e na independência das colônias africanas, que aumentaram a polifonia de vozes a denunciar injustiças sociais nos diferentes pontos do *Atlântico Negro*<sup>6</sup>. “Os significados são colocados em risco quando as pessoas, à medida que se tornam socialmente capazes deixam de serem escravos de seus conceitos para se tornarem seus senhores” (SAHLINS, 1990, p. 9).

Na busca pela reconfiguração do discurso histórico-cultural sobre o Brasil, Oliveira Silveira torna-se senhor de seus conceitos. Nesse contexto, incorpora uma pluralidade de ações éticas, estéticas e afetivas. Sua poesia propõe diferentes experiências estéticas enquanto sua criatividade reelabora a memória da escravidão. Desfoca e inverte o olhar do lugar da dor e da humilhação, para o lugar da luta e da resistência.

Mas, sua atuação não se limita às manifestações expressivas, tais como: a música, a poesia e o teatro. A proposição do Vinte de Novembro como data importante para a constituição da memória negra e da formação

---

<sup>5</sup> “O que eu quero dizer com estrutura de conjuntura é a realização prática das categorias culturais em contextos históricos específicos” (SAHLINS, 1990, p. 15).

<sup>6</sup> Segundo Gilroy (2001), *Atlântico Negro* é um conceito que representa a metáfora do navio em movimento, carregando muito mais que africanos, carregando também projetos, ideias, artefatos e ativistas. Para o autor, essa metáfora sintetiza todo um conjunto cultural e político transnacional de elementos e ações resultante da dispersão de africanos pelo mundo a partir do século XV.

sociopolítica do país será vista no Capítulo 2, revela que não satisfazia ao poeta apenas o discurso artístico. Assim, sua trajetória é fortemente marcada tanto pela escrita como pela formação de grupos: Grupo Palmares, Grupo Semba, Revista Tição, Associação Negra de Cultura, movimento de clubes sociais negros, retomada da Liga da Canela Preta são iniciativas protagonizadas pelo poeta ou acompanhadas de perto por ele.

A adoção realizada pelo movimento negro contemporâneo do Vinte de Novembro como dia da consciência negra contribui juntamente com outras ações, para um reposicionamento na questão da identidade nacional. No Brasil esse debate da República, enquanto projeto de modernidade, veio acompanhado da preocupação com o elevado número das populações negra, mestiça e indígena.

Sabe-se que esse debate foi atravessado pelas teorias raciológicas<sup>7</sup> que encontravam na presença dessas populações um impasse para viabilidade da modernidade e da homogeneidade cultural. Sob essa perspectiva, o ufanismo da miscigenação defendido por alguns intelectuais entre eles, Gilberto Freyre,<sup>8</sup> sedimentada na noção de democracia racial, estabilizou o discurso hegemônico. Assim, criaram-se as possibilidades do Brasil chegar à condição de uma nação “moderna”. Entretanto, o preço da “modernidade” resultou na invisibilidade da cultura negra, acompanhada da folclorização e perseguição às suas formas manifestas.

Oliveira Silveira, com seu fazer intelectual, compõe um movimento que interrogou esse lugar e, ao fazê-lo, acabou contribuindo para que coletivos negros organizados atualizassem suas lutas, como protagonistas de seus próprios destinos. A trajetória de Oliveira Silveira se articula com a emergência do movimento negro contemporâneo, do qual ele é simultaneamente produto e produtor, como evidencia o trabalho de Pereira (2010). Esses atores partem da denúncia, a partir da década de setenta do século XX, do estado brasileiro

---

<sup>7</sup> Conforme analisa Kabenguele Munanga (1999), intelectuais, como Perdigão Malheiro, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Manuel Bomfim construíram por diferentes caminhos, uma narrativa sobre o Brasil e o entrave que esses segmentos representavam ao projeto de modernidade, influenciados que estavam pelas teorias raciológicas, desenvolvidas na Europa e adaptadas ao Brasil, esses “teóricos” dedicaram a estudar os efeitos da miscigenação no Brasil.

<sup>8</sup> *Casa Grande & Senzala* e *Mocambos e Sobrados* e são obras de Gilberto Freyre paradigmáticas da sedimentação dessa ideia.

como sendo um estado racista. As ações de reparação e construção de políticas públicas específicas para a população negra em curso representam um reconhecimento, ainda que precário, por parte do estado dessa condição sinalizada pelos sujeitos negros.

O problema que orienta essa pesquisa é pensar quais os elementos na trajetória intelectual e política de Oliveira Silveira indicam uma narrativa contra-hegemônica<sup>9</sup> sobre a presença negra no Brasil e, em especial, no Rio Grande do Sul. Situa-se no diálogo de atualização da teoria antropológica e das perspectivas dos estudos pós-coloniais<sup>10</sup>, as orientações teóricas desta dissertação, por entender que uma concepção apenas de “cultura” ou apenas de “política” seja insuficiente para compreender essa trajetória. Tenciona-se na teoria pós-colonial compreender Oliveira Silveira como sujeito político, absolutamente articulado com os sentidos de uma dada experiência cultural, a partir da sua condição de homem negro.

Os essencialismos existentes na concepção das diferenças humanas que se expressam, por exemplo, na relação colonizado e colonizador são produzidos por um tipo de conhecimento e de relações de poder que se legitimam de forma mútua, conforme problematizado por Homi Bhabha (2003). Ao projeto pós-colonial interessa substituir a noção de identidade pela noção identificação como um processo contínuo. Não há uma substância que defina *a priori* os sujeitos ou qualquer identidade. O que existe são construções discursivas, onde os sentidos flutuam ganham ou perdem significado. “Compreende-se, portanto, que sujeitos e identidades são partes das cadeias de significados. Não são anteriores à linguagem, mas construídos dentro do discurso” (HOFBAUER, 2009, p.123)

Ao analisar a centralidade da cultura, Hall (1997) enfatiza o lugar que essa ocupa na constituição das identidades ainda que seja um processo subjetivo.

---

<sup>9</sup> No contexto deste trabalho usa-se a definição de *contra-narrativa* ou *narrativa contra-hegemônica* fazendo alusão aos estudos de autores pós-coloniais que, em suas análises do mundo contemporâneo globalizado, identificam grupos que mesmo à margem do poder, empreendem lutas de diferentes formas e propõem outras narrativas para contar a própria história e interpretá-las, as quais, por sua vez, acabam impactando as estruturas de poder e as narrativas dominantes e produzem reconfigurações políticas e culturais.

<sup>10</sup> Os autores e ideias do pós-colonialismo serão retomados no Capítulo 4 dessa dissertação.

A identidade não emerge de um centro interior e verdadeiro, supostamente 'autêntico', "mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles... (...) O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias, e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p. 26)

Há uma crítica ao modelo de conhecimento que, na visão desses autores, apresenta uma conceituação de identidade, onde a matriz epistemológica se veicula ao iluminismo e a matriz política ao discurso do colonizador. Marcada, portanto, por conceitos binários. Essa definição de identidade não essencializada propõe o rompimento com a dicotomia entre o psíquico e o social, que no pensamento clássico se traduz na separação entre a Psicologia e Sociologia. Neste contexto de abordagem emergente, é toda uma forma de compreensão das relações sociais e da (des)localização da cultura que são apresentadas. As rupturas são epistemológicas e políticas simultaneamente.

Segundo Hofbauer (2009), o pensamento pós-colonial difere de outras manifestações anticoloniais, tais como o *pan-africanismo* na medida em que esta se preocupou em deslocar uma rigidez de um lugar para fixar em outro. Houve a transposição de um *eurocentrismo* para um *afrocentrismo* sem um posicionamento crítico quanto às formas de produção das categorias de conhecimento. É justamente para deslocar a rigidez das classificações que Hall (2003) usa o conceito de articulação como categoria analítica com a qual propõe dar conta do jogo de signos e significados movimentados nas diferentes experiências culturais.

No contexto do pensamento pós-colonial, os fenômenos políticos e culturais da contemporaneidade são (re)colocados para responder que relações se processam entre colonizados e colonizadores? Encontra-se nesses

diferentes autores uma crítica à concepção de estados-nação e as narrativas mestras que os sustentam, tal como esta foi construída pela modernidade.

Esse pensamento entende que a questão da identidade nacional, de inspiração iluminista, criou uma representação de cultura e identidade possível de ser aprisionada dentro de fronteiras geográficas. Assim, ter-se-ia uma identidade centrada numa homogeneidade de tal sorte que se poderia falar a qualquer tempo e em qualquer contexto de uma identidade anglo-saxônica, americana, ocidental, afro-brasileira etc. Opondo-se às noções fechadas, fixas e imutáveis de estruturação do pensamento, os autores pós-coloniais incorporam uma perspectiva que sugere pensar simultaneamente sujeito, linguagem, discurso e identidade.

É em Hofbauer (2009) que se encontra uma reflexão sobre os pontos que são comuns ao percurso da Antropologia e ao pensamento pós-colonial. O autor aponta também algumas diferenças entre essas duas abordagens. A reflexão sobre o colonialismo e capitalismo e seus efeitos nefastos em culturas diversas é uma preocupação comum as duas abordagens.

A abordagem tradicional da Antropologia está voltada para a produção da cultural local e as estratégias elaboradas pelos pesquisados para a interação com “outros grupos”. Há um processo onde apropriações, traduções, hibridismo e sincretismos estão presentes. Houbfauer (2009) observa que os pós-coloniais olham para diferença de “fora para dentro”, enquanto a Antropologia realiza um caminho inverso, para a partir daí, olhar para fora e produzir um olhar relativizante. Nas etnografias clássicas há pouco espaço para as questões do conflito, poder, discriminação e desigualdades, questões fundamentais para os pós-coloniais. Em face dessa comparação entre Antropologia e pós-coloniais, esse autor traz a crítica da antropóloga norte-americana, Sherry Ortner ao pós-colonialismo, por entender que esses não estão preocupados com os aspectos localizados e minuciosos com os quais a etnografia se debruça: “De um lado pretendem abrir espaço para a articulação de formas de resistência contra as grandes narrativas e projetos e hegemônicos; de outro, recusam-se a conhecer de perto e a falar sobre o mundo daqueles que resistem”. (ORTNER, *apud* HOFBAUER, 2009, p.125). O presente trabalho não tem a pretensão de adentrar numa discussão exaustiva

entre esses dois universos analíticos, mas no desenvolvimento da etnografia, busca-se o diálogo com referências que se mostram pertinentes aos dados coletados na pesquisa.

Tem-se como objetivo geral apresentar a trajetória de Oliveira Silveira no contexto das novas abordagens, das contra-narrativas que vêm problematizando e (re)situando a diversidade étnica e racial no Brasil. Os objetivos específicos consistem em identificar ideias e pessoas que influenciaram Oliveira Silveira; compreender a articulação entre política e cultura presente no pensamento de Oliveira Silveira; entender as estratégias discursivas presente nos seus escritos e nas narrativas coletadas sobre o seu vivido; refletir sobre as instâncias dialógicas existentes entre Oliveira Silveira e o movimento negro; contextualizar o protagonismo deste na história do movimento negro, principalmente no Estado do Rio Grande do Sul; indicar ressonâncias produzidas a partir da atuação desse intelectual.

Seguem-se algumas noções que constituem a base de sustentação do estudo dessa trajetória. Primeira, as transformações ocorridas no estado brasileiro, no que diz respeito às reparações das desigualdades de origem étnico-racial é consequência da atuação coletiva de homens e mulheres negras. Esses, de forma particular, empreenderam lutas históricas de combate ao racismo e ao direito de viver a diferença. Segunda, a trajetória de Oliveira Silveira não só possibilita ampliar a compreensão sobre essas lutas bem como compreender o seu lugar de protagonista. Terceiro, permanece ainda a necessidade de uma maior divulgação, conhecimento e reconhecimento da amplitude desse intelectual. É um propósito ambicioso deste trabalho contribuir para apresentação de Oliveira Silveira ao mundo acadêmico, particularmente ao campo da Antropologia. Ancora-se esse compromisso nos termos sugeridos por Geertz para quem o pensamento sério é um ato social.

Depois de Dewey, ficou muito difícil encarar o pensamento como abstenção do agir, teorização como uma alternativa ao compromisso e a vida intelectual como um monacato secular, isento de responsabilidade por ser sensível ao Bem. (GEERTZ, 2000, p. 30).

Esse ato social e sério emerge das narrativas ambivalentes que se ouvia a respeito de Oliveira Silveira na década de noventa, quando estive próxima às discussões que se travavam tanto no âmbito do Movimento Negro Unificado (MNU) do Rio Grande do Sul como no Núcleo de Negros do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre. Ora citavam-no referenciando-o como poeta e intelectual importante, ora com ressalvas a uma suposta limitação. Essa narrativa acompanhou a minha trajetória e contribuiu para despertar o interesse e a imaginação de compreendê-lo a partir de outro lugar, acompanhada pelas intersubjetividades que se conectam aos interlocutores deste trabalho e ao próprio Oliveira Silveira.

As leituras de trabalhos acadêmicos tendo Oliveira Silveira como foco de estudo corroboraram o interesse pela trajetória desse ativista político. Diferentes produções no meio acadêmico têm apresentado referências importantes para se pensar quem é esse sujeito. Como militante histórico na reconfiguração do movimento negro, conforme destacado no trabalho de Pereira (2010); a importância do Grupo Palmares no movimento negro do Rio Grande do Sul, enfatizada no trabalho de Campos (2006) e a influência do movimento *negritude* na obra de Oliveira Silveira em Donizeth (2010). Exemplos que, ao mesmo tempo, proporcionam ver as formas como Oliveira Silveira emerge como interesse nos estudos acadêmicos seja como ativista político ou como poeta. Na perspectiva deste trabalho almeja-se incorporar as diferentes dimensões através da inscrição dessa pessoa-personagem em um texto antropológico.

Apresenta-se, portanto, o resultado de um trabalho iniciado há mais de dois anos quando do ingresso no curso de mestrado. Entretanto, a temática que envolve a presença negra no Rio Grande do Sul como interesse de investigação faz parte da trajetória e da relação desta autora com a Antropologia, sobre as quais se fará uma breve descrição a seguir.

Nasci no meio rural, num local denominado Costa do Arroio Boeci, na divisa dos municípios de Pinheiro Machado com Piratini, Estado do Rio Grande do Sul. Segundo a narrativa de meu nascimento, minha mãe e eu fomos assistidas por uma doce e jovem parteira, a irmã da minha mãe, que se transformou na minha “mãe velha” embora fosse dois anos mais jovem que a

mãe biológica. Coragem é uma palavra que caracteriza bem as mulheres da família, minha avó materna foi a “grande mãe velha” da região e, talvez, tenha perdido conta dos inúmeros partos nos quais auxiliou outras mulheres a realizarem. Naquele lugar, iluminado por mulheres sábias e cheias de afeto, morei meus primeiros doze anos de vida, vivi minha infância no território ancestral onde minha bisavó paterna constituiu família até meu pai. Essas três gerações não experimentaram o desenraizamento, coube aos meus irmãos e a mim a experiência do exílio precoce.

Por mais ambíguo que pareça, carrego a marca de uma quilombola na diáspora. Esse lugar de “origem”, com suas histórias e suas narrativas, são marcas afetivas da minha trajetória. Muito cedo me descobri pertencente a uma família negra da Costa do Boeci e seus infinitos sentidos. Por intermédio dos ensinamentos de meu pai, cuja pedagogia única era marcada pela ironia e pelo deboche nas narrativas de pessoas negras que pediam “benção” aos fazendeiros da região. Logo cedo percebi a presença de uma lógica perversa na relação entre negros e brancos do local.

No meio rural ou pelo menos na Costa do Arroio Boeci as relações de vizinhança com os fazendeiros e suas famílias brancas são marcadas pela ambiguidade e contradição o tempo todo. O poder público até bem pouco tempo desconhecia a existência do lugar. As estradas eram privadas. Fomos educados a não pedir “benção” aos fazendeiros, mas não escapávamos do pedido de licença para chegarmos à escola. Pedido esse que minha mãe renovava a cada início de ano letivo. Eu ainda carrego na memória o temor sentido cada vez que minha mãe saía para “visitar” o dono da estrada e o medo de que não nos permitisse transitá-la, isto significaria ficar sem ir à escola. Na minha inocência desconhecia que a autorização era parte do jogo de poder constituído, quem recebe um “favor” se obriga a devolver, ainda que seja na forma de lealdade.

Essa situação que marcou a minha infância é parte da minha escolha por estudar Ciências Sociais. Escolhi precocemente a Sociologia, pois acreditava que obteria explicações para os meus questionamentos e temores infantis. Na época, não entendia muito bem o significado do nome, mas me seduzia a possibilidade de conhecimento das relações humanas. Era então

aluna do Instituto Assis Brasil, trata-se possivelmente de uma rara lembrança agradável que guardo da minha curta moradia na cidade de Pelotas, onde só retornei anos depois para cursar o mestrado.

Não havia o ensino de Sociologia na escola nesse período, e meu conhecimento acerca do conceito “social” advinha das aulas de História com o professor Cazaré. Homem de baixa estatura, próxima de um metro e meio, mas se tornava um gigante ao nos convencer da importância da História. Certo dia apareceu na escola um sociólogo para falar do “mundo do trabalho”. Optei, naquele mesmo dia, pelo curso que iria fazer. A palestra representou a articulação necessária e decisiva entre o acúmulo que carregava das aulas de História somado às minhas inquietações crescentes.

Conclui o ensino fundamental e me mudei para a cidade de Porto Alegre, diferente da cidade de Pelotas, na capital a condição de exílio se acomodou. Entrei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com uma visão ingênua de que a Sociologia iria imediatamente me propiciar respostas para as minhas inquietudes diante do mundo. Como não poderia ser diferente, meu imediatismo se transformou em frustração. Cursei a disciplina Sociologia Rural com o professor Zander Navarro, grande mestre, com o qual aprendi sobre Karl Marx e seu desprezo pelos camponeses, a diferença de uma *classe em si* e uma *classe para si*, nada sobre a realidade “camponesa” a qual eu pertencia. Buscava, provavelmente, a centralidade da cultura como sugere Hall (1997), a dimensão simbólica de determinadas ações. Em consonância com pensamento de Sahlins para quem:

a “cultura” não pode não pode ser abandonada sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humana por meio simbólico (SAHLINS, 1997, p. 1).

Estava no terceiro semestre do curso quando cursei Antropologia II com a professora Noemi Britto Castilho, que se revelou como um verdadeiro “achado” na minha vida acadêmica. Encontrei-me com a Antropologia, reencontrei-me com o curso, pois realizei minha primeira experiência com trabalho etnográfico. Ao longo da graduação, dediquei-me intensivamente à

Antropologia e trabalhei com outras temáticas, porém as questões étnico-raciais sempre despertaram meu vívido interesse.

Portanto, a escolha por estudar a trajetória de Oliveira Silveira foi um caminho “quase natural”, embora outros elementos tenham concorrido para isso. Em 2010 me mudei para a cidade de Bagé. Nesse contexto, a escolha pela trajetória do intelectual representava, ainda que num plano ambíguo, uma aproximação com Porto Alegre, a cidade/casa de uma quilombola na diáspora.

Quando comecei o processo da pesquisa de campo descobri dificuldades que não haviam sido consideradas durante a elaboração do projeto. Por algum tempo, mantive minha casa na cidade de Porto Alegre e quando não foi mais possível a minha relação com a cidade mudou. Foi difícil voltar na condição de hóspede e ainda com o dever de uma etnografia.

Contudo, essa mudança revelou-se como imprescindível na construção do trabalho visto que permitiu elaborar o necessário estranhamento da pesquisa de campo. Nesse jogo subjetivo, nesse contexto de perda da cidade/casa, nesses retornos temporários, foi quando desenvolvi a atividade etnográfica e acessei os interlocutores de pesquisa, também interlocutores de Oliveira Silveira.

Não saberia indicar se as pessoas com quem conversei foram as que mais conheceram Oliveira Silveira. É provável que interlocutores importantes tenham ficado de fora, bem como temas de grande relevância na trajetória deste não tenham sido abordados nessa etnografia. Afinal, a rede de contatos e amigos de Oliveira Silveira era uma rede transnacional. No entanto, ao reconhecer esse aspecto de incerteza incorporo-o como parte constituinte deste trabalho.

Na elaboração do trabalho permanecem níveis de interlocução diferentes. Essa diferenciação acontece por várias razões: pela natureza da intersubjetividade da situação de campo; pelos tempos e momentos diferentes em que conversei com cada interlocutor; e pelas questões colocadas de forma diferenciada, levando em consideração a interlocução que cada um manteve com Oliveira Silveira.

No período de novembro de 2012 a março de 2014 realizei quatro viagens à cidade de Porto Alegre com tempo de permanência curto, variando

de cinco a dez dias em cada uma das viagens. Estive também em Rosário do Sul onde permaneci por cinco dias. Soma-se a esse conjunto de dados o acesso ao áudio da entrevista gravado com Oliveira Silveira em 2004, em trabalho realizado por Reginete Bispo e Ana Clara. Considerando o reduzido tempo dedicado ao trabalho de apresentados refletem essas possibilidades e as lacunas existentes tornam-se dados a serem avaliados e analisados nessa experiência.

O trabalho foi estruturado objetivando colocar em relevo a trajetória de Oliveira Silveira. Dando sequência a esta Introdução, o Capítulo 2 apresenta os antecedentes da pesquisa e dados biográficos, bibliográficos, textos e poesias deste. Traz um breve histórico do Grupo Palmares, criado por Oliveira Silveira e responsável pela primeira evocação do Vinte de Novembro como uma data emblemática para a memória da presença negra no país. O objetivo do Capítulo é apresentar Oliveira Silveira e, simultaneamente, indicar a formação e as influências pelas quais passou. Discute-se ainda a noção de intelectual contemporâneo, lugar no qual esse trabalho situa Oliveira Silveira.

O Capítulo 3 se propõe a dar conta do encontro etnográfico. Inicialmente há uma problematização de questões de natureza teórica e metodológicas que envolvem a Antropologia, bem como as especificidades dessas propostas como estudo de trajetória. Discorre-se sobre o conceito de etnobiografia como instrumento analítico através do qual se busca a articulação de dualidades entre a trajetória individual e experiência cultural. A pessoa-personagem emerge como resultado das narrativas dos interlocutores e ação da pesquisadora nos diferentes contextos etnográficos. Logo após apresenta-se o percurso de pesquisa e os interlocutores.

O Capítulo 4 aborda os dados etnográficos por meio das percepções e narrativas que possibilitam a construção, ainda que provisória, da trajetória de Oliveira Silveira. Além disso, os dados e as narrativas concernentes a Oliveira Silveira são cotejados com textos literários e depoimentos do próprio intelectual. Articula-se temas e discussões em torno de cultura, política, movimentos sociais, identidade, hibridismos e outros com o propósito de relacionar essa abordagem com as marcas comportadas pelo instigante trajeto de Oliveira Silveira.

## **2. Um Intelectual Negro no Extremo Sul do País**

Esse capítulo tem como objetivo apresentar alguns dados da biografia de Oliveira Silveira e de sua produção intelectual. Dessa forma, espera-se que com essas informações fomentar um diálogo com a etnografia a ser apresentada no Capítulo 4.

As reflexões e os dados aqui apresentados levam em consideração as observações de Bourdieu (1996) para os estudos de trajetórias<sup>11</sup>. Nesta apresentação, que tem um caráter formal da trajetória de Oliveira Silveira, não há uma busca por uma relação de causa e efeito entre os acontecimentos de sua vida nem tampouco uma preocupação com um desenvolvimento linear desta. Deseja-se, sobretudo, identificar momentos e ações que tornaram possível colocar a sua trajetória como fundamental para o projeto contemporâneo em curso, de redefinição da identidade nacional e regional. Projeto esse, marcado pela reconfiguração de novos sujeitos políticos em luta pela redistribuição dos espaços de poder e de reconhecimento da diversidade dos distintos grupos que compõem o Estado Nação.

### **2.1 A Noção de Intelectual no Mundo Contemporâneo**

Arrolam-se aqui alguns referenciais através dos quais se situa Oliveira Silveira como intelectual contemporâneo. O debate sobre quem são e que fazem os intelectuais acompanha a longa trajetória do desenvolvimento das Ciências Sociais e não se pretende mapear todo esse debate. Retomam-se alguns subsídios elementares no afã de posicionar Oliveira Silveira como intelectual a partir de um referencial que está em consonância com a perspectiva teórica adotada.

---

<sup>11</sup> Para Bourdieu(1996), há um equívoco em certas formas como as Ciências Sociais se apropriaram do uso de história de vida, que pressupõe uma coerência, uma unidade ao longo da existência física de um determinado narrador, capaz de ser apreendida de forma cronológica. Nessa perspectiva, tanto o pesquisador quanto o pesquisado buscam encontrar o sentido da existência narrada, a partir do pressuposto de que há uma relação de causa e efeito entre os sucessivos acontecimentos.

Said (2005) nas *Conferências Reith* realizadas em 1993<sup>12</sup> historiciza as diferentes representações do intelectual na sociedade moderna. Segundo o qual, autores como Gramsci, Michael Foucault, Noberto Bobbio foram pensadores que situaram o intelectual como produto do desenvolvimento da sociedade moderna, veiculado ao projeto iluminista. Esses atores da modernidade, os intelectuais, assumiram o papel de construir e apresentar a *verdade*, a partir da ótica das relações de classe. Assim, construiu-se a figura do intelectual tradicional ou teórico. Em contraponto a esse, Gramsci identifica o intelectual orgânico, responsável por uma leitura do mundo a partir de outras perspectivas tais como etnias, nacionalidades e gênero, não se limitando exclusivamente à dimensão socioeconômica.

Desde Foucault (2000) os estudiosos ficaram convencidos da relação intrínseca entre conhecimento e poder, e se os intelectuais representam àqueles que detêm um tipo de conhecimento, então a questão é refletir do ponto de vista das relações de poder, das relações hegemônicas e contra-hegemônicas o que representa para as culturas da diáspora, a formação de seus próprios intelectuais. “Todos os intelectuais representam alguma coisa para seus respectivos públicos e, dessa forma, se autorrepresentam diante de si próprios” (SAID, 2005, p. 11). Cada cultura, cada tempo produz seus próprios intelectuais e estes por sua vez produzem conhecimentos e ideias que defendem, principalmente por acreditarem que estas suportam uma dimensão de verdade e justiça.

Ao observar as trajetórias de Abdias Nascimento e Milton Santos, Silva afirma que “O intelectual contemporâneo faz parte das redes de ligações transversais entre poderes e desempenha a tarefa de comunicador nessas redes” (SILVA, 2010, p.25). A autora prossegue a análise esclarecendo que, de forma arbitrária, o poder acaba produzindo saberes, portanto, o intelectual é um militante que interpreta saberes produzido pelo poder.

A produção do intelectual está em relação direta com a experiência de vida e sua interação como o mundo social. Said (2005) alerta para o fato de que no momento em que as palavras são escritas e publicadas o intelectual

---

<sup>12</sup> As *Conferências de Reith* foram textos produzidos por Said para um programa produzido pela televisão inglesa. A BBC de Londres convidou Said a proferir uma série de conferências sobre o papel público do intelectual, trabalho que posteriormente transformou-se em livro.

ingressa no mundo público, o sentido das palavras pronunciadas ou escritas vem carregado de idiosincrasia. A ideia de vocação individualiza, caracteriza e distingue-o, na relação entre este e as percepções formadas pelo seu público.

As narrativas acerca de Oliveira Silveira carregam algumas dessas características, definindo-o principalmente pela sua singularidade, pelas formas específicas de agir. Said (2005) ressalta que não se pode dissociar a figura do intelectual da representação que se deve ter dele, é inconcebível a ideia de um intelectual anônimo ou privado. De igual forma, a ousadia, o risco e o desejo são marcas que possibilitam conhecer e reconhecer um intelectual. Apesar da crise das grandes narrativas anunciadas pela pós-modernidade, permanece a luta pelos direitos humanos, como objeto de definição. Permanece também o lugar do intelectual. Encontra-se, assim, a interseção deste com a política.

José Antônio dos Santos (2011), em sua tese de doutorado, ao averiguar a imprensa negra meridional define os principais redatores desses jornais como intelectuais nos seguintes termos:

(...) construí a tese que o negro no Rio Grande do Sul não foi apenas trabalhador braçal, mas também contribuiu com seu intelecto para resolução dos principais problemas do seu tempo. Foi pensador que produziu livros e jornais, interpretou leis e códigos, escreveu poesia, teatro, artigos e manifesto acompanhou e participou, portanto, da construção do pensamento social da época. (SANTOS, 2011, p. 15).

Esse lugar que o autor atribui aos redatores da chamada imprensa negra, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, não difere significativamente da trajetória de Oliveira Silveira. A mudança está no contexto histórico de inserção desses diferentes sujeitos. Adotando uma postura generosa na interpretação do trabalho desses intelectuais, o historiador chama atenção para o fato que devem ser compreendidos à luz das formas de reconhecimento da época, isto é, da participação e defesa das associações socialmente aceitáveis, tais como: clubes e escolas e datas de festividades.

Santos (2011), ao se debruçar sobre o tema dos redatores da imprensa negra meridional, problematiza de forma semelhante a Silva (2010), a respeito do lugar ocupado por esses sujeitos. Elucida que “eram intermediários das discussões políticas e atuavam como formadores de opiniões, reprodutores e debatedores das opiniões e informações correntes.” (SANTOS, 2011, p. 25).

Outra forma de definir as representações do intelectual é colocá-lo metaforicamente na condição de exilado. “O exílio nesse sentido metafísico é desassossego, é movimento, é a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros”. (SAID, 2005, p. 60).

O intelectual, segundo este autor, é um sujeito paradoxal, irônico, crítico impiedoso, fragmentário, convulsivo e descontínuo. O intelectual na condição de exílio carrega consigo a sensação de nunca estar verdadeiramente em casa e de impossibilidade de retorno. Mas essa dimensão também apresenta seus prazeres de conhecimento e liberdade. No que tange às representações e metáforas os intelectuais são *outsider* ou eternos viajantes.

Se o intelectual é a figura daquele que não se enquadra, deve-se definir em qual contexto este representa um “estranho no ninho”. Pensando na trajetória de Oliveira Silveira, seu exílio se manifesta de diversas maneiras. Em sentido mais amplo, está no plano de contrariar os discursos hegemônicos sobre identidade regional e nacional. Há também a tomada de decisão quanto aos discursos correntes dentro do próprio associativismo negro. Enquanto esses realizavam festividades comemorando o *treze de maio*, Oliveira Silveira escreveu em seu poema:

Treze de maio  
traição  
liberdade sem asa  
e fome sem pão  
os brancos não fizeram mais  
que meia obrigação.

Mesma ousadia que levará Oliveira Silveira anos depois a propor o contraponto com o Vinte de Novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares como referência histórica fundamental ao processo de identidade negra nacional. Pode-se também ver o exílio de Oliveira Silveira quando nas décadas de setenta e oitenta houve o crescimento dos partidos de esquerda no Brasil. Embora sofresse duras críticas de alguns setores, o intelectual não se filiou a nenhum partido. Alguns interlocutores apontaram sua simpatia ao trabalhismo liderado no país por Leonel Brizola. No entanto, ao longo do trabalho não foram encontrados subsídios que mapeassem essa admiração. Por fim, a relação

entre o meio rural e urbano talvez sugira simbolicamente outra forma de exílio de Oliveira Silveira.

## 2.2 A Contextualização do Tema da Pesquisa

“Fazer Antropologia é sair da zona de conforto”, afirmação pronunciada pela antropóloga Cláudia Turra Magni, durante a sua arguição na banca de qualificação do projeto desta dissertação, condensa e representa algumas questões inerentes ao desenvolvimento deste trabalho. Pretende-se, portanto, apresentar alguns aspectos desafiadores e impulsionadores como parte do exercício da etnografia, a saber, a reflexão sobre os motivos de determinadas escolhas.

Conheci Oliveira Silveira no início da década de noventa quando ainda estava na graduação no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Na época, era bolsista de iniciação científica com orientação da Professora Maria Eunice Maciel, em um projeto que se denominava *Repensando Identidades*. Dentro desse projeto maior, desenvolvi um subprojeto com o objetivo de pensar as possibilidades de articulação entre a identidade gaúcha e a identidade negra, minha inquietação na época era de certo modo motivada pelas discussões nos seminários do professor Rubem Oliven<sup>13</sup>, que salientava a invisibilidade do negro no Rio Grande do Sul. Essa invisibilidade, na visão desse antropólogo, traduzia-se tanto no aspecto físico, em particular na cidade de Porto Alegre, que “escondia” a população negra; quanto no aspecto simbólico, nas representações da identidade gaúcha que excluía de seu imaginário a presença de uma cultura negra no Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, partia da hipótese, na época, que definir-se como negro, excluía a possibilidade de ser gaúcho. Tinha como interesse de conhecimento os Centros de Tradição Gaúchos (CTGs) organizados por negros. Foi, portanto, dentro dessa discussão que a Professora Dayse

---

<sup>13</sup> Sobre essa temática Rubem Oliven publicou o seguinte artigo: A invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: BOAVENTURA, I. (Org.). **Negros no Sul do Brasil**: Invisibilidade e Territorialidade. Ilha de Santa Catarina (SC): Letras contemporâneas, 1996.

Barcellos que havia recentemente concluído seu doutorado em Antropologia Social<sup>14</sup>, tratando da ascensão social de famílias negras em Porto Alegre, indicou-me o nome de Oliveira Silveira como alguém que poderia contribuir para minha pesquisa.

Nesse período Oliveira Silveira era um nome familiar, pois é dessa mesma época meu ingresso no Movimento Negro Unificado (MNU), minha aproximação com o Partido dos Trabalhadores (PT), especialmente com um dos integrantes do Núcleo dos Negros do PT de Porto Alegre, o Lua, um personagem negro histórico desse partido na cidade. Concomitante à minha participação na campanha política de Reginete Bispo, quando conheci as integrantes da organização de mulheres negras Maria Mulher, da qual Vera Lopes, uma das interlocutoras sobre a trajetória de Oliveira Silveira, era integrante.

É forçoso reconhecer que a minha entrada no curso de Ciências Sociais coincidiu com minha aproximação com o movimento negro organizado da cidade. Entretanto, sempre me coloquei num ponto marginal em relação a esses atores e essas instituições. Por conta dessa condição, quem disponibilizou o telefone de Oliveira Silveira foi a professora Dayse Barcellos.

Através do contato telefônico, Oliveira Silveira convidou-me para ir até o seu apartamento onde poderíamos conversar. Já neste período a referida residência situava-se no começo da Avenida Assis Brasil, zona norte de Porto Alegre, local em que atualmente está localizado o seu acervo de documentos. Segundo meu entendimento, tal espaço é denso de significados para todo um grupo de pessoas que por lá transitaram ou participaram de reuniões, grupos de estudos, etc. De certa maneira, esse local de moradia do intelectual pode ser compreendido como um lugar onde o público e o privado inevitavelmente se interpenetravam. Provavelmente isso tenha se potencializado no estilo de vida adotado por Oliveira Silveira, após o fim do casamento, quando passou a morar sozinho até o final de sua vida, como salientado pela filha em entrevista

---

<sup>14</sup> BARCELLOS, D. M. **Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1996.

fornecida para esta pesquisa.<sup>15</sup> Pode-se pensar nos sentidos atribuídos ao Acervo Oliveira Silveira que está sendo catalogado, organizado e mantido no local de origem.

Embora se saiba que a questão da memória permanece nos contextos de ausência, ou seja, mesmo que o acervo seja deslocado, o apartamento de Oliveira Silveira, “ali no começo da Assis Brasil”<sup>16</sup> remete a um espaço de sentidos para toda uma geração de homens e mulheres que cultivam uma admiração, respeito e afeto por esse sujeito.

Das lembranças tidas desse lugar, foi da minha chegada num final de tarde, sentindo-me terrivelmente tímida, principalmente porque, na época, desconhecia as temáticas que mobilizavam Oliveira Silveira como intelectual. Por consequência, sentia-me insegura com a receptividade que meu interesse por CTGs de negros poderia suscitar. Ao entrar no apartamento, meu primeiro impacto de surpresa fora pela quantidade de impressos, jornais, livros e revistas que num primeiro olhar pareciam estarem jogados por toda a parte. Oliveira Silveira recebeu-me de forma atenciosa, ofereceu-me café e me convidou acompanhá-lo até a cozinha para que fôssemos conversando. Enquanto conversávamos, chamou-me atenção que sobre o fogão também havia alguns periódicos dali retirados para o preparo do café. Naquela noite, saí de lá com a sensação de que o apartamento assemelhava-se mais a uma *morada da escrita* do que a uma morada de Oliveira Silveira.

Naquele encontro inicial, conversamos a respeito de meu interesse de pesquisa, mas lembro que diferente do que eu imaginava Oliveira Silveira não se mostrou um orador eloquente sobre o assunto, pelo contrário, assumiu o papel de um ouvinte atento. Mostrou-se entusiasmado com meu tema de pesquisa e incentivou-me a continuar, expôs o quanto era necessário que houvesse pesquisas mostrando que os negros também se identificavam como gaúchos. Admito que essa perspectiva, na época, frustrou-me, pois, na

---

<sup>15</sup> Naiara Rodrigues Silveira, filha de Oliveira Silveira, frisou em entrevista realizada em setembro em 2013 que o pai não morou com outras pessoas após o fim do casamento.

<sup>16</sup> Essa expressão foi usada pela atriz Vera Lopes na entrevista fornecida para esta pesquisa, ao dizer que sempre indicou as pessoas que procurassem Oliveira Silveira, dado ao seu grande conhecimento, sua biblioteca e seu acervo de documentos e principalmente a sua disponibilidade para ajudar pesquisadores e estudantes.

compreensão que possuía, participar do movimento tradicionalista era *alienar* uma consciência negra.

Nessa mesma ocasião, recebi o convite para participar da Associação Negra de Cultura e, posteriormente, chegou pelo correio uma carta-convite com a pauta de reunião, na Casa de Cultura Mário Quintana, no centro de Porto Alegre. Recordo-me de que na reunião encontravam-se presentes Oliveira Silveira, a filha Naiara, o poeta Jorge Fróes<sup>17</sup>, entre outros. Não tenho presente o que efetivamente se discutiu nesse encontro, talvez porque no período em questão, meu processo de visão política e de atuação do movimento era aquela praticada pelo MNU, pouco acolhedora diante de outras organizações do movimento negro.

Na visita ao apartamento, Oliveira Silveira apresentou-me a *Revista Tição*. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, compreendi a importância desse periódico para seus produtores como uma ação política, como veículo de comunicação segmentado para a população negra e o significado para os jovens que se reuniram em torno da produção e editoração da revista<sup>18</sup> e, principalmente, em torno do *Professor Oliveira Silveira*, como é chamado por muitos em Porto Alegre.

No decorrer da conversa, Oliveira Silveira começou a procurar um exemplar da revista em meio a uma infinidade de outros papéis e documentos, quando finalmente a encontrou assinalou à caneta os textos de sua autoria, pois as matérias não eram identificadas por autores e deu-me um exemplar.

Por fim, concluí o relatório de pesquisa, desliguei-me do projeto, mas guardei na memória a figura de Oliveira Silveira. Depois desse encontro, embora costumasse a vê-lo andando pelo centro de Porto Alegre, não voltamos a conversar e permanecia em mim o fato de que deveria fazê-lo.

Em janeiro de 2009 fui surpreendida com a notícia de sua morte e, ao mesmo tempo, começou a longa gestação deste trabalho. Entendo que reconhecer na dimensão acadêmica, a trajetória de homens e mulheres negras

---

<sup>17</sup> O poeta Jorge Fróes vive na região metropolitana de Porto Alegre e teve forte ligação com Oliveira Silveira. No desenvolvimento da pesquisa de campo, houve várias tentativas no sentido de estabelecer um contato por correio eletrônico ou telefone, sem êxito. Isso talvez represente uma das lacunas a ser considerada no desenvolvimento deste trabalho.

<sup>18</sup> Alguns interlocutores que participaram desta pesquisa fizeram referência à aproximação com Oliveira Silveira através da *Revista Tição*, como será mostrado no Capítulo 4.

cujo *nome* e o *rosto* remetem a uma história de lutas, quebra de paradigmas e compromisso no enfrentamento as injustiças praticadas em nome da “raça” é um caminho para o fortalecimento dessa mesma luta ainda em curso.

## 2.3 Quem é Oliveira Silveira

A seguir, são apresentadas diferentes textualidades através das quais se procura apresentar Oliveira Silveira. Primeiro, introduz-se um poema seguido por um texto da autoria deste e conclui-se com a organização de sua produção intelectual. Diferentes formas de linguagem, diferente narrativas que deverão auxiliar a pensar a questão das identidades em Oliveira Silveira.

### 2.3.1 Autobiografia Poética

Sou a palavra cacimba  
prá sede de todo mundo  
e tenho assim minha alma:  
água limpa e céu no fundo.

Já fui remo, fui enxada  
e pedra de construção;  
trilho de estrada-de-ferro,  
lavoura semente e grão.

Já fui a palavra canga,  
sou hoje a palavra basta.  
E vou refugando a manga  
num atropelo de aspa.

Meu canto é faca de charque  
voltada contra o feitor,  
dizendo que minha carne  
não é de nenhum senhor.

Sou o samba das escolas  
em todos os carnavais.  
Sou o samba da cidade  
e lá dos confins rurais.

Sou quicumbi e maçambique  
no compasso do tambor.  
Sou um toque de batuque  
em casa jeje-nagô.

Sou a bombacha de santo,  
sou o churrasco de Ogum.  
Entre os filhos dessa terra

naturalmente sou um.

Sou o trabalho e a luta,  
suor e sangue de quem  
nas entranhas dessa terra  
nutre raízes também.

Publicado originalmente no livro *Pelo Escuro* cujos poemas foram escritos entre os anos de 1968 até 1977. Este poema condensa boa parte dos temas tratados no conjunto da obra de Oliveira Silveira, tais como a sua relação com a cultura afro-brasileira e regional.

Em entrevista realizada pelas pesquisadoras Ana Clara e Reginete Bispo, em 2004, Oliveira Silveira narrou alguns detalhes de sua vida familiar em Rosário do Sul, terra da qual era “filho”. Local pelo qual nutria vínculos como expressa em depoimentos e também em linguagem literária. O poema, assim como sua biografia articula a relação rural/urbano de forma presente e contínua.

A minha família é da área rural, consta que meus avós maternos são originários de Cacequi, uma cidade próxima do município, é lindeiro de Rosário do Sul. Os meus avós paternos são uruguaios, vieram do departamento de Rivera no Uruguai de modo que se estabeleceram no interior de Rosário do Sul no distrito de Touro-Passo que fica na Serra do Caverá.<sup>19</sup>

O poeta relata que conviveu bastante com o avô paterno a quem define como branco, uruguaio. Chamava-se Nicasso Silveira e, segundo o relato, viveu na casa de seus pais por longo período, vindo a falecer com 105 anos idade. As origens paternas remetem a um contexto tradicional de campanha como descreveu:

Eles lidavam mais com o gado, no caso do meu avô paterno que era uruguaio, ele transpôs a fronteira levando a sua tropa de gado, seus animais que depois foram se perdendo por lá porque na época não havia aramados, ou seja, cercas de arame e como ele tinha outras ocupações, gostava muito de carreira. Essas carreiras de cancha reta<sup>20</sup> eles se descuidava um pouco do gado e foi se espalhando e se perdeu, é o que contavam.

<sup>19</sup>O trecho de entrevistas apresentados nesse Capítulo resulta do depoimento gravado por Reginete Bispo e Ana Clara, realizada em outubro de 2004. No Capítulo 3 apresentamos o processo de como foi possível o acesso ao mesmo.

<sup>20</sup> Cancha reta refere-se à pista onde acontece as corridas de cavalos.

Oliveira Silveira parece reconhecer essa narrativa como algo ficcional, mas perfeitamente amarrada ao imaginário do gaúcho: o homem livre dos pampas, sem fronteiras, a conduzir animais sem tempo e sem destino até perdendo-os pelo caminho, ao deter-se naquilo que considera importante, as carreiras de cancha reta. Quando Nicasso se fixou em Rosário do Sul, sua trajetória então abandonou o campo da ficção e passou para o campo da História. A história de sua família.

Oliveira Silveira descreve sua genealogia literária, explicando sua relação com a poesia, a partir da vivência em Rosário do Sul, relacionando-a diretamente às formas expressivas tradicionais gauchescas.

Vem desde Rosário, pois lá no interior nos tínhamos essa convivência com a poesia tradicional, seja das quadrinhas folclóricas os chamados versinhos ou versinhos da polca de relação ou de vaneira de dama. Em outros lugares chamam de meia-cana! É o momento no baile rural em que as damas tiram os cavalheiros para dançar. Tocasse uma polca, nesse caso é polca de relação, ou na vaneira, que nesse caso é vaneira de damas, e as damas escolhem seus pares. Forma-se uma roda, um casal entra *pro* meio e são ditos versos ou quadrinhos que começa com o cavalheiro e depois são respondidos pelas damas. E a gente conhecia muito, quando criança ficava memorizando esses versos, era uma situação muito interessante (...). O fato é que a gente memorizava facilmente esses versos com aquela situação toda e depois ficava recordando, fixando, além disso, haviam os trovadores ou seja os repentistas de nossa trova gauchesca que é uma prova de sextilha, com versos de redondilha maior, ou seja, sete sílabas. E era um exercício também que a gente fazia além de outras coisas, como por exemplo, conhecer as décimas que às vezes circulava escrita ou alguém sabia de cor ou sabia trechos das décimas. No caso são narrativas [As décimas] em versos e geralmente tinham origem nos repentistas nos trovadores e contando histórias, semelhante à literatura de Cordel. Então esse tipo de coisa naturalmente foi se sedimentando, foi o meu primeiro contato com a poesia, poesia popular.

Oliveira Silveira destaca também seu processo inicial de escrita veiculado a Rosário do Sul, quando já morava na cidade, mas não havia produzido um distanciamento significativo com o meio rural.

Começo a escrever por volta do ano de 1957 e começo a publicar num jornal que tinha em Rosário do Sul em 1958 o jornal se chamava o *Correio de Rosário* e foi um estímulo muito bom, porque vê o texto escrito, publicado. Também tive um estímulo muito grande com o espaço na rádio local, uma rádio de pequeno alcance chamada

Marajá, onde eu até fazia uma espécie de locução comercial, quando o locutor saía eu ficava lá no lugar dele lendo as notas, mais adiante cheguei a ser apresentador eventual e de programa jornalístico.

Considerando que Oliveira Silveira nasceu em 1941, observa-se que a estreia na vida literária com publicações em jornais aconteceu aos 16 anos de idade. Ao mencionar sua mudança para Porto Alegre, Oliveira Silveira oferece elementos comprovadores de uma relação intrínseca com a escrita que migrou com ele para a capital gaúcha.

Trabalhei na Editora Globo<sup>21</sup> logo que cheguei, pela questão da poesia. Eu já escrevia e ouvia os programas do Lauro Rodrigues, programa regionalista na Rádio Farroupilha. Quando eu vim também queria conhecer o Lauro e fui procurar ele que era deputado estadual. Então, ele me encaminhou pra Editora Globo e fui recebido por Mário de Almeida Lima e depois se tornou bastante conhecido como livreiro e foi quem me colocou na Editora Globo, onde eu trabalhei menos de um ano porque teria que servir ao exército e ao mesmo tempo eu pretendia ficar livre do serviço militar *pra* poder estudar com mais tranquilidade e foi o que aconteceu. Não voltei *pra* editora. Fui trabalhar no ano seguinte, era 60 numa veterinária chamada Gaúcha que editava um jornal intitulado “O Gaúcho” e trabalhando lá eu revisava o jornal, com o tempo criei uma página regionalista no jornal.

É também por intermédio da escrita e da literatura no Colégio Júlio de Castilho que Oliveira Silveira começou atuar no movimento estudantil de Porto Alegre, a exemplo do que acontecia em Rosário do Sul. Nessa mesma época emerge práticas e discursos constitutivos do que poderia se chamar consciência negra através do contato com a literatura da diáspora negra.

(...) no primeiro ano em 59 eu fiquei me familiarizando com a cidade, em 60 eu já estava um pouco mais habituado e comecei a participar da política estudantil que eu já tinha iniciado em Rosário timidamente no Grêmio Estudantil no programa da rádio e em Porto Alegre eu participei da gestão Paulo Luís da Silva que é o dono da Joalheria da Andrade Neves, Paulo Joalheiro. Ele foi eleito presidente do Grêmio e era meu colega de aula me convidou pra ser o secretário de imprensa, (...) com isso era encarregado de editar cinco números do jornal *O Julinho*. Ao longo daquela gestão que era em 1961 eu já estava no terceiro ano e foi um exercício muito bom ter participado desse trabalho e ao mesmo tempo foi surgindo a questão negra. Uma coisa que contribuiu bastante foi o fato da poeta ou poetisa Lara de Lemos ter me emprestado o livro de Paul Sartre, *Reflexões Sobre o Racismo*, são duas partes: A Questão Judaica e Orfeu Negro.

<sup>21</sup> A Editora Globo representou um marco importante para a produção editorial do Rio Grande do Sul. Outros importantes escritores e intelectuais gaúchos tiveram vínculo de trabalho com essa empresa, conforme MONTEIRO (2006).

Nesse livro de Sartre, na parte do Orfeu Negro, o filósofo existencialista, toma a poesia afro-caribenha como objeto de reflexão, inclusive ao citar trechos da obra de Aimé Césaire<sup>22</sup>, escritor que influenciaria significativamente o processo de formação de Oliveira Silveira como poeta, como será visto. Observa-se que na trajetória de Oliveira Silveira, o contato com a literatura negra é anterior ao ingresso no curso de Letras, que aconteceu em 1962.

Eu publiquei o meu primeiro livro em 1962 quando eu já estava entrando na faculdade de letras na UFRGS e tem já um poema que fala em mulher negra, “Maria da Graça mulata, nós dois combinamos na cor” é mais ou menos assim. (...) o problema é que quando começo a ver a data do poema, eu publiquei em 62, mas ele já estava escrito antes, não lembro se eu cheguei a publicar no jornal *O Julinho*. Eu publicava muita poesia dos poetas da escola e os meus também. Eu publiquei em 61 de qualquer forma eu acho que é um poema de 61 deve ter saído no livreto *Germinou*. Foi meu primeiro trabalho publicado em 62.

Parece ser no contexto dos anos sessenta e da movimentação política da época, com a forte participação do movimento estudantil que Oliveira Silveira passou a construir-se como novo sujeito político.

No início era bastante conservadora, mas ao final da gestão eu senti uma evolução me abrindo mais *pras* questões, foi o ano da legalidade 61 e teve uma participação dos estudantes muito grande inclusive a nossa do movimento, tanto que eu me lembro de que escrevi um artigo talvez no último número com o título escrito assim: “E o Golpe se consumou, quando o Jango Goulart assumiu na condição de presidente parlamentarista. Então esse artigo expressa bastante a minha conscientização política.

Oliveira Silveira vivenciou o golpe militar de 1964 atuando no movimento estudantil e produzindo como poeta:

Mais adiante em 64, eu já estava participando mais da política estudantil atuei um pouco no UEE – União Estadual dos Estudantes – Já estava na universidade então eu acompanhei toda essa mudança esse golpe que instalou a ditadura no país, mas eu seguia trabalhando, escrevendo principalmente. (...) depois em 71, claro que a gente passou a ter muito cuidado.

---

<sup>22</sup> Natural da Martinica, poeta e prefeito da cidade de Fort-de-Lance, capital da Martinica sendo também deputado pelo Partido Comunista.

### 2.3.2. Autobiografia Descritiva

O texto apresentado a seguir encontra-se publicado na aba do livro organizado por Ronald Augusto<sup>23</sup> em 2012 e, como dados bio-bibliográficos, no final da obra publicada por amigos com lançamento realizado em 20 de novembro de 2009. Entretanto, houve relatos conflitantes quanto ao propósito de sua escrita. Uma versão explica que esse texto seria o prefácio do livro que estava pronto para ser enviado para editora, inviabilizado devido à morte de Oliveira Silveira. A obra que estaria sendo organizada pelo escritor Oswaldo Camargo,<sup>24</sup> tornou-se uma produção independente, patrocinada por um grupo de amigos e com prefácio do escritor paulista.

Outra versão, contudo, nega essa possibilidade, segundo a qual Oliveira Silveira jamais publicaria um trabalho que não fosse de forma independente, inclusive o referido livro não teria sido publicado, pois faltava a autorização de Oliveira Silveira para uma editora comercial. Dois interlocutores que colaboraram para a publicação da obra independente afirmaram-me durante entrevista que o livro estava pronto quando Oliveira Silveira morreu. Entretanto, os dados não permitiram concluir sobre os motivos pelos quais não houve a publicação do livro.

Poeta negro brasileiro, nascido em 1941 na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Filho de Felisberto Martins Silveira, branco brasileiro de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, negra brasileira de cor preta, de pai e mãe negros gaúchos. Graduado em Letras – Português e Francês com as respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Docente de português e literatura no ensino médio. Atividades jornalísticas. Ativista do Movimento Negro. Um dos criadores do Grupo Palmares, de Porto Alegre. Estudou a data e sugeriu a evocação do 20 de Novembro, lançada e implantada no Brasil pelo Grupo Palmares a contar de 1971, tornando-se Dia Nacional da Consciência Negra em 1978, denominação proposta pelo Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, MNUCDR.

---

<sup>23</sup> Interlocutor de Oliveira Silveira que foi entrevistado para esta dissertação e sobre o qual trarei mais informações adiante.

<sup>24</sup> Em seu *blog*, Oswaldo Camargo assim se apresenta: “Nasci em Bragança Paulista, SP, Em 1936 (...) Sou herdeiro de buscas culturais de negros do País que no início do século XX, começaram a reavaliação do elemento afro-brasileiro e partiram para uma tentativa de inseri-lo social e culturalmente, tendo como armas, sobretudo agremiações de cultura, jornais alternativos para a coletividade, teatro negro, a literatura, sobretudo a escrita por poetas de temática afro-brasileira, como Lino Guedes e Solano Trindade.” Extraído de <http://oswaldodecamargo.blogspot.com.br/> acesso em 23 de setembro de 2014.

Como escritor, publicou até 2005 dez títulos individuais de poesia – *Pêlo escuro*, *Roteiro dos tantãs*, *Poema sobre Palmares*, entre outros – e participou de antologias e coletâneas no país e no exterior: *Cadernos negros*, do grupo Quilombhoje, e *A razão da chama*, de Oswaldo de Camargo, em São Paulo-SP; *Quilombo de Palavras*, organização de Jônatas Conceição e Lindinalva Barbosa, em Salvador, na Bahia; *Schwarze poesie/Poesia negra e Schwarze prosa/Prosa negra*, organizadas por Moema Parente Augel e editadas na Alemanha por Édition diá em 1988 e 1993, com tradução de Johannes Augel; ou revista *Callaloo* volume 18, número 4, 1995, e volume 20, número 1 (estudo de Steven F. White), 1997, Virgínia, Estados Unidos.

Na imprensa, publicou artigos, reportagens, e alguns contos e crônicas. Participou com artigos ou ensaios em obras coletivas, caso do ensaio *Vinte de Novembro: história e conteúdo*, no livro *Educação e Ações Afirmativas*, organizado por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Válder Roberto Silvério – Brasília: Ministério da Educação/Inep, 2002. Entre algumas distinções recebidas: menção honrosa da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, pelo livro *Banzo Saudade Negra* em 1969; medalha cidade de Porto Alegre, concedida pelo Executivo Municipal em 1988; medalha Mérito Cruz e Sousa, da Comissão Estadual para Celebração do Centenário de Morte de Cruz e Sousa – Florianópolis-SC, 1998; Troféu Zumbi, obra de Américo Souza, concedido pela Associação Satélite-Prontidão, da comunidade negra de Porto Alegre, 1999; Comenda Resistência Civil Escrava Anastácia, da Rua do Perdão, evento cultural negro, Porto Alegre, 1999; e Tesouro Vivo Afro-Brasileiro, homenagem do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre 25 e 29 de agosto de 2002 na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, em São Carlos-SP – ato em 27 de agosto. Atuação em outros grupos a contar de meados da década de 70: Razão Negra, Tição, Semba Arte Negra, Associação Negra de Cultura. Integrante da Comissão Gaúcha de Folclore. Conselheiro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – Seppir/PR, integrando, nesse órgão com status de ministério, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CNPIR, órgão consultivo, período 2004-2006. Alguns exercícios em texto teatral paradidático (cenas, montagens simples) e música popularesca. Poemas musicados por Haroldo Masi, Wado Barcellos, Airton Pimentel, Luiz Wagner, Marco de Farias, Paulinho Romeu, Flávio Oliveira, Vera Lopes e Nina Fôla, Lessandro e, na Suécia, pela compositora Tebogo Monnakgotla.

Nesse texto percebe-se que não há referência à tradução de partes da obra de Aimé Césaire, poeta natural da Martinica, realizada por Oliveira Silveira. Trabalho esse que se encontra publicado no livro *Obra Reunida*, de 2012. Sobre essa tradução Ronald Augusto afirma, em nota de rodapé do referido livro, ter encontrado no Acervo de Oliveira Silveira dois cadernos manuscritos e uma cópia datilografada da obra de Aimé Césaire. Essa última iniciada em 1989 e segundo nota do organizador, sugere a tentativa de tradução mais acabada.

Desconhecem-se os motivos que teriam levado Oliveira Silveira a silenciar sobre esse trabalho, talvez por conta do rigor pessoal empreendido em sua produção e julgar que este quesito não estava contemplado na tradução realizada na obra de Aimé Césaire. Em um depoimento onde fez referência a essa tradução, explicita: “Andei tentando traduzir poemas de Aimé Césaire” (PEREIRA, 2010, p.181). Essa humildade expressa nesse “andei tentando” contrasta com o reconhecimento da influência que o poeta caribenho teve em sua trajetória, com afirma no mesmo depoimento. Considera-se o fato que Oliveira Silveira possuía pleno domínio do idioma francês, no qual a obra desse escritor, originalmente foi publicada.

Em 1971, Oliveira Silveira escreveu uma matéria publicada no jornal *Correio do Povo* com uma apresentação de Aimé Césaire, e também a tradução de trechos do *Caderno de volta à terra natal*, uma das principais obras do escritor afro-caribenho e precursor do movimento literário *Negritude*<sup>25</sup>.

Deve-se levar em consideração que, nessa época, o *Correio do Povo* era um jornal de ampla abrangência no estado chamando atenção para dois fatos: primeiro, que a tradução não deveria ser tão incipiente como o intelectual quer fazer pensar; segundo, o protagonismo de sua atuação nas estratégias de divulgação das ideias do pan-africanismo no extremo sul do país.

#### **2.3.4. A Obra Escrita por Oliveira Silveira**

A seguir reproduz-se parte do livro publicado como obra póstuma em 2009, (Figura 1) a organização do material pertence à Eliane Maria Severo Gonçalves, bibliotecária amiga de Oliveira Silveira que se dedica atualmente a organização do seu acervo de documentos, trabalho iniciado antes da morte do poeta.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> O Movimento *Negritude* foi um movimento literário deflagrado na França por intelectuais africanos e da região das Antilhas que possuía, dentre outros objetivos, uma nova abordagem literária tomando como referência a experiência da colonização.

<sup>26</sup> Vera Lopes, interlocutora desta pesquisa, cuja apresentação estará no próximo capítulo, fez a observação de que Eliane talvez seja a pessoa com melhor conhecimento da produção de Oliveira Silveira. Durante a entrevista com a filha de Oliveira Silveira, quando eu citava algum trabalho ou entrevista dele, ela se dirigia a Eliane e perguntava: “Nós temos essa?” Corroborando a mencionada opinião.

**Figura 1** – Lista das Obras de Oliveira Silveira

## BIBLIOGRAFIA

### OBRA INDIVIDUAL

- Germinou: Poemas*. Porto Alegre, 1962.  
*Poemas Regionais*. Porto Alegre, 1968.  
*Banzo, Saudade Negra: Poemas*. Porto Alegre, 1970.  
*Décima do Negro Peão*. Porto Alegre, 1974.  
*Praça da Palavra: Poemas*. Porto Alegre, 1976.  
*Pêlo Escuro: Poemas Afro-gaúchos*. Porto Alegre, 1977.  
*Roteiro dos Tantãs*. Porto Alegre, 1981.  
*Poema sobre Palmares*. Porto Alegre, 1987.  
*Anotações à Margem*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1994. (Coleção Petit POA).  
*Orixás: Pintura e Poesia*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, [1995]. Pinturas de Pedro Homero.

### PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

- CADERNOS Negros 3: poesia. São Paulo, 1980.  
 COLINA, Paulo (Org.). *Axé: Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira*. São Paulo: Global, 1982.  
 CADERNOS Literários 19: Poetas Negros do Brasil. Porto Alegre: Instituto Cultural Português: Caravela, 1983.  
 CAMARGO, Oswaldo (Org.). *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros*. São Paulo: Edições GRD, 1986.  
 ALVES, Miriam; SILVA, Luiz (Cuti); XAVIER, Arnaldo (Org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros – Setembro de 1985*, São Paulo, 1987. Ensaio.  
 CAMARGO, Oswaldo. *O Negro Escrito: Apontamentos sobre a Presença do Negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria de Cultura Afro-Brasileira, 1987.  
 CADERNOS Negros 11: poemas. São Paulo, 1988.  
 AUGEL, Moema Parente (Org.). *Schwarze Poesie/Poesia Negra: Afrobrasilianische Dichtung der Gegenwart Portugiesisch-Deutsch*. St. Gallen: diá, 1988.

- DUBOC, Júlia (Org.). *Pau de Sebo: Coletânea de Poesia Negra*. Brodowski, SP: Projeto Memória da Cidade, 1988.
- DAS GEÄST der Klagen: Lyric und Prosa Verfolgter Autoren. Mainz: Amnesty International, 1992. Poema: Ich Fand Meine Quellen/Poema: Encontrei Minhas Origens.
- BERND, Zilá (Org.). *Poesia Negra Brasileira: Antologia*. Porto Alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.
- HEGMANN, Dirk (Org.). *Capoeira: die Kultur des Widerstandes: ein Lese und Übungsbuch*. Stuttgart: Schmetterlin, 1993. Poema: Ich Fand Meine Quellen/Poema: Encontrei Minhas Origens.
- AUGEL, Moema Parente (Org.). *Schwarze Prosa/Prosa Negra*. St. Gallen: diá, 1993.
- RODA de poesia negra. Porto Alegre, 1993. Poema: Ser e Não Ser.
- CONCEIÇÃO, Jônatas; BARBOSA, Lindinalva (Org.). *Quilombo das Palavras: A Literatura dos Afro-Descendentes*. Salvador: CEAO, UFBA: Ile Ayê, [1999?]. Poemas: Poema sobre Palmares: Fragmento.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. Contemporary Brazilian Poetry: Invention and Freedom in the Afro-Brazilian Cultural Tradition. *Journal of Latin American Cultural Studies*, London, v. 5, n. 2, p.139-154, 1996. Poemas: Xapanan; Bara; Oxum.
- SOARES, Iaponan (Org.). *Vozes: Poesia Contemporânea canta Cruz e Sousa*. Florianópolis: Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, 1998. Poema: Palavras na Embalagem de uma Prosa pra Cruz e Sousa e Gavita.
- CONCEIÇÃO, Jônatas; BARBOSA, Lindinalva (Org.). *Quilombo de Palavras: a Literatura dos Afro-Descendentes*. 2. ed. ampl. Salvador: CEAO, UFBA, 2000. Poemas: Ser e Não Ser; Ângela Davis; No meu Rosário; Um Dia; Poema sobre Palmares.
- CAMARGO, Dilan (Org.). *Antologia do Sul: Poetas Contemporâneos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS: Metrôpole, 2001.
- SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Org.). *Antologia da Poesia Negra Brasileira: O Negro em Versos*. São Paulo: Moderna, 2005. Poemas: Encontrei Minhas Origens; Mãe-Preta.
- REVISTA Negra. *Porto & Vírgula*, Porto Alegre, n. 22, ago. 1995. Encarte [especial]. Poema: Um Charque; Atabaques.
- DANTAS, Elisalva Madruga et al. (Org.). *Textos Poéticos Africanos de Língua Portuguesa e Afro-brasileiros*. João Pessoa: Idéia, 2007. Poema: Cabelos que Negros.

### POEMAS EM OUTRAS PUBLICAÇÕES

- SILVEIRA, Oliveira. Negra Vieja Llorando. Tradução de Perpetua Flores. *Antologia: Revista Literaria*, Chivilcoy, ano 4, n. 5, p. 28, 1976.
- SILVEIRA, Oliveira. Entalhe. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 171-172, jan./jun. 1988. Número especial "O Negro e a Abolição".
- SILVEIRA, Oliveira. To Sing the Jerking; Cantar Charqueada. Translated by Paulo Colina. *The Black Scholar: Journal of Black Studies and Research*, Oakland, CA, v. 19, n. 4/5, p. 104, July/Aug.-Sept./Oct. 1988. Special issue "Word within a Word".
- SILVEIRA, Oliveira. Sou. *Callaloo*, Charlottesville, VA, n. 18, n. 4, p. 981-982, outono 1995.
- SILVEIRA, Oliveira. I Am. Translated by Phyllis Peres with Reetika Vazirani and Chi Lam. *Callaloo*, Charlottesville, VA, n. 18, n. 4, p. 813-814, Fall 1995.
- SILVEIRA, Oliveira. Gaúcho Negro Mateando; Um Charque; Sou; Ao Negro Guerreiro; Negra na Garupa; Décima do Negro Peão: fragmento. In: ASSUMPÇÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário (Coord.). *Nós, os Afro-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996. p. 38-42.
- SILVEIRA, Oliveira. Quem disse; Sou Duro; Haiti; O Muro. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 128-129, 1997.
- SILVEIRA, Oliveira. Nomes em Carvão. *Continente Sul-Sur*, Porto Alegre, n. 8, p. 168, ago. 1998.
- SILVEIRA, Oliveira. Aquela Mãe Estava Seca; Do Estar no Mundo (Habitação); Platinos; Prisão de Luther King Jr. *Continente Sul-Sur*, Porto Alegre, n. 9, p. 99-101, nov. 1998.
- SILVEIRA, Oliveira. *Lundu do Poeta Negro*: (versejo para o final do século dezenove). Porto Alegre, 1998. Localizado no Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita.

### ENSAIOS E OUTROS TEXTOS

- SILVEIRA, Oliveira (Coord.). *Rosário Centenário: História, Atualidades, Perspectivas*. Rosário do Sul: Prefeitura Municipal, 1976.
- SILVEIRA, Oliveira. *Mini-história do negro brasileiro*. Porto Alegre: Grupo Palmares, 1976.
- ABAD, Anita Leocádia Prestes et al. *História do Negro Brasileiro: uma Síntese*. Porto Alegre: SMEC, 1986.
- SILVEIRA, Oliveira. Nós, os Negros. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luis Augusto. *Nós, os Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

SILVEIRA, Oliveira. Nós, os Negros. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luis Augusto. *Nós, os Gaúchos*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

SILVEIRA, Oliveira. Notícia sobre Autores Negros na Literatura Gaúcha. *Porto & Vírgula*, Porto Alegre, n. 22, p. 21-22, ago. 1995.

SILVEIRA, Oliveira. Palmares e o 20 de novembro. *Porto & Vírgula*, Porto Alegre, n. 29, nov. 1996.

SILVEIRA, Oliveira. A Idealização do 20 de Novembro. *Revista Thot*, Brasília, n. 3, p. 264-267, set./dez. 1997.

SILVEIRA, Oliveira. Cruz e Sousa: Modelar. *Continente Sul-Sur*, Porto Alegre, n. 8, p. 127-133, ago. 1998.

SILVEIRA, Oliveira. O Desafio Cultural. In: FERREIRA, Antônio Mário Ferreira et al. (Coord.). *Na própria pele*. Porto Alegre: CORAG, 2000.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: História e Conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). *Educação e ações afirmativas: Entre a Injustiça Simbólica e a Injustiça Econômica*. Brasília, DF: INEP, 2003. p. 21-42.

SILVEIRA, Oliveira. Origens do Vinte de Novembro. *Consciência Negra*, Brasília, p. 11-14, nov. 2006.

#### NOTAS, RESENHAS, REPORTAGENS E OUTRAS MATÉRIAS NA IMPRENSA

SILVEIRA, Oliveira. A Epopéia dos Palmares. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 23, 21 nov. 1971.

SILVEIRA, Oliveira. O Exemplo: Três Coleções Preservam Jornal da Comunidade Negra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 22, 08<sup>a</sup> out. 1972.

SILVEIRA, Oliveira. Tradição das Congadas está Viva em Osório. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 21, 21 jan. 1973.

SILVEIRA, Oliveira. Césaire: uma Apresentação. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06 mar. 1971. Caderno de Sábado, p. 14.

SILVEIRA, Oliveira. Candombe, uma Expressão da Cultura Negra Uruguaia. *Jornal Maioria Falante*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 23, p. 6, fev./mar. 1991.

SILVEIRA, Oliveira. Palmar, Palmares. *Nêgo: Jornal do Movimento Negro Unificado*, Salvador, n. 14, p. 3-4, abr. 1988.

SILVEIRA, Oliveira. Ventre Livre, Corpo Escravo. *Versus* (Afro-latino América), São Paulo, n. 25, p. 42, out. 1978.

SILVEIRA, Oliveira. A Idealização do 20 de Novembro. *Gazeta Afro-Latina*, Porto Alegre, p. 8-9, nov. 1993.

## ENTREVISTAS

- SILVEIRA, Oliveira. An Interview. Entrevistador: Charles H. Rowell. Translated by Bruce Willis. *Callaloo*, Charlottesville, VA, n. 18, n. 4, p. 815-816, Fall 1995.
- SILVEIRA, Oliveira. Uma Entrevista. Entrevistador: Charles H. Rowell. *Callaloo*, Charlottesville, VA, n. 18, n. 4, p. 983-984, outono 1995.
- SILVEIRA, Oliveira. Entrevista: Pelas Reparações e a Igualdade de Direitos. *O Pampa*, Pelotas, ano 4, n. 194, p. 6, 17-23 mar. 2006.
- SILVEIRA, Oliveira. Entrevista. Entrevistador: Edimilson de Almeida Pereira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na Escola: Questões sobre Culturas Afrodescendentes e Educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.p.270-277.

Fonte:Silveira, Oliveira. Poemas: antologia. Ed. dos vinte. Porto Alegre, 2009.

Ao se analisar essa relação de trabalhos publicados por Oliveira Silveira, não se encontra elencado o último livro de 2008, *Badoné do Caverá*. A hipótese aventada é de que apesar do trabalho de sistematização ter sido um esforço importante de organização da produção intelectual de Oliveira Silveira, não conseguiu abarcar a totalidade de sua obra. As referências de poemas publicados nos jornais de Rosário do Sul e da Escola Júlio de Castilho também ficaram sem ser contemplados por essa cronologia. Além dos trabalhos publicados, Oliveira Silveira sempre foi um homem da palavra escrita. Portanto, existe um grande volume de material produzido pelo intelectual que não vieram a lume e estão no acervo pessoal como atestam alguns interlocutores.

As rotas de Oliveira Silveira eram feitas através de suas cartas que tinham por destinos familiares e amigos de Rosário do Sul, como uma forma de retorno às origens rurais, assim como pessoas de diferentes pontos da diáspora negra. Ao se esquadrihar o significado dessas cartas pode-se pensar que desempenhavam um papel na formação e hibridização do intelectual Oliveira Silveira. A interlocutora Vera Lopes relatou que Oliveira Silveira, após a leitura de uma determinada obra, costumava escrever aos escritores em diferentes pontos do mundo. Portanto, as respostas recebidas podem revelar-se como um material interessante a ser conhecido, pois possibilitarão um entendimento da natureza do diálogo estabelecido entre os emissários.

Os temas sobre os quais Oliveira Silveira dedicou-se a refletir parecem estar afinados com a definição fornecida pela filha, “o poeta da negritude” ou, então, poder-se-ia falar de um intelectual diaspórico no extremo sul do país. A negritude que mobiliza Oliveira Silveira persegue rastros, fragmentos, tradições e culturas de matriz africana ainda que essas sejam (re)significadas: das congadas no município de Osório no Rio Grande do Sul ao *Candombe* no Uruguai, passando pela atuação de poetas e ativistas negros estadunidenses, e pela poesia pan-africanista de Aimé Césaire, o interesse do seu pensamento parece não conhecer fronteiras. Há uma busca incessante por (re)conhecimento e valorização dessas manifestações culturais. Oliveira Silveira se esforçou por articular uma identidade forjada na diáspora negra e ressemantizada na experiência regional de seu viver, como exposto no poema *Sou*.

O poeta, valendo-se de sua escrita, faz uma viagem do meio rural em Rosário do Sul, onde sua identidade foi definitivamente marcada pela estética regional e se transporta para uma África imaginada. Ele joga simultaneamente com o tempo histórico e o tempo mítico, criando uma estética possibilitadora de uma conformação num tempo e lugar simultaneamente existencial e concreto.

#### **2.4. Oliveira Silveira: O Intelectual Híbrido**

Gilroy (2007) procura desconstruir a questão da identidade na forma como o discurso da modernidade se apropriou desse conceito. No discurso e

no conhecimento moderno a identidade tornou-se um conceito racializado, veiculado ao território ou a uma suposta herança genética. Para o autor esse processo de identidade postula significantes impermeáveis, sem possibilidade de comunicação. “Quando a identidade se refere a uma marca indelével, ou a um código de alguma forma inscrito nos corpos de seus portadores, a alteridade só pode ser uma ameaça”. (GILROY, 2007 p. 130). A realidade empírica com a qual esse argumento é desenvolvido volta-se para experiência do nazismo e da guerra civil em Ruanda. Mas, segundo o autor, essa concepção estanque de identidade está expressa em ícones da luta negra pelo mundo. Cita o discurso de posse do então presidente sul africano Nelson Mandela em que se aciona a ligação dos sul-africanos com o solo a fim de transcender as hierarquias raciais.

Além disso, Gilroy (2007) contrapõe o sedentarismo do solo e do sangue e apresenta as tecnologias de comunicação e os padrões anteriores de itinerância para imaginar as identidades sem lugar definido, conjunto de um processo de construção de novas bases de solidariedade e sincronia.

Ao estudar as publicações de Equiano e Wheatley<sup>27</sup>, Gilroy (2007) considera os efeitos da diáspora africana na biografia desses sujeitos. Os textos apontam elementos de sincretismo, adaptação e hibridismo cultural. “Eles aspiram ser valorizados em seus próprios termos enquanto formação multifacetada e complexa” (GILROY, 2007, p. 145). A retomada dessas biografias é o pano de fundo usado pelo autor para cercar sua proposta de pensar a identidade não a partir de um lugar, um território, uma condição de enraizamento, mas da condição ambivalente que se processa na reconciliação entre o lugar de moradia e o lugar de origem. Essa problematização parece relevante na medida em que leva a pensar a identidade não mais numa

---

<sup>27</sup> Equiano era um marinheiro e ativista político em defesa da abolição da escravidão. Nasceu no lugar onde hoje se situa a Nigéria no século XVIII, raptado e embarcado como escravo andou por diferentes pontos da América tanto na condição de mercadoria como de homem livre. Wheatley, contemporânea de Equiano, foi retirada de Senegâmbia, chegando a Boston em 1761. Apresentou uma capacidade excepcional de aprendizado que ocasionou a segregação de outros escravos. Seus senhores lhe proporcionaram uma educação formal que resultou numa densa produção poética. Segundo Gilroy (2007) Wheatley viajou pelo mundo, assim como Equiano e ambos adotaram as religiões cristãs.

sequencia lógica e encadeada de fatos e elo entre lugar e consciência, mas atenta para a complexidade dos processos.

Nas biografias de Equiano e Wheatley o retorno à África nunca aconteceu, embora os textos estejam permeados por esse imaginário. Vê-se que Oliveira Silveira também não regressa a Rosário do Sul para fixar novamente moradia, embora o lugar de pertencimento o acompanhe por toda a vida. As pessoas na condição de diáspora reconhecem o efeito do deslocamento e podem aceitar as transformações que essa experiência produz. A constituição do homem negro Oliveira Silveira parece um dado nesse sentido, embora este não se “esvazie” da condição de homem gaúcho.

#### **2.4.1 Aspectos Diaspóricos em Oliveira Silveira**

O Estado do Rio Grande Sul, quando comparado ao resto do país, incorporou especificidades geopolíticas e econômicas importantes para os povos africanos que aqui chegaram e seus descendentes. Embora com participação na atividade agropastoril, atividades domésticas, ofícios especializados, guerras de fronteiras, é nas charqueadas que se encontra o registro histórico da presença negra até década de oitenta. Os estudos históricos estiveram até então voltados para compreender esse período e suas consequências na formação do Estado.

Entretanto, ainda que as abordagens historiográficas estejam sendo revisitadas quanto a este aspecto, permanece no imaginário comum, a ausência da presença negra na formação do Rio Grande do Sul. Há um imaginário que configura um discurso dominante, um Estado onde o padrão étnico-racial resulta da predominância da colonização europeia. Silencia-se nesse discurso, não apenas a presença negra como também a existência de territórios indígenas em todo o Estado.

Gutfreind (1990) ao tratar do vazio historiográfico sobre o negro no Rio Grande do Sul expõe de forma visceral o pensamento daquele que foi um dos principais historiadores do sul do país: Moysés Vellinho. Na análise sobre a obra desse autor, evidencia o que denomina do projeto da historiografia contemporânea.

(...) o verdadeiro objetivo da historiografia contemporânea gaúcha foi substantivar uma história sul-rio-grandense desde o início vinculada a Portugal e ao restante do Brasil, excluindo o papel do negro em sua formação. É daí que advém o zelo pela história açoriana, o aprofundamento da busca documental destes laços de origem, o retorno ao passado lusitano, ignorando as íntimas relações com a África negra.

Idêntica linha de pensamento se encontra em Oliven (1996), ao identificar a lacuna e o silêncio acerca das participações africana e indígena na definição da formação do gaúcho. A figura do gaúcho tal como é concebida no Rio Grande do Sul foi inventada a partir desse imaginário excludente. Inspirada nos recortes historiográficos dos diários do viajante francês Saint Hilaire, que percorreu o estado em 1820, nos quais predomina a suposta democracia pastoril sulina e a vida livre do pastoreio da campanha. O antropólogo ressalta o quanto italianos e alemães que ocuparam a região norte do Estado com atividades econômicas díspares da região da campanha também se apropriaram e fortaleceram essa identidade. Na composição da figura desse gaúcho, excluem-se índios, negros e os próprios colonizadores.

Diante desse contexto que engloba passado e presente, volta-se à trajetória de Oliveira Silveira. Todo o desenvolvimento do trabalho, especialmente a etnografia, se propôs a refletir essas questões. Deseja-se discutir com os interlocutores essa articulação: a sua condição de homem negro é atrelada à reivindicação do direito a ser “gaúcho”. Que identidade de homem negro e de homem gaúcho Oliveira Silveira propõe? Como essas diferentes dimensões se transformam em uma narrativa contra-hegemônica na produção intelectual de Oliveira Silveira? Como o intelectual vivencia esse hibridismo em sua própria existência? E ainda: como esse pensamento se insere como experiência cultural?

De um lado, há na trajetória de Oliveira Silveira influências que são descortinadas ao intelectual através do mundo acadêmico e de sua militância política, de outro suas origens de homem rural, nascido na fronteira oeste, também conhecido como pampa gaúcho, território preñado de sentidos para o poeta, assim como para a sua família. A filha, embora nascida em Porto Alegre refere-se ao local em Rosário do Sul como “nosso quilombo”, observa-se, neste

sentido, a proposta de identidade complexa, desvinculada da questão de origem. Há uma apropriação metafórica tanto da ideia de quilombo como de pertencimento, onde a linguagem, como sugere Hall (2003), desempenha um papel imprescindível.

Convém ressaltar que o termo quilombo entre segmentos negros vem adquirindo um sentido alargado, de forma diferente como o campo jurídico e antropológico tem se apropriado do termo. Conforme aponta Rubert (2008), o conceito “remanescente de quilombo” encontra-se em disputa quanto ao significado do termo, nesse âmbito o sentido semântico busca não se restringir ao conceito de resistência ao cativo. Entende-se que a longa ocupação de um território por famílias negras constitui-se um modo de resistência e, por extensão, um quilombo. A relação de afeto ou parentesco que une pessoas e território é o que possibilita aos sujeitos, como, por exemplo, Naiara Oliveira que não viveu no local, sentir-se envolvida nessa relação de sentido.

A rede de significados que o lugar comportava para Oliveira Silveira ficou expressa em diferentes momentos de sua obra. Muitas vezes o leitor é convidado a imaginar lugares e pessoas como a *Serra do Caverá*, *Touro Passo* e o *Rincão dos Silveira*,<sup>28</sup> não como receptáculos da memória do poeta, mas como locais dinâmicos onde a música empresta sentido a vida cotidiana, e a experiência é revisitada de outro lugar, através da poesia. Sua produção intelectual carrega as marcas dessa experiência.

Nota-se ainda no poema *Sou*, anteriormente citado, quão densa foi sua vida no meio rural e como ele à captura em termos artísticos. Há uma analogia entre a forma de se auto representar e o trabalho com animais: “Já fui a palavra canga,/(...)/E vou refugando a manga num atropelo de aspa”.<sup>29</sup> Canga é um instrumento de madeira usado para unir e manter subjugado animais bovinos quando usados para tracionar carretas ou arado. O termo “refugar” é uma expressão usada no meio rural, na região da campanha, para expressar a rebeldia do animal diante de algum manuseio. Então, é a apropriação dessa linguagem que ajuda a pensar o quanto sua poética está perpassada pela

---

<sup>28</sup> Locais que denominam regiões na zona rural do município de Rosário do Sul/RS.

<sup>29</sup> A palavra “aspa” é sinônimo de guampas e chifres, instrumentos de defesa de alguns animais mamíferos.

experiência da vida no meio rural e ao falar de si fala da experiência cultural que permeia o meio no qual nasceu e cresceu.

Na minha estadia em Rosário do Sul ouvi de uma das irmãs relatos de que Oliveira Silveira, quando viajava de Porto Alegre para Rosário do Sul, antes de se dirigir para Touro Passo, colocava botas e bombachas. Durante o período que lá permanecia, costumava trabalhar e ajudar em todas as atividades. Na pequena propriedade desenvolviam atividades ligadas principalmente à pecuária. A irmã também destacou a importância que Oliveira Silveira atribuía ao registro fotográfico, pois tinha o hábito de fazê-lo. Encantava a Oliveira Silveira essa outra forma de texto.

Foi na época de morador na Casa da Juventude Universitária Católica que Oliveira Silveira juntamente com Alsom, amigo e companheiro de juventude, compôs o *Hino dos Rosarienses Distantes*.

*Santa Maria é o rio lá da terra  
arroio e serra velho Caverá.  
Aqui o anúncio do sol pela aurora  
O lá de fora nunca igualará.*

*Por isso quando este sol moribundo  
pintar a fundo o poente no azul  
dê-me a cordeona<sup>30</sup> de alma daninha  
que eu volto prá minha Rosário do Sul.*

*E o tempo passá, passá, passá...  
e a saudade a doê, doê, doê...  
Parecer até alguém mordente  
por gosto ou maldade deixou a saudade  
no peito da gente, doendo pois, é*

A relação umbilical com Rosário do Sul manteve-se por toda a vida, inclusive quando doente o poeta manifestou o desejo de ser cremado e as cinzas depositadas no cemitério da cidade junto ao túmulo da genitora, vontade atendida pela família. Recentemente a municipalidade colocou uma placa no cemitério da cidade com gaúchos ilustres enterrados no local, entre eles Honório Lemes da Silva<sup>31</sup> e Oliveira Silveira.

<sup>30</sup> Palavra empregada no Rio Grande do Sul como sinônimo de gaita.

<sup>31</sup> Honório Lemes da Silva destacou-se na chamada Revolução Federalista ocorrida no Rio Grande do Sul de 1893-1895 entrou como soldado na guerra e saiu como coronel. Também ficou conhecido pelo apelido de “Leão do Caverá”.

Sobre a sua condição de homem negro, Oliveira Silveira reconheceu em depoimentos uma consciência tardia. Na sua mudança para Porto Alegre, na condição de estudante na capital durante a tomada de consciência preocupou-se em constituir uma família negra<sup>32</sup>. Através dos estudos na graduação, Oliveira Silveira obteve um maior aprofundamento com a literatura francesa e com o movimento literário *Negritude*. Em depoimento gravado no CPDOC<sup>33</sup>, descreve o percurso feito no intuito de adquirir livros dos poetas do movimento *Negritude*, por meio do consulado francês existente em Porto Alegre.

Esse movimento possuía como característica política, a luta contra o colonialismo europeu e a violência acarretada aos grupos colonizados. Em termos culturais, também lutavam em favor de um sentimento de valorização e pertencimento ao mundo dos valores e das práticas de “origem” africana. Acreditavam que a descolonização passava pelo processo de constituição de uma autonomia política e pelo enfretamento aos valores dominantes da cultura europeia. Por intermédio da literatura chamaram atenção para a situação de opressão vivida pelas colônias francesas situadas na África e no Caribe.

Profundo e consistente nas suas propostas, o movimento *Negritude* foi um movimento revolucionário no sentido do pensamento e da prática política. Seus principais expoentes ocuparam posições políticas de destaque. Léopold Sédar Senghor, poeta senegalês, um dos mais representativos líderes do movimento *Negritude* tornou-se o primeiro presidente da República do Senegal; Aimé Césaire, natural da Martinica, poeta e prefeito da cidade de Fort-de-Lance, capital da Martinica, sendo também deputado pelo partido Comunista; León Damas, natural da Guiana Francesa, passou a adolescência na Martinica onde conheceu Aimé Césaire e posteriormente os dois encontraram Léopold Sédar Senghor em Paris, juntos tornaram-se os principais protagonistas desse movimento. Léon Damas, assim como seus companheiros, também ocupou posto político na Guiana Francesa. (PEREIRA, 2010).

Existem estudos que apontam que a origem das ideias defendidas pelo movimento *Negritude* iniciaram-se nos Estados Unidos, a partir dos trabalhos

---

<sup>32</sup> Essa questão é reiterada por Oliveira Silveira em diferentes depoimentos. Pereira, 2010; Entrevista Projeto Mocambo, 2004; Entrevista Portal Afro, 2001.

<sup>33</sup> Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas.

do afro-americano W. E. B. Du Bois<sup>34</sup> (DOMINGUES, 2005, p. 2). Escapa as possibilidades desse trabalho, mapear a genealogia desse conceito, mas se observa que embora as ideias já estivessem circulando pelos diferentes pontos do *Atlântico negro* desde o início do século, o movimento literário *negritude* foi sedimentado por esse trio de intelectuais.

A palavra *négritude* em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *négritude* ao polo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial. Nessa perspectiva, a tática foi de desmobilizar o inimigo em um de seus principais instrumentos de dominação racial: a linguagem. O próprio Aimé Césaire assinalava que o movimento da *negritude* representou uma revolução na linguagem e na literatura. (DOMINGUES, 2005, p. 3).

As lutas que se travavam pelos direitos civis norte-americanos também informaram e formaram o percurso intelectual de Oliveira Silveira. Além desses poetas citados, Oliveira Silveira conheceu a obra do poeta negro norte-americano James Langston Hughes. Falecido em 1967, Langston Hughes tem uma história relacionada à poesia e ao jazz influenciado pelo pensamento de Du Bois. Esse poeta norte-americano foi um frequentador assíduo do Harlem, bairro negro de Nova York. No poema *Nomes em Carvão*, Oliveira Silveira referencia Langston Hughes e outros:

*Senghor, Césaire, Langston Hughes  
poetas da palavra de ébano –  
e Martin Luther king, Louis Armstrong  
o preto do trompete som de prata.*

---

<sup>34</sup> W.E.B. Du Bois (1868-1963) foi uma das principais lideranças negras nas lutas pelos direitos civis e um dos fundadores da maior organização negra na primeira metade do século XX nos Estados Unidos a NAACP, fundada em 1909. Du Bois foi o primeiro negro a receber o título de PhD em História pela Universidade de Harvard. Autor de extensa obra sobre a questão racial e um importante representante do pan-africanismo, movimento que defendia, dentre outras coisas, a união de todos os africanos e seus descendentes. Essas informações sobre o autor foram extraídas da tese de Amílcar Pereira (2010) sobre o movimento negro contemporâneo. Não se tem informação quanto à tradução de qualquer obra de Du Bois para a língua portuguesa.

Encontra-se ainda, na produção de Oliveira Silveira um poema cujo título é *Angela Davis*<sup>35</sup>, onde a compara a um baobá<sup>36</sup> em uma referência ao cabelo *black power* usado pela ativista negra norte-americana na época. Desse modo, observa-se que embora as influências de africanos e afro-americanos estivessem em disputa em termos das culturas da diáspora, percebe-se que Oliveira Silveira se deixou tocar por essas distintas fontes. No conjunto de sua produção, parece transitar de forma autônoma e segura por diferentes referências, qualificando sua produção intelectual sobre o contexto no qual ele próprio está imerso.

Em entrevista concedida à TVE, em 1997, no *Programa Primeira Pessoa*, a jornalista Ivete Brandalise perguntou a Oliveira Silveira: “O que é consciência negra?” Ao que respondeu: “Para nós do movimento negro, para nós negros, significa a busca de um conhecimento sobre nós mesmos.”<sup>37</sup> Talvez isso explique a sua autonomia em transitar por diferentes influências, pois esses movimentos com diferentes concepções, todos remetem à experiência da diáspora africana pelo mundo.

Ao analisar os sentidos que a África adquiriu no contexto das culturas caribenhas, Hall (2003) afirma que as narrativas relacionadas a esse continente possibilitaram um caminho de retorno e de protagonismo através da cultura, não apenas uma redescoberta. Em contextos pós-colonialistas os sujeitos passaram a se produzir a si próprios como novos sujeitos. “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44).

---

<sup>35</sup> Ativista Negra, revolucionária, integrou os Panteras Negras, nos Estados Unidos foi presa e protagonizou um dos mais polêmicos julgamentos da história dos tribunais norte-americanos, quando foi acusada de *envolvimento numa ação para libertar jovens negros acusados de matar um juiz. Foi criado um movimento internacional pela libertação de Ângela Davis e outros líderes dos Panteras Negras. Personalidades como cantor John Lennon, Fidel Castro e os intelectuais Sartre e Jean Genet se mobilizaram. E ela acabou absolvida por falta de provas.* (texto extraído do blog de Marco Antônio dos Santos. Disponível em: <http://marconegro.blogspot.com.br/2006/01>> Acesso em: 14/06/2014).

<sup>36</sup> Arvore típica do continente africano e de grande significação para diferentes culturas africanas. Além da longa vida e dos diversos usos que as diferentes partes da planta possui, em algumas comunidades tradicionais a sombra do Baobá testemunha as questões mais importantes da vida social da aldeia (WALDMAN, 2011).

<sup>37</sup> Entrevista concedida a jornalista Ivete Brandalise no Programa *Primeira Pessoa* em 1997 e reproduzida no Vídeo-documentário “SOU”, inverno/2010. A TVE é um canal de televisão pública veiculada pela Fundação Cultural Piratini pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul.

Percebe-se também na trajetória de Oliveira Silveira que há uma concomitância entre a consolidação de duas esferas relevantes do seu viver: o poeta e o militante negro. Um ano antes do Grupo Palmares<sup>38</sup> fazer a evocação ao *Vinte de Novembro*, Oliveira Silveira já havia sido premiado com menção honrosa da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, pelo livro *Banzo Saudade Negra*.

Paul Gilroy (2001), ao apresentar o conceito de *Atlântico Negro*, mostra que há uma ambivalência deste com a questão da modernidade, nesses termos as culturas da diáspora estão simultaneamente fora e dentro da modernidade. Através da retomada de um conceito formulado por Du Bois, de *dupla consciência*, enfatiza que os indivíduos na diáspora assumem identidades inacabadas. Por um lado, aproximam-se dos códigos dominantes e, por outro, articulam formas de resistência à própria racionalidade moderna.

Há no entendimento do referido autor, desde o século XVIII uma intensa troca entre os diferentes lados do Atlântico. Muitas vezes a presença da cultura negra pelo mundo torna-se invisível. Enfatiza que os intelectuais lidam com a questão da identidade negra de duas formas equivocadas, pois enquanto alguns adotam um essencialismo ontológico, outros uma forma excessivamente pluralista, casual e aberta.<sup>39</sup> Ao analisar as manifestações expressivas da cultura, tais como a música e a literatura, Gilroy releva que possuem um caráter normativo e utópico e, por consequência, apresentam influências diversas. Para o autor esses dois aspectos são inter-relacionados e inseparáveis. O conteúdo normativo recebe a denominação de *política de realização*, remetendo ao tempo futuro as questões sociais e políticas não alcançadas no presente: “A política de realização exige que a sociedade civil burguesa cumpra com as promessas de sua própria retórica” (GILROY, 2001, p. 95).

---

<sup>38</sup> Grupo organizado sobre a liderança de Oliveira Silveira. Em 1971, esse grupo sugeriu a evocação do 20 de Novembro, como substituição as comemorações do 13 de maio. Em 1978 tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra, denominação proposta pelo Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, MNUCDR.

<sup>39</sup> Para Gilroy existem duas perspectivas de essencialismos: uma ontológica e outra estratégica. Na primeira há uma concepção absoluta de cultura étnica e na segunda a negritude é firmada como significante aberto e internamente dividido entre classe, raça, idade, economia dentre outras subdivisões.

Essa retórica se caracteriza pelo texto argumentativo em torno da justiça social e da cidadania plena como ferramentas dadas pela própria modernidade. As questões relativas à utopia são definidas como *política de transfiguração*, que exalta o surgimento de novos valores e novas formas de ação, como, por exemplo, a solidariedade, amizade e a resistência. Operando num nível de quase invisibilidade, representam outra estética, outra linguagem onde estão presentes os códigos éticos, portanto com forte conotação política. Essa política tem como premissa futura a supressão da opressão racial. Embora essas duas políticas tragam tensões entre si, o autor assegura que estão associadas no âmbito das culturas da diáspora. Enquanto o foco da política de realização está na própria racionalidade ocidental, a política de transfiguração avança para o dramático, mimético e performativo. Assim, as manifestações expressivas da cultura são “um discurso filosófico que rejeita a separação moderna, ocidental, de ética e estética, cultura e política.” (GILROY, 2001, p. 98).

Vincula-se a trajetória de Oliveira Silveira, de forma simultânea, à questão da política e da cultura. É, portanto, um desafio e um convite à reflexão das duplicidades e das identidades inacabadas sugeridas por Gilroy (2001). Ao longo desse trabalho atenta-se para a fluidez dessas fronteiras e para a percepção dos tipos de relações produzidas no espaço de reprodução da vida desse intelectual.

Oliveira Silveira, como intelectual do seu tempo, interrogou as relações e os discursos hegemônicos. Ao mesmo tempo em que expressou e propôs outra performance de estar no mundo e de viver a condição da negritude. Encontram-se na poesia de Oliveira Silveira diversos poemas que representam as releituras de cânones da literatura nacional. Personagens como *Negrinho do pastoreio*, *Mãe-preta* e *Nega fulô* são reescritos e podem ser lidos como contranarrativas. Estes possibilitam pensar a indissociabilidade entre ética e estética enquanto um contradiscurso da modernidade.

A crítica literária pós-colonial informa sobre o papel desempenhado pela literatura, seja na afirmação de estereótipos em discursos hegemônicos, seja na negação de valores hegemônicos no recontar da história e das histórias (BHABHA, 2001). Na obra de Oliveira Silveira existem vários poemas

classificados pela literatura como regional ou como afro-gaúcho. Se é tentado a sugerir que Oliveira Silveira é um intelectual híbrido (HALL, 2001), pois sua identidade tanto remete a uma vida nos pampas, quanto a uma referência ancestral em África. A noção de hibridismo pressupõe um deslizamento e uma dinâmica constante. A identificação do sujeito não é um processo acabado, fixo, mas está em constante movimentação e deslocamento de sentidos.

Sobre a presença negra no Sul Oliveira Silveira afiançou: “somos gaúchos sim, estamos aqui desde as primeiras ocupações do Estado ainda no século XVII. (...) Mas precisamos dar cor aos peões de estância, precisamos dizer que o patrão era branco e o peão era negro ou índio”<sup>40</sup>.

A narrativa da inexistência da presença negra no sul cumpriu um papel essencial para a lógica de controle social, para a definição das relações de poder, mas gestou um tipo de representação onde alguns sujeitos passaram a não se reconhecerem com o que está sendo apresentado como sendo parte da sua experiência e da sua história. A narrativa hegemônica propiciou as condições para o surgimento de outras formas discursivas nas quais se insere o pensamento de Oliveira Silveira. A sua luta por alterar a letra do hino rio-grandense no trecho que diz “povo que não tem virtude a caba por ser escravo”; a questão historiográfica discutida por este e por historiadores sobre a “verdade” da participação dos lanceiros negros na Revolução Farroupilha também indica uma busca por um conhecimento e uma narrativa que problematizam a representação excludente das influências de uma cultura negra no estado.

Portanto, a trajetória de Oliveira Silveira, bem como a sua produção intelectual e atuação política, contribuíram para aumentar a polifonia de vozes e de sujeitos insatisfeitos com o que vinha sendo apresentado como sendo a sua história, a sua cultura. Oliveira Silveira tornou-se um ícone, uma voz elevada num coro de sujeitos que passaram a reclamar um conhecimento a partir de si.

A autonomia é um valor que marca a trajetória de Oliveira Silveira, como destacam diferentes relatos. Sob essa premissa, torna-se necessário uma

---

<sup>40</sup> Parte de uma conversa de quando conheci o poeta em uma fase que investigava sobre os CTGs de Negros no Rio Grande do Sul.

leitura e análise cuidadosa do pensamento de Oliveira Silveira para que se entenda os diferentes níveis nos quais se expressa. Nota-se que em sua poesia a autonomia se traduz numa negação daquilo que outros escritores enunciaram na terceira pessoa. Muitas vezes esse enunciado é (re)apropriado e reinterpretado numa subversão da linguagem. Linguagem essa que substituiu: “eles” por “nós”. Ao que tudo indica nesse aspecto reside um importante papel desempenhado por esse intelectual.

## **2.5. O Intelectual em Ação: O Grupo Palmares em Porto Alegre**

Nesses dois anos de pesquisa, de busca e descoberta sobre a trajetória de Oliveira Silveira, fui informada a respeito das múltiplas atuações desse intelectual. Entretanto, esse descortinar de ações ainda mantém em relevo a questão do Vinte de Novembro como o dia da consciência negra ao qual a trajetória de Oliveira Silveira está indiscutivelmente associada, em especial no Estado do Rio Grande do Sul. Essa ação é um marco de inegável importância na trajetória desse sujeito e, portanto, não pode ser desprezada por quaisquer que sejam os olhares ou interpretações do universo de significados que esta comporta.

Oliveira Silveira tornou-se uma figura fundamental na história contemporânea do país pela proposição do Vinte de Novembro. Essa data foi apropriada pelo movimento negro como símbolo mobilizador, juntamente com outros símbolos e outras ações. O Vinte de Novembro reporta um passo que contribuiu para aberturas de portas e para reconhecimentos e reparações significativas através da adoção de políticas públicas que interpelam a identidade nacional e deslocam o discurso da democracia racial. Retoma-se aqui de forma sucinta, o processo de criação do Grupo Palmares sob a liderança de Oliveira Silveira, como um flagrante ato de contestação das narrativas dominantes de formação do Estado Nação.

### **2.5.1 A Insurgência de Zumbi**

Oliveira Silveira relatou que, após concluir sua graduação em 1965, teve consciência de que não convivia com a comunidade negra. Passou, então, a buscar essa aproximação por meio de peças teatrais que estavam sendo organizadas por dois clubes negros, a Sociedade Floresta Aurora e o Clube Náutico Marcílio Dias,<sup>41</sup> que conjuntamente montaram a peça *Orfeu da Conceição*. Através desses grupos Oliveira Silveira conheceu Antônio Carlos Cortes<sup>42</sup> e passou a frequentar a Rua da Praia, que até meados da década de oitenta teve como característica ser um local de reunião e sociabilidade de coletivos negros da cidade.

Foi justamente nos encontros na Rua da Praia que Oliveira Silveira informou ter começado a problematizar a questão do *treze de maio*, paralelo a esse movimento já havia publicado o livro *Banzo de Saudade*<sup>43</sup>, no qual constava o poema *13 de maio*, já se apresentando como uma contranarrativa. No Brasil ainda existia um forte apelo de comemoração da Lei Áurea por diferentes segmentos da comunidade negra. A partir das discussões travadas no centro da cidade, Oliveira Silveira começou seu trabalho de pesquisa de contestação ao treze de maio. Três fontes foram importantes nessa conjuntura. Um Fascículo da Editora Abril, com a série *Grandes Personagens da Nossa História*, publicou em 1970 um número dedicado a Zumbi, que representou o primeiro contato do Grupo com a história de Palmares.

Através dessa publicação, Oliveira Silveira chegou ao livro de Edson Carneiro, *Quilombo dos Palmares* e também ao de Ernesto Ennes, *As Guerras nos Palmares*. Com base neste material, Oliveira Silveira propôs a formação de um grupo de estudo que tomou como data de referência 20 de julho de 1971. Na segunda reunião, foi dado o nome de *Grupo Palmares*, por entender que a experiência do quilombo constituía a parte mais importante da história do negro no Brasil. Ainda naquele mesmo ano foram organizadas homenagens a Luiz Gama e José do Patrocínio que antecederam o ato de 20 de novembro.

---

<sup>41</sup> Uma das “bandeiras” defendidas por Oliveira Silveira em seus últimos anos de vida era a manutenção dos Clubes Negros. Entretanto, essa temática permanece como lacuna neste trabalho, haja vista a impossibilidade de contato com os atores que articularam essa ação, conjuntamente com Oliveira Silveira.

<sup>42</sup> Atua atualmente como advogado e carnavalesco na cidade de Porto Alegre. Foi um dos quatro primeiros integrantes do Grupo Palmares.

<sup>43</sup> Com esse livro publicado em 1970, Oliveira Silveira ganhou uma menção honrosa da União Brasileira de Escritores, sediada no Rio de Janeiro.

Nesse ato, ocorrido no Clube Marcílio Dias, havia em torno de doze pessoas, entre elas estava Décio Freitas<sup>44</sup> que participou de forma anônima, por medo de algum ato repressivo, pois havia acabado de voltar de um exílio político em Montevideu. Logo após, Décio veio se tornar um interlocutor importante de Oliveira Silveira e do Grupo Palmares, em razão de suas pesquisas históricas sobre a guerrilha quilombola no Brasil colonial.

O Grupo Palmares se desfez em agosto de 1978, na época da unificação das diferentes organizações políticas em torno do Movimento Negro Contra a Discriminação Racial (MNCDR). Embora sejam escassos os relatos sobre a participação de Oliveira Silveira dentro da nova organização, alguns apontam que o Grupo Palmares foi absorvido pelo movimento nascente, constituindo-se em um grupo de trabalho (GT Palmares) dentro do MNU.

Ao se deter nos depoimentos de Oliveira Silveira<sup>45</sup>, nos antecedentes do Vinte de Novembro como dia da *Consciência Negra*, percebe-se que houve de sua parte um processo de ressignificação cultural. A história de Zumbi já estava documentada. O Grupo Palmares não realizou pesquisas que trouxessem elementos novos do ponto de vista histórico, o que aconteceu por parte do Grupo foi uma apropriação dessa data para fazer frente ao treze de maio. Zumbi passou a ser apresentado como um emblema para constituir uma nova matriz discursiva sobre a presença do negro no interior do Estado Nação. No lugar da figura da princesa bondosa que concedeu a liberdade em 13 de maio para segmentos de escravos passivos, contrapõe-se a narrativa de Zumbi, o guerreiro que construiu Palmares e morreu lutando por um tipo de liberdade.

Os novos estudos historiográficos se posicionam contrários à identificação de heróis por entenderem que retrata uma visão conservadora da História. Essa forma de compreender o passado sem a presença de “heróis” instiga pensar a História como um processo coletivo. Entretanto, pensa-se que os heróis também se tornam figuras coletivas, não em razão de seus feitos

---

<sup>44</sup> Décio Freitas era formado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, militante do Partido Comunista Brasileiro, era jornalista e historiador autodidata. Publicou vários livros de conteúdo histórico e foi colunista do jornal *Zero Hora*. Faleceu em 2004. Até hoje permanecem algumas controvérsias sobre fontes citadas em suas obras.

<sup>45</sup> As informações apresentadas aqui tem como fonte o depoimento oral de Oliveira Silveira prestados em dezembro de 2006 para o CDPDOC, três anos antes de sua morte e publicado posteriormente em ALBERTI; PEREIRA (2007).

históricos, mas pela forma como são apropriados como narrativa, como construções simbólicas. Nesses termos, Zumbi é um herói construído pelo movimento negro. De modo específico foi apropriado, ressignificado como símbolo de uma luta política e social. No entanto, não se trata da única matriz discursiva reelaborada pelo movimento negro, mas, sem dúvida, é uma referência e desempenha uma função importante no olhar e nas representações que os coletivos negros passaram a ter de si e do outro nas últimas décadas.

*Vinte* se constituem em criação inequivocamente negra, emergindo da própria comunidade negra e seguindo caminhos próprios, com suas próprias forças e fragilidades (OLIVEIRA SILVEIRA, 2006).<sup>46</sup>

Numa perspectiva histórica, Oliveira Silveira narra como o Vinte de Novembro foi trabalhado no interior do Grupo Palmares. Num processo claro de ressemantização e elaboração de uma memória social até então inexistente. Ao discorrer sobre as ações realizadas em 20 de novembro, a partir de 1971, Oliveira Silveira cita que em 1972 houve a publicação de uma matéria escrita pelo Grupo no jornal *Zero Hora* através de um suplemento. Nessa época o Grupo já conhecia Décio Freitas e o livro *Palmares: la guerrilha negra*, publicado numa edição espanhola. Observa-se que a relação entre o movimento negro e a mídia guardava contornos diferentes do que se assiste nos dias atuais. Os meios de comunicação ou mais especificamente alguns jornalistas vinculados a esses órgãos desempenharam um papel essencial na visibilidade dessa organização, talvez pela busca comum à época: a liberdade de expressão. No ano anterior, Oliveira Silveira também havia publicado no jornal *Correio do Povo* um resumo sobre o Quilombo de Palmares e a morte de Zumbi.

Em 1973, a data foi celebrada com show, exposição artística e uma palestra de Décio Freitas no Teatro Municipal Túlio Piva em Porto Alegre. No ano seguinte, o grupo encontrava-se sem condições para maiores eventos, então escreveu um manifesto publicado e assinado pelo jornalista Alexandre

---

<sup>46</sup> Extraído do texto *20 de novembro*, 35 anos depois, escrito por Oliveira Silveira e publicado no pelo MNU de Brasília.

Garcia, que trabalhava na sucursal do *Jornal do Brasil*. Nesse manifesto novamente a história do Quilombo de Palmares foi retomada e dessa vez havia sugestão da revisão dos livros didáticos, fato que começou efetivamente a se consolidar quase trinta anos depois, com a aprovação da Lei 10.639/2003. Esta torna obrigatória o estudo da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de Educação Básica das redes pública e privada e, conseqüentemente, a incorporação desses conteúdos nos livros escolares<sup>47</sup>.

A preocupação com a História do Brasil demonstrada nos livros didáticos é uma questão que atravessa as diferentes fases da história do movimento negro. Desde a criação da Frente Negra Brasileira em 1930, (DOMINGUES, 2008) passando pelo Teatro Experimental do Negro (TEN) nas décadas de quarenta e cinquenta, chegando até os tempos atuais como preocupação contínua.

Oliveira Silveira salienta que, a partir de 1975, a questão do Vinte de Novembro já havia adquirido uma visibilidade nacional, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo. Sendo essas as principais cidades onde, mais tarde, o MNU surgiu já com uma forte organização, incorporando definitivamente a data como signo importante para o passado e presente do Brasil.

Ao final da segunda Assembleia Nacional do MNU ocorrida em Salvador em 4 de novembro de 1978, o Vinte de Novembro obteve o reconhecimento da data pelo movimento negro, conforme o documento divulgado na assembleia e reproduzido na tese de Amilcar Pereira.

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de ZUMBI, líder da República Negra de Palmares, que existiu no estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar ao povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA! Dia da morte do grande líder negro nacional, ZUMBI, responsável pela PRIMEIRA E ÚNICA tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou

---

<sup>47</sup> É dessa época meu primeiro livro didático de história cujo título era *Nossa Terra/Nossa Gente*, lembro-me de um capítulo onde o título era: Heróis: grandes vultos de nossa pátria, a figura dos bandeirantes era enaltecida como homens audaciosos, como desbravadores do território nacional. Recordo-me do impacto que representou para mim, no período de graduação em Ciências Sociais, quando foi possível fazer outra leitura do papel desempenhado por esses “grandes vultos da pátria.” Compreender que no processo de desbravamento incluía a destruição de Palmares, de outros quilombos e povos indígenas.

seja, livre, e em que todos – negros, índios, brancos – realizaram um grande avanço político e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos. (PEREIRA, 2010, p.101 )

O presente capítulo, valendo-se de fontes diversas, teve como fito mostrar diferentes aspectos da multifacetada vida de Oliveira Silveira, sem qualquer compromisso linear ou cronológico. No entanto, apresentou aspectos relevantes de seu vivido, sem crença ou pretensão de ter esgotado ou abrangido todos os diferentes espaços de sua vida e atuação.

A densidade de informações e situações relatadas aqui encaminha para questões que, embora configuradas numa trajetória individual, convidam a pensar a experiência cultural num sentido amplo. Ao abordar uma noção de identidade como algo aberto, em construção contínua, nota-se que, numa primeira leitura, talvez essa definição possa confrontar os dados etnográficos. Entretanto, uma reflexão atenta permite percebê-la articulada com a produção de Oliveira Silveira e de como seu trabalho sempre era passível de revisão, alteração e mudanças. Suas poesias eram constantemente reescritas.

Toma-se a questão da identidade regional para aprofundar esta afirmação de movimento permanente. No plano do senso comum toda a população do Rio Grande do Sul parece saber o que seja ser gaúcho, além da questão territorial há um conjunto de códigos e comportamentos<sup>48</sup> familiares a todos que residem nesse Estado. Porém, a luta de Oliveira Silveira por reposicionar os “excluídos” dentro dessa concepção aponta o caráter de construção dessa identidade. A ideia de uma identidade essencializada também não se sustenta em Oliveira Silveira. A sua condição de intelectual negro é produto de seu trabalho minucioso e do reconhecimento por parte de seus pares. Ela não resulta de uma formação técnica específica, mas da conjuntura política e cultural. Nesse aspecto, refere-se a uma escolha que articula o sujeito Oliveira Silveira e a sua comunidade de sentido. A poesia, o Vinte de Novembro, a vida em Rosário do Sul, o deslocamento para a capital do Estado, o ativismo negro, tudo compõe a trajetória de Oliveira Silveira, tornando-se possível no âmbito deste trabalho apontar a sua complexidade.

---

<sup>48</sup> A prática de beber chimarrão, a relação com o cavalo, o uso de bombachas são dados do senso comum que identificam o gaúcho.

### 3. As Questões Teórico-metodológicas e o Encontro Etnográfico

Reportam-se aqui algumas questões de natureza teórica e metodológicas, através das quais se pretende discutir implicações presentes nesta proposta, assim como os caminhos percorridos na construção da etnografia.

#### 3.1 Estudos de Trajetórias

A primeira observação trata das possibilidades de se abordar, em termos etnográficos, uma experiência interrompida pela morte. Dentro desse enfoque, foi inspirador o trabalho de Kofes (2001) o qual, partindo de uma situação semelhante, mostra um caminho a seguir para uma abordagem de trajetória na perspectiva etnográfica. Essa antropóloga desenvolveu uma pesquisa relacionada à trajetória de Consuelo Caiado, nascida em Goiás, antiga capital do Estado de Goiás, onde viveu quase toda a sua vida até morrer em 1981. A autora denomina o trabalho como uma *intenção biográfica* através de *uma etnografia de uma experiência*. A personagem analisada por meio desse estudo era filha de uma família tradicional da região que, segundo relatos, teria, nos últimos anos de sua vida, seguido um estilo de renúncia e reclusão. De acordo com as narrativas correntes na cidade, havia se transformado numa “bruxa”. Esse breve resumo aponta o distanciamento entre as duas trajetórias, de Consuelo Caiado e Oliveira Silveira – mas as aproxima a partir da preocupação com o fazer etnográfico. Existem questões comuns, sendo a principal delas a possibilidade de uma etnografia a partir de uma ausência física. Como descrever em termos etnográficos esse percurso?

Na proposta para uma Antropologia interpretativa, Geertz (1978) descortina a relevância da relação entre as partes e o todo, entre formas culturais enquanto textos e os contextos mais amplos que as tornam possíveis. A partir de suas colocações fica explícito a complexidade e até mesmo as limitações da prática etnográfica. Por outro lado, enfatiza a necessidade de uma *descrição densa* daquilo que se consegue apreender na observação de campo. Os dados não estão prontos para serem anotados no diário. Assim

como o próprio diário e as demais técnicas de pesquisa, embora façam parte da etnografia, não constituem o que é fundamental para a Antropologia que são as estruturas conceituais capazes de definir e significar as práticas culturais. Acessar essa base conceitual é, portanto, a razão de ser do trabalho antropológico.

Para Geertz (1978), tais estruturas são complexas, sobrepostas e amarradas entre si. A prática etnográfica pressupõe que, primeiro, o etnógrafo apreenda essas estruturas de significados tendo como base seus próprios referenciais, para depois apresentá-las como um dado, como interpretação. Nesses termos, poder-se-ia dizer que a questão metodológica é de semelhante natureza da questão teórica, ou seja, ambas dizem respeito às possibilidades da Antropologia de conhecer estruturas de significados, Neste plano, tornam-se questões existenciais e humanas, por consequência universal e particular, como o referido autor afirma.

Os estudos sobre trajetória conduzem a reflexões sobre as relações entre indivíduo e sociedade, entre o particular e o geral, questões sempre presentes nos diferentes paradigmas das Ciências Sociais. Tentando superar essa polarização e complementando, a perspectiva teórica de Sahlins (1990), o conceito de etnobiografia propõe preencher a lacuna entre uma narrativa biográfica e as percepções culturais. “A etnobiografia busca articular de forma não antagônica as questões de subjetividade e objetividade, ao mesmo tempo em que atenta para a problemática relação entre indivíduo e cultura” (GONÇALVES, 2012, p. 9). As Ciências Sociais em suas abordagens clássicas preocupam-se em distinguir representações e práticas.

“A noção de etnobiografia recusa a separação entre discurso, linguagem e experiência” (GONÇALVES, 2012, p.10). Trabalhar concomitantemente as experiências individuais e as percepções referentes à cultura é o que propõe o autor. Para este, a etnobiografia incorpora o dual e contraditório que compõem a vida social, além de ressaltar para o fato de que o trabalho etnográfico trata do modo como se constrói uma narrativa de vida. Neste sentido, ficção e realidade são instâncias geralmente apresentadas como separadas, mas que a proposta etnobiográfica procura integrar. Ao fazê-lo, problematiza a própria autoridade do texto antropológico na medida em que não há uma preocupação

de distinguir o ponto de vista do nativo e o ponto de vista da Antropologia. A etnobiografia se constrói e se produz na relação de alteridade, no diálogo e na experiência partilhada, assim surge a construção da pessoa-personagem.

Os interlocutores ao mesmo tempo em que narram os aspectos de uma vida em particular permitem certo grau de generalização e de acesso aos sentidos culturais. Convém ressaltar que as narrativas de Vera Lopes e Naiara Oliveira, respectivamente amiga pessoal e filha de Oliveira Silveira ao tratarem das relações e conflito entre pai e filha remetem à dimensão de vida privada, da mesma forma que possibilitam pensar sobre especificidades culturais e os significados em jogo.

Para a construção dessa pessoa-personagem, como sugere Gonçalves, é necessário uma relação de alteridade, não de outro que simplesmente escute, mas de comunicar algo do tipo: “eu sei que você sabe que eu sei o que você quer dizer.” (GONÇALVES, 2012, p. 12). Ao longo do trabalho de campo com entradas e saídas surgiram questões sobre o que levava os narradores a disponibilizarem tempo, lembranças e emoções ao se manifestarem sobre Oliveira Silveira. Todos, sem exceção, afirmaram o quanto consideravam fundamental divulgar a vida e obra de Oliveira Silveira, mas afinal o que levava essas pessoas a confiarem essas narrativas a esta pesquisadora? A questão da reflexão, da autoconstrução e partilha ajuda a pensar o engajamento ainda que momentâneo na construção do trabalho. Não se pode desconsiderar o lugar ocupado como estudante negra, a apresentação como tal, ao ouvir e contar fatos que acionam mutuamente uma intersubjetividade nos termos do *eu sei que você sabe*.

Na entrevista de Naiara, filha de Oliveira Silveira, esta começou relatando que, durante muitos anos, ela e o pai se mantiveram afastados devido ao fato dela ter se tornado evangélica, a reaproximação só aconteceu em razão das condições de saúde precária deste último. O depoimento e a maneira como foi narrado produziram, inicialmente, um questionamento na etnógrafa sobre o seu lugar e o direito de ouvir relatos de natureza tão particular. A pessoa-personagem enfoca isso, “uma potencia em transcender uma intimidade, uma subjetividade individualizante para se realizar através de

uma narrativa que dá conta de um estar no mundo” (GONÇALVES, 2012, p. 36).

Já no começo da entrevista, Naiara entregou um livro do pai e relatou o quanto se encontrava disponível no lugar de interlocutora e complementou: “se meu pai estivesse aqui, ele diria: para uma pessoa negra, de preferência”. Isso propicia pensar que a construção da pessoa-personagem é um momento singular de encontro, que pressupõe um diálogo e reflexão de ambas as partes. Não se repete como experiência. Em Oliveira Silveira a narrativa e a construção da pessoa-personagem ocorrem de forma polifônica, não é um processo autobiográfico, mas o resultado de múltiplas interações.

Dentro da perspectiva do trabalho de Kofes (2001), não há construção da pessoa-personagem. O que teria levado Consuelo Caiado à reclusão? Interroga a autora, “inicialmente, tomei a narrativa como descrição e, partindo da verdade da reclusão, me dispus a entendê-la” (KOFES, 2001, p. 20). O estudo da trajetória naquele caso em particular tem como objetivo compreender a reclusão. A busca pelo pessoa-personagem Oliveira Silveira não adota a perspectiva de verdade ou mentiras. Toma-se como hipótese que a situação de alteridade organiza a narrativa, essa alteridade se instaura na medida em que como pesquisadora me coloquei ou fui colocada por meus interlocutores dentro da mesma experiência cultural. No entanto, na condição de estudante este diálogo deverá gerar um produto final dentro de outro contexto culturalmente diferente, ou seja, o espaço acadêmico.

A análise da trajetória de Consuelo Caiado reencontra com a de Oliveira Silveira na questão das “inscrições objetivadas”. Na busca por compreender uma vida no tempo, recorreu-se ao dado etnográfico através de entrevistas, mas também de outras fontes, quais sejam: textos, documentos, vídeos e poemas produzidos por ou sobre Oliveira Silveira. Não são considerados como exclusivamente fontes secundárias, pois várias dessas fontes foram apresentadas pelos interlocutores nas entrevistas a fim de reforçar através da escrita e da imagem o que está sendo dito enquanto narrativa. No conjunto deste trabalho, muitas vezes analisa-se esses materiais como dados, na medida em que foram previamente discutidos na interlocução de campo.

No encontro etnográfico, a situação de alteridade é obtida também a partir da visão exteriorizada que esta pesquisadora possui de Oliveira Silveira, são os interlocutores que a puxam para “dentro” de sua trajetória e a possibilitam vê-lo a partir do seu interior. O movimento de distanciamento e aproximação, tão necessário ao fazer antropológico, explicita-se nessa dimensão. Cabe lembrar que as escolhas por um ou outro tema de pesquisa são escolhas subjetivas, entretanto, reconhecer essa dimensão de subjetividade não isenta do compromisso ético necessário à produção de conhecimento e ao diálogo respeitoso com os interlocutores como parte importante deste percurso.

A noção de trajetória pressupõe mobilidade. Dentro dessa visão, esta etnografia não ignorou os deslocamentos seja em termos físicos seja em termos de sentidos. A cidade de Porto Alegre referenciada como principal *lócus* desta pesquisa, é pensada como um espaço amplo dentro do qual aconteceram os deslocamentos com vistas à produção da etnografia multissituada. Existe ainda a noção de viagem e confinamento como imagens que acompanham o imaginário da prática etnográfica. Entretanto, no contexto de uma Antropologia urbana, muitas vezes, o “campo de pesquisa” transita por uma rede de pessoas em contextos espaciais e de sentidos díspares. A etnografia multissituada propõe seguir esses movimentos para ampliar sua capacidade de compreensão. Sem esquecer também que essa prática pode colocar limites à descrição densa nos termos formulados por Geertz (1978), que pressupõem longos períodos de observação.

Para Gilberto Velho (2009) os precursores da Antropologia clássica e do desenvolvimento do método etnográfico, Franz Boas e Malinowski forneceram subsídios importantes para a Escola de Chicago onde teve início o estudo das temáticas que, mais tarde, viriam a constituir a Antropologia urbana contemporânea. As várias questões estudadas por essa vertente consideravam que os estudos dos fenômenos ocorridos na cidade tinham a mesma relevância de grupos distantes. Sobre a Antropologia urbana este antropólogo expôs:

Para os antropólogos, especialmente, cumpre estar atento ao trânsito entre universos simbólicos e culturais, com diferentes tipos e graus de *attention à la vie*, segundo Bergson, retomado por Schutz (1979).

Neste, as noções de *província de significado* e de *mundos* permitem-nos estabelecer, mais uma vez, pontes com *redes de significado* de C. Geertz (1978 [1973]) e *correntes de tradição cultural* de F. Barth (1989). Creio que uma contribuição importante para a releitura da problemática das identidades passa pela percepção do dinamismo e complexidade desses sistemas de interações, em que os indivíduos se movem através de trajetórias que raramente são lineares. A variação é indiscutível e, justamente, na investigação de biografias e comparação de trajetórias que temos encontrado fontes preciosas de renovação da pesquisa urbana e socioantropológica em geral (VELHO, 2009, p.14).

Esse texto de Gilberto Velho traz como subtítulo *Encontro de tradições e novas perspectivas*, tal sugestão parece vir ao encontro desse trabalho à proporção que, metodologicamente, incorporam-se essas duas novas perspectivas: das etnobiografias e das etnografias multissituadas.

A trajetória de Oliveira Silveira insinua duplicidades às vezes quase antagônicas, mas necessárias ao exercício de interpretação. As narrativas sobre o seu vivido e sua produção intelectual são indissociáveis. Assim, trabalhar com sua trajetória é cotejar esses dois aspectos simultaneamente. Com isso, não se deseja esvaziar o aspecto criativo de sua obra, o propósito é perceber que arte não existe independente do sujeito que a cria ainda que apresente diversas possibilidades de interação. Na abordagem da trajetória desse intelectual sugere-se que sua inspiração e criatividade estão relacionadas com a sua experiência e com sua condição de homem negro. Lendo seus escritos e analisando as narrativas sobre Oliveira Silveira, tem-se a impressão que seu projeto intelectual era a elaboração de um modelo, de inspiração coletiva que foi se modificando, sem perder o fio condutor inicial, qual seja a afirmação de um padrão de negritude e consolidação de uma identidade regional inclusiva.

A seguir são fornecidos alguns dados de trajetória e biografia dos interlocutores com os quais se dialogou ao longo do trabalho.

### **3.2 Os Interlocutores**

A apresentação dos interlocutores não obedece a uma simetria, tal fato decorre da natureza do contato estabelecido e da forma como cada um se

colocou frente à solicitação de dados de suas trajetórias individuais. Lacunas importantes permanecem na apresentação destes como consequência de uma única interlocução no transcorrer do trabalho.

### **3.2.1 Luiz Carlos da Silva Ribeiro**

Luiz Carlos da Silva Ribeiro é um homem negro com 61 anos de idade, natural de Vacaria, cuja infância foi caracterizada por sucessivas mudanças entre Porto Alegre e Vacaria. O pai morreu quando ele tinha um ano de idade, em virtude de dificuldades financeiras a mãe o mandou definitivamente para Vacaria quando completou sete anos de idade, indo morar na casa de um tio. Luiz Ribeiro teve outros três irmãos, sendo um deles já falecido. Sua trajetória de vida é marcada pela separação da mãe, narrada como uma experiência difícil. Dois dos irmãos (uma menina e um menino) permaneceram com a mãe e uma das irmãs também foi entregue a familiares. Luiz Ribeiro contou que mantém até hoje um relacionamento tumultuado com a mãe por causa da sofrida separação.

Em 1969, voltou para Porto Alegre para prestar serviço militar. Ainda na década de setenta, ingressou na UFRGS, no curso de Teatro, não tendo chegado a concluir. Anos depois ingressou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) no curso de Economia e posteriormente se transferiu para o curso de Administração e Análise de Sistema, também não concluídos. Aposentou-se como empregado da Empresa Brasileira de Correios, tendo antes trabalhado como gerente de uma grande rede de lojas de confecção em Porto Alegre. Casou e separou-se por duas vezes, do primeiro casamento teve uma filha e um neto. No segundo casamento teve três filhos que moram com a mãe. Recentemente, a primeira esposa faleceu, desde então Luiz Ribeiro ostenta o estado civil de viúvo. Em 2012, valendo-se das ações afirmativas da UFRGS, ingressou no curso de Direito. Atualmente, mora sozinho em uma pensão localizada no bairro Mário Quintana em Porto Alegre. Foram mantidos contatos regularmente pelo correio eletrônico e redes sociais desde o início da pesquisa.

### 3.2.2 Ronald Augusto da Costa

Ronald Augusto da Costa não se mostrou disposto a entrar em detalhes sobre sua vida. Relatou que, na época da entrevista, acabara de entrar no curso de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mais tarde lhe foi solicitado alguns dados de sua trajetória e este enviou um texto publicado na página da Wikipédia, da qual se reproduz aqui alguns trechos:

Tendo nascido na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, Ronald Augusto passou sua infância no Rio de Janeiro, em Niterói. Sua mãe era poeta e costumava ler suas composições para ele, o filho mais velho, quando este tinha 12 ou 13 anos de idade. Apesar de, na época, considerar a experiência um tanto desagradável, cerca de três anos depois, Ronald começa a escrever poesia.

Seus primeiros poemas eram motivados, simplesmente, pelas paixões da adolescência, época em que escrevia muito e lia somente ao poeta Manuel Bandeira. Assumindo uma postura mais crítica em relação a seus próprios escritos, o poeta resolve participar, em seguida, de concursos literários, recebendo “menção de destaque” num certame que envolvia várias etapas ao longo de um ano, o extinto Prêmio Apesul Revelação Literária, no seu Estado natal, em 1979, sendo o júri então composto pelos poetas Mário Quintana, Heitor Saldanha e Carlos Nejar. Como prêmio, o seu poema é publicado, o primeiro do autor em livro impresso, sendo que o autor já produzia artesanalmente livros fotocopiados, herdeiro que era da chamada poesia marginal no Brasil.

Nesta época de poeta marginal, em pleno regime militar, juntamente a outros poetas independentes como ele, participava de intervenções na Feira do Livro em Porto Alegre, sendo as manifestações do grupo reprimidas pelos seguranças da Feira, que terminavam por expulsá-los, apesar da solidariedade por vezes prestada por poetas mais conhecidos, como Heitor Saldanha. Posteriormente, já leitor e admirador de autores como Dante, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Décio Pignatari e Ezra Pound, na época dos seus 30 anos de idade, o poeta foi viver em Salvador, na Bahia, durante três anos.

Atualmente, vivendo em Porto Alegre, sendo coeditor, ao lado de Ronaldo Machado, da Editora Éblis, além de editor associado à Sibila, *site* de poesia criado por Charles Bernstein e Régis Bonvicino, realizando trabalho crítico, Ronald Augusto também desenvolve um trabalho com música, junto aos músicos-poetas Alexandre Brito e Ricardo Silvestrin. Além disso, realiza palestras e oficinas/cursos abordando assuntos como música e poesia contemporânea e visual.

Tendo a sua principal formação como poeta se dado durante a década de 1980, Ronald Augusto pertence a uma geração que é também herdeira direta da chamada Geração mimeógrafo.

Novamente destaca-se a questão das fontes primárias ou secundárias, esse texto, embora disponível na página da *Wikipédia*, foi recebido de Ronald quando foram pedidos dados de sua trajetória<sup>49</sup>. Chama atenção, contudo, o fato de não haver nenhuma referência a Oliveira Silveira, embora na entrevista, tenha assinalado justamente a década de oitenta como período referência para sua aproximação com o poeta através da literatura.

### 3.2.3. Vera Lopes

O texto seguinte foi enviado pela autora em momento posterior a entrevista, quando foi solicitado a Vera Lopes que contasse um pouco sobre a genealogia de sua família.

Vera Lopes é atriz com atuação em teatro, cinema, recitais poético-musicais, comerciais etc., com experiência de mais 30 anos. Estreou no teatro no ano de 1978 no espetáculo "Pulo do Gato" direção de Décio Antunes, com o mesmo diretor trabalhou em "Pedro Malazart". Fez parte do elenco de: "A farsa da Esposa Perfeita", direção Nilo Cruz; "Negra Ano Zero da Abolição", direção Coletiva; "Negra Consciência - Direção Coletiva"; "Brasil Um Sonho Intenso", direção Paulo Conte; "Transegun" e "Hamlet Sincrético", direção Jessé Oliveira. No cinema gaúcho, teve sua estreia no premiadíssimo curta "O Dia em que Dorival encarou a Guarda" no ano de 1986. Participou nos longas - igualmente premiados - "Neto Perde sua Alma" - Beto Souza e Tabajara Ruas/1998 e "Neto e o Domador de Cavalos" - Tabajara Ruas/2005. Foi protagonista no curta "Antes que Chova" direção: Daniel Marvel/2009 e, participou ainda de: Tolerância - Carlos Gerbaze/2000; "Da Colônia Africana a Cidade Negra" - Paulo Ricardo de Moraes; "Brasil um Eterno Quilombo" - Júlio Ferreira/2006; "Sou" de Andréia Vigo/2010 e "Gosto" de Patsy Cecato/2011. Participou com Recitais Poéticos Musicais em todas as edições do Fórum Social Mundial no RS; nas edições da Feira do Livro de Porto Alegre de 2000 a 2011; Feira do Livro de Passo Fundo/2003; Porto Verão Alegre/2005; em Florianópolis/2003, São Paulo-SP/2001-2007-2008; Brasília-DF/2006; Salvador-BA/2006-2009-2011; Belo Horizonte - MG/2007; Rio de Janeiro - RJ/2011. Vive em Salvador/BA, tem como foco atuar com expressões artísticas baseadas na cultura negra e é Bacharel em Direito.

---

<sup>49</sup> Há que se considerar que a *Wikipédia* é uma enciclopédia virtual, aberta e, portanto, gera contestação quanto aos dados informados, acredito que não seja o caso da trajetória de Ronald Augusto, pois o autor ao indicá-la por certo se reconheceu nela ou talvez seja o próprio criador.

Além desses dados informados sobre a trajetória de atriz, Vera Lopes é servidora pública federal, mãe de três filhos e um casal de netos. Vera apresenta uma longa parceria de trabalho e de amizade com o poeta. Em seu depoimento, frisou a influência do intelectual na sua formação e na dos seus filhos.

#### **3.2.4. Naiara Silveira**

Única filha de Oliveira Silveira, Naiara Silveira é formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, com Pós-Graduação pela Universidade Vale dos Sinos - UNISINOS, especialista no ensino de Educação Artística para deficientes auditivos. Casada com Daniel Lacerda, tem 44 anos de idade e dois filhos, Thales com 20 anos e Elias com 5 anos. Naiara Silveira atua como professora de Artes em Canoas, professora das séries iniciais em Gravataí e vice-diretora de uma Escola Estadual de Ensino Médio em Esteio, cidade onde mora há 25 anos. Trabalha regularmente em três turnos, deslocando-se pela região metropolitana de Porto Alegre e dedica as suas quartas-feiras, dia de sua “folga” para cuidar do acervo de seu pai localizado no bairro Passo da Areia, zona norte de Porto Alegre.

Quando Naiara tinha quatro anos de idade, Oliveira Silveira separou-se da mãe com quem passou a morar no Bairro Bonfim, apesar disso o pai foi participativo em sua vida, pois não se afastou de sua mãe nem de sua família materna. Em 1979, quando Oliveira Silveira criou o Grupo *Semba*, Naiara começou a participar junto com o pai e, era na ocasião, a única pessoa jovem que fazia parte deste coletivo. No início, a participação ocorreu porque as reuniões eram aos sábados, dia destinado a ficar em companhia do pai, depois “tomou gosto” pelo trabalho que envolvia dança, música, teatro e poesia. Com o passar do tempo, o grupo adquiriu o perfil de um grupo de jovens negros, mantendo Oliveira Silveira na posição de “mestre”.

Atualmente, Naiara Silveira assumiu o lugar de referência em assuntos ligados à produção intelectual do pai e cuidado com o Acervo Oliveira Silveira, mas reconhece que existem muitas informações de sua produção intelectual

que ela ainda não acessou, mas se vale da densa rede de amigos do pai para suprir essas lacunas.

### **3.2.5. Reginete Souza Bispo**

Natural de Marau município localizado na região central do Estado, Reginete Souza Bispo, cinquenta anos de idade, participa do movimento negro e de organizações de mulheres negras, socióloga e mãe de dois filhos. Reginete Bispo apresenta em sua trajetória uma longa militância iniciada na adolescência na cidade de Passo Fundo e se intensificou e continuou até os dias atuais. Em 1990, mudou-se para Porto Alegre para estudar Ciências Sociais na UFRGS. Com uma trajetória fortemente marcada pela presença de relações tensas entre as diferentes etnias existentes em sua região. Reginete Bispo é atuante na esfera pública, partido político e no movimento negro tendo em duas ocasiões concorrido a mandatos, na primeira candidatou-se a vereadora na cidade de Passo Fundo e na segunda, para deputada estadual, em ambas às vezes pelo Partido dos Trabalhadores. Reginete Bispo foi minha colega de graduação em Ciências Sociais na UFRGS e quem convidou-me para participar do Movimento Negro MNU. Manteve diálogos importantes com Oliveira Silveira.

### **3.2.6 Edilson Amaral Nabarro**

Edilson Amaral Nabarro, casado, natural de Cruz Alta (RS), é sociólogo e trabalha como servidor público federal. Edilson tem um histórico de intensa participação política no movimento negro e também em partidos políticos, tendo inclusive se candidatado a cargos eletivos. Servidor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos últimos anos tem se dedicado como gestor em um conjunto de ações que envolvem cotas para estudantes negros e indígenas, bem como a permanência e o êxito desses estudantes dentro da academia.

### 3.2.7 Evandoir dos Santos

No percurso desse trabalho houve muita dificuldade de obter dados biográficos dos interlocutores, as informações quase sempre chegaram por correio eletrônico após certa insistência. Com Evandoir dos Santos não foi possível obter outras informações além das conseguidas na entrevista, que representou a última “inserção” de campo. Evandoir dos Santos aparenta ser mais jovem do que Oliveira Silveira. Possui formação na área contábil, durante a conversa relatou que estava se aposentando do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e passaria a trabalhar com a filha, que havia montado uma firma de prestação de serviços bancários. Portanto, a expectativa era de que na aposentadoria passaria a ter um volume maior de trabalho. Durante várias vezes, insistiu que eu conversasse com a esposa, pois, no seu entender abordaria as questões do movimento negro por ser participante do Maria Mulher, entidade formada por mulheres negras com grande inserção na cidade.<sup>50</sup> Evandoir tornou-se um amigo com grande presença nos últimos anos de vida de Oliveira Silveira.

### 3.2.8 Alsom Pereira

Natural de Rosário do Sul, Alsom Pereira, casado e pai de duas filhas, é formado em Direito e Letras. Os pais eram amigos dos pais de Oliveira Silveira em Touro-Passo, onde os dois viveram a infância e de lá saíram para estudar primeiro na cidade de Rosário do Sul e, posteriormente, em Porto Alegre. Alsom Pereira retornou a Rosário do Sul e mais tarde estudou em Santa Maria. Atuou no magistério por algum tempo e, assim como o amigo, também escreve poesia.

De idade aproximada a Oliveira Silveira, Alsom Pereira é uma figura pública muito conhecida na cidade, ocupou o cargo de prefeito em duas ocasiões e, atualmente, está no segundo mandato como vereador e ainda atua como advogado. A convivência de Alsom com Oliveira Silveira foi intensa na

---

<sup>50</sup> Indicamos essa como uma lacuna extra ao processo de organização da etnografia.

juventude, pois saíram na mesma época de Touro Passo e depois moraram juntos na casa de estudantes, considerando-se ainda o fato de serem procedentes da mesma cidade, cujos pais eram amigos, reforçaram os laços de amizade. Alsom Pereira salientou que havia muita cumplicidade entre ambos, mesmo quando passavam longos períodos sem se encontrarem, entendiam-se até por meio de uma troca de olhares. Quando Oliveira Silveira ia para Rosário do Sul, costumava visitá-lo na cidade. Alsom Pereira contou com grande satisfação que Naiara, filha de Oliveira Silveira, começou a caminhar em sua casa. Pelos relatos, a casa de Alsom Pereira era um ponto intermediário entre Porto Alegre e Touro Passo, nas viagens de Oliveira Silveira para Rosário do Sul.

### **3.2.9 Suely Ferreira da Silveira**

Irmã de Oliveira Silveira, Suely Ferreira da Silveira mora em Rosário do Sul, tem 71 anos de idade, solteira, mãe de Thais, única filha, e avó de um casal de netos. Suely Silveira aposentou-se como professora da rede municipal de ensino, onde atuou em classes mutisseriadas com alunos até a antiga quarta série nas escolas rurais do município. Sua formação alcançou o segundo ano do que hoje se denomina ensino médio. Segundo esta, realizou o Curso Normal que habilitava à docência nas séries iniciais na cidade de Júlio de Castilho. Nesse período já atuava como professora. Como o curso não foi reconhecido como válido, inicialmente não obteve o diploma. Mas, Suely Silveira informou ter sido uma experiência bastante proveitosa. Quando finalmente recebeu o diploma já estava aposentada. Atualmente Suely Silveira trabalha como auxiliar da filha em uma clínica de estética no centro da cidade.

### **3.2.10 Gizelda da Silveira Maciel**

Com trajetória semelhante à de sua irmã Suely Silveira, Gizelda da Silveira Maciel, 60 anos de idade, é professora aposentada das redes municipais e estaduais. Com formação em magistério e Pedagogia é casada e

tem um casal de filhos, sendo que a filha graduou-se em Direito e mora na cidade de Passo Fundo, o filho mora junto à casa da mãe em Rosário do Sul. Assim como a irmã também tem um casal de netos, um de cada um dos filhos. Gizelda Maciel realizou seu curso superior deslocando-se entre Alegrete, local onde estudava, e Rosário do Sul local de moradia e trabalho.

### **3.3. A Constituição do Campo - Porto Alegre**

Ao se definir a pesquisa sobre a trajetória de Oliveira Silveira, sempre esteve presente que o espaço para a principal inserção de campo deveria ser a cidade de Porto Alegre, por ser o local onde este viveu boa parte de sua vida. Na construção desse percurso metodológico, contudo, deparei-me com as dificuldades inerentes a condição de deslocamentos permanentes de quem trabalha em uma cidade (Bagé), cursa o mestrado em outra (Pelotas) e realiza pesquisa de campo em uma terceira (Porto Alegre), tais movimentos implicam a construção de um tempo singular.

A aproximação com o campo de pesquisa iniciou-se no mês de novembro de 2012, durante a realização da XXI Semana de Consciência Negra de Porto Alegre, por acreditar que seria uma época propícia para reencontrar militantes e pessoas que já havia mapeado como possíveis interlocutores. Assim, partiu-se de Bagé rumo a Porto Alegre com essa expectativa. Vários são os relatos etnográficos que apontam os desencontros e as dificuldades que os antropólogos encontram em suas inserções de campo. A viagem inicial não foi diferente. Depois de uma semana em Porto Alegre, retornei Bagé com observações e dados bem menor do que esperado. Ainda assim, não representou um fracasso total, visto que possibilitou o encontro com Luiz Carlos da Silva Ribeiro, um dos futuros interlocutores.

Paralelo a esse contexto inicial, durante a permanência em Porto Alegre, a finalidade era fazer uma breve inserção de campo para a disciplina de Música em Contextos Urbanos e Rurais a qual estive cursando neste período. Dentro da proposta dessa disciplina, a questão era saber quais eram os sentidos que a música adquiria no contexto da Semana de Consciência Negra, almejava ainda fazer um arranjo da música com este projeto, ou seja, pensar se a

musicalidade poderia ser uma forma de narrar a história da presença negra na cidade. Tendo isso em vista, seria possível encontrar futuros interlocutores e acompanhar a programação “cultural” da Semana da Consciência Negra de Porto Alegre (SECON) assistindo aos shows que aconteceram no bairro Cidade Baixa, no Largo Zumbi dos Palmares.

Esse local da cidade de Porto Alegre, até 2002, era chamado de Largo da EPATUR, devido à presença da sede da antiga Empresa Porto-Alegrense de Turismo. Através de um projeto de lei aprovado na câmara municipal foi renomeado como Largo Zumbi dos Palmares, sendo que a justificativa para a nova denominação se insere na própria história de Porto Alegre e do bairro Cidade Baixa, local historicamente marcado pela presença da população negra. O encerramento das atividades da SECON aconteceu com a Marcha do Vinte de Novembro que, partindo do centro da cidade, fez um percurso até o Largo, onde houve a concentração e o pronunciamento dos organizadores e de algumas lideranças do movimento negro. Logo após, aconteceu o show de encerramento.

### **3.3.1. Marcha do Vinte de Novembro**

Em termos históricos é preciso diferenciar a Marcha do Vinte de Novembro da chamada Semana da Consciência Negra. Os dois eventos ocorrem em diversas cidades brasileiras na semana que antecede as atividades alusivas ao Vinte de Novembro. A Semana da Consciência Negra é um evento que integra o calendário oficial das diferentes cidades, organizada pelo Poder Executivo em parceria com as organizações representantes do movimento negro. Simplificadamente se pode afirmar que representa o reconhecimento do poder público da pertinência e da luta dos coletivos negros urbanos.

A Marcha do Vinte de Novembro, por sua vez, surge no âmbito das organizações do movimento negro e do diálogo deste com as organizações sindicais. Não tenho dados precisos sobre o contexto da Marcha em Porto Alegre, mas como fenômeno nacional, pode-se afirmar que é resultado de uma construção que ganhou força no I Encontro Nacional de Entidades Negras,

ocorrido em 1991, na cidade de São Paulo. Na ocasião, a proposta era reunir todas as organizações do movimento negro contemporâneo. Foi justamente a partir desse evento que a ideia de tomar as ruas em 20 de novembro ganhou força. Desse encontro surgiu a Coordenação Nacional das Entidades Negras (CONEN), que era uma espécie de central das organizações afro-brasileiras (DOMINGUES, 2008). Registre-se que o Movimento Negro Unificado, principal organização política da época, não participou da CONEN e, durante muitos anos, houve conflitos entre as duas entidades, na disputa por um projeto que contemplasse a diversidade étnico-racial do Brasil.

Em 1995, nos trezentos anos da morte de Zumbi, as diferentes organizações do movimento negro organizaram a Marcha à Brasília, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Essa Marcha teve desdobramentos expressivos no diálogo que surgiu posteriormente entre o estado brasileiro e as organizações do movimento negro. Dada a trajetória acadêmica do então Presidente da República, pressionado pelas organizações do movimento negro, tornou-se imperativo por parte do estado brasileiro a incorporação de algumas demandas políticas de cunho étnico-racial.

Então, desde a década de noventa a ideia da Marcha em Vinte de Novembro vem sendo incorporada como uma realidade nas diferentes organizações do movimento negro. Por fim é inegável que a Marcha é um tributo importante ao Grupo Palmares, pois mediante liderança de Oliveira Silveira ocorreu em 20 de novembro de 1971 a primeira evocação pública a morte de Zumbi, no Clube Marcílio Dias na cidade de Porto Alegre<sup>51</sup>. Assim, a Marcha ou Marchas em Vinte de Novembro remetem à memória do Grupo Palmares e a Oliveira Silveira que, como já exposto, foi o proponente desta data como um marco da história da resistência negra e da formação brasileira.

### **3.3.1.1 Encontro com Tânia Silva**

No dia da Marcha do Vinte de Novembro, foi feito o contato com Tânia Silva, antiga militante do movimento negro, fazia um bom tempo que não nos

---

<sup>51</sup> O Clube Marcílio Dias localizava-se no Bairro Menino Deus em Porto Alegre, atualmente não está mais em funcionamento.

víamos, foi a primeira pessoa que eu reconheci quando cheguei à frente ao Paço Municipal no centro de Porto Alegre. Cheguei ao local por volta de 17h e comecei a olhar em torno a fim de reconhecer as pessoas, então eu enxerguei Tânia conversando com dois rapazes, do outro lado da Avenida Borges de Medeiros no Largo Glênio Peres. Ela usava um turbante vermelho em seus longos *dreds*, figurino que adotara nos últimos anos. Fui ao seu encontro e recebida com um abraço entusiasmado me perguntando o que andava fazendo da vida. Em meio às atualizações características de conversas de reencontros, trocamos informação sobre trabalho, família e amigos em comum. Perguntei-lhe se continuava trabalhando na Escola Porto Alegre, informou negativamente, pois atualmente trabalha em uma escola dentro da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE), com adolescentes privados de liberdade. Tânia Silva é formada em Pedagogia e professora da Rede Municipal de Porto Alegre. Pressupus que estivesse numa condição provisória de trabalho na FASE, por ser um órgão estadual. Para mim que a conheço há muitos anos, sei de sua identificação com trabalhos desafiadores, entendo que essa escolha profissional está em acordo com seu perfil, de uma mulher que sempre fez da vida profissional simultaneamente um trabalho militante, engajado no sentido usual do termo, sempre coerente com suas reivindicações. Conhecemo-nos no início da década de noventa no Movimento Negro Unificado (MNU).

Ainda antes de começar a Marcha fui apresentada para uma moça de Santa Maria que Tânia Silva havia acabado de conhecer, pelo que pude compreender era uma estudante que também lá estava com fins acadêmicos. Tânia Silva esclareceu que observava as mulheres que estavam sozinhas na Marcha para formar uma espécie de grupo. Nesse momento nós somos apenas um trio, realidade que se altera ao longo da Marcha, pois ela mesma, não consegue manter-se junto a nós: abordada, cumprimenta e acena para várias pessoas, para alguns me apresenta: “essa é a Julinha que agora está em Bagé”, com sua rede de contato infundável me atualiza e me situa no contexto político da Marcha.

Até então não havia atentado para o motivo da “velha guarda” do movimento negro não estar presente no Largo Zumbi nas noites anteriores, como de praxe em outros anos, igual ausência percebi na concentração que

deu início a Marcha. Além de Tânia Silva, dos tradicionais militantes que conheço do movimento negro em Porto Alegre, reconheci apenas Paulo Ricardo, figura bem conhecida na cidade. Baiano, como é chamado, é um homem de aproximadamente 1,90m de altura e desde muitos anos usa *dreds* no cabelo, agora está com o cabelo branco cobrindo toda a cabeça e longas tranças negras que caem até os quadris.

Durante a Marcha, notei que Baiano adotou uma postura de destaque, primeiro devido ao porte físico, segundo porque se posicionava sobre os canteiros observando os passantes, quando toda a Marcha avançava, acelerava o passo e ficando novamente parado em algum ponto dos canteiros que separa as duas vias da Avenida Borges de Medeiros no centro de Porto Alegre. Não se misturava aos demais integrantes da Marcha, embora também não estivesse indiferente ao que assistia.

Quando chegamos ao Largo, percebi que ele seguia com a mesma postura, sentou-se em uma cadeira distante do palco e lá permaneceu todo tempo do ato. Várias pessoas foram até onde estava, conversavam um pouco e depois acabavam circulando, ele permanecia no mesmo local. Tive vontade de ir até lá, apresentar-me, pois sabia de sua longa convivência com Oliveira Silveira, além de jornalista é poeta e militante do movimento negro, desses que anteriormente chamei de velha guarda. Acabei não indo ao seu encontro e permaneci curiosa pelo seu comportamento contemplativo.

Fiquei sabendo por meio de Tânia Silva que houve um conflito sério entre a Prefeitura de Porto Alegre, que organizou a SECON, e o movimento negro que até então organizava a Marcha. Nesse ano, em uma ação da Prefeitura, esse evento entrou como atividade oficial da SECON, gerando descontentamento e afastamento de algumas organizações do movimento negro que acusaram a Prefeitura de ter se apropriado de uma manifestação autônoma. Minha interlocutora ao me apresentar esse relato se mostrou dividida, ao mesmo tempo em que dizia: “vamos tocar a Marcha”, também afirmava: “nós participando, estamos dando volume para a Prefeitura”. Mas assumiu a responsabilidade quando explicou: “eu não estava na reunião quando foi definido que a Marcha entraria no calendário oficial de eventos da SECON, então agora nem posso reclamar”. Faço esse registro tendo em vista

que a relação entre poder estatal e autonomia do movimento negro costuma ser um ponto de disjunção, disputas e rupturas como será visto também em outros depoimentos, que tratam da trajetória de Oliveira Silveira.

### **3.3.1.2 O Percurso da Marcha do Vinte de Novembro**

Por volta das dezenove horas começou a Marcha do Vinte de Novembro pelo centro de Porto Alegre, com o seguinte trajeto: Largo Glênio Peres, Avenida Borges de Medeiros e Largo Zumbi dos Palmares. Durante a Marcha, servidores da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, usando camisetas e crachás começam a distribuir cartazes com frases de efeito, os quais traziam o brasão da prefeitura impresso. Ao ser abordada por uma servidora municipal sobre a possibilidade de carregar um desses cartazes, dispensei. Tânia Silva, distraída, conversava com outra pessoa, pegou um cartaz e quando me viu com as mãos vazias olhou para seu cartaz como se tentasse entender porque eu não estava com um na mão, então leu o conteúdo do material que havia pegado, correu até a funcionária que havia lhe entregue e devolveu o cartaz e a seguir exclamou: “Quero que a Prefeitura se dane!” Depois deu uma olhada nos cartazes que estavam nas mãos de outras pessoas com a seguinte frase: *Porto Alegre sem racismo e com mais saúde*. Concluiu: “hummm... mas essa frase tá legal, vou levar um para colocar na minha janela.” Voltou até a moça para quem havia devolvido, pegou novamente o cartaz, mas colocou um adesivo sobre o brasão da prefeitura e começou a solicitar a todos que adotassem o mesmo procedimento, que escondessem o brasão da prefeitura com o adesivo da Central Sindical e Popular (CONLUTAS). Assim, nesse contexto chegamos ao Largo, lá às pessoas se dispersaram e se espalharam pelo espaço que era suficientemente grande para o número de participantes.

Somente quando chegamos ao Largo Zumbi do Palmares é que comentei com Tânia Silva sobre o meu curso de mestrado e de meu projeto de pesquisa sobre a trajetória de Oliveira Silveira. Tânia Silva se entusiasmou pelo mestrado, mas se mostrou meio indiferente à temática, contou-me que iria organizar alguns materiais que possui em casa e destiná-los para mim. Apresentou-me a um jornalista de nome Renato Ilha, dizendo: “Olha, a Julia

está fazendo uma pesquisa sobre o teu amigo”. Percebi certo desdém em sua fala. Conversei rapidamente com ele que, por sua vez, falou de Oliveira Silveira com grande admiração: “Ele era um homem muito fino, de tão fino que era até para sambar ele sambava miudinho, foi o homem mais fino que já conheci”. Passou-me seu *e-mail* e combinamos de trocar mensagens. Não havia neste contexto possibilidade de dar continuidade a conversa, pois estava sendo solicitado a dar atenção a outras pessoas. Ao longo da pesquisa enviei mensagens pelo correio-eletrônico, na esperança de retomar a conversa, mas sem êxito.

### **3.4. Outros encontros**

Descritas as situações anteriores dos passos que identifico como a trajetória inicial do trabalho de campo, contextualizo a seguir os momentos de entrevistas e as falas dos diferentes interlocutores.

#### **3.4.1. Encontro com Luiz Ribeiro**

Durante a Semana que estive em Porto Alegre, no contexto anteriormente descrito, procurei conversar com Luiz Ribeiro, ex-ativista do movimento negro e interlocutor de Oliveira Silveira. Conversamos por telefone e combinamos de nos encontrar no *campus* central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos termos que passo a descrever a seguir.

No dia marcado com Luiz Ribeiro, saí do Bairro Hípica, localizado no extremo sul de Porto Alegre, atrasada, precisava caminhar por uns dez minutos a pé até a parada do ônibus que vem do Bairro Restinga, situado mais ao sul da cidade, havia combinado de encontrá-lo no final da aula deste. Percebo que os dois anos de Bagé me fizeram esquecer um pouco a distância e o tempo necessário para um deslocamento de ônibus até o centro da cidade. Havíamos combinado de nos encontrarmos no Anexo 1 da reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No trajeto que fiz do Bairro Hípica até a reitoria fiquei tentando lembrar a última vez que falara pessoalmente com Luiz Ribeiro, não consegui recuperar essa informação, mas tinha presente as mensagens que trocamos logo após a morte de Oliveira Silveira, que na época me provocaram uma relativa irritação. Julguei que ele havia sido pouco sensível no modo como se colocara diante das repercussões da morte de Oliveira Silveira em 2009.

Desci do ônibus na Avenida João Pessoa e me dirigi equivocadamente para o prédio da Ex-Química, durante o trajeto observei o desmonte de uma estrutura que havia no *campus* central da UFRGS para abrigar um congresso de saúde coletiva. Passado o momento de dispersão, vi-me em frente do prédio errado, aumentando assim a minha preocupação quanto ao horário. Rapidamente caminhei até a reitoria e por volta das 11 horas cheguei à porta do Anexo 1. Logo a seguir, Luiz Ribeiro apareceu, seu rosto mantinha certa jovialidade, mas os passos lentos causam um descompasso no seu caminhar, como se a perna direita não acompanhasse o ritmo da esquerda.

Quando o conheci em 2007, usava sempre terno e gravata e um chapéu de palha, do qual muito se orgulhava, e fazia questão de afirmar sua preferência por esse tipo de chapéu. Continua usando esse acessório, entretanto abandonou o terno e a gravata, neste dia estava usando calça *jeans* e uma camiseta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o logotipo do curso de Direito.

Sentamo-nos em um banco em frente ao bar do prédio que leva o nome de antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS e começamos a conversar, mais escutei do que propriamente falei. Luiz Ribeiro contou sua experiência como aluno ingressante pelo sistema de cotas no curso de Direito da UFRGS, queixou-se das hostilidades discretas dos professores que manifestam temor de que as ações afirmativas venham a baixar o conceito de excelência do curso junto aos órgãos de avaliação. Luiz Ribeiro relatou suas estratégias para conviver e se inserir no grupo, na sua condição de homem idoso, negro e de situação econômica radicalmente diferente da sua turma.

Em um determinado momento da conversa, quis saber qual o tipo de informação eu desejava e afirmou não acreditar que tivesse algo a dizer que pudesse me ajudar, mas se colocou à minha disposição, expliquei o meu

projeto e reafirmei minha confiança na colaboração dele. Perguntei-lhe em que período ele convivera com Oliveira Silveira e informou-me que foi na década de setenta, até a entrada do Grupo Palmares para o Movimento Negro Contra Discriminação e o Racismo (MNUCDR). Questionei porque não foi também para o MNUCDR, esclareceu que divergia da concepção adotada pelo movimento ao qual definia como um movimento de intelectuais, segundo ele, o MNUCDR que surgia como uma força importante deveria ser uma organização que aglutinasse o maior número de pessoas possíveis.

Nesse contexto, encerrou-se a minha primeira aproximação com o campo de pesquisa onde, diferente do que havia planejado, só consegui retornar quase cinco meses após, em abril de 2013.

### **3.4.2 Encontro com Reginete Souza Bispo**

Durante meses antes do encontro, trocamos *e-mails*, entretanto, quando cheguei a Porto Alegre tornou-se difícil agendar um encontro em razão dos compromissos profissionais de Reginete Bispo. Finalmente nos encontramos no Mercado Público quando já estava com passagem comprada para retornar a Bagé. Não era meu propósito entrevistá-la dentro de um roteiro preestabelecido, pois na minha opinião o convívio de Reginete Bispo com Oliveira Silveira era uma experiência escassa, porém o encontro abriu algumas possibilidades interessantes e desatou alguns nós que eu tinha encontrado na inserção de campo. Ao mesmo tempo em que houve uma grande acolhida, com relação ao meu projeto, ela também me indicou alguns interlocutores que já estavam na minha lista de contato. Mas, sem que eu tivesse mencionado, ela retificou o que eu estava pensando em termos do nome de pessoas que foram interlocutores fundamentais na vida de Oliveira Silveira e também me ajudou significativamente na localização dessas pessoas.

Reginete Bispo afirmou que nunca militou com Oliveira Silveira, mas que costumavam ter longas conversas. Quando chegou a Porto Alegre na condição de suplente de vereador em Passo Fundo aproximaram-se muito, visto que o poeta mostrava curiosidade por entender qual era seu universo. Na percepção de Reginete Bispo, Oliveira Silveira era muito radical em algumas questões,

lembrou que costumavam ter grandes discussões sobre a questão de casamentos entre negros e brancos, postura que segundo ela, Oliveira Silveira havia revisto ao final de sua vida. Dizia compreender que as mulheres negras tinham a necessidade de estabelecerem relacionamento com outras etnias. Ele levava em conta as teses das mulheres negras ligadas ao movimento negro, segundo as quais os homens negros preferem relacionar-se com mulheres brancas.

Segundo Reginete Bispo também que em 2004 tomou parte em um projeto cujo objetivo era publicar um livro com depoimentos de personalidades negras de Porto Alegre. A pesquisa contava com financiamento da Prefeitura Municipal, entretanto, com as trocas de governo ocorridas na época o projeto não fora finalizado. Na ocasião a equipe responsável pela execução do projeto realizou em torno de oito horas de gravação com Oliveira Silveira, atualmente esse material está em posse da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Ela trouxe alguns dados novos como parte do conteúdo dessa gravação, em que Oliveira Silveira relatava nessa entrevista sobre as origens da família no interior de Rosário do Sul, a relação com a comunidade quilombola abandonada por seus ancestrais, sua identificação com alguns aspectos regionais e, por fim, que Oliveira Silveira manteve uma interlocução profícua com o folclorista Paixão Cortes. Indicando-me, então, como alguém que teria muito a dizer sobre o intelectual Oliveira Silveira.

Decidida a localizar a entrevista concedida por Oliveira Silveira na Secretaria Municipal de Cultura, motivada com a conversa com Reginete Bispo, transferei minha passagem e permaneci na cidade por mais quatro dias. A entrevista de autoria de Reginete Bispo e Ana Clara ocorreu em outubro de 2004. Dentro do *Projeto Mocambo*, que coletou depoimentos de personalidades negras de Porto Alegre com o propósito de edição de um livro ainda não publicado. Transcorreu quase um ano entre essa minha conversa com Reginete Bispo e o efetivo contato com o material. Foi um caminho longo e de persistência. Primeiro, esperei pela localização por parte da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, depois foi necessário uma autorização da filha de Oliveira Silveira. E, enfim, a minha disponibilidade de ir buscar o material. Quando finalmente consegui escutar a entrevista no momento em que

já havia realizado e sistematizado parte das outras entrevistas da pesquisa, senti a necessidade de refletir sobre o que Oliveira Silveira relatou nesse depoimento, cotejando-o com aquilo que os interlocutores haviam narrado.

Embora buscasse na entrevista o diálogo de Oliveira Silveira com os tradicionalistas, fato não encontrado, a entrevista em primeira pessoa, discorrendo sobre temáticas que já haviam sido abordadas por seus interlocutores, deu novo sentido à etnografia. Considero que além dos aspectos aqui arrolados, há muito conteúdo a ser explorado nessa exposição feita pelo poeta.

É nesse sentido que, embora não tenha acontecido a entrevista formal, Reginete Bispo é considerada uma interlocutora pela natureza da contribuição que seu trabalho representou. A gravação original da entrevista encontra-se nos Arquivos da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, no Centro de Pesquisa Histórica.

### **3.4.3 Encontro com Ronald Augusto**

Nesse período, deparei-me com uma agradável surpresa, os contatos até então realizados haviam sido resultados de uma longa negociação através de *e-mails* e telefonemas. Entretanto, nesse adiamento da viagem encontrei Ronald Augusto que escapara do contexto de negociação. Por um lado, foi importante, pois atendeu aos objetivos do tempo da pesquisa. Por outro, foi estranho, visto que em apenas três dias localizei, conheci e realizei uma entrevista. Longe estão os ensinamentos de Malinoswki aplicados a esse contexto. No entanto, sabemos que para a Antropologia permanecer como forma de conhecimento válida, a sua atualização é necessária. Assim, a própria maneira como me aproximei de Ronald em nada remete a uma Antropologia clássica. Vivemos a época das redes sociais via internet e tratando-se de uma etnografia multissituada essa se tornou uma ferramenta útil de diálogo com os sujeitos do campo, por meio da qual foi possível chegar até Ronald Augusto. Cabe lembrar as observações que alertam que o *familiar* não significa necessariamente o *conhecido*. Mesmo diante de um contexto urbano as distâncias permanecem na prática de campo. (VELHO, 1978). Assim, localizar

“informantes” pelo *facebook* atesta apenas para uma temporalidade e suas possibilidades conjecturais.

Desse modo, comecei minha pesquisa para localizar Ronald Augusto primeiro pela internet, a partir do *Google*, por esse caminho cheguei ao seu *blog* sobre literatura e logo a seguir seu perfil no *facebook*, onde deixei uma mensagem. Nessa pesquisa virtual descobri o endereço onde ele esteve ou estaria realizando oficinas. Anotei o endereço e numa segunda-feira de abril, saí com um roteiro pelo Bairro Independência: primeiro ir até Coordenadoria da Memória de Porto Alegre e tentar resgatar a entrevista gravada em 2004 cuja temática eram personalidades negras de Porto Alegre, recuperando assim o depoimento de Oliveira Silveira.

Quando cheguei ao local me impactei com o espaço, pois se trata de uma sala numa galeria da Avenida Independência onde as pessoas trabalham de porta fechada à chave, toquei a campainha enquanto pensava meio perplexa: “aqui fica o trabalho institucional sobre a memória da cidade!” Lá fui atenciosamente atendida por Fátima, que confirmou a existência do material, mas sem ter certeza do lugar em que poderia estar nem tampouco das condições em que se encontrava. Informou que os arquivos da memória da cidade foram distribuídos para três locais e seria necessário um tempo para investigar onde poderia estar. A seguir, encaminhei-me para o Instituto Estadual do Livro para adquirir um exemplar da *Obra Reunida* de Oliveira Silveira organizada por Ronald Augusto.

Seguindo meu roteiro caminhei até a Rua Vasco da Gama, no endereço onde funciona uma livraria e uma cafeteria. Atrás de um balcão havia um homem alto de barba e cabelo grisalho que, simpático, confirmou-me os dias e horários em que poderia encontrar Ronald Augusto. Sugeriu-me retornar no dia seguinte um pouco antes da sua oficina. Perguntou se possuía seu telefone, disse que não, então ele anotou em um *post-it* e me entregou. Agradei e perguntei-lhe seu nome, respondeu que era Carlos. Encerrei neste dia meu percurso pelo Bairro Independência, satisfeita pelos contatos obtidos.

No dia seguinte em torno das 18h30min, eu estava lá novamente para tentar contato com Ronald Augusto, quando ele chegou ao local, Carlos de forma simpática levou-o até o fim da loja e me apresentou como se eu fosse

uma velha conhecida e não alguém que ele havia visto pela primeira vez no dia anterior. Minha conversa com Ronald Augusto nesse dia foi rápida, mas ele se mostrou totalmente acessível me disponibilizou *e-mail* e telefone para que pudéssemos combinar a entrevista. Ao indagar sobre sua disponibilidade, ele ficou meio confuso, contou que havia ingressado naquele ano no curso de Filosofia da UFRGS, mas que as quartas e quintas estaria disponível. Nesse momento dei minha cartada e perguntei se ele possuía disponibilidade para conversarmos ainda durante a semana, ele concordou e marcamos para as 19h do dia seguinte. Quando cheguei a casa de minha irmã, onde estava hospedada dei uma lida rápida na introdução de *Obra Reunida*, consegui compreender minimamente por onde caminhava o pensamento do autor sobre Oliveira Silveira. Pensei em fazer um roteiro diferente dado que nessa entrevista o foco seria a questão literária, mas acabei por não fazer.

No local onde havíamos combinado de conversar funciona uma livraria com característica de espaço cultural. Há prateleiras com livros que circundam todo o entorno da loja com mesas e cadeiras na parte central, mais ao fundo, existe uma cafeteria. Nas vezes em que estive lá após as dezoito horas o local - onde o espaço é relativamente pequeno - estava sempre lotado, com grupos de pessoas discutindo animadamente. Planejando cursos ou oficinas, discutindo sobre livros ou filmes. Enfim, o local pareceu-me remeter a uma característica dos espaços de sociabilidade dessa região da cidade. Ao observar como os livros encontravam-se expostos percebi que não havia nenhuma preocupação aparente de controle sobre o acervo, era possível manusear, ler e examinar o que ali havia analogamente a uma biblioteca.

Da minha parte, chamou atenção as obras clássicas de Michel Foucault e Lévi-Strauss. Novamente senti estranhamento ante Porto Alegre. Situações que antes me pareciam extremamente familiar adquiriram naquele momento uma nova perspectiva, um olhar de fora, de quem vem de outra cidade, ao me dar conta que em Bagé o único espaço que guarda alguma semelhança com esse é uma cafeteria e livraria que vende livros de autoajuda. É também um lugar onde não quero estar. Foi a primeira e única vez que lá estive e fui submetida a uma situação de constrangimento que determinou o banimento da

minha presença no referido espaço. Penso comparativamente nos dois ambientes e situações.

Pouco antes das 19 horas Ronald Augusto chegou ao local, que já estava lotado, tivemos dificuldade de achar um lugar. Sentamo-nos no fundo da loja, numa mesa instalada num pequeno recuo. Fiquei preocupada com a qualidade do áudio, pois havia muito ruído de conversas ao redor e eu temia não ser possível fazer a transcrição da entrevista. Mas, pareceu-me não haver alternativa, constatei depois que o barulho não comprometera a gravação.

Registro que durante a entrevista, Ronald Augusto foi interrompido inúmeras vezes por pessoas conhecidas, parecia haver uma curiosidade grande sobre o nosso colóquio. Uma senhora inclusive manifestou verbalmente que estava louca para saber o que conversávamos ao que Ronald Augusto respondeu: “espere para ler o trabalho dela”. Após o início da entrevista, soube que haveria o lançamento de um livro naquela noite, o que talvez explicasse a lotação do lugar. Garçons serviam espumantes e salgadinhos, Ronald Augusto aceitou uma taça de espumante, mas não tomou um único gole enquanto conversávamos. Diante de tanta insistência dos garçons, servi-me de um salgadinho. Acredito que as gentilezas quase excessivas faziam parte do quadro de curiosidade em torno da nossa conversa. Éramos as duas únicas pessoas negras presentes no ambiente. Embora, como coloquei antes, o local tenha a característica de espaço de discussão.

A entrevista começou com Ronald Augusto me fazendo perguntas, convém lembrar que estávamos naquele contexto praticamente nos conhecendo. Perguntou-me de onde era, onde estudava e pediu-me que detalhe-se o meu projeto. Tudo que falei foi ouvido por ele com muita atenção. Fui devidamente avaliada antes de começarmos a conversar sobre Oliveira Silveira. Quando se deu por satisfeito com as informações que lhe dei, perguntou-me se eu tinha um roteiro de entrevista e sugeriu-me, então, que eu começasse com alguma pergunta. No dia anterior, ele havia me perguntado e sugerido o uso de um gravador. Embora não tenha acatado a sugestão de fazer-lhe perguntas diretas, comecei colocando algumas questões que estão na justificativa do meu projeto.

#### **3.4.4 Encontro com Edilson Amaral Nabarro**

Em julho de 2013, estive em Porto Alegre para entrevistar Edilson Amaral Nabarro. O diálogo inicial quanto as possibilidade de uma interlocução sobre Oliveira Silveira haviam sido iniciadas pela minha orientadora, em contexto informal de conversa entre ambos, Edilson Amaral Nabarro verbalizou sua convivência como Oliveira Silveira. Posteriormente, trocamos alguns e-mails, através dos quais sempre se mostrou muito disposto a colaborar com meu trabalho. Marcamos a entrevista no seu local de trabalho, mas por causa de aspectos imponderáveis da pesquisa de campo, naquele dia não consegui usar meu gravador, gravei parte da conversa no aparelho celular. No entanto, alguns dados foram perdidos, principalmente da trajetória pessoal. Havia muito ruído no local que dificultou acompanhar alguns detalhes apresentados por Edilson Nabarro. Após este contato procurei através de telefonemas, retorno ao seu local de trabalho e envio de mensagem recuperar as informações perdidas no começo da entrevista, não obtive êxito.

#### **3.4.5 Encontro com Naiara Silveira**

Em setembro de 2013 retornei à Porto Alegre para participar de evento organizado pela Associação Nacional de História, Anpuh/RS/GT-Negros denominado a *X Jornada de Estudos Afro-Brasileiros*, para o qual havia inscrito um trabalho abordando as representações da África na poesia de Oliveira Silveira. Levei na bagagem a expectativa de realizar duas entrevistas: com Vera Lopes e Naiara Silveira. Todos esses contatos já estavam pré-agendados quando saí de Bagé. Através de mensagens via celular, *facebook* e *e-mail*, entretanto, o encontro com essas interlocutoras não foi uma tarefa fácil.

Cheguei a Porto Alegre no começo da tarde de uma quarta-feira e dirigindo-me imediatamente para a Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) local onde aconteceria o evento citado. Minha expectativa era assistir as atividades durante a tarde e a noite como havia combinado, ir até o acervo e conversar com Naiara Silveira. O início do evento atrasou e eu acabei saindo no intervalo, pois a sede da FAPA fica na zona oeste de Porto Alegre. Era preciso me

deslocar até o centro da cidade, de lá pegar um ônibus até Avenida Assis Brasil. Durante o tempo em que morei em Porto Alegre minha relação com a cidade sempre ocorreu no sentido centro-zona sul. O corredor de ônibus da Avenida Assis Brasil, importante via de acesso à zona norte, é um lugar onde usualmente costumo me perder. Nesse dia não foi diferente, passei do local onde deveria descer e precisei pegar outro ônibus no sentido contrário. Havia combinado de chegar às 18 horas no local. Não sei precisar certo o quanto me atrasei, mas o suficiente para me sentir totalmente desorganizada e intranquila, aliada à condição de ansiedade e hesitação que esse primeiro contato me provocava.

Toquei no interfone e logo a seguir a porta se abriu. O prédio onde está localizado o Acervo de Oliveira Silveira é composto por diversos blocos, interligados entre si, acredito que passei por dois desses blocos no andar térreo antes de ver Naiara Silveira em frente a uma porta aberta. Estava com um vasto sorriso, daqueles que nos possibilitam o início de uma recomposição emocional ainda que persistisse o cansaço físico da viagem e dos deslocamentos apressados pela cidade.

No apartamento, além de Naiara Silveira estava o filho Thales e Eliane, amiga de Oliveira Silveira e bibliotecária que cuida do acervo, assim como dos projetos que envolvem a Associação Negra de Cultura (ANdC), entidade fundada por Oliveira Silveira que se mantém ativa na atualidade. Eliane Severo vestia um guarda-pó branco, máscara facial e luvas descartáveis. Na sala, um espaço amplo com poucos móveis, havia uma mesa organizada com café, que me foi oferecido por Naiara Silveira. Agradei, sentei-me em uma cadeira e começamos a conversar, já de imediato Naiara Silveira mostrou-me os dois últimos livros lançados após a morte de Oliveira Silveira. Comentei com ela que já tinha um exemplar da *Obra Reunida*, organizada por Ronald Augusto, então ela deu-me um exemplar de outro livro, publicado em 20 de setembro de 2010, numa edição custeada por vinte amigos de Oliveira Silveira.

Diferente de outros contextos, Naiara Silveira não me perguntou quem eu era nem o que fazia, disse-me para ficar à vontade e perguntar o que desejava saber. Nesse momento vi que tanto Eliane Severo como Thales haviam se retirado para outros cômodos da casa. Convém destacar que o

apartamento é um imóvel composto por *hall* de entrada, sala, cozinha, banheiro e dois quartos. Toda a documentação que, na época de Oliveira Silveira, ocupava os diferentes cômodos da casa, está reunida em um dos cômodos. Acredito que Thales, neto de Oliveira Silveira, resida no local. Quando conversei com ele no final da entrevista, mostrou-me seus instrumentos musicais dispersos pelo espaço.

Durante a conversa, quando Naiara ficava em dúvida sobre algum assunto, chamava Eliane Severo para lhe ajudar, da mesma forma quando Eliane Severo entendia que a nossa conversa não estava alinhada com experiências de Oliveira Silveira, ela saía do local e juntava-se a nós com o propósito de recolocar a conversa nos eixos. Foi numa dessas saídas que ela me indagou onde morava e o que fazia. Ficou surpresa quando lhe disse já a conhecia, pois, Eliane Severo trabalhou uma época na biblioteca do *campus* do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Talvez tenha se perguntado como sendo eu, uma pessoa que morou tanto tempo em Porto Alegre, estivesse ali naquela condição de aprendizado sobre Oliveira Silveira.

Durante a nossa conversa, Naiara Silveira ia lembrando-se de coisas que aconteciam relativas à produção do pai e ia informando a Eliane Severo. Entre elas, comentou que havia recebido um pedido de autorização para uma nova edição das poesias de Oliveira Silveira na Alemanha, disse: “Já autorizei.”

A conversa com Naiara Silveira foi na essência uma conversa de como uma filha vê o pai. Já no começo do encontro me indicou que a percepção que tinha de Oliveira Silveira era diferente do que eu havia ouvido até então. Chamou-me atenção que após eu ligar o gravador Naiara Silveira apresentou-se com nome seu completo. Nome do seu marido, profissão e nome de filhos. Naiara é mãe de dois meninos, Thales e Elias esse último nasceu quando Oliveira Silveira já estava doente. Relatou-me do conflito existente entre ela e o pai devido ao fato dela ter aderido a uma religião, não citou qual era, mas reiterou que os anos de silêncio entre os dois não afastaram o avô do neto. O pai continuou frequentando a sua casa: “quando eu chegava, ele saía”. Após o agravamento da saúde de Oliveira Silveira, eles se reaproximaram e tudo, segundo ela, voltou a ser como antes. Ela completou: “nós nos perdoamos”, o pai inclusive lhe fez companhia no hospital quando nasceu Elias.

Admito que não estava preparada para começar a conversar partindo de informações dessa natureza, até agora ainda tenho dúvida porque Naiara começou o relato por essa questão, penso que talvez ela tenha suposto que outras pessoas tivessem me contado sobre o fato. Entretanto, esse fato ouvi apenas dela. No dia seguinte, entrevistei Vera Lopes que contou que ao perceber o quanto Oliveira estava seriamente doente e sua recusa em partilhar com os amigos, decidiram procurar Naiara Silveira para que acompanhasse o pai até o médico para fazer um diagnóstico. Não fez menção a conflitos ocorridos entre pai e filha sobre orientação religiosa de Naiara Silveira. As irmãs de Oliveira Silveira que conheci em Rosário do Sul, também não mencionaram nada sobre o assunto. Apenas Luiz Carlos contou-me que, certa vez, Oliveira Silveira havia lhe dito que o genro tornara-se evangélico e que Oliveira Silveira estava muito chateado com isso. Mas, Luiz Carlos falou em tom de brincadeira, acredito que ele não imaginasse o quão sério era isso para Oliveira Silveira.

Em todas as demais entrevistas os interlocutores sempre destacaram a importância de Thales na vida de Oliveira Silveira e do grande afeto que os unia. No universo masculino, especialmente, parecia causar certa estranheza a dedicação e prioridade que Thales possuía na vida do avô, de tal sorte que, muitas vezes, deixava de assumir outros compromissos pela necessidade de cuidar do neto.

Naiara Silveira apresentou-me um Oliveira Silveira absolutamente humano: homem de várias namoradas, um pai e avô “amoroso” e dedicado, um professor querido pelos alunos, criticado pelos colegas em razão da dificuldade de cumprir horários. Um poeta e amigo fiel e discreto. Algumas de suas amizades duraram a vida toda. Naiara Silveira ressaltou em Oliveira Silveira a figura de um pai muito presente. Contou-me que as relações entre ela e sua mãe eram complicadas durante a adolescência e o pai desempenhava com muita desenvoltura o papel de mediador, ora se posicionando a favor de sua mãe, ora a seu favor.

#### **3.4.6 O encontro com Vera Lopes**

Meu contato com Vera Lopes começou pelas redes sociais, no mês de abril de 2013, desde o começo desse trabalho sempre tive o desejo de conversar com ela, pois, por diversas vezes assisti Vera Lopes recitando poesias de Oliveira Silveira em diferentes espaços da cidade. Embora não soubesse do grau de aproximação existente entre eles, sabia que existia uma afinidade artística entre ambos. Vera Lopes eu a conheci em 1994 durante a campanha de Reginete Bispo, candidata a deputada estadual e, na ocasião, a organização Maria-Mulher, da qual Vera participava, juntou-se a grupo de apoiadores. Reuníamo-nos em um espaço cedido por outra candidata, a deputada federal Esther Grossi, na Travessa do Carmo, espaço frontal ao largo Zumbi dos Palmares, ali juntamente com outras integrantes do grupo fazíamos reuniões divertidíssimas nos finais de tarde. Vera comparecia, às vezes, acompanhada de alguns dos filhos ainda pequenos. Depois passei a vê-la em espaços públicos, eventos culturais etc. Sempre nos cumprimentávamos, mas não me lembro de termos voltado a conversar.

Já no curso deste trabalho, quando encontrei Luiz Ribeiro, ele me informou que Vera Lopes havia se mudado para a cidade de Salvador, fiquei desanimada com a informação, mas não desisti de procurá-la. No encontro com Reginete Bispo, esta me indicou o local onde o filho Horácio trabalha e sugeriu que eu fosse até lá para conseguir o contato de Vera Lopes. No mesmo dia, resolvi mandar uma mensagem para ele através do *facebook*, expliquei meu trabalho e solicitei o que desejava. A resposta imediata informava o endereço eletrônico requisitado.

Mandei uma mensagem para Vera, que dias depois me respondeu: “Bacana tua pesquisa, o Oliveira supermerece, ficarei feliz em colaborar, estou em Salvador, devo ir a POA em setembro, podemos ir conversando virtualmente e/ou pessoalmente quando for aí ou vires para cá... fico à tua disposição, OK?” Esta é sem dúvida uma resposta animadora quando estamos no trabalho de campo. Depois disto, mandou-me outra mensagem dizendo que viria somente em novembro para comemorar o aniversário do pai. Em meados de setembro, recebi outra mensagem: “Julia, mudança de planos, irei para POA dia 21/09 devo ficar aí até 28/09”. Cheguei a Porto Alegre no dia 25 de setembro e trocamos mensagens pelo celular. Na tarde em que eu deveria

apresentar meu trabalho recebi uma mensagem sugerindo-me que nos encontrássemos às dezoito horas no Mercado Público de Porto Alegre. Tudo indicava que os mesmos problemas do dia anterior ocorridos no encontro com Naiara Silveira poderiam se repetir naquela tarde.

Avisei ao coordenador da mesa do evento em que estava participando que eu precisaria me retirar logo após a minha apresentação. Quando começou a sessão, fomos informados que no dia anterior não havia sido cumprida a programação e os trabalhos seriam apresentados naquele tarde, o que mudaria meu horário. Tensão total, pois precisava fazer uma escolha entre apresentar o trabalho ou estar no Mercado Público na hora programada. Estava num ponto distante do centro da cidade, o deslocamento no final de tarde e, para completar, a Avenida Osvaldo Aranha, via de acesso por onde eu teria de passar, estava transformada num canteiro de obras. Ainda assim, resolvi arriscar, apresentei meu trabalho, pedi licença e saí correndo em direção ao Mercado Público. Como era de esperar, cheguei bem depois das dezoito horas, mas antes de entrar no Mercado já enxerguei um grupo de pessoas negras sentado nas mesas externas no largo Glênio Peres e de longe reconheci Vera Lopes. Momento de alívio.

Cumprimentamo-nos, ela disse: “ah, é tu!”, então, percebi que durante às vezes anteriores que conversamos, ela não relacionara o meu nome a minha imagem. Ela estava com um grupo de amigos, todos muito animados provavelmente pela sua visita à cidade. Não reconheci nenhum integrante do grupo. Imediatamente, após me reconhecer, ela perguntou: “não queres ir amanhã à minha casa?” Gostei imensamente da proposta, pois teria tempo, diferente da situação da entrevista com a Naiara Silveira, de me recompor da correria do dia. No meu caderno, anotei o endereço da casa e voltei para a FAPA para assistir as atividades da noite.

Na manhã seguinte me dirigi até o apartamento na Avenida Protásio Alves. Vera Lopes ao me receber disse que estava separando algumas coisas para levar consigo para Salvador. Na verdade, parecia que a mudança tinha um caráter provisório, pois mantém o apartamento em Porto Alegre onde atualmente mora o filho.

Vera Lopes me recebeu em um espaço doméstico, permaneci alguns momentos em pé na sala, ela parecia meio indecisa quanto ao lugar onde deveríamos sentar, depois me convidou para ficarmos na cozinha, lugar de qualquer casa que por si só já dá uma ideia da disposição de um estar à vontade. E foi o que aconteceu, sentei-me em torno de uma mesa grande por volta das dez horas da manhã de onde sai às dezesseis horas. Não conversamos apenas sobre Oliveira Silveira, mas de família, de estudos, trabalho, movimento negro, tantos outros assuntos.

Inicialmente a conversa teve um caráter mais formal de perguntas e resposta, parte em que usei o gravador. Por volta da 13 horas da tarde Vera me convidou para que fôssemos a algum lugar almoçar. Enquanto ela foi se arrumar, guardei o gravador. Minutos depois, retornou, e me perguntou se eu aceitava que ela preparasse um macarrão, disse-lhe que não tinha problema. Então, ela começou a cozinhar. A conversa prosseguiu sobre uma variedade de temas e assuntos, voltamos a Oliveira Silveira em diferentes momentos.

Já no começo da entrevista, Vera Lopes classificou 2009 como um ano de muitas perdas e luta em sua vida. Primeiro Oliveira Silveira, depois o namorado que também morreu de câncer, uma amiga com meningite e, por último, o neto ainda bebê foi diagnosticado com câncer. Aluithan, agora com cinco anos, faz sucesso como modelo negro, de diferentes formas sintetiza todo um projeto de negritude que perpassa as três gerações, a de Vera Lopes, dos filhos e agora dos netos.

Vera Lopes é uma mulher que transmite na sua fala o quanto valoriza o papel de mãe e principalmente de avó. Em vários momentos da conversa, quando precisava evocar situações de maturidade, afirmava: “eu já sou vó!”. Falou-me de Oliveira Silveira, mas falou muito de si, de sua trajetória como mulher negra, das lutas que travou na defesa dos seus direitos e de seus filhos e netos. Ela tem uma longa trajetória dentro do movimento negro, começou a conviver com Oliveira Silveira ainda na década de setenta, assim como com outros grupos.

Mas, ao analisar seu depoimento ficou evidente a enorme influência de Oliveira Silveira em sua vida e na sua formação. Embora ela tenha reconhecido isso, coloca-se na condição de aprendiz e Oliveira Silveira como mestre.

Porém, mesmo nesse lugar, diria que foi uma aluna muito aplicada, pois é visível em sua de visão de mundo as influências desse aprendizado com Oliveira Silveira, juntamente há uma relação de afeto partilhada.

Quando perguntei à Vera Lopes como tinha sido a fase final da vida de Oliveira Silveira, imediatamente os olhos encheram-se de lágrimas, e me disse que para falar disso era preciso tomar água. Levantou-se e pegou um copo de água e deu prosseguimento ao seu relato. Vera chorou em diferentes momentos quando ativava suas memórias sobre os últimos anos de vida de Oliveira Silveira. Ao mesmo tempo em que lamentava a perda do seu amigo, refletia que, na última fase de vida, Oliveira Silveira se tornou mais aberto às manifestações de afeto.

Para exemplificar, narrou uma situação de uma dada terça-feira, quando preparava o almoço, ligou para Oliveira Silveira e ao final da ligação, disse-lhe: “então tá Oliveira, domingo eu tô ai. Ele respondeu: “que bom que você vem domingo e que pena domingo está tão longe”. Ao que ela completou: “mas ai eu desliguei o fogo, chamei a Camila e disse: vamos agora para a casa do Oliveira”. Isso foi na fase que Oliveira já estava doente e seus amigos lhe faziam companhia.

Essas entrevistas possibilitaram compreender Oliveira Silveira numa dimensão que não do mito nem do herói, mas de sujeito humano atravessado por intersubjetividades. Todas as interlocuções representaram um percurso necessário para compreender a pessoa-personagem Oliveira Silveira. Saliento que a entrevista realizada por Reginete e Ana Clara, as narrativas de Vera e de Naiara possibilitam pensar a questão da diversidade de gênero orientando o olhar sobre Oliveira Silveira.

### **3.5. Inserção por Rosário do Sul – A Chegada**

Buscando fragmentos e depoimentos que me propiciassem entender um pouco mais as múltiplas faces de Oliveira Silveira, viajei para a cidade de Rosário do Sul no mês de junho de 2014. Quando conversei em Porto Alegre com Naiara Oliveira e manifestei o desejo de ir até a cidade natal do poeta,

esta me sugeriu que fosse até lá e procurasse um amigo de infância de seu pai.

Sem nenhum contato prévio, desci no final de tarde de uma segunda-feira chuvosa na Rodoviária de Rosário do Sul. A distância entre Bagé e Rosário do Sul é em torno de 200 km. Levei 2h30 minutos no trajeto de uma paisagem monótona e sem mudanças. As alternâncias das lavouras de arroz e das fazendas de gado foram as imagens que me acompanharam por todo o percurso. A população do município de Rosário do Sul é de cerca de 40 mil habitantes. Nesse contexto, de uma cidade pequena, entendi que seria fácil encontrar a pessoa indicada. Tomei um táxi na rodoviária e pedi que este me deixasse em algum hotel no centro da cidade. Logo após a minha entrada no hotel a chuva parou e eu decidi caminhar no entorno, procurando um lugar para fazer uma refeição.

Ao sair me deparei com um prédio na diagonal do hotel: a Câmara Municipal de Vereadores. Era lá o local onde no dia seguinte deveria procurar por Alsom Pereira, vereador da cidade e amigo de infância de Oliveira Silveira. Há uma grande praça no centro da cidade e em torno dela localizam-se prédios característicos de zona urbana: uma igreja católica, a Câmara de Vereadores, a Biblioteca Municipal, o Teatro João Pessoa e um antigo clube da cidade. Esses três últimos prédios formam o Centro Cultural Oliveira Silveira (na entrevista com Alsom, será apresentado o detalhamento de criação desse Centro).

Na manhã seguinte, após as nove horas da manhã, dirigi-me até a Câmara de Vereadores e perguntei na portaria onde se localizava o gabinete do vereador Alsom Pereira, fui orientada a subir uma escada e já no topo havia uma placa designando o nome dos vereadores. Quando entrei no gabinete de Alsom Pereira, havia três mulheres e um homem, tomando chimarrão e conversando animadamente. Perguntei se poderia falar com o vereador e recebi como resposta que este não estaria na Câmara de Vereadores naquele dia, ao dizer isso a assessora parecia ter dado o assunto por encerrado. Fiquei meio perdida parada em pé em frente aos demais que estavam sentados e ansiosos para retomarem o assunto interrompido.

Imediatamente me refiz e disse: “Sou estudante de Antropologia, estou fazendo um trabalho sobre Oliveira Silveira e gostaria de entrevistar o vereador”. Ao dizer isso a assessora anotou meu nome e demais informação e disse “perai”. Pegou o telefone e ligou para o Alsom Pereira e relatou as informações que havia lhe fornecido. Ao desligar, informou que ele viria à Câmara de Vereadores perto do meio-dia, mas pediu meu telefone, pois caso ele não fosse, eu poderia ir à tarde a seu escritório, onde atua como advogado. Voltei para o hotel, lembrei que estava com dificuldade de sinal dentro da cidade. Voltei mais uma vez à Câmara de Vereadores e pedi que ligassem para o número de telefone do hotel, temendo algum desencontro. Já perto do meio-dia meu telefone tocou, era a assessora do Alsom Pereira marcando o encontro no escritório às 16 horas que ele estaria esperando por mim. Anotei o endereço, busquei algumas informações sobre o local e pouco depois das 15 horas saí do hotel. Cheguei bem antes do horário marcado e resolvi dar uma volta para gastar o tempo até o horário combinado.

### **3.5.1. Encontro com Alsom Pereira da Silva**

Ao entrar no escritório em um ambiente simples no térreo de um prédio, a recepcionista pediu que eu aguardasse. Não tive certeza, mas acho que já estava avisada que eu iria chegar. Na parede da sala de espera, havia muitos quadros de situações diversas envolvendo a vida profissional de Alsom Pereira, certificados e fotos relacionados à sua atuação como político e como advogado.

Depois de um bom tempo de espera, Alsom Pereira abriu a porta e veio ao meu encontro, eu estava preparada para um aperto de mão e fui surpreendida por um caloroso abraço. Ele se desculpou pelo atraso e me perguntou se eu poderia aguardá-lo um pouco mais, pois estava com um cliente. Admito que até esse momento, tinha dúvidas se realmente ele poderia contribuir como minha pesquisa ou se representava a figura política, que busca eventos e oportunidades para a autopromoção. O que me animava era lembrar-me de Naiara Silveira me convencendo “ele vai adorar, conversar contigo”. Quando o cliente saiu, convidou-me para entrar na sala, um espaço

que, de certo modo, contrastava com a simplicidade tanto do seu gabinete na Câmara de Vereadores, como com os outros espaços do próprio escritório. O ambiente era composto de uma sala ampla e confortável. Além da mesa de trabalho de Alsom Pereira, havia outra mesa de reunião redonda aonde nos dirigimos para conversar. A conversa foi interrompida por telefonemas e pelas entradas da secretária sempre com documentos que Alsom Pereira despachava e voltava com desenvoltura à conversa, sem que eu precisasse retomá-la.

Minha resistência começou a se desfazer na medida em que a entrevista ia se desenvolvendo. Furneci algumas informações básicas sobre o trabalho e salientei que este já se encaminhava para a finalização, Alsom Pereira teve uma reação de surpresa, talvez pelo fato de somente ao término da pesquisa, eu ter ido a Rosário do Sul. Ao longo da entrevista, ele insistiu na necessidade de que eu permanecesse um tempo maior na cidade para melhor compreender a relação de Oliveira Silveira com o local.

Alsom Pereira começou a narrar os fatos do dia 2 de janeiro de 2009, quando soube da morte de Oliveira Silveira: “sempre me emociono quando me lembro disso, vou tentar não me emocionar agora,” Contrariando sua vontade seus olhos ficaram marejados. Sua voz, no início da entrevista apresentava um tom meio embargado, que pouco a pouco foi suavizando. Durante toda a entrevista manteve uma postura extremamente humilde, só trouxe fatos de sua trajetória quando essa fazia sentido em experiências comuns com Oliveira Silveira.

Em um dado momento da conversa, Alsom Pereira me inquiriu se eu já havia conversado com as irmãs de Oliveira Silveira. Fui surpreendida com a pergunta, pois Naiara Silveira ao me indicar pessoas com quem eu poderia contatar em Rosário do Sul, mencionou somente Alsom Pereira. Sabia que os familiares ainda moravam em Rosário do Sul, mas pensava que era lá em Touro-Passo. Quando Alsom Pereira reiterou que eu deveria ficar mais um tempo e conversar com as irmãs, tive de admitir meu desconhecimento quanto à moradia delas. Este, por sua vez, prontificou-se a fazer contato e de levar-me até elas, o que aconteceu no dia seguinte. À noite, quando já estava no hotel, ele me ligou dizendo que havia falado com o marido de Gizelda e que ela

estaria me esperando no outro dia, às 10 horas da manhã, e que provavelmente a outra irmã também estaria lá. Alsom Pereira ficou de passar no hotel para me conduzir pela manhã. Tentei demovê-lo a ideia, afirmando que poderia me deslocar sozinha, desde que tivesse o endereço, mas ele insistiu com a carona.

Levando em consideração a forma como essa etnografia foi se constituindo, encontrando pessoas em contextos multissituados, essa acolhida no primeiro contato me produziu surpresa e reflexões semelhantes a outras que já venho problematizando com outros interlocutores. Afinal, o que leva esses diferentes interlocutores a se mobilizarem em torno de Oliveira Silveira?

Acredito que as motivações de Rosário do Sul para a divulgação do trabalho de Oliveira Silveira são diferentes das encontradas em Porto Alegre. No primeiro caso é a luta pelo reconhecimento do intelectual nativo, do rosariense que se impõe; no outro é a busca do reconhecimento do intelectual negro, mas ambas convergem para o mesmo sujeito e sua trajetória, reforçando as dinâmicas e alternâncias de sentidos em torno do seu trabalho.

### **3.5.2. Encontro com Suely Silveira e Gizelda Maciel**

Na manhã da quarta-feira encerrei minha conta no hotel e fiquei no saguão aguardando a chegada de Alsom Pereira, que me levaria até a casa de uma das irmãs de Oliveira Silveira. Até então, não tinha nenhuma informação sobre elas. Como a rua do hotel tem um movimento intenso de carros e como eu estava numa crise alérgica, resolvi permanecer na calçada em frente ao hotel onde teria uma melhor visibilidade e enquanto isso ficaria tomando ar livre. Com mochila nas costas e telefone na mão esperei uns cinquenta minutos depois do horário combinado. Até que Alsom Pereira parou em frente ao hotel, ele me explicou que tivera problemas com o carro e o atraso era em decorrência dessa dificuldade. Como o carro era importado não havia assistência técnica na cidade, por isso, tivera muita dificuldade de movimentá-lo até ali. Percebi que a situação havia deixado Alsom Pereira um pouco agitado, pensei novamente em dispensar a carona, mas como já passava do horário acordado, considerei que seria melhor chegar lá em sua companhia.

Não sei caracterizar o local de moradia das irmãs de Oliveira Silveira dado o percurso de automóvel e a minha falta de familiaridade com a cidade, sei apenas que dista significativamente do centro da cidade. Quando chegamos ao local e lá estavam Gizelda e Suely, entramos na sala onde havia uma televisão ligada em volume máximo, não havia outras pessoas na casa. Alsom Pereira conversou um pouco com Gizelda, que nesse momento perguntou por uma das filhas dele, ao que informou que estava na Grécia. Nesse momento, dirige-se para mim e pergunta se eu sabia que ele tem uma filha que é atriz. Murmurei algo de quem está na dúvida se é melhor dizer sim, ou dizer não. Na entrevista no dia anterior havia comentado da outra filha, formada em medicina e que morava em Porto Alegre, talvez, por isso tenha sentido necessidade de fazer esse comentário. Na verdade, já sabia da filha atriz que atua em telenovelas brasileiras, mas para os objetivos da minha conversa com ele essa informação não tinha qualquer sentido. Quando falou da filha que morava em Porto Alegre, foi no contexto de suas conversas sobre Oliveira Silveira.

Gentil e disposto a colaborar, Alsom Pereira solicitou que o marido de Gizelda me desse uma carona até o centro, e caso não pudesse, para eu avisá-lo que ele voltaria lá para me buscar. Justificou que seus compromissos impediam-no de acompanhar a entrevista. Eu agradei a oferta e disse que poderia pegar um táxi para voltar ao centro da cidade.

Sentamos na sala e Suely pediu que Gizelda baixasse o volume da televisão, até esse momento não conseguia entender qual das duas era a dona da casa. Então tive de perguntar. A casa era de Gizelda e Suely mora próximo do local. Suely foi quem mais conversou durante a entrevista, disse-me que trabalha com a filha no centro da cidade, mas naquela manhã havia ficado em casa e, por isso, estava participando da conversa. Tive a impressão que o fato de estar ali não era tão aleatório como tentou me mostrar, possivelmente Gizelda tenha solicitado sua presença, tendo em vista que ela praticamente assumiu o papel de apresentar-me o irmão.

Durante a conversa, sentei-me no canto do sofá e Gizelda sentou-se ao meu lado esquerdo e Suely numa poltrona no lado direito. Entre a poltrona e o sofá havia uma pequena mesa onde depusitei o gravador, que ficou meio

escondido. Gostei dessa possibilidade, pois considero que a presença física desse aparelho no início da entrevista provoca no interlocutor um caráter de formalidade, como observei em outros momentos.

Como minha crise alérgica havia se agravado e eu estava com dificuldade de respirar, Suely me ofereceu um chá, que costumava preparar para a filha que tinha um problema de saúde semelhante, embora não estivesse em sua casa, ia tomar essa liberdade. Aceitei o chá, apesar de meio cética do efeito terapêutico. Suely saiu da sala para prepará-lo e eu continuei conversando com Gizelda. Instantes depois ela retornou com o chá e, ao tomar o primeiro gole, percebi que se tratava de um chá de folhas de laranjeira. O sabor e o aroma do chá ativaram lembranças impensáveis àquele contexto. Trouxe-me recordações da minha infância. O chá de folhas de laranjeiras sempre pertenceu ao universo de cuidados femininos da minha família.

A crise não passou com o chá, mas facilitou o encontro etnográfico. Tivemos uma conversa fluída, de tal sorte que eu me esqueci do tempo e que seria de bom tom eu encerrar a entrevista de modo a não atrapalhar o horário de almoço da casa. Mas, tanto Suely quanto Gizelda demonstravam querer prolongar a conversa. Principalmente a dona da casa que entrou várias vezes em seu quarto de onde retornava trazendo recortes de jornais e textos para eu ler. A neta de Gizelda chegou da escola, o marido chegou do trabalho e a conversa prosseguia. Ambos ficaram alguns minutos pela sala e depois se retiraram para outro cômodo da casa. As irmãs de Oliveira Silveira guardam fotografias de família e reportagens de jornais que tratam de Oliveira Silveira, especialmente depois de sua morte e das homenagens ocorridas em Rosário do Sul. Suely mostrou cartas que Oliveira Silveira enviava para sua filha, assinadas como seu “padrinho honorário”, pois não aceitou batizar a sobrinha, embora as cartas mostrassem sólidos laços afetivos entre ambos. Suely verbalizou a imensa admiração que Thais, sua filha, possuía pelo tio e padrinho. Contou que quando vinham a Porto Alegre hospedavam-se na casa de Oliveira Silveira e Thais ficava encantada com a rede de contatos do tio. Os telefonemas e cartas que chegavam de diferentes pontos do Brasil e do mundo a fascinavam. Suely disse que era sozinha com a filha e que Oliveira Silveira a ajudou muito quando Thais nasceu.

Durante boa parte da conversa, Gizelda permaneceu mais contida, tentei em diferentes momentos trazê-la para a conversa, mas ela voltava à condição de ouvinte, em um dado momento avalei que ela poderia não estar gostando da entrevista, pois havia certo domínio da conversa por parte de Suely. Nisso, ela levantou-se e voltou com uma pasta onde guarda um significativo material sobre a vida do irmão falecido e passou a me explicar o contexto de cada registro, assim me tranquilizei.

Gizelda me apresentou uma poesia escrita por Amaro Zacarias, irmão de Oliveira Silveira. A poesia, datada de 4 de janeiro de 2009, logo após a morte do principal poeta da família. Fiquei tentando entender o que Gizelda quis me dizer ao apresentar essa poesia. Talvez mostrar que Amaro Zacarias também era poeta. Talvez mostrar a admiração do irmão por Oliveira Silveira ou talvez estabelecer uma simetria entre os irmãos.

Nesse dia fiquei sabendo que todos os irmãos biológicos de Oliveira Silveira ainda estão vivos. Zacarias mora em Alegrete, uma de suas irmãs em Touro-Passo, Gizelda e Suely na cidade de Rosário do Sul e outra irmã reside em Porto Alegre. Na produção de Oliveira Silveira observa-se um predomínio da família materna, mas Suely afirmou que eles sempre conviveram com a família pelo lado paterno, corroborando a informação com registros fotográficos. Esse tronco familiar meio invisível nas narrativas sobre o poeta esteve bem presente em sua vida, como conta Suely e como o próprio Oliveira Silveira narrou na entrevista realizada por Reginete e Ana Clara.

Localizar na etnografia esses “personagens” do livro *Bandoné* do Caverá, representou um momento impar de pensar essa relação existente na Antropologia entre ficção e não ficção, pois o que buscamos como nos orienta Gonçalves (2010), não é uma “narrativa verdadeira”, mas o modo como cada um a constrói, essa é a proposta do Capítulo seguinte onde apresento Oliveira Silveira na pela ótica desses interlocutores apresentados nesse capítulo.

#### 4. Etnografando uma Ausência Presente: Os Diferentes Olhares sobre a Trajetória de Oliveira Silveira

Dei ô de casa na frente  
Bati na porta não abria.  
Dei a volta pelos fundos,  
Entrei na casa vazia

Ô de casa!  
Não têm ninguém em casa,  
Nem casa tem, só saudade.<sup>52</sup>

##### 4.1. Contextualizando Narrativas

O pensamento pós-colonial tem buscado apreender diferentes dinâmicas de grupos não hegemônicos no contexto da sociedade contemporânea. Além disso, mostra-se atento aos fenômenos de globalização e aos impactos políticos e culturais resultante dos processos migratórios e das consequentes diásporas culturais pelo mundo.

Nessa abordagem cultura, política, sujeitos e narrativas são vistas enquanto categorias inter-relacionadas e que se constituem a um só tempo. Adota-se essa dimensão na análise da trajetória de Oliveira Silveira, pois as diferentes narrativas apresentadas pelos interlocutores possibilitam pensar como os significados atribuídos ao seu fazer encontram-se entrelaçados e ao mesmo tempo num movimento constante de sentidos, através de um processo sempre inconcluso na construção de novas narrativas e de novas formas possíveis de se olhar para a história e para cultura do país permeada pelas experiências da diáspora negra.

Nas diferentes narrativas sobre Oliveira Silveira, a questão da identidade emerge como um fio condutor na apresentação desse intelectual. Percebe-se na fala dos diferentes interlocutores uma preocupação de fixar justamente o que parece impossível, uma identidade devidamente sedimentada: homem negro, poeta universalista, poeta afro-gaúcho, poeta da negritude, poeta regionalista, poeta do movimento negro, professor, intelectual etc. Por onde esses sentidos deslizam? Quais são suas fronteiras? É o próprio Oliveira Silveira narrado como pessoa-personagem com seu pensamento e suas ações

---

<sup>52</sup> Poema *Tapera* de Oliveira Silveira publicado no livro *Obra Reunida* (2012).

singulares que constrói o *lócus* dessa instabilidade, que seus interlocutores procuram fixar.

Esses diferentes olhares sobre Oliveira Silveira se tornam propícios para trazer aqui algumas críticas e concepções propostas por autores pós-coloniais sobre o problema da rigidez conceitual que, geralmente, cerceia o conceito de identidade. Nesse âmbito, convém substituir o conceito de identidade por processos de identificação, haja vista, o caráter provisório e cambiante em que os processos de identificação se apresentam.

## 4.2. Os Processos Identitários

Sobre a problemática das identidades e das formas como estas vêm se articulando na modernidade, apresentam-se breves notas sobre este conceito em três autores representantes do pós-colonialismo.

### 4.2.1. Homi Bhabha

Bhabha (2003) busca nas ideias de Franz Fanon<sup>53</sup> e na literatura da diáspora elementos para fundamentar seu entendimento sobre os processos de identificação. Fanon, segundo Bhabha, enuncia a partir de uma ruptura com o que é familiar ao ambiente colonial: as dicotomias Negro/Branco, Eu/Outro e busca uma dialética da libertação, pautada na dimensão psíquica. Fanon produz um deslocamento naquilo que tradicionalmente compreendemos como demanda política. Seu pensamento transforma os mecanismos de

---

<sup>53</sup> Frantz Fanon (1925-1961) nasceu na ilha de Martinica, território francês situado na América Central. Ainda jovem, durante a Segunda Guerra, percorreu a África do Norte como soldado. Em 1946, inscreveu-se na Faculdade de Medicina de Lyon na França e aproveitou sua estadia também para adquirir uma formação sólida em filosofia e literatura, seguindo cursos de Jean Lacroix e de Merleau-Ponty, bem como, lendo obras de Sartre, Hegel, Marx, Lenin, Husserl e Heidegger, entre outras. Após terminar o curso de medicina em 1951, retornou à Martinica e mais tarde voltou para a África, tornando-se médico-chefe na clínica psiquiátrica de Blida-Joinville. Tornou-se argelino engajando-se com os argelinos na luta pela libertação do país que sofria o jugo colonial francês desde 1830. Por várias vezes participou de congressos pan-africanos como membro da delegação da Argélia, tornando-se um importante porta-voz do país. Contraiu leucemia em 1960, continuou suas atividades intelectuais vindo a morrer em dezembro de 1961. A independência da Argélia ocorreria no ano seguinte, em 1962. Disponível em: <[http://wiki.nkosi.org/Frantz\\_Fanon\\_-\\_2](http://wiki.nkosi.org/Frantz_Fanon_-_2)> Acesso em 13/07/2014.

reconhecimento e identificação da agência humana. “O que quer o homem negro?”, indaga Fanon. Sobre esse inquirir, Bhabha analisa da seguinte forma:

A pergunta de Fanon é endereçada não a uma noção unificada de história nem a um conceito unitário de homem (...). Não há narrativa mestra ou perspectiva realista que forneça um repertório de fatos sociais e históricos contra os quais emergiram os problemas da psique individual ou coletiva (...). É através da imagem e da fantasia - aquelas ordens que figuram transgressivamente nas bordas da história e do inconsciente - que Fanon evoca a condição colonial de forma mais profunda. (BHABHA, 2003, p. 73).

Há um questionamento da autoridade individual e social, ou seja, na cultura colonial algumas virtudes são destacadas e outras, ainda que intrínsecas a psique humana e a ordem social, são desprezadas.

As formas de alienação e agressão psíquica e social - a loucura, o ódio a si mesmo, a traição, a violência - nunca podem ser reconhecidas como condições definidas e constitutivas da autoridade civil, ou como os efeitos ambivalentes do próprio instinto social. Elas são sempre explicadas como presenças estrangeiras, oclusões do progresso histórico, a forma extrema de percepção equivocada do Homem. (BHABHA, 2003, p. 74).

Na problematização de Bhabha, a partir de sua leitura de Fanon, a alteridade colonial não está entre o *Eu* e o *Outro*, mas na distância estabelecida pelo colonizador, através de uma inscrição no corpo do colonizado, é sobre essa distância que se processa a identificação e seus problemas. Portanto, “a identificação é sempre o retorno a uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”. (BHABHA, 2003, p. 76).

As identidades pós-coloniais surgem ou deveriam surgir do ponto de fuga de tradições arraigadas no pensamento hegemônico. Essa visão de mundo é forjada a partir de uma crença em relações totalizantes entre colonizados e colonizadores. No mundo ocidental as imagens da identidade humana estão inscritas no signo da semelhança, esclarece Bhabha (2003), quando no seu entendimento deveria ser no signo da diferença.

Cada vez que o encontro da identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o *eu* como lugar da identidade e da autonomia (...) deixa um rastro de

resistência, uma mancha do sujeito, um signo de resistência, já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda por identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política (BHABHA, 2003, p. 84).

Neste contexto há uma duplicação do sujeito e a imagem não poderá ser vista e só fará sentido como algo *presente* e *ausente* simultaneamente, como ambivalência. Segundo Bhabha, a obra de Fanon indica a espacialização do sujeito do ponto de vista social e psíquico. Na linguagem psicanalítica, a identidade não é um processo acabado, pois representa uma problemática de acesso a uma imagem de totalidade. Do ponto de vista discursivo, a imagem psíquica é uma representação ambivalente.

A imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como aparência de uma realidade. O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude (...) a imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença (...) uma metonímia (BHABHA, 2003, p.85-86).

É essa negação de originalidade que conforme Bhabha, Fanon reclama em seus escritos. O sistema colonial nega inconscientemente esse *momento negador*, o qual é necessário à introdução de um sistema de diferenciação que comporte as múltiplas dimensões da vida humana.

Para Bhabha (2003), tratar a questão de identidade dentro de um paradigma de imagem, espelhos, semelhança e analogias remete a uma lógica colonial e à constituição de esquemas binários e essencializados, quando em seu entendimento a identidade é perpassada pela ambiguidade, pelo hibridismo da linguagem.

A literatura pós-colonial é um referencial importante que possibilita identificar as linhas tênues, invisíveis, por onde muitas vezes deslizam as fronteiras da diferenciação cultural e uma pluralidade de outras questões tais como as de raça/etnia, gênero e sexualidade. As duplicidades são fundamentais para compreender as diferentes fronteiras, ainda que sempre móveis, são elas que permitem identificar o lugar de onde o sujeito fala e o que é falado sobre ele. Onde se traça as linhas divisórias entre as línguas? Entre as

culturas, entre as disciplinas? Entre os povos? Interroga Bhabha e ele mesmo responde: há uma linha subversiva traçada por uma poética da *invisibilidade*.

Tomando de empréstimo os conceitos de Derrida e Gramsci sobre subalternos, o autor entende essa poética como estratégias ambivalentes aos processos de identificação. Estas ocorrem no intervalo de uma relação de dominação. E desse intervalo que surge a diferença cultural como narrativa e como linguagem com conteúdo poético e político. São nesses *entre-lugares* que se desenvolvem os estados agnósticos que tem por intuito a subversão de uma ordem simbólica e social estabelecida.

#### 4.2.2 Stuart Hall

Numa ruptura epistemológica com todas as construções *a priori*, Hall (2003) enfatiza que as culturas onde as existências estão marcadas pelos fenômenos diaspóricos, apresentam uma coexistência da tradição e da modernidade. Cada grupo apresenta formas diferentes de apropriação desses valores. Contrapondo àquelas análises que entendem a globalização como homogeneização cultural, a partir dos países colonizadores, Hall (2003) problematiza e situa a questão da tradição local ao afirmar que nesse contexto as identidades se tornam múltiplas, pois, explicitam-se na dimensão do sujeito. Por extensão, processo análogo às dinâmicas culturais que resultam em culturas híbridas.

Para Stuart Hall, o hibridismo não pode ser interpretado como uma referência à mistura racial da população. Entendida como lógica de tradução cultural, essa lógica perturba a própria modernidade e os discursos hegemônicos de identidades construídos analiticamente como processos anteriores aos sujeitos. A tradução cultural incorpora a ambivalência e o antagonismo em um processo sempre inconcluso, considerando que a tradução pressupõe a passagem de um contexto de significado a outro.

Na perspectiva de Hall (2003), as identidades são construídas através da diferenciação e de disjunção. Resultam da própria história colonial, dos processos escravistas e das desigualdades econômicas entre as nações que promovem fluxos de pessoas. Ao se deslocarem no sentido físico, também

deslocam e são deslocados em termos de dinâmica cultural: “mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003, p. 28). Encontra-se, assim, o lugar que o passado e a tradição operam enquanto partes constituintes dos processos de identificação. Aqui se situa a importância da África como parte da memória das culturas negras da diáspora. Há uma (re)apropriação dessa poderosa narrativa metafórica para dar sentido às lutas políticas.

Entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo (...) Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar.(...) longe de construir uma continuidade com nosso passado, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas(...)(HALL, 2003, p. 30).

Os sujeitos da diáspora negra trazem consigo algo semelhante ao rio de Heráclito. Não se pode entrar duas vezes no rio, porque as águas já não são as mesmas. Assim, a identidade é uma produção constante, refletida por uma experiência cultural e histórica que cada povo decidiu interpretar ao seu modo.

#### **4.2.3 Paul Gilroy**

Gilroy (2001) se esforça em desconstruir os essencialismos raciais e recolocar o processo de identidade negra, a partir do conceito de diáspora, ideia importante para explicar as construções identitárias.

Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada, codificada no corpo, a diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre o lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido. (GILROY, 2001, p.18).

Conforme a análise de Pereira (2010), para Gilroy as experiências vividas e trocadas ao longo dos últimos séculos pelos povos que compõe a diáspora negra é o que melhor define a construção da identidade e da cultura negra. No entendimento de Gilroy (2001), a existência da escravidão e o terror

racial na América são fundamentais para definirmos como a identidade é construída. Esse autor coloca: “a identidade negra como uma construção política e histórica marcada pelas trocas culturais através do Atlântico”. (PEREIRA, 2010, p. 66).

Salienta-se que em Gilroy a identidade é um termo usado entre aspas, considerando um conjunto crítico que o autor apresenta do conceito vinculado à noção de raça. Em sua obra *Entre Campus: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça*, publicada no Brasil em 2007, analisa as implicações política e morais dessa associação entre esses dois termos: “identidade” e “raça”. Seu projeto para implodir essa relação, é pensar os processos de identificação a partir de uma “identidade” desenraizada, externa ao território ou ao Estado Nação. Observa-se que a concepção de diáspora trabalhada por Paul Gilroy, difere da diáspora judaica, apropriada por alguns intelectuais negros. “Ela [diáspora] nos pede para que tentemos avaliar a importância do processo de dispersão em oposição à suposta uniformidade daquilo que tem se dispersado” (GILROY, 2007, p. 154).

Essa observação é válida para pensar a forma como as culturas da diáspora se apropriam discursivamente de uma “África” monolítica e a-histórica, mas imprescindível para contrapor as memórias da violência e do terror racial. Isso é encontrado em Stuart Hall (2001) ao assinalar que as culturas caribenhas tomaram a “África” como uma narrativa metafórica, pois, assim tornam possível dizer o indizível.

Por fim, retomando a questão da identidade nesses autores pós-coloniais, nota-se que em cada um deles há uma perspectiva diferente. Entretanto, entre eles há em comum a noção de identidade como processo inconcluso, uma produção permanentemente inacabada.

A partir desse ponto, adentra-se nas narrativas sobre Oliveira Silveira e leva-se em consideração que apenas Bhabha, aborda esse conceito, a partir do indivíduo da psicanálise. Em Hall e Gilroy, a identidade abrange os fenômenos de ruptura e descontinuidade da globalização e da modernidade, especialmente na Europa. Contudo, percebe-se que as narrativas sobre a trajetória de Oliveira Silveira estão permeadas por temáticas que dão conta de processos complexos de identificação.

### 4.3. Oliveira Silveira nas Representações dos Seus Interlocutores

Abordam-se neste segmento diferentes narrativas na tentativa de dar forma como os interlocutores situam Oliveira Silveira. A polifonia dos discursos caracteriza as falas sobre a sua trajetória. Observa-se, porém, nas diferentes vozes ouvidas um reconhecimento da importância de Oliveira Silveira, enquanto enunciador, construto e construtor de narrativas apropriadas por grupos políticos dentro do Estado Nação. Considera-se o fato que os sujeitos estão posicionados em lugares díspares e, por consequência, também com olhares diferentes sobre essa trajetória. Alguns tiveram uma proximidade mais familiar, outros em termos de produção intelectual, algumas foram interlocuções como militantes. Por vezes houve cruzamentos, entre estas distintas dimensões.

#### 4.3.1 Luiz Carlos Ribeiro: *Eu quero o passado bom*<sup>54</sup>

Sem essa de mãe-preta e pai-joão  
eu quero é o passado bom!  
Na vontade mais funda  
e vulcânica de mim  
eu quero o passado bom!  
Eu quero o passado bom  
do quilombo dos negros  
livres no mato e de lança na mão  
Da guerra na Bahia - da negrada  
Transbordando das casas,  
derramando-se na rua  
de pistola e facão!  
Quero o passado bom dos negros  
do quilombo do Cumbe,  
mocambos do Pará  
dos Palmares reais,  
dos quilombos gerais,  
troço bom demais.  
Só quero o passado bom!

Luiz Ribeiro começou a participar do Grupo Palmares no ano de 1974, na época já era estudante de Teatro. Conheceu Oliveira Silveira em uma

---

<sup>54</sup> Poema de Oliveira Silveira publicado pela primeira vez no livro *Roteiro dos Tantãs* em 1981, republicada em suas obras póstumas em 2009 e 2012.

atividade política, ao final foi conversar com ele que lhe convidou a integrar o grupo que costumava fazer suas reuniões na casa de Helena Machado. Ele se autoapresentou como sendo uma pessoa meio complicada, ao vir do interior para Porto Alegre começou a se questionar: “por que o negro sendo o que é, uma raça com vigor, campeã em várias coisas se deixou tranquilamente se escravizar?”. Foi a partir de seu ingresso no Grupo Palmares que veio a entender que as coisas não eram bem assim, relatou que Oliveira Silveira deu-lhe uma grande contribuição, através das conversas que travaram, aprendeu a história “verdadeira” de Zumbi, não aquela história contada pelos livros em seu tempo de estudante, consideradas em sua avaliação como “horrorosa”.

Na minha época eu não ia à aula quando falavam sobre o negro, não ia porque eu me sentia menosprezado, humilhado de ter de assistir esse tipo de explicação e graças a Oliveira passei a ter compreensão, a batalhar, a acreditar e trabalhar junto desse movimento na área que eu sabia atuar que era o teatro.

O contato entre Luiz Ribeiro e Oliveira Silveira nasceu dessa inquietude do primeiro que, na desconfiança do que relatavam ser sua história, cruzou o caminho do segundo gerando uma identificação mútua.

Eu tinha essa preocupação que era anterior ao grupo, anterior à eu conhecer o Oliveira eu já tinha essa preocupação. Lá na minha terra, na época de Vacarias era dividido: negro dança para cá, branco dança para lá, então eu estava acostumado a essa divisão, mas a história do Brasil me envergonhava e continua me envergonhando até hoje. Porque hoje tu vai lá estudar a história dos negros e toda vez que alguém fala em escravos o cara sempre associa o negro e não é isso, tu sabes que os caras que eram aprisionados nas guerras e também se tornavam escravos.

Na fala de Luiz Ribeiro observa-se a questão de natureza histórica, a saber, como o binômio negro-escavidão foi construído como discurso. Nota-se no fazer de Oliveira Silveira uma apropriação dessa memória buscando simultaneamente reinscrever seu lugar na história do país, bem como tomá-la como referência para mostrar como a própria escavidão é reveladora sobre a forma de lutar organizada pelos negros.

Hall (2003) alerta para a inversão na relação entre tradição, passado e presente. A questão é o que nós, no presente, produzimos com o passado. Oliveira Silveira produziu uma nova estética que encantou Luiz. Esse, na condição de estudante de Teatro, passou a ser solicitado por Oliveira Silveira para participar do grupo recitando poemas. Perguntei-lhe qual era a relação entre a poesia e o teatro sendo esse um dos elos que o aproximou de Oliveira Silveira. Confessou-me que, em situações tradicionais, para que o ator possa trazer para o palco uma poesia é necessário um estudo sobre o poeta cuja obra vai ser interpretada. Com Oliveira Silveira esse conhecimento se dava de uma forma dialógica, que contribuía tanto para que Luiz Ribeiro entendesse qual era a ideia do poema da mesma forma como era um espaço de interlocução entre os dois. Essa interlocução foi importante para a definição da identidade de Luiz Ribeiro como ator negro. Por conhecer e dialogar constantemente com o autor, o trabalho de criação e interpretação lhe dava grande satisfação. Afirmou que na sua atuação como ator fez somente trabalhos com os quais possuía afinidade e que recusou muitos convites por essa razão, mas, nos recitais de poesia de Oliveira Silveira nunca teve dúvida de participar.

Oliveira começou a me resgatar para que toda vez que ele tivesse um lançamento de livro, ele me resgatava para recitar alguns poemas e nós discutíamos. Para mostrar também para outros negros, que tem outro caminho, que tem o caminho da música, caminho do teatro, caminho da poesia, tem várias coisas que o negro pode trilhar e o Oliveira foi um dos caras que me ensinou isso. Então qual a importância do Oliveira Silveira teve na minha vida? Ele me fez enraizar mais as minhas crenças no poder do negro.

Pronunciou em um tom de perda que acabou sendo substituído pelos atores Sirmar Antunes<sup>55</sup> e Vera Lopes, entretanto, não contextualizou como a substituição aconteceu. Indaguei-lhe quando havia se desligado do grupo, na conversa anterior informara sua saída em 1978, quando ocorreu a formação do MNU. Entretanto, em nova entrevista ao ser novamente questionado a respeito arrumou-se na cadeira, sorriu e disse: “para *mim* responder isso deveria de me lembrar de quando começou minha loucura”. Depois oscilou que deveria ter

---

<sup>55</sup> Ator negro, residente em Porto Alegre, com uma trajetória no cinema e teatro.

sido por volta de 1977 e 1978, tendo em vista que de 1974 a 1976 cursava Teatro, deduzo que a “loucura” se relacione com o abandono do curso. Em sua avaliação sobre o movimento negro contemporâneo apresenta uma leitura que indica que mesmo afastado permaneceu atento aos desdobramentos.

Então surgiu um único movimento que é o movimento negro e esse Movimento Negro Unificado uniu todos eles. E ele era o quê? Ele precisava de uma crítica. O Movimento Negro Unificado teve o seu valor, mas era um movimento que selecionou os negros, ou seja, eram negros elitistas, elitizados culturalmente que passou a se apresentar como uma verdade absoluta. Só eles. Pensavam: “Só o que nós falamos é o verdadeiro”. Então aquele negro que falava com dificuldade, que era de outros movimentos, deixou de participar e, muitas vezes, era até ridicularizado dentro do grupo (...) então, eu se participo de um movimento elitista tenho que saber entender esse negro e saber dialogar com ele e de uma forma democrática explicar para ele que a coisa não funciona assim. Que não é bem assim como ele pensa, que isso são lavagens cerebrais que passaram para ele e ele acredita nesses tipos de coisas. Então, muitas vezes, até querem fugir da identidade, querem fugir da questão até do próprio negro. Por exemplo, eu tenho um sobrinho que é procurador da fazenda, nunca participou de movimento nenhum, nunca participou de nada e hoje ele tem uma identidade branca, ele não é negrão, ele é negrão só na cor, mas ele se identifica com outro movimento que nega isso, que nega a própria origem dele.

Ao se analisar o testemunho de Luiz Ribeiro, deduz-se que o Grupo Palmares obedecia, em sua formação inicial, a um grupo de negros que possuíam ou frequentavam cursos de nível superior e, portanto, no contexto da época correspondiam também a um grupo de elite. Direito, Arquitetura, Jornalismo, Letras e Teatro faziam parte do universo profissional dos componentes do Grupo Palmares. Sob esse prisma, o Grupo Palmares obedece à formação característica de outros grupos da década de setenta, como abordado no trabalho realizado por Pereira (2010) sobre o movimento negro contemporâneo.

Dois aspectos devem ser ressaltados na trajetória de Luiz Ribeiro que se tornam significativos para a compreensão de seu entendimento acerca do movimento negro. Em primeiro lugar, o contexto histórico da década de setenta, a emergência da polarização entre direita e esquerda e a experiência do que representou a ditadura militar na formação política dos jovens

universitários dessa época. Portanto, o movimento negro, que se constituiu naquele período, possuía uma inspiração, ainda que inconscientemente, nos modelos vigentes de revolução socialistas. Pereira (2010) esclarece que muitos militantes do MNU, especialmente de São Paulo, eram oriundos da Convergência Socialista, organização de esquerda que mais tarde integrou-se ao Partido dos Trabalhadores. Nestes termos, as formas de organização constituíam possibilidades de afastamento ou aproximação.

Sabe por que eu não participei mais? Tu não podes ter um movimento que não caminha, movimento estático e que as informações fiquem apenas para mim e para ti se intelectualizando a vida inteira. Para mim não serve se ficar só entre quatro paredes, entre quatro paredes só sexo, agora o resto tem que sair. Esse movimento não saía. Eram muitas pessoas discutindo questões e se *intelectualizar*. Esse grupo [MNU] juntava intelectuais e discutiam: vamos discutir Lima Barreto, discutiam tudo sobre o Lima Barreto, até sobre o suspiro de Lima Barreto se foi em dó ou em ré. Mas e aí? Vamos discutir Lima Barreto? Vamos discutir, mas vamos fazer o seguinte: vamos levar para uma escola e chegar e dizer: Pessoal, queremos dar uma aula sobre o Lima Barreto ir lá e mostrar para a comunidade ou então não tem validade, só que eles não tinham cacife para isso.

Percepção semelhante a de Antônio Carlos Santos, o “Vovô”, fundador Bloco Ilê Aiyê, criado em 1979, na Bahia, que, segundo sua opinião, as reuniões promovidas pelo movimento negro não contribuíam para ampliação da base dos representantes do movimento. Considerava que as discussões eram essencialmente teóricas e com uma linguagem que afastava ao invés de aproximar segmentos de fora do meio acadêmico. Defendia que através das ações do bloco com o apelo popular foi possível reunir mais pessoas e “passar as informações” por intermédio de uma linguagem que fazia sentido ao perfil dos integrantes, pessoas com baixo nível de escolarização ou analfabetos, com dificuldade de acompanhar o debate intelectual do MNU. (PEREIRA, 2010).

Na trajetória específica de Luiz Ribeiro, detecta-se o ingresso no Curso de Economia da PUCRS, onde se aprofundou nas concepções marxistas sobre a luta de classe. Possivelmente, isso possibilite compreender porque não relativiza a importância do conhecimento para compor uma contranarrativa. A fala deste insiste na necessidade de difundir esse conhecimento sobre uma

determinada condição para, desse modo, provocar uma tomada de consciência, como foi o seu próprio caso. Este não considera que esse conhecimento talvez não estivesse “pronto”, analisa sempre a partir de si próprio, sem levar em conta as experiências que teve no meio acadêmico, com as teorias de Marx (Curso de Economia) e o existencialismo de Sartre (Curso de Teatro). É provável que sua trajetória o colocasse numa condição diferenciada com relação à maioria da população negra e até mesmo de outros “quadros” do movimento negro da época.

As disputas entre os conceitos de raça e classe permearam a história do movimento negro nas últimas décadas. Entre os anos de 1930 a 1970 a noção de raça foi abandonada pelo conhecimento científico. No Brasil, isso ocorreu em favor da adoção da ideologia da democracia racial. Segundo Guimarães (2001), somou-se a isso o fato que a partir de 1960 muitos militantes do movimento negro aderiram as ideais do socialismo, acentuando a importância da luta de classes. Nessa conjuntura entende-se que a perspectiva adotada por Luiz Ribeiro corresponde a um debate da época.

Embora o movimento negro sempre tenha clamado por autonomia, na prática nunca se consolidou. Especialmente dentro Movimento Negro Unificado (MNU), a discussão da relação entre o movimento e os partidos políticos, com relevo aos identificados como de esquerda, sempre fizeram parte da organização, inclusive com cobranças de ordem financeira àqueles militantes que possuíam mandatos eletivos para custeio da própria organização<sup>56</sup>. Durante o tempo de minha participação no MNU, a discussão sobre o apoio a determinadas candidaturas negras e as orientações da Coordenação Nacional do MNU em cada processo eleitoral sempre estiveram na ordem do dia e referendam o entendimento de autonomia como um valor utópico.

Entretanto, Oliveira Silveira parece ter efetivamente praticado essa autonomia plena. Tal fato lhe colocou numa zona de fronteira tensa, conflituosa em relação a outros militantes e organizações como, por exemplo, o próprio MNU. Contudo, as observações feitas neste trabalho sugerem que houve uma mudança significativa na forma como esses mesmos atores passaram a

---

<sup>56</sup> Dois exemplos de militantes com mandatos eletivos: Jurema Batista, foi vereadora (de 1997 a 2002) e também deputada estadual (2002 a 2006); e Luiz Alberto deputado federal pela Bahia desde 1997. Atualmente não sei informar se ainda são militantes do MNU.

interpretar a atuação política de Oliveira Silveira, particularmente depois de sua morte.

Na avaliação de Luiz Ribeiro é impossível pensar a trajetória de Oliveira Silveira dissociada do movimento negro, pois, para aquele, falar do militante e do poeta é falar da questão do negro, da questão racial: “O grande legado de Oliveira foi ao movimento negro”. Luiz Ribeiro afirma ainda que Oliveira foi uma pessoa que não se envolveu com aquilo que ele chama de política organizada. Mas reconhece que isso não significa negar a dimensão política de sua trajetória, “afinal tudo é política”. Mas, o que Luiz Ribeiro procura ressaltar diz respeito ao fato de Oliveira Silveira não se envolver com os partidos políticos. “Ele era uma pessoa que trabalhava a poesia, trabalhava também a música de origem africana.” Luiz Ribeiro participou de reuniões na casa de Oliveira Silveira com grupos de músicos que se dedicavam a pesquisar as origens das músicas africanas e como essas influências haviam chegado ao Brasil. Oliveira Silveira foi neste contexto chamado de “culturalista”, o que para alguns integrantes do movimento negro era um lugar menor na luta contra o racismo. Para Cunha (2000), essa questão emergiu do acirramento das discussões dentro do movimento, quanto às duas frentes colocadas: uma de organizar o movimento e outra de mobilizar a população negra para a questão racial. Nessa época os usos da cultura negra eram estratégias amplamente discutidas e acabaram gerando uma polarização entre aqueles que concentravam seus esforços na construção de espaços reconhecidos como políticos e os que acreditavam em investir nas práticas culturais como campo de atuação política. A literatura era, então, uma das tantas ferramentas acionadas nesse contexto de mobilização.

O relato de Luiz Ribeiro enfatizou o fato de Oliveira Silveira ter sempre defendido a especificidade do movimento negro, ideia com a qual compartilhou. Para ambos, o movimento negro deveria ter uma luta independente das organizações partidárias. Na sua avaliação, o enfraquecimento das organizações negras surgiu da cooptação por parte dos partidos, dos militantes mais expressivos da época, começaram a se tratar assim: “os negros do PDT, os negros do PT, os negros do PMDB e assim por diante”. Em sua opinião isso representou um retrocesso.

Os partidos começaram a se aproveitar desses movimentos que cresciam, tratavam da sua especificidade, conquistavam algumas coisas, muitas coisas. As cotas, por exemplo, já era discutido, isto é, a participação do negro na sociedade e o Oliveira foi um dos caras que mais atentou para esse tipo de problema, por isso que ele disse: o negro tem que avançar dentro da sua especificidade que é o movimento negro. E os partidos, o que fizeram? Os partidos tentaram enfraquecer o movimento com o surgimento de antagonismos.

Luiz Ribeiro fez questão de enfatizar que Oliveira Silveira nunca adotou um viés político partidário, ou seja, o poeta negou-se a ser cooptado pelos partidos políticos. Ele nunca se declarou “eu sou de partido tal” e segundo esse interlocutor era isso que as pessoas queriam ouvir: “Oliveira defendia a sua bandeira dentro do movimento negro, em cima das raízes da cultura negra.” O que, em sua opinião, não descaracterizava como uma ação política, pelo contrário. Só pela coragem de uma escolha, seja pelo caminho da poesia, seja pelo caminho da militância dentro no movimento negro.

#### 4.3.2 Ronald Augusto – *Muitos e Poucos*<sup>57</sup>

Muitos os homens-trânsito  
poucos os homens-sinal.  
Muitos os homens-busca  
poucos os homens-setas.  
Muitos os homens-olhar  
poucos os homens-estrelas  
muitos os homens-rebanho  
poucos os homens-zagal.  
Muitos os homens-barco  
Pouco os homens-bússola.  
Muitos os homens-viagens  
poucos os homens-caminho

Na continuidade da conversa houve o deslocamento do universo de interlocução. A referência de Luiz Ribeiro sobre Oliveira Silveira foi a partir da militância no movimento negro, embora tenha participado de espetáculos teatrais, o pano de fundo de sua interlocução/convivência com Oliveira Silveira refere-se à consolidação de sua “consciência negra”. Por sua vez, Ronald Augusto construiu outro percurso que se relaciona de forma preponderante

<sup>57</sup> Poema de Oliveira Silveira publicado pela primeira vez em *Praça da Palavra*. Republicado na obra póstuma de Oliveira Silveira, *Obra Reunida* (2012).

com a dimensão da “festa do intelecto”, como este denomina a poesia. O texto a seguir indica o lugar de Oliveira Silveira na trajetória de Ronald Augusto e as ideias apresentadas ao longo da entrevista.

Na origem todos nós somos, por assim dizer, as ramificações, os desvios dessa complexa árvore Oliveira. Isto não nos causa o menor embaraço, pelo contrário, tal influência nos qualifica a participar intensamente da “festa do intelecto” que é a poesia. A riqueza leonina de sua trajetória poética permeia e orienta boa parte das nossas específicas propostas de linguagem, inclusive, as que, por um benéfico sentido de irreverência, parecem bater de frente com aquelas lições de poesia assimiladas a partir do contato com sua obra. A obra orgulhosa de um poeta, ou melhor, de um homem que como “*você sabe uma faca abrindo fendas/na carne um raio um terremoto um mar*”.<sup>58</sup>

A afirmação inicial de Ronald Augusto foi de Oliveira Silveira como uma representação importante e com reconhecimento extensivo por parte de outros escritores negros. Em sua avaliação esse fato independe da filiação ao movimento negro. Exortou que, no caso específico, Oliveira Silveira é uma referência estética e afetiva. Travaram conhecimento, em 1979, quando Ronald Augusto fez um movimento de aproximação, dedicando-lhe um poema, pois sentia também uma inquietação que o acompanhava desde o início de sua prática literária ao participar de eventos e encontros em Porto Alegre:

Eu olhava em torno e não via nenhum escritor negro, então eu comecei a pensar será que não tem nenhum escritor negro atuando em Porto Alegre? Como é isso? Então eu ficava nessa inquietação porque eu me sentia, quer dizer, eu sentia essa necessidade de encontrar um *igual* no campo da literatura, mas *igual* também que eu me identificasse em termos de identidade. Do *ser negro*. E foi aí que eu encontrei o Oliveira, eu falei: tem um escritor negro além de mim...

Ao se aproximar de Oliveira Silveira, Ronald percebeu que este não era apenas um escritor negro, mas também tinha uma expressiva atuação junto às organizações do movimento negro e seu trabalho associava-se a tudo que dizia respeito às complexas relações que envolviam a negritude no Brasil. “A

---

<sup>58</sup> Esse texto foi escrito por Ronald Augusto em 1995 para a Miniantologia da Revista Negra, um encarte da revista *Porto e Vírgula*. Encontra-se reproduzida no final do texto que apresenta a Obra Reunida de Oliveira Silveira, organizada por Ronald Augusto e publicada pelo Instituto Estadual do Livro: Corag, 2012.

perspectiva de atuação do Oliveira era mais nas áreas culturais: da poesia, da literatura, das manifestações populares, tanto na cidade de Porto Alegre como lá em Osório, no Maçambique<sup>59</sup>, ele pesquisava isso também”.

Nesse momento da conversa, Ronald Augusto verbalizou aquilo que o havia inquietado anteriormente quando se mencionou que Oliveira Silveira era visto como uma pessoa que apresentava uma limitação política para alguns integrantes do movimento negro. A voz adquiriu uma entonação grave, quase irritadiça, de quem faz um esforço para convencer do equívoco de avaliação feito a Oliveira Silveira. Observa-se que embora transitem por universos de sentidos díspares entre si, Ronald Augusto e Luiz Ribeiro têm compreensões semelhantes sobre a relação estabelecida pelo intelectual com os partidos políticos.

A questão dessa tal dessa limitação dele é uma falácia, e é uma perspectiva parcial de perceber a importância dele politicamente, porque o Oliveira tinha essa opção de ter certa autonomia, certa não, autonomia mesmo de não misturar as coisas. Porque naquela época notávamos: os movimentos negros quando estavam associados aos partidos, as discussões ficavam em segundo plano. Porque a perspectiva partidária era sempre, digamos pelo menos de esquerda, de chegar a uma situação de igualdade social, mas a igualdade racial não vinha junto, isso não existia. Então ele percebia isso, muitos percebiam isso, embora ele tivesse uma interlocução com pessoas ligadas ao movimento negro, ligadas aos partidos e ele mantinha e sempre manteve uma autonomia. Isso se refletia até na produção [literária] dele.

Esse conceito de autonomia que tantas vezes permeia as narrativas sobre Oliveira Silveira precisa ser contextualizado na perspectiva de construções feitas da pessoa-personagem Oliveira Silveira. As discussões apresentadas na Introdução deste trabalho, concernentes ao lugar do indivíduo em face de um contexto de experiência cultural, precisam ser evocadas como possibilidade de leitura.

---

<sup>59</sup> O *Maçambique* ocorre na cidade Osório, litoral do Rio Grande do Sul, é uma espécie de autopopular de natureza religiosa, com o qual os negros prestam as suas homenagens aos santos da devoção católica negra, tais como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, expressas por meio dos ritos da Igreja Católica e da percussão dos tambores, dos cânticos e das danças de matriz africana.

No âmbito deste trabalho, compreende-se a autonomia de Oliveira Silveira como uma descrição analítica, como uma forma de explicar e significar um conjunto de práticas e ações que definem o fazer intelectual desse sujeito. Tal autonomia não exclui a interlocução contínua e intensa com militantes negros vinculados aos partidos políticos. Portanto, fala-se de autonomia relativa e do caráter de ambivalência que esta carrega. No bojo dessa autonomia, Ronald Augusto salienta o fato de Oliveira Silveira sempre ter publicado seus livros de forma independente, condensando as atividades de escritor e editor. Esse isolamento na produção vinculava-se exclusivamente à questão da publicação, pois como o próprio Ronald Augusto destaca em seu texto, Oliveira Silveira era uma “complexa árvore”. A intensa troca de cartas com outros escritores e as influências estéticas assumidas pelo poeta corroboram com essa dimensão coletiva de seu trabalho.

Já nos últimos anos de vida dele, mais porque eu tinha contato com pessoas ligadas ao município, a cultura, eu propus o nome dele para entrar em uma coleção que era financiada pelo município, uma coleção de poesias. Acho que, por eu estar envolvido, ele topou porque acho que ele não toparia se fosse outra pessoa que propusesse o nome dele para ser publicado pelo município.

Considero importante esse relato porque apresenta uma premissa presente no horizonte desta interpretação, a saber, de não conceber a essa trajetória como algo que transcorre numa mão única, ou seja, como se ele fosse apenas a referência. A condição de “árvore” dá a Oliveira Silveira ainda a condição de raiz, tronco e galhos<sup>60</sup>. Ronald Augusto não se coloca e talvez não fosse colocado num patamar hierárquico, mas em uma relação de trocas e interações, característica destacada por Ronald Augusto para definir a humildade e o respeito na atuação de Oliveira Silveira como ativista negro.

E ele mesmo em vida quando falava sempre dizia: eu fazia parte do Grupo Palmares, claro ele era o líder, mas ele nunca gostou de reter para ele esse galardão: fui eu. Primeiramente, ele tinha uma humildade de uma pessoa inteligente, não aquela humildade que também não serve para nada. Ele tinha essa relação de respeito, respeitava os pares dele que também participaram. [da criação do

---

<sup>60</sup> Em diferentes depoimentos de Oliveira Silveira, observa-se uma postura ética no agir, ao citar os nomes completos ou nomes artísticos dos parceiros de trabalho.

Vinte de Novembro] Claro, foi tudo produto de uma discussão, de um trabalho em grupo, coletivo para chegar nessa data. Então, eu acho que ele tende a ficar na história assim: como um cara que propôs o Vinte de Novembro.

Como pontos comuns, ambos concebem a poesia como espaço de liberdade e autonomia, embora Ronald Augusto tenha feito questão de ressaltar a qualidade estética do trabalho de Oliveira Silveira e a relação umbilical deste com o movimento negro.

No desenvolvimento da entrevista, percebia-se nítido desconforto de Ronald Augusto quando se trazia à tona a questão do movimento negro. Elaborou-se uma questão quanto à relação deste com o movimento além do diálogo estabelecido com Oliveira Silveira. Ao que informou ter sido sempre marcada pela controvérsia de quem mantinha “um pé atrás”, reconheceu a falta de um apetite muito grande em termos de luta política, apesar de não lhe destituir a importância. Lembrou que, na década de oitenta, quando estava em contato mais direto com o movimento, sentia forte cobrança. Isso ocorria devido ao fato de nunca ter encontrado espaço para pensar ou agir de uma forma diferente, ao participar de alguma discussão sem se expressar no “dialeto familiar” sentia-se excluído, que não era bem acolhido, como se estivesse sendo policiado: “Esse cara é meio... Ou como já te falei culturalista, ele é meio frouxo, ele não é muito aguerrido. Eu tive a sensação do movimento negro como algo muito fechado e sectário, isso que me espantava.”

Considerou que a autonomia do poeta era em si uma postura política que muitos não conseguiram avaliar. Segundo a construção de Ronald Augusto, havia, na verdade, uma ambivalência na questão, pois de um lado as pessoas reconheciam que não existia “o” movimento negro, mas diversos movimentos negros, os quais pressupunham diversas formas de luta, entretanto, criticavam-no e a Oliveira Silveira pela postura diferenciada:

Mesmo os que não eram ligados a um partido mencionavam o Oliveira e a mim e a outros como os culturalistas em um tom pejorativo: “eles trabalham com a cultura”, não viam essa atividade, digamos, cultural com uma utilidade que pudesse ter uma dimensão política, uma concepção política nessa atuação. E tem. Sabemos que tem, isso é uma visão sectária, uma visão estreita da atividade política. (grifo nosso)

Ao longo da entrevista, procurou-se compreender de que forma se dava, em termos práticos, a aproximação entre Oliveira Silveira e Ronald Augusto, haja vista, a sua negação de militante, conclui-se que eles sempre estiveram próximos, embora esse interlocutor sempre tenha tangenciado essas organizações. Afirmou, inclusive, ter participado indireta e principalmente do grupo *Semba* como poeta convidado, além dos debates em torno da *Revista Tição*, sem ter escrito para esta publicação.

Eu me aproximava porque queria encontrar outros negros, porque é uma questão que me interessa, isso faz parte da minha experiência de vida. Então, eu participava com aquela distância que sempre gosto de preservar, uma distância suficiente para não interferir com o meu trabalho com a literatura. Não que minha literatura não possa tocar nisso, mas acho que ela tem que ter uma autonomia para, inclusive, falar dessas coisas, tocar nessas questões: preconceito, identidade negra, da não identidade, das identidades. Então, eu sempre mantive uma distância.

O momento da organização das entrevistas propiciou uma série de reflexões, em especial, aquelas apontadas por Bourdieu (1996) referentes à pertinência do uso das histórias de vida e do tratamento metodológico requerido para ser entendida como meio, não como fim, na busca de sentidos atribuídos a uma trajetória. A maneira de Ronald Augusto apresentar fragmentos de sua trajetória de vida referenda que não se pode pensar num sentido lógico e linear da trajetória de um sujeito. Esse interlocutor mantém em toda a entrevista o caráter ambíguo da sua experiência como poeta e como homem negro. Transita o tempo todo entre a afirmação e a negação, como, por exemplo, ao dizer ter sido a *distância* que o levou a se *aproximar* de Oliveira Silveira.

Oliveira também mantinha uma distância, então, por isso, *que* eu me aproximei também a ele. Ele sabia valorizar o aspecto da literatura, sempre soube. Para mim, ele tem a licenciatura de um grande intelectual negro, mas ele sabia que a própria literatura dele, deveria manter uma autonomia para que ela se sustentasse essencialmente como literatura, como arte.

No depoimento desse interlocutor pode-se perceber o lugar donde olha para Oliveira Silveira, isto é, a partir do universo da arte. Ronald Augusto embora não negue o militante, a identidade que sobressai é mais a do poeta em contrapartida ao do ativista negro. No transcorrer da entrevista, ratificou inúmeras vezes sua luta para que Oliveira Silveira seja reconhecido como um grande poeta. Nesse contexto, estabeleceu uma comparação entre Oliveira Silveira e Luís Gama, salientando que o último foi um grande escritor, entretanto, a memória vigente seja do advogado e abolicionista: “o cara negro que libertou um monte de escravo”. Para Ronald Augusto, a poesia de Luís Gama deixa de ser mencionada como deveria ser: “o poeta é quase um decoração, como se fosse um brilho que se joga em cima da personalidade Luís Gama.”

Sob esse aspecto, reiterou que defenderá sempre para que Oliveira Silveira não seja reduzido a ser apenas o proponente do Vinte de Novembro, por notar ser essa a tendência que predomina. Acerca disso, quis que eu expressasse minha opinião, ao que ponderei que, tendo em vista as observações realizadas até aquele momento, concordava com sua colocação. Então, prosseguiu:

Eu vou sempre reforçar que ele é um grande poeta, sem com isso dizer que é secundário ou menor do que dizer que ele é um grande intelectual negro. Não quero diminuir a importância absoluta do Vinte de Novembro, da data, das discussões em torno disso, da conquista que é ter uma data oficial. Claro que isso não termina uma luta, mas isso é importante é uma etapa que se cumpre. Mas pra quem se envolve com literatura, claro que é inegável que ele não pode ficar em segundo plano como poeta.

Dentro dessa mesma perspectiva, Ronald Augusto questiona os usos por assim dizer que o movimento negro e alguns escritores negros sempre fizeram e ainda fazem do papel da arte como instrumento de luta.

Esse pessoal da geração do Oliveira é, em relação a mim, vinte anos mais velho. O Cuti<sup>61</sup>, o Semog,<sup>62</sup> a própria Conceição Evaristo<sup>63</sup>. Eles

---

<sup>61</sup> Luiz Silva (Cuti), natural da cidade de Ourinhos, São Paulo, é poeta ensaísta e escritor. Participou da fundação do jornal *Jornegro* e *dos Cadernos negros*, publicação de contos e poesia e também fundador do *Quilombhoje*, grupo paulistano de escritores.

são desse período, que pegou as décadas de setenta e oitenta. Formam-se na década de setenta. Eles têm uma pressão das questões políticas e ideológicas, digamos assim, muitos desses autores da geração do Oliveira, e é, por isso, que ele se diferencia também, eles têm uma ideia da poesia e literatura como ferramenta de luta.

Portanto, no entendimento do crítico, a poesia feita por poetas negros não pode ser vista apenas como mais uma ferramenta para mudança social. Assegura que essa dimensão está contida na experiência de Oliveira Silveira, mas não se resume tão-somente a esse caráter.

Na opinião desse interlocutor, Oliveira Silveira, além de militante, preocupava-se com questões de natureza estética, diferente desses outros autores anteriormente mencionados, os quais, quando essas discussões eram levantadas, rotulavam como “coisa de branco”.

Mas isso não é uma questão de branco, artista é o artista não importa ser branco, negro. Então, tem elementos estéticos que ele não pode negar. Oliveira também tinha essa noção, tinha essa percepção. Então são esses autores que eu digo que vão ficar, para que eles fiquem é preciso que [a] literatura que eles fazem seja abordada também por esse aspecto. Se for abordado sempre pelo aspecto do testemunho: o negro dentro de uma sociedade racista, abordado sempre no aspecto de: o negro que afirma a identidade, essa literatura vai estar só a serviço de algo que é exterior. Ela não pode ficar refém disso.

Crítica semelhante ele faz aqueles que leem a poesia dele como uma vertente afro-gaúcha<sup>64</sup>

Eu não nego, até falo que negar seria um absurdo, mas eu acho essa vertente também é uma possibilidade de leitura e o trabalho dele também não se resume a isso. Existe essa vertente, mas acho que

---

<sup>62</sup> Luiz Carlos Amaral Gomes, pseudônimo *Ele Semog*, nasceu em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, participou dos grupos Garra Suburbana e Bate-Boca, voltados para o estudo e a produção da poesia afrodescendentes. Em 1977, integrou as antologias *Incidente normal* e *Ebulição da Escrivatura*.

<sup>63</sup> É uma expoente da literatura brasileira e afro-brasileira, Conceição Evaristo tornou-se também uma escritora negra de projeção internacional, com livros traduzidos em outros idiomas. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo Quilombohoje, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos Negros*, além de uma coletânea de poemas e dois romances.

<sup>64</sup> Ronald Augusto encontrava-se num embate direto com Oswald Camargo que prefaciou a publicação de 2009 de Oliveira Silveira e identificou sua poesia com essa forte tendência afro-regional.

ela não é pitoresca, não é folclórica. Ele trabalha com isso, mas que ele recria, ele não faz um regionalismo naturalista. Eu até associei ele ao Joao Cabral que é um poeta que também incorpora elementos do regionalismo, do nordestino, do mundo pernambucano. Mas a poesia dele não se resume a isso e tu vai olhar a poesia do Oliveira tem uma riqueza absurda, tem vários momentos da poesia dele e perspectiva de linguagem que vão mudando e variando. No primeiro livro dele, essa vertente não aparece, que é o *Germinou*, os poemas são quase universalistas. Depois ele escreve poemas com regionalismo, até livros completos. Se tu olhas um livro, dentro tu vêes que ele vai alternando, não tem só o regionalismo. Então, acho que é mais uma riqueza de linguagem que ele apresenta na poesia. No final da vida ele faz um baita livro de poemas que é o *Bandone do Caverá*, que é muito bonito. Tem esse assento regional, inegavelmente, mas tem um tratamento com uma linguagem que não é ingênuo. É uma conquista de linguagem. Ele não usa simplesmente como se fosse, por exemplo, condenado a escrever desse jeito, ele opta por escrever daquela maneira, é uma forma de linguagem que ele escolhe levar adiante.

Ronald Augusto procura apresentar uma síntese de como concebe a literatura de Oliveira Silveira.

Para mim o que diferencia a poesia do Oliveira não é nem o regional, nem o fato de tematizar, até porque ele é um grande escritor, um grande escritor se diferencia porque tem um texto importante. Claro, nesse conjunto de um texto literário de qualidade *entram* também a questão do negro, também a questão do regional, mas isso que eu chamo de algo secundário, dá mais um tempero para essa estética que ele tem. Se ele não tiver a qualidade literária não vai adiantar ele simplesmente ter a diferença do negro. O termo de afirmação do negro, e nem a afirmação de certo regionalismo, não vai adiantar, tem que ser um texto que esteticamente se sustente. Têm vários escritores negros, mas poucos vão ficar porque é assim naturalmente na literatura, poucos vão se tornar autores de referência, mas esses poucos que vão ficar eles vão se afirmar por ter uma qualidade literária importante. O Oliveira vai ficar. Talvez fique o Cuti, talvez fique o Ricardo Aleixo<sup>65</sup>, talvez fique a Cidinha da Silva<sup>66</sup>, poetas e autores que tenham a qualidade de texto junto com isso, claro, tem outras coisas.

Relatou a respeito dos encontros de escritores negros de que participou na cidade de São Paulo, lá percebeu que os escritores paulistas eram mais

---

<sup>65</sup> Poeta, natural de Minas Gerais, publicou pela primeira vez em 1992. Integra a nova geração da literatura negra.

<sup>66</sup> Integra também o grupo da nova geração de poetisas, traz em sua produção, além da preocupação da identidade racial suas poesias incorporam as questões de gênero. É natural de Belo Horizonte, mas, está radicada na cidade de São Paulo, onde publica as poesias nos Cadernos Negros.

orgânicos dentro das organizações do movimento. Por outro lado, havia um empobrecimento do debate em termos de literatura, contou-me que participou de um desses encontros junto com Oliveira Silveira e voltou um pouco decepcionado, pois embora lá não estivesse forte o pejorativo de “culturalistas, Ah! O pessoal da literatura”, assim como no sul do país, percebeu que lá as demandas dos escritores negros eram similares as do movimento negro. Citou, a título de exemplo, o escritor paulista Cuti, reconhecido nacionalmente como escritor e como militante do movimento negro, o qual também julgava estética literária “coisa de branco”.

Nesse colóquio, Ronald Augusto também relatou da época em que morou em Salvador, onde a divisão era semelhante ao que acontecia no Rio Grande do Sul. Contou com detalhes de um evento do qual participou na Universidade Federal da Bahia em que cada escritor fazia um depoimento e lia alguma coisa de sua produção literária. Quando o debate foi aberto, levantou-se um militante do movimento negro de Salvador, acusando todos os escritores de alienados por não contribuírem com nada prático para a mudança social, para a condição do negro. Quando terminou de falar, Cuti jogou sobre a mesa os originais de seu livro *E disse o velho militante...*<sup>67</sup> e complementou: “Está aqui, isso aqui é trabalho”.

Então a atividade dos escritores negros - dentro desta discussão do movimento negro - para esses representantes, digamos, mais tacanhos do movimento negro era algo frívolo: *eles são escritores, estão falando de coisas abstratas*, estão fugindo da realidade. Mas, na verdade, a literatura é um lugar onde a gente olha a realidade. De certa maneira, a realidade não está ali, então essa é a questão. Esse tipo de discurso militante sectário enxerga a literatura como uma janela para o real. Quando não é. Não dá pra ver o real através da literatura, tu até podes ver, mas o real aparece todo distorcido. Se a gente quer falar da realidade de um jeito mais contundente, mais eficiente para uma mudança social tem que falar através da Antropologia, através da Sociologia, da História, mas a Literatura ela pode evidentemente colaborar com isso, mas não vai ser por ali que, a transformação efetiva vai se dar. Eu tenho essa noção. Pode até ser que alguém me prove o contrário, aí eu vou reconsiderar. Não é através da literatura que tu vai mudar as coisas, ela é um caminho que esta disponível...

---

<sup>67</sup> Trata-se do livro publicado por Cuti, cuja história é a de José Correia Leite, militante da Frente Negra Brasileira.

Nesse contexto, a Ronald Augusto foi perguntado se acreditava na possibilidade de uma literatura negra, se era adequado esse rótulo de escritor negro que muitos críticos usam para qualificar ou desqualificar o trabalho de Oliveira Silveira. Afirmou que se trata de uma questão permanentemente aberta e, por isso, todas as respostas terão sempre o caráter provisório. Relatou a importância de sua antologia, por intermédio da qual é possível conhecer a diversidade temática do autor.

É isso que eu acho de mais importante nessa obra completa dele porque ali tem tudo do Oliveira. Tu vai encontrar poemas negros, poemas que não são negros, poemas de amor, que são poemas universais que falam sobre a morte. Mas quando se faz uma antologia, muitos só querem saber dos poemas do Oliveira sobre a temática negra. Então, esse que é o problema, quando se coloca uma literatura negra como uma espécie de guarda-chuva onde os produtores, para se afirmarem tem que ficarem de baixo desse guarda-chuva. Torna-se uma espécie de senzala temática.

Para esse interlocutor a liberdade como processo de criação é negada nessa *senzala temática*, pois entende existirem várias formas de enunciar o “eu negro” que ultrapassam os temas recorrentes como religião, escravidão, samba, oxalá etc. Ronald Augusto se questiona: “Se o poeta não fala dessas coisas, então, ele não é um poeta negro?” Em sua opinião, não há uma identidade, há identidades e inúmeras possibilidades, todas difíceis de definir, todas cambiantes.

Na introdução do livro *Obra Reunida* (2012), Ronald Augusto discorre sobre a produção de Oliveira Silveira, comparando-a como uma obra bifurcada em “duas águas”. Mas a duplicidade não é entre o afro e o gaúcho, reside numa relação ambígua entre as condições de tempo-espço, nas quais o poeta se encontra e no compromisso com a própria arte. Enquanto linguagem descompromissada com esse mesmo tempo espaço, ainda assim se encontra a mesma crítica.

Não obstante o que Oliveira tenha feito a vida toda deva ser chamado de – pausa para a palavra a seguir – arte, ainda restam aqui e ali, análises e intervenções que insistem em colocar sua criação artística a serviço de causas e “compromisso históricos”. Pode-se argumentar que o que vem após a palavra *arte*, isto é, “matriz africana”, “negra”, “gaúcha”, é que rende assunto a essa espécie de “fogo amigo”. Pode

ser. Na verdade, tudo que vem depois da palavra supracitado não é irrelevante, mas apenas secundário.

O próprio Oliveira Silveira quando questionado sobre essa “duplicidade” em sua obra se manifestou da seguinte forma na entrevista concedida em 2004 para o Projeto Mocambo:

E foi uma conciliação que acabou se tornando possível em face das vivências mesmo. Claro que o regional está na minha essência, porque eu sou do meio rural, tem essa convivência a linguagem. Quando eu comecei a ampliar para uma literatura mais universalista eu fui tomando contato com as escolas modernas, mas vendo que era possível ser regional e moderno. Fazer um poema com verso lírico sendo regional, e admitindo e reconhecendo que o importante é a autenticidade do texto. E ele se realizar plenamente da forma que ele mesmo propõe e, às vezes, é uma forma bem tradicional com métrica rigorosa com rimas e tal, às vezes a maior eficiência está ali em ele ser assim. Foram surgindo essas outras possibilidades a conscientização, a questão negra, o conhecimento a história tudo isso foi alimentando de modo que assim como eu escrevi sobre o negro no Brasil ou no mundo também escrevi sobre o negro no Rio Grande do Sul. Aí eu passei a conhecer a história da presença negro no Rio Grande do Sul e eu era detentor da linguagem, da linguagem típica gaúcha e eu passei a utilizar isso assim como a dimensão do social que aparece no meu trabalho. Então, pessoas que estudaram o meu trabalho que salientam muito isso de eu ter conciliado o regional com o negrismo.

Parece interessante estabelecer uma comparação entre ambos para se pensar como é complexo o processo de responder: quem é? Ou quem sou? Os significados atribuídos a determinados signos, as rupturas, os dissensos, a diversidade de formas de se autoidentificar e narrar sobre identidade revelam-se diferentes em Oliveira Silveira e Ronald Augusto (GILROY, 2007).

Ronald Augusto, ao final da conversa, parece estar consciente de que sua interpretação da obra de Oliveira Silveira não está de acordo com o pensamento deste. Comenta a defesa que o último fazia dos casamentos entre negros, cuja preservação evitaria que se acabasse com a população negra do país.<sup>68</sup> Ao lembrar-se dessa colocação, Ronald Augusto sorria por considerar a visão um pouco catastrófica, além de autoritária, como são todas as utopias, concluiu.

---

<sup>68</sup> O negro com a branca,/o branco com a negra,/sou filho disso aí/Gosto de papai/gosto de mamãe/ não gosto disso aí. Trecho do poema *Pé Atrás Inter-racial*.

Acredita ter sido alvo dessa censura por parte de Oliveira Silveira pelo fato de ter um casamento inter-racial embora nunca tenham conversado a esse respeito. Em sua avaliação, Oliveira Silveira dava grande valor as tradições e a família tanto que manteve laços afetivos muito fortes com a filha e o neto.

Relatou-me que na última vez em que esteve com Oliveira Silveira fora durante um evento literário em um *Mafuá do Malungo*<sup>69</sup>. Na ocasião, Oliveira Silveira já estava debilitado pela doença, apesar de nada comentar, era visível o estado alquebrado. Ainda assim, tocou violão e fez leitura de seus poemas surpreendendo os presentes que desconheciam suas habilidades musicais.

Ao final da entrevista, a conversa deslocou-se da figura de Oliveira Silveira propriamente e Ronald Augusto começou a relatar sobre diversos escritores negros com quem mantém uma rede de trocas e debate. Indicou obras da literatura negra que, segundo seu parecer, seriam relevantes para esta pesquisa. Sugeriu que iniciasse o contato com as pessoas a partir de seu perfil no *facebook*: “aí tu *vai* te tornando amiga dessas pessoas”. Informou que deveria encontrar com Naiara Silveira e Thales, filha e neto respectivamente de Oliveira Silveira, fornecendo inclusive o telefone desta e autorizando a revelar seu nome como referência. Avisou do interesse de Naiara, uma pessoa muito generosa segundo suas próprias palavras, de divulgar o trabalho e a memória do pai que, devido a isso, tem acolhido diversos estudiosos, principalmente aqueles que buscam conhecer o acervo de documentos. Ponderou sobre essa atitude: “Espero que ela encontre pessoas bacanas”. Frase que me causou questionamento do que seriam “pessoas bacanas”, mas, sem levar adiante essa observação.

A conclusão da entrevista versou sobre reconhecimento no meio acadêmico. Ronald Augusto relatou a situação a seguir envolvendo uma professora, sem citar o nome, do curso de Letras da UFRGS a quem tinha sido apresentado num evento acadêmico:

(...) Esse professor Eduardo de Assis Duarte<sup>70</sup> ele teve aqui no ano passado para fazer uma palestra sobre Machado de Assis para o pessoal de Letras da UFRGS, eu conheço ele e eu estava na mesma

---

<sup>69</sup> Segundo Ronald Augusto, trata-se de uma expressão africana de origem Banto e significa “Festa de Amigos”, sendo título de uma obra de Manuel Bandeira.

<sup>70</sup> Pesquisador da UFMG, especialista em literatura e afrodescendência.

época lançando a *Reunião* da poesia do Oliveira e eu falei: “Ah”, você vem aqui e ele falou: “Estou aqui em Porto Alegre”, falei: “vou aí assistir tua fala e já levo um livro para ti”, ele disse: “Ah, que ótimo”. Eu chego lá, ele vem e me recebe e fala comigo. Então tem uma professora, que é grande lá da Letras, que adora o professor Eduardo de Assis Duarte, mas não sabe nada de literatura negra. Ele veio falar comigo e como eu estou falando com ele, e ela o acha o máximo. Ela acha que eu sou importante. Aí ela me dá conversa, me dá atenção, então ele fala: o Ronald que organizou a obra do Oliveira Silveira, e ela: Oliveira Silveira? Não sabia quem era o Oliveira. Uma mulher da geração do Oliveira, que é professora de Letras! E ele falou: o Oliveira é um grande poeta. Eu não conheço, ela disse. Mas ela foi anotando, anotou o título do livro que eu fiz, o título da obra do Oliveira. Quando ela foi apresentar à mesa, ele falou: Ah, estamos aqui com professor Eduardo de Assis Duarte, e também aqui presente o Ronald Augusto, que fez uma reunião da obra do Oliveira Silveira, esse grande poeta. Ela falou como se fosse conhecedora, isso que é terrível, precisa da referência, da credencial do Eduardo que fez pós-doutorado, foi para os Estados Unidos falar de literatura brasileira. Aí ela presta atenção no Oliveira Silveira. Isso é terrível, mas, por outro lado, tem que usar como alavanca (...).

Por fim, Ronald Augusto como interlocutor transformou a entrevista em quase uma palestra, como se nas vinte quatro horas que o separaram do primeiro contato até a entrevista houvesse organizado o discurso sobre Oliveira Silveira. Ao invés disso, todos os relatos trazidos aqui foram produzidos na situação do encontro.

Este testemunho tangencia múltiplos aspectos através dos quais é possível pensar a trajetória de Oliveira Silveira, enquanto interpretação, enquanto narrativa discursiva, onde os sentidos são dados no contexto da narrativa. Questões em torno da articulação entre política e cultura, os dramas existenciais dos processos de identidade, as disputas em torno da memória de Oliveira Silveira, os conflitos com os quais o movimento negro se debate e, finalmente, as relações violentas de autoridade e poder expressadas no trecho final da entrevista.

#### 4.3.3 Edilson Amaral Nabarro – Haiti<sup>71</sup>

Grande o teu passado,  
célebre na história  
e que alto teu grito liberto  
até hoje movendo nossos braços

<sup>71</sup> Poema de Oliveira Silveira publicado no Livro *Roteiro dos Tântas* e reproduzido em sua obra póstuma.

num gesto altivo de lança em riste!  
 Haiti,  
 Sagrado no culto vodu,  
 heroico em Dessalines,  
 soberbo em Toussaint-Louverture,  
 “o primeiro dos negros”, Haiti!  
 Haiti,  
 meu verso quisera ser  
 ponta de lança e guizo de serpente  
 para expressar-te a ti!

Esse interlocutor datou sua entrada no movimento negro em 1977, período em que conheceu Oliveira Silveira. Ambos fizeram parte do grupo fundador da revista *Tiçãõ*. Edilson Nabarro contou que, na época era estudante de Sociologia, em virtude disso assumiu o papel de jornalista juntamente com outro militante e cuidavam da parte política da publicação. Na relação com a imprensa negra, conheceu a “grandiosidade” de Oliveira Silveira como pesquisador. Edilson Nabarro apresentou alguns pontos em comum com a percepção de Ronald Augusto, entretanto, sua narrativa sobre a trajetória de Oliveira Silveira está impregnada da atuação no movimento negro, como experiência comum a ambos.

O Oliveira foi muito mais que um poeta, ele foi um grande estudioso, ele andou por várias áreas. Ele era um intelectual pleno. Eu conheci o pessoal, um pouco familiar e acompanhei também toda a produção intelectual dele, na música. Então, a gente fazia muitas coisas... O Oliveira é o maior poeta negro do Brasil, eu dizia isso para ele. Ele dizia: “não, tem um poeta negro lá em São Paulo que *tem* 1,98cm”. Sempre que eu o encontrava eu dizia isso, em vida...

Diferente das visões de Naiara Silveira e Eliane Severo que serão expostas adiante, Edilson Nabarro entende que Oliveira Silveira obteve maior reconhecimento depois de sua morte, mas acredita que há muita coisa a ser revelada sobre Oliveira Silveira de suas produções inéditas. Defende que um levantamento mais sistemático referente a toda produção de Oliveira Silveira exige um apoio público. Em relação ao trabalho poético e à identidade gaúcha, considera que, embora a produção de Oliveira Silveira tenha inicialmente começado com a realidade do campo, em Rosário do Sul, é um poeta nacional de viés regional.

Ele é um poeta nacional de inspiração regional, com alcance universal porque a poesia negra tem alcance universal. É uma poesia que serve para todos os negros, é muito forte, é muito da terra. Uma análise poética dele não apenas como um poeta negro e sim um como negro poeta.

Essa percepção de Edilson Nabarro está próxima da perspectiva de cultura da diáspora negra, sugerida por Gilroy (2001), pois a trajetória de Oliveira Silveira aciona sentidos que dizem respeito a outras comunidades da diáspora. Na época da entrevista de Edilson Nabarro estava em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um curso de extensão denominado: *Lideranças Negras e Identidade Étnica no Rio Grande Sul (Século XIX- XX)*, um dos painéis era dedicado a Oliveira Silveira. Edilson Nabarro em tom de censura, devido à minha ausência no evento, relatou ter apreciado bastante a abordagem realizada por Ronald Augusto sobre a vida e obra de Oliveira Silveira. Salientou que esse palestrante, como apresentado anteriormente, também era poeta e Oliveira Silveira o influenciou e a toda uma geração de poetas.

Na avaliação de Edilson Nabarro, Ronald Augusto é mais literato e, por isso, capaz de fazer uma análise de Oliveira Silveira como líder negro, como amigo e como poeta. Segundo aquele, Ronald Augusto foi também influenciado pela dimensão humana de Oliveira Silveira e o estudou a ponto de ver a dimensão do *negro poeta* e não do *poeta negro*.

Vendo a versão do negro poeta ele está nos mesmos planos dos maiores poetas do Brasil. Aquele fato de caracterizá-lo como poeta negro parece que limita um pouco o alcance da sua alma, claro enaltece como poeta negro, mas *para* além disso toda a riqueza na questão poética, que não foi pouca coisa, e combinado com as outras produções que ele fez: no teatro, com música, literatura, contos. Ele liderou uma geração de poetas no Brasil com os *Cadernos Negros*. Então esta dimensão dele *para* além do movimento negro, *para* além do poeta negro enaltecido... E é interessante que agora já se reconhece um pouco do papel do Oliveira enquanto poeta regional, e ele apresentando o negro rural. O negro rural foi muito mal estudado e muito estigmatizado.

Para Edilson Nabarro, a relevância do trabalho de Oliveira Silveira extrapola o perfil de militante negro ao reclamar por uma identidade gaúcha. O poeta, portanto, também dá voz a categoria de negros rurais, uma dimensão

específica da identidade negra que, nas décadas de sessenta e setenta representavam uma parcela significativa da população do Rio Grande Sul, com sua identidade negra invisível na figura do peão.

Oliveira Silveira ao estabelecer um diálogo com folcloristas gaúchos contribuiu para reconfigurar o lugar da presença negra na identidade regional. Edilson Nabarro esclareceu que Paixão Cortês, por exemplo, valorizava muito a posição desse intelectual. Neste sentido, uma das primeiras homenagens póstumas a Oliveira Silveira ocorreu por sugestão da Estância da Poesia Crioula do Rio Grande do Sul e dentre os componentes da mesa estava Paixão Cortês considerado por Edilson Nabarro como um ícone do folclore gaúcho. Edilson Nabarro, por sua vez, participou da cerimônia discorrendo sobre a trajetória de Oliveira Silveira. No início da entrevista, a primeira atitude de Edilson Nabarro foi entregar o texto escrito para a referida ocasião, este salientava a característica do intelectual de manter-se fiel a sua origem.

Na narrativa de Edilson Nabarro, contudo, há uma crítica velada ao movimento negro de Salvador, cidade vista, inclusive por antropólogos, como o lócus por excelência da cultura negra no Brasil e nas Américas. Destacou a ideia de *glamour* circundando a negritude na capital baiana. Além da cultura e da identidade negra performática que a cidade espraia para o mundo, há também o negro rural vivo na poesia de Oliveira Silveira. Esse processo identitário se expressa por outros matizes, hibridizado pela experiência regional.

O Oliveira tem esse papel de orientar... e além do poeta negro o negro poeta. Um cara que transcendeu o *glamour* do negro, mais que isso... e nunca deixou de lado a ligação dele, nunca se desapegou do campo e não é uma contradição, para muitos é uma contradição, talvez o Oliveira tivesse mais prazer em ir para lá [Rosário do Sul] do que em Salvador.

A respeito do Vinte de Novembro, Edilson Nabarro entende que Oliveira Silveira se “imortalizou” e considera que se tivesse feito só isso já bastaria, mas entende que há muito do trabalho do intelectual para ser conhecido, descortinado ainda que seja sob uma visão de uma literatura negra. Enfatiza a necessidade de outras leituras da trajetória de Oliveira Silveira.

O Oliveira é grandioso pelo que ele não fez: o Oliveira nunca preencheu cargos públicos. O Oliveira era altamente politizado, mas era apartidário, muito crítico da participação dos negros nos partidos, ele nunca participou. Diferentemente daquela época [em] que todos nós éramos partidários, até porque o Oliveira não gostava de organizações que engessasse ele na autonomia de criação, e os partidos enquadravam, *partidariamente* e ideologicamente o negro em algumas questões. Ora dialogavam ora não dialogava[m] e o Oliveira era muito crítico. Ele nunca participou de delegações partidárias. Ele sabia muito de carnaval, mas ele nunca foi dirigente de entidade. O Oliveira nunca foi dirigente de clube. Ele sempre ajudou os clubes. Ele foi pioneiro *em* muitas coisas. Em rodas de samba, o Oliveira era muito vinculado com as tradições de Osório. Ele sabia muito de tambor, então, ele não foi pioneiro apenas na poesia. É um esforço e vocês podem ver, de entrar nessas outras dimensões que nunca foram reveladas, mas eu acho que merece sair da superfície do que o Oliveira é. O que mais que o Oliveira não foi?

Em uma entrevista concedida por Oliveira Silveira ao Projeto Mocambo, este revela a sua posição sobre a questão partidária, de forma ampla, e avalia a relação com os partidos políticos:

Acho que é um caminho necessário de exercício dentro dos partidos, afinal de contas eles são canais decisivos, agora tudo isso é uma coisa que deve ser feita criteriosamente. É realmente um pouco difícil, mas quando surgiu a ideia de Partido Negro, ela surgiu talvez de uma maneira inadequada. Um grupo fez uma minuta de programa ou coisa parecida e tentou levar adiante e junto à comunidade, acho que o método não foi bom, não foi correto. Talvez as coisas *deveriam* ter iniciado de outra maneira. Ao mesmo tempo essa ideia de Partido Negro já havia sido cogitada parece que no Movimento Negro Unificado e a conclusão foi que não era oportuno, o mais adequado no momento, havendo preferência pela atuação via outros partidos já estabelecidos. Agora, não está descartada essa possibilidade. Na medida em que os partidos não tiverem a sensibilidade de abrir os espaços para a nossa causa, quem sabe não *temos* que partir para a organização partidária própria. Não se deve mesmo descartar essa hipótese.

Questionado se o partido negro deveria surgir como resultado do fracasso das candidaturas negras nos pleitos eleitorais ou como resultado do avanço do movimento negro, Oliveira Silveira respondeu:

(...) É que a gente sabe da resistência que existe para as nossas questões no meio branco e os partidos são dominados por pessoas brancas, pessoas não negras. As coisas às vezes se tornam muito difíceis. É claro que nós também temos um caminho a percorrer, nos habilitarmos para o exercício nessa área política, administrativa. É necessário que nós adquiramos um preparo, mas ao mesmo tempo nós sempre vamos contar com resistência mesmo com nossos aliados, mesmo com aqueles que se mostram como solidários a

nossa causa. Então é uma questão de apostar no tempo e na nossa organização interna que acho que essa nossa organização deve crescer. Nós temos que procurar desenvolver muito isso e aí verificar se através dela nós conseguimos resultados pressionando os grupos estabelecidos; partidos, poder político, ou não, ou se é preciso que nossa organização se torne também partido político como foi o caso da Frente Negra.

Essa avaliação possibilita compreender a relação de Oliveira Silveira com os partidos políticos, pode ser lida como resultado de um processo reflexivo das estruturas partidárias no Brasil, através das quais não sentia que seus projetos estivessem representados. Luiz Carlos Ribeiro, em sua entrevista, relevou que Oliveira Silveira acreditava que o avanço das questões políticas deveria acontecer dentro do movimento negro. Ronald Augusto fala da autonomia de Oliveira Silveira, Edilson Nabarro de “tudo que ele não foi”. As diferentes percepções quanto a esta questão caminham para uma fusão de horizontes na interpretação de sua trajetória, cujo depoimento parece confirmar.

Essa parte da entrevista com Edilson Nabarro se constituiu num momento significativo para melhor definir Oliveira Silveira. Com alguns interlocutores foi necessário tomar a iniciativa para abordar a relação de Oliveira Silveira com os partidos políticos, ao passo que Edilson Nabarro a trouxe para o debate de modo espontâneo. Isto provocou reflexionar que, se o texto antropológico assemelhasse ao texto ficcional, esse ficcional não é apenas invenção do etnógrafo, pois resulta de uma relação dialógica, onde a “simbiose” entre o pesquisador e o seu interlocutor gera a narrativa tal qual essa.

Conforme exposto, Edilson Nabarro se propôs a pensar a trajetória de Oliveira Silveira em termos “do que ele não foi”, como característica reveladora do modo de ser e de agir de Oliveira Silveira. Este nunca teve a pretensão de ser líder, visto que não precisava buscar o que possuía por natureza, segundo a concepção de Edilson Nabarro.

O Oliveira não foi muitas coisas que os outros líderes do movimento negro foram. Muita intensidade por pouco tempo. E o Oliveira produziu sempre, uma coerência de produção, de compromisso, sempre. Quantas pessoas chegavam com aquela energia para estudar e logo, logo por algumas razão se decepcionavam, não

tinham paciência para esperar o resultado... Então, o Oliveira foi muito coerente, com a calma dele, com a tranquilidade dele e é muito melhor que o portfólio, um conjunto de pequenos sucessos que no somatório foi muito importante. Um megaprojeto formado de pequeno somatório. Ele teve uma produção contínua. Então não é um homem de um ano só, de uma década só e de uma coisa só. Então ele é mais que uma década, ele não é só um poeta, tem mais coisas por trás. E o perfil pessoal dele de paciência, como todo pensador se recolhe a sua intimidade...

Assim, na percepção desse interlocutor a produção intelectual de Oliveira Silveira representava um projeto de vida. Não era uma atividade ocasional atrelada a alguma demanda específica ou eventual da militância. O próprio Oliveira Silveira, em seu depoimento, aborda sua participação nas escolas de Samba de Porto Alegre, salientando sua experiência junto às principais Escolas de Samba na cidade: Bambas, Praiana, Imperadores do Samba e Império da Zona Norte, acompanhando ensaios, desfilando, pesquisando temas enredos. Enfim, vivendo de forma intensa esses espaços, dos quais nunca foi dirigente.

Edilson Nabarro como os demais interlocutores ressaltou a relação dedicada de Oliveira Silveira com a filha e o neto. Enfatizou também o quanto o poeta era radicalmente contra os casamentos inter-raciais, pois entendia que isso significaria o fim da “raça negra”, enquanto grupo político e cultural. Sobre essa questão Oliveira Silveira elucidou da seguinte forma:

Como não preservar o grupo num país em que esse grupo é perseguido e há todo um trabalho pela extinção dele? (...) e como a gente se dizendo consciente cede a essa política, e isso é muito contraditório. Continuidade étnico-racial implica na questão da família negra, homem negro, mulher negra, essa é a primeira opção. A pessoa não acha isso importante, não perde tempo, agora se acha importante o trabalho de resistência de afirmação e preservação do grupo, então, tem que lutar pela preservação da família negra, não a família de modos cristã, família negra morando junto ou não morando, mas essa continuidade.

Desse modo, assim como a autonomia frente à filiação partidária, a defesa da família negra é uma característica ressaltada por todos os interlocutores dessa entrevista. A defesa da continuidade da família negra pode ser situada no plano de um contradiscurso à ideologia do branqueamento, a qual no Brasil por um determinado período, no início do século XX, constituiu-

se em uma política de estado. Por outro lado, esse pensamento convicto de Oliveira Silveira representa, em termos de conhecimento, aquilo que os autores pós-colonialistas refutam do afrocentrismo, isto é, o deslocamento da valoração das categorias binárias de um pólo para ao outro. No entender do pensamento pós-colonial o afrocentrismo reedita a identidade como essência, delimitada pela questão do território ou da “raça”. Os binários se mantêm, invertendo-se apenas os significados atribuídos aos termos que o constituem.

Ao ser indagado sobre qual era a seu ver a compreensão política de Oliveira Silveira na década de setenta, quando a questão partidária e ideológica estava polarizada, Edilson Nabarro relatou que, atualmente, compreende Oliveira Silveira como um mediador, como alguém que navegava por cima das diferenças político-ideológicas. Mas, na época em que as discussões eram acirradas, muitos grupos consideravam-no reacionário.

(...) e na verdade não era, mas era um modo de fazer, e o Oliveira era teoricamente forte e os outros mais fracos, ele sempre dava apoio aos negros. A razão negra. Ele não tomava partido nem de um lado e nem do outro, tinha as suas preferências, mas a postura do esquerdista, ele fazia a mediação. E depois vieram todos aqueles recortes mais visíveis, as reuniões de políticas partidárias, tinha o movimento negro do PDT, PTB e PT etc.

Edilson Nabarro insiste no fato de que a importância de Oliveira Silveira teria sido negligenciada especialmente pelo movimento negro do Rio Grande do Sul. Ressaltou que o poeta foi aprovado e respeitado pela academia antes disso acontecer dentro do próprio movimento negro.<sup>72</sup> Crítica provavelmente dirigida ao MNU e aos principais partidos de esquerda existentes nas décadas de setenta e oitenta.

O que eu via é que alguns setores do movimento negro tinha[m] desconfiança com o Oliveira e que muitos, achavam conservador. “O Oliveira não dá um passo a frente.” Havia uma desconfiança. O cara tinha que ser engajado. Tinha que ter um protótipo revolucionário,

<sup>72</sup> Embora Edison Nabarro se filie a alguma análise de Ronald Augusto, concebem o reconhecimento acadêmico de forma diferenciada. No desenvolvimento desta dissertação tomei contato com vários artigos do campo da literatura, além daqueles citados na introdução que tomam a obra de Oliveira Silveira como objeto de estudo. Zila Bernd, professora da UFRGS, publica desde a década de oitenta análises sobre a obra de Oliveira Silveira. O prêmio recebido pelo poeta em 2002, concedido pela Associação Brasileira de Pesquisadores Negros convergem ao reconhecimento de Oliveira Silveira no meio acadêmico.

engajado. Então eu acho que é por aí mesmo, porque ele não seguiu isso. São questões de atitude [de] que eu falei, eu acho que um pouco é isso. Eu descobri que tem uma hora que não pode ser generalista, tem que ser um pouco especialista em alguma área.

Em seu discurso na Estância da Poesia Crioula, Edilson Nabarro frisa que não há causalidade alguma na referida homenagem a Oliveira Silveira. “Pelo fato de Oliveira Silveira não ser somente um poeta dos negros e da negritude, mas dos gaúchos”. Em outro trecho, comenta o contato de Oliveira Silveira com os pensamentos de Aimé Césaire e Leopold Senghor, destacando outro nível de identificação do poeta, que transcende o regional e o nacional, situando-o numa perspectiva transnacional e diaspórica.

Começa a estudar a história do negro no Rio Grande do Sul, tarefa que nunca deixou de exercitar, acumulando sólidos conhecimentos, através de pesquisas sistemáticas, as quais ele fazia com prazer, seriedade científica e disciplina. Combinando produção literária, ativismo político, investigação histórica e antropológica agregou contribuições igualmente no campo dos ritmos musicais de origem africana, bem como na abordagem das religiões de matriz africana, sobre as quais sempre foi crítico e fiscal rigoroso dos desvios e mercantilizações praticadas por alguns seguidores.

Aqui se coloca o dinamismo da vida intelectual de Oliveira Silveira. Como bem enfatizado por Edilson Nabarro, Oliveira Silveira, não era homem de uma atividade e menos ainda de um conhecimento apenas teórico. Como atestam os diferentes relatos, vivenciou os terreiros, as escolas de samba, os clubes negros, as congadas e a vida no meio rural. Esses diferentes espaços de manifestações culturais específicas se tornaram parte dos espaços de sentidos percorridos.

Ao justificar o fato de não haver reedições das obras de Oliveira Silveira, Edilson Nabarro assinala com características marcantes de Oliveira Silveira:

Sua respeitável humildade, própria daqueles que contribuem sem exigir vantagens e a renúncia ao exercício da vaidade e culto a personalidade, bem como seu envolvimento e colaboração simultâneos com vários projetos culturais o impediram de organizar republicações de suas principais obras.

Há a repetição da ideia presente na narrativa de Edilson Nabarro de que Oliveira Silveira precisa ser analisado por aquilo que “ele não foi”. Observa-se

que mediante essa fala justifica-se a falta de tempo de Oliveira Silveira para reeditar suas obras. Entretanto, a forma como esse intelectual lidava com o tempo aparece de modo muito específico em diferentes narrativas. Naiara Silveira, por exemplo, ao recordar da infância salientou que havia um conflito entre ela e a mãe, pois o pai nunca chegava na hora determinada para apanhá-la. Esse atraso era descontado no tempo em que devia permanecer em companhia do pai. Isso até seus dez anos de idade quando decidiu romper com esse controle do relógio. Por sua vez, Evandoir dos Santos, outro interlocutor, também ressaltou que o tratamento a ser dado ao seu legado intelectual obedece aos mesmos parâmetros de Oliveira Silveira: “ele não apressava para nada, ele não tinha pressa.” Portanto, a falta de pressa, a calma e a paciência são características referidas por seus interlocutores e se tornam traços que formam a pessoa-personagem Oliveira Silveira. Naiara Silveira revelou que somente quando Oliveira Silveira se conscientizou da gravidade do seu estado de saúde é que começou apressar alguns projetos, pois queria vê-los finalizados.

#### 4.3.4 Naiara Silveira - Negros sabem fazer<sup>73</sup>

Ritmos  
sabemos fazer  
amor  
fazemos bem  
esporte  
muito sabemos  
poemas  
também compomos  
liderança  
também temos  
políticos  
também somos  
religião  
bem praticamos  
– até educar educamos  
Outrora reprimido potencial  
afloramos agora – força viva –  
porque chega a nossa vez.

<sup>73</sup> Poema publicado em SILVEIRA, O. **Obra Reunida**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corac, 2012; SILVEIRA, O. **Poema: antologia**. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

Única filha de Oliveira Silveira, Naiara Silveira comentou que os pais se separaram quando tinha quatro anos de idade, mas salientou que sempre teve uma intensa convivência com o pai, pois esse nunca se afastou da casa de sua mãe e mantinha uma boa relação com sua família materna. Inclusive participava de eventos como Natal e festas de aniversários em companhia desta família, embora Naiara Silveira não guarde nenhuma lembrança dos pais morando juntos. Em 1979, quando Oliveira Silveira criou o grupo *Semba*<sup>74</sup>, Naiara Silveira começou a participar de forma ativa: “o grupo começou com pessoas da idade dele e eu de metida só participando, porque era até no dia em que eu ficava com ele, era sábado. Ele tinha reunião nesse dia e eu participava”. Enfatizou o papel de pai participativo e presente em sua vida, principalmente na adolescência, identificada como uma época difícil, por ter sido uma adolescente com posições extremadas, que lutava pelas coisas nas quais acreditava. Afirmou que Oliveira Silveira a entendia com seu jeito sempre calmo, lidava de forma tranquila com os conflitos existentes entre ela e a mãe. Em virtude disso, esse período conturbado foi profundamente marcado pela presença paterna.

A participação de Naiara Silveira no grupo acontecia através do canto e da dança. Ao longo do tempo, o grupo se modificou em um grupo de jovens.

Nós tínhamos também essa cumplicidade no grupo porque além da relação pai e filha nós tínhamos também de colegas de grupo. Nos reuníamos todos os sábados, a turma já era da minha idade alguns um pouco mais velhos, e foi uma formação muito boa porque o meu pai impunha a ordem àquele monte de adolescentes, mas ao mesmo tempo deixava todo mundo à vontade. Nós não tínhamos aquela coisa: ah! O Oliveira, nós não podemos falar... Conversávamos de tudo, íamos a festas juntos, viajávamos juntos também até para as apresentações. E ele sempre deu este suporte muito bom para nós, de poder conversar, brincar, mas na hora do trabalho também levar a sério, colocar acima de tudo a cultura negra em primeiro lugar, levar a cultura negra para as outras pessoas.

Nas palavras de Naiara Silveira, o grupo *Semba* realizava ensaios no centro de Porto Alegre em espaços públicos, tais como a Casa de Cultura Mário Quintana, o Mercado Público. Na Escola Estadual Júlio Grau, na zona norte da cidade, o grupo conseguiu a cedência de uma sala para uso. Mas,

---

<sup>74</sup> Grupo de teatro que trabalhava também com música e dança.

quando esses espaços alternativos não podiam ser usados, ensaiavam no próprio apartamento do pai.

Naiara Silveira ratificou que a relação com o pai em todos os momentos era de total liberdade, com quem conversava sobre diversos assuntos. Quando estava com vinte anos de idade morou por um ano em Pernambuco, e quando retornou à Porto Alegre, voltou: “Assumi meu lugar no grupo”. Além do grupo *Semba*, identificou outro momento importante de sua vida ao lado do pai. O nascimento do filho Thales.

Depois veio o Thales, meu filho, e nossa relação ficou mais próxima ainda, porque ele assumiu um papel de avô em tempo integral, muito dedicado ao neto. Sempre presente lá em casa, cuidando desse neto porque eu trabalhava e, às vezes, tinha reuniões. Tinha eventos que eu tinha que ficar até mais tarde, então, ele assumia esse papel. Quando eu fiz meu curso de pós-graduação, ele que me deu apoio para fazer porque eu precisava ter uma noite na faculdade e ele disse: “não, pode ir tranquila que eu assumo o Thales.” Minha mãe também se prontificou e, enfim, ficava[m] os dois em volta daquele neto, toda sexta feira à noite. Ele ia para a escolinha, mas depois da escolinha eles tinham que assumir e foi uma época muito boa.

Naiara Silveira revela que a boa convivência com o pai se dissipou quando assumiu a religião evangélica. Relatou que o pai ficou muito decepcionado com a opção, pois era sem religião e contra a Igreja Católica devido ao papel desempenhado por esta na história do negro. Sobre a experiência religiosa, vale comparar a afirmação de Naiara com o depoimento de Oliveira Silveira que, apesar de negar o catolicismo, não rejeitava a vivência religiosa:

Pois é, eu participei da JUC até tentando ser um bom católico, né? Tive bastante boa vontade nesse ponto, mas depois à medida que eu fui me conscientizando da questão negra, estudando, conhecendo a história, as coisas da cultura, eu fui vendo o comprometimento da Igreja Católica, do cristianismo com o escravismo e aí eu fui me afastando. Mas eu, inclusive, casei na igreja católica, minha filha foi batizada, mas depois eu me afastei.(..) Agora eu me digo de religião africana. Assim eu também consegui identificar a minha procedência africana pelo lado negro da minha família. Eu cheguei à conclusão que são Bantos da área Angola-Congo. Da região de onde a religião seria a umbanda, religião que veio para o Brasil. Naturalmente Umbanda é uma palavra africana que, na verdade, não indica exclusivamente religião. É ciência médica, enquanto Quimbanda é o médico tradicional ou em termos religiosos o sacerdote, mas é muito interessante isso que não é simplesmente religião. Então, ela é muito sincrética e no Brasil ela se desenvolveu assim. E as raízes africanas

Ângola Conguense foram desaparecendo [dentro da umbanda] (...) de modo que eu já não me encontro na umbanda atual. Eu me considero assim de religião africana Ângola Conguense, mas só naqueles elementos que são africanos e aí eu fico sozinho, isolado, porque não tem.<sup>75</sup>

Considerando as afirmações de Oliveira Silveira, talvez seja possível inferir que a sua posição de ruptura com o cristianismo deixou seus interlocutores sem referência, considerando as dificuldades de esvaziarem-se do pensamento ocidental pautado por uma lógica cristã. Segundo Naiara Silveira, quando resolveu aderir a uma religião evangélica provocou o primeiro conflito sério entre ela e o pai.

Nós afastamos um pouco, mas ele se afastou de mim, mas não do neto. Ele continuava indo lá em casa, eu entrava ele saía. Ficou um ranço entre nós, mas ele estava sempre ali. Eu sabia que podia contar com ele mesmo ele indignado comigo por esta posição. Porque esta opção religiosa me afastou também do trabalho com a cultura negra, ele ficou bastante chateado.

Por esse relato conclui-se que a permanência de Naiara Silveira no grupo se tornou inviável pela forma como as religiões evangélicas se relacionam com as manifestações da cultura negra. Embora também possam ser consideradas como religiões “quentes”, no sentido de que buscam animar os rituais com música. A temática da prática evangélica é sempre no sentido de louvação a figura de Jesus e talvez reside nisso o impasse para a permanência de Naiara Silveira no grupo. A percepção de Oliveira Silveira sobre Deus difere de forma substancial da concepção evangélica, assim como de toda a matriz judaica- cristã, conforme expressou na entrevista supracitada:

(...) aí entra aquela coisa da concepção de Deus que no meu entendimento é a natureza. O que o homem primitivo, sei lá, chamou de Deus nada mais é do que a natureza, a riqueza dessa polivalência múltipla, (...) quando se fala de natureza não estamos só se referindo à árvores e outros elementos assim, mas a natureza humana, física, cósmica. Toda uma cosmovisão assim, então o que homem chamou de Deus é isso, é o criador, é a natureza. É ela que criou tudo e isso muda de nome de cultura para cultura (...) Então a gente fica liberado *pra* trabalhar com a ancestralidade, com a natureza, então eu passo a me referir e aceitar a ideia de Deus mais com esse conceito. Deus é a natureza embora eu diga Nzambi, porque Nzambi é a minha cultura, é a tradição do meu povo.

<sup>75</sup> Entrevista concedida ao Projeto Mocambo em 2004.

No poema *Um dia*, Oliveira Silveira aborda essa mesma questão:

Um dia a natureza se fez homem.  
E o homem criou deus.  
Criou deuses.  
Criou outros homens também.  
Tudo vem dela e volta para ela.  
Ela é o princípio e o fim  
Filiado a um povo, uma cultura,  
eu religiosamente me religo  
a ela natureza  
e a chamo de Nzambi.

Vê-se, assim, um descortinar de significantes, através da fusão dos conceitos de homem/natureza/Deus, os quais no pensamento de Oliveira Silveira não estão hierarquicamente organizados ou separados como propõem as religiões cristãs. Deve-se refletir quão sério era na vida de Oliveira Silveira a questão religiosa, seja em termos de escolhas ou de rupturas. Observa-se nos relatos sobre a sua infância, a presença de um padre frequentador da casa e, inclusive, o incentivava na continuidade dos estudos. Portanto, embora formado dentro da tradição católica, há uma ruptura que vai além da questão católica, mas impacta uma visão de mundo defendida por Oliveira Silveira.

A reaproximação entre Oliveira Silveira e Naiara Silveira, segundo esta, aconteceu num outro patamar de relações, quando os amigos do pai foram procurá-la porque percebiam Oliveira Silveira fragilizado pela doença. A partir disso, o diálogo entre ambos foi retomado.

Ficou tudo para trás e só a relação pai e filha bem próxima, eu cuidei dele o máximo que eu pude e nos retomamos nesses meses a relação mais próxima de um ficar elogiando o outro, um perdoando o outro e foi bem importante. Estava grávida do meu segundo filho, do Elias. Ele acompanhou todo o nascimento do Elias foi para o hospital, nos dias [em] que fiquei internada ele estava ali presente.

Os problemas de saúde de Oliveira Silveira ficaram longe de comprometer a vontade de produzir, ao contrário parecem ter acelerado alguns projetos. O lançamento de *Bandone do Caverá*, um projeto que, de acordo com a filha, queria muito fazer, engloba essas ações que foram aceleradas devido ao agravamento da saúde. O livro elogiadíssimo por todos os interlocutores

representa uma retomada da genealogia familiar materna e é uma homenagem ao seu tio Aduato, tocador de Bandoné na Serra do Caverá (Rosário do Sul). Nessa mesma época, Oliveira Silveira fez várias gravações, inclusive de uma música em homenagem a Solano Trindade. Para Naiara Silveira: “Ele estava muito preocupado em terminar algumas coisas, alguns projetos que ele queria fazer, ele estava consciente da gravidade da doença, então, ele tinha aquela pressa de terminar os projetos.”

Dada a ausência empírica do intelectual, o que se tem são fragmentos possíveis para esmiuçar essa pressa de Oliveira Silveira, possivelmente as motivações que o levaram ao desejo de concluir algumas ações, não seja apenas a consciência de um homem preocupado com um legado a ser transmitido, haja vista, a conduta humilde como desenvolveu sua trajetória. A pressa também pode ser pensada em termos de uma responsabilidade consigo próprio. O sujeito com um projeto a ser cumprido, com uma forte visão coletiva e, ao mesmo tempo, atravessado por sua subjetividade e singularidade.

Perguntada se a escolha profissional havia sido influenciada pelo pai, Naiara Silveira explicou que não houve escolha, estava no DNA da família de modo geral.

É a profissão do meu pai é a profissão da minha mãe, porque a minha mãe também é professora é a profissão do meu avô materno, da minha avó materna, das minhas tias paternas, então já vem no DNA, não tinha como fugir. Eu digo que já veio em mim essa veia do magistério, foi muito natural desde criança eu já dava aulinha naquele quadrinho de giz e não me via fazendo outra coisa a não ser dando aula.

Cabe lembrar que Naiara Silveira foi uma das poucas interlocutoras que trouxe algo sobre a trajetória de Oliveira Silveira como docente da rede estadual de educação, trabalho no qual se aposentou. A característica de sua atuação, que guarda semelhança com outros grupos com os quais atuava, reside na calma, que surge como uma marca incorporada de seu ser. Fica como lacuna saber em quais situações a perdeu.

Ele era um professor muito querido pelo o que eu vejo, pelo o que acompanhei porque eu ia com ele em eventos da escola. Sempre foi um professor muito querido, tem ex-alunos que falam, comentam das

aulas dele que eram interessantes, que ele era uma pessoa muito calma e era mesmo. Chegava muitas vezes atrasado no serviço e isso eu acho que os colegas dele vão comentar, que realmente tinha este problema. Mas ele era um excelente profissional pelo que eu observei dos alunos comentando.

Em sua narrativa, Naiara Silveira acrescentou que o pai dedicou trinta cinco e anos ao magistério, boa parte de sua vida profissional esteve vinculada ao Colégio Júlio de Castilho e ao Colégio Cândido Godoy, ambos em Porto Alegre. Por um período desempenhou atividades junto à Secretaria Estadual de Educação. Mencionou também o envolvimento do pai com a música e relatou a participação deste na Primeira Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana ocorrida em 1971.

Tinha essa lado, porque ele era de Rosário, no interior, nascido no interior, então, este vínculo dele com o campo, com o interior. Ele nunca perdeu e passou isso para mim e para o neto o gosto pelo campo, pelas coisas tradicionais gaúchas. Em férias, feriados, nós íamos muito para o interior onde ele nasceu. Eu ainda mantenho vínculos, tenho tios e primos lá.

Percebe-se na fala de Naiara Silveira que a relação de Oliveira Silveira com os aspectos regionais remetem a sua origem rural. Sob essa premissa, pode-se pensar a diáspora em diferentes dimensões em Oliveira Silveira, ao mesmo tempo em que se torna um “militante” na luta pelo fortalecimento das culturas negras da diáspora, faz o retorno às “origens”, provocando um deslizamento de sentidos do meio rural para o urbano e vice-versa. Na articulação entre o rural e urbano, a noção de hibridismo na formação da identidade do poeta se faz presente. Este ao refletir sobre o padrão estético de sua literatura reconhece a presença desses dois universos de significados, ao se definir como alguém que assimilou a experiência urbana.

É imprescindível, portanto, compreender sua trajetória através da relação como essas diferentes diásporas. Hall (2003) nos alerta que o conceito fechado de diáspora remete a uma concepção binária de diferença, que impõe uma fronteira de exclusão e de construção de um “outro”. A sua concepção de diáspora, a qual se adota nesse momento, propõe uma diferença inspirada na linguística pós-saussureana, para quem o significado nunca pode ser fixado definitivamente: “sempre há o deslize inevitável de significado na semiose

aberta de uma cultura, enquanto o que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2003, p. 35).

Compreender que os processos de identificação não se encontram fechados dentro de uma estrutura de discurso, facilita o processo de análise dessa relação entre a valorização da cultura de matriz africana e a cultura regional. Ambas são partes indissociáveis da trajetória política e intelectual de Oliveira Silveira.

Na tarde que antecedeu a entrevista com Naiara Silveira, eu havia assistido ao evento da FAPA em que uma professora de filosofia<sup>76</sup> fez a seguinte afirmação: “eu sou de Rosário e para nós da metade sul, nos somos gaúchos e o ser gaúcho se define pela terra”. Ao remeter essa fala à Naiara Silveira esta afiançou a manutenção desse vínculo do pai com o interior, cujos períodos de férias era reservado um tempo para estar em Rosário do Sul. Essa característica de enraizamento/desenraizamento se explicita na dimensão da vida de Oliveira Silveira. Seja na leitura de Ronald Augusto para quem a poesia “deforma” o real, seja para aqueles que veem na poesia de Oliveira Silveira um “conteúdo” da cultura negra ou cultura regional, a ressonância entre o seu vivido e arte se faz presente, com o consequente processo de hibridização, como este elabora:

É, talvez tenha se tornado mais fácil ou mais natural pelo fato de eu ser do meio rural. Um gaúcho negro que foi tomando consciência, passando a conhecer mais a história do seu povo no estado, Talvez seja mais difícil pra alguém do meio urbano até porque não detém a linguagem regional, mas isso não impede também que ele escreva sobre a presença negra no estado, como alguns têm escrito numa perspectiva mais urbana, como eu também passei a morar no meio urbano, eu fui assimilando.

Esse termo sugerido pelo próprio Oliveira Silveira “assimilação” se aproxima da ideia de tradução em Hall (2003). Descrevê-lo como um homem traduzido significa pensar esses dois contextos rural/urbano expressos de formas simultâneas através de uma linguagem estética que constroem pontes de significados entre os dois universos. O depoimento de Oliveira Silveira sugere uma relação de lealdade para com esses dois universos.

---

<sup>76</sup> Durante a X Jornada Estadual de Estudos Afro-Brasileiros, ocorrida de 25 a 28 de setembro de 2013, na Faculdade Portoalegrense, Porto Alegre/RS.

Em relação a outra duplicidade, atualmente em disputa nas diferentes interpretações sobre sua obra que ora a classificam como afro-regional, ora como poesia negra, Naiara Silveira explicitou:

Eu sempre vi meu pai como um professor, um poeta. Todo mundo procurava ele como poeta da negritude, mas estava nele também essa raiz do interior, das tradições gaúchas, então *pode-se* aceitar que se defina que ele era um poeta afro-gaúcho porque isto está na poesia dele, só começar a ler que tem, tem poesia gaúcha. Tem, tem poesia afro-gaúcha... Tem uma poesia linda que eu amo, até foi musicada; *“meu requimado porongo, preto aconchego do amargo, sinto em mim quando te afago, velhas raízes do Congo”*. Ele está falando do porongo, da cuia, e fazendo uma relação com a África. Então isto está ali nessa poesia, o afro e o gaúcho. “ah, ele era poeta só poeta”, “ah ele não era só um poeta negro”, não! Ele é tudo isso. Vamos misturar: ele era poeta, negro, gaúcho e na poesia dele nós vemos isso, vemos as raízes do interior, o vínculo dele com a terra, com o lugar onde ele nasceu e o vínculo também com todas as questões negras, da cultura negra, toda a revolta no período da escravidão, todas as sequelas e consequências que isso trouxe para nós está ali também, na poesia dele.

Essa exposição de Naiara Silveira derivou de um questionamento feito como esta percebia as diferentes interpretações acerca da obra de Oliveira Silveira, entre aqueles que o veem como um poeta universalista e aqueles que o veem como poeta negro. Através da entonação de sua voz e pela forma como começou a se manifestar evidenciou que se tratava de uma questão muito significativa para si própria. Confessou não estar habituada a entrar nesse assunto, mas reconhecia que, para alguns, essa descaracterização de Oliveira Silveira como poeta negro, gera revolta. Eliane Severo que acompanhava a entrevista se posicionou também em favor do poeta negro, embora atente para o fato de que temáticas universais também façam parte de seu repertório. Estava em consonância com Naiara Silveira quanto à relação entre cultura gaúcha e cultura negra. Esta última, por sua vez, finalizou com a seguinte afirmação: “Podem falar o que quiser [sobre a classificação de sua poesia negra ou gaúcha] desde que falem, desde que lembrem”.

A partir da declaração de Naiara Silveira sobre as características da obra do pai, cabe interrogar como se processa a relação entre África e trabalho escravo na produção literária de Oliveira Silveira. Vê-se que essas temáticas encontram-se presentes em suas poesias. Entretanto, como já afirmado na

Introdução deste trabalho, a memória da escravidão é acionada enquanto força para a produção de um contradiscurso. O senso de justiça de reparação e ao mesmo tempo, de necessidade de reconhecimento de uma matriz cultural negada pelos discursos hegemônicos é a questão que articula passado e presente. A África enquanto um retorno redentor opera em sentido metafórico, segundo Hall (2003), juntamente com uma narrativa de luta e resistência que liberta a população negra de todos os constrangimentos impostos pela condição de escravo.

Interessante salientar que quando Naiara afirma que todos procuravam Oliveira Silveira como poeta da negritude, talvez esteja enfatizando as percepções relativas à cidade de Porto Alegre. O que parece se destacar em alguns segmentos da capital é essa vertente. O que não significa um afastamento das questões regionais.

Oliveira Silveira tinha uma interlocução com a Estância da Poesia Crioula, entidade que reúne em seus quadros os principais expoentes do folclore gaúcho, além do que era membro da Comissão Gaúcha de Folclore. Em 2003, aconteceu a primeira cavalgada da consciência negra, uma referência à participação de soldados negros nos conflitos e revoltas ocorridas no Rio Grande do Sul, especialmente na Revolução Farroupilha, com a participação dos Lanceiros Negros<sup>77</sup>. Coube ao Oliveira Silveira envolver-se na pesquisa que identificou o trajeto da cavalgada nos espaços significativos a uma memória negra na cidade. Os cavalarianos fizeram o percurso no dia 15 de novembro de 2003. Marcando um novo paradigma na capital do estado no que tange às questões negras veiculadas ao regionalismo.<sup>78</sup> Nessa ocasião,

---

<sup>77</sup>A participação de soldados negros na Revolução Farroupilha, segundo Salaini (2006), constitui-se em num tema controverso e polêmico na historiografia Sul-rio-grandense. Dentro desse contexto, discutem-se as circunstâncias que levaram à morte um grande número de soldados negros pertencentes ao exército republicano, ocorrido ao final da Revolução Farroupilha. Os chamados Lanceiros Negros foram dizimados pelas forças imperiais. Para alguns pesquisadores, dentro dos quais filiamos Oliveira Silveira, os Lanceiros Negros foram traídos por David Canabarro, separados e desarmados do restante das forças republicanas, possibilitando o que alguns denominam “massacre de porongos”. Por demanda do Movimento Negro, com a colaboração de Oliveira Silveira, em 2005 foi criado o Memorial dos Lanceiros Negros, na localidade de Porongos, zona rural do Município de Pinheiro Machado, local do confronto.

<sup>78</sup> Porto Alegre tem uma relativa tradição de desfile gaúcho durante a Semana Farroupilha. Há crescente visibilidade da presença negra nesse evento. A figura dos Lanceiros Negros é o pano de fundo que parece justificar a articulação dessa identidade étnica e regional.

Oliveira Silveira participou da cavalgada usando indumentária típica de gaúcho.<sup>79</sup>

Outro aspecto que interessa ao estudo dessa trajetória é compreender a questão do (re)conhecimento da produção intelectual de Oliveira Silveira e pensar os aspectos que mudaram com a morte do poeta, entretanto, na avaliação de Naiara Silveira, o intelectual obteve o reconhecimento já em vida.

(..) Eu acho que ele sempre foi reconhecido em vida, até porque eu acompanhei muito isso. Por fim ele nem estava mais querendo ser homenageado, ele não gostava mais disso, até ele mexia com os outros “quando começam a homenagear muito é sinal que já estamos perto da morte, eu não vou mais aceitar”. Mandava os amigos representá-lo, é porque ele não queria mais isso de ser homenageado, eu inclusive fui uma que representei *e/le* várias vezes porque ele não queria mais ir nos lugares e ser homenageado.

Eliane Severo fez coro à afirmação de Naiara Silveira, citou que Oliveira Silveira foi homenageado com nome de biblioteca e teve poemas musicados na Suécia, participou de antologia de poesia brasileira na Alemanha: “Ele teve um grande reconhecimento”. Percebe-se que, para ambas, essas homenagens são formas de reconhecimento.

Essas interlocutoras também afirmaram o caráter independente de Oliveira Silveira com relação aos partidos políticos: “ele não era manipulado nesse sentido”. Eliane Severo destacou a relação contínua entre a poesia de Oliveira Silveira e as questões políticas discordando que Oliveira Silveira pudesse ter uma postura autônoma ao movimento negro, como sugere Ronald Augusto. Para esta, “a própria poesia de Oliveira é do movimento negro”.

Naiara Silveira comentou sobre outra questão recorrente em Oliveira Silveira, sua defesa da família negra. Eliane Severo complementa: “Isso ele não só colocava na poesia como falava bastante nesse sentido”.

E os últimos poemas, últimas poesias isso fica bem claro a posição dele de não aceitação, por exemplo, do negro casar com branco, a posição dele de que a família negra tinha que ser preservada, tinha que ser multiplicada em relação negro/negra, um filhinho negro uma filhinha negra e isso está em várias poesias dele, a questão do cabelo também é muito forte.

---

<sup>79</sup> Informação apresentada por Evandoir dos Santos, interlocutor dessa pesquisa e amigo de Oliveira Silveira, que será apresentado na continuidade deste capítulo.

No Livro *Poema sobre Palmares* há um trecho em que Oliveira Silveira apresenta a dimensão de Quilombola na formação da família negra:

Quilombo do casal preto  
 (fundamental negritude)  
 preto,  
 preto,  
 guardião da continuidade,  
 detentor da natureza  
 de raça, cor e beleza.  
 Preto e preta  
 teimando pra ficar juntos,  
 Bem escuros e bonitos  
 Com molequinhos retintos,  
 Quilombo de negro negro,  
 quem quiser que se negue  
 E se entregue.

Em *Bandone do Caverá*, livro publicado anos depois que retrata a própria família materna de Oliveira Silveira observa-se a constatação e o lamento, junto com a esperança na manutenção da “pureza” da família negra.

Dos velhos troncos escuros  
 hoje bem pouco restou  
 Foi desbotando a tintura  
 foram mudando de cor.

Nesse abandono campestre  
 pra raça em desaconchego  
 faltou a voz que dissesse  
 a beleza de ser negro

Ser negro de cor bonita  
 daquele pretos Ferreira  
 juntando preto com preta  
 em duas vidas companheiras.

Mas assim como das festas  
 sobra alguma coisa boa  
 sempre também algo resta  
 de uma raça, uma pessoa.

Pra compensar este crioulo  
 - tinta de pouco carvão-  
 salve a criançada de ouro,  
 linda cor preta-tiçã!

Que a beleza não extinta  
 dessa cor preta Ferreira  
 ache a segunda cor preta  
 para formar a terceira.

A ênfase colocada por Oliveira Silveira na continuidade da família negra sugere os termos de Velho (1994), ao abordar o projeto como “conduta organizada para atingir finalidade específica” que se articula com a memória, enquanto essa remete ao passado, o projeto fala do futuro: “na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos”. (VELHO, 1994, p. 101). Embora se trate de um fenômeno que só é possível ser analisado em sociedades onde o processo de individualização seja constituinte da vida social, o projeto não é uma ação interna e subjetiva. O sujeito-indivíduo elabora seu projeto numa referência ao passado e futuro, a partir de suas experiências socioculturais. Velho (1981) enfatiza que o projeto está sempre vinculado a uma biografia. Entretanto, este acena com uma possibilidade de comunicação. Nesse aspecto é que se coloca a preservação da família negra defendida por Oliveira Silveira como parte de um projeto com uma questão contemporânea, que no seu entendimento deveria produzir eco em diferentes pontos do *Atlântico Negro*.

Munanga (2004) relata o projeto desenvolvido nas colônias francesas que apresentava a proposta de mestiçagem cultural euro-africana. Essa questão dividiu intelectuais diaspóricos, entre os quais, Leopold Senghor que se posicionou contrário a essa ideologia.

No diálogo com Naiara Silveira, buscou-se pensar o que sobressaía na reconstrução da trajetória do pai, se o intelectual ou o militante do movimento negro. Para Naiara Silveira, o poeta impregnava o militante, uma dimensão pouco ressaltada até então, tendo em vista que outros interlocutores enfatizam o oposto, ou seja, o impacto do ativismo na poesia.

Eu vejo [que] as duas coisas estão integradas nele, na figura dele. Não dá para dizer que ele é mais isso, mais aquilo. Ele é tudo junto, 24 horas por dia ele era isso: poeta e militante e até nas relações pessoais, ele militava e fazia poesia, sempre tinha uma letrinha para dar para a gente. E essa militância ele não colocava nas pessoas goela abaixo, era com uma delicadeza, uma sutilidade do poeta que ele era.

Idêntica percepção tem Eliane Severo a quem Naiara Silveira interrogou:  
“O que você acha Eliane?”

O Oliveira realmente era um militante e militava de diferentes formas, estudando a cultura negra, falando sobre isso, fazendo palestras, escrevendo poesias, era um professor nato, formava grupos, um militante ativo formando grupos, publicando o seu trabalho, até o fim da vida ele trabalhou fazendo isso. Eu acho que não dá para reduzir a uma coisa só.

Ao final da conversa tanto Eliane Severo como Naiara Silveira detalharam o conjunto de ações que vem sendo implementadas a partir da morte de Oliveira Silveira, através da Associação Negra de Cultura, iniciativas como a organização do Acervo de Oliveira Silveira; a produção do informativo *NegraAldeia*, A Liga da Canela Preta e o Sopapo Poético<sup>80</sup>. Apenas esse último teve início depois do falecimento de Oliveira Silveira e consiste num evento cultural, que ocorre na última terça-feira de cada mês na sede da Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre. Com inspiração nos trabalhos de Oliveira Silveira, o Sopapo é um sarau poético que envolve a poesia de Oliveira Silveira e de outros produtores culturais da cidade, todos com referência na cultura negra. O Informativo *NegraAldeia* surge inicialmente veiculado ao clube negro Floresta Aurora, tendo Oliveira Silveira como revisor. Atualmente o informativo é veiculado a Associação Negra de Cultura. A Liga da Canela Preta representou um dos últimos trabalhos de pesquisa realizado por Oliveira Silveira, com a retomada histórica envolvendo o acesso de jogadores negros aos times de futebol em Porto Alegre. Desse processo houve a formação de times de várzeas que se organizam para disputar torneios em 20 de novembro e se autodenominam pertencentes à Liga da Canela Preta.

---

<sup>80</sup>Em sua página no *facebook* o Sopapo Poético assim se descreve: Exemplo, de outros saraus que existem no Brasil, o Sopapo Poético busca, além da criação de um espaço comunitário e de trânsito de vivências, promover a integração entre a arte negra e seu sujeito, mediante o discurso poético. Embora eu não tenha chegado o processo de escolha do nome, posso afirmar que o sarau guarda estreita relação como o ressurgimento do tambor de Sopapo protagonizado pelo músico gaúcho Giba-giba. Este, inclusive, participou da primeira edição do Sopapo Poético em 27 de novembro de 2012 e foi homenageado por esse, em 25 de março de 2014, logo após sua morte. (<https://www.facebook.com/pages/Sopapo-Poético/>, acessado em 24/09/2014).

As percepções de Naiara Silveira sobre o pai estão inevitavelmente atravessadas por um compromisso ético e afetivo, tanto em torno da memória deste, como da relação que este mantinha com a rede de interlocutores, que manifesta claramente o desejo de continuidade. A forma como se colocou durante a entrevista impossibilitou a percepção de qualquer dissenso entre a atuação do pai e do próprio pensamento. É provável que no tratamento desse legado por Naiara Silveira também se imponha a noção de projeto, não projeto de Oliveira Silveira como pai, mas Naiara Silveira como filha e “herdeira” de um legado histórico, político e cultural que se traduz pela própria vida e trajetória do poeta.

#### 4.3.5 Vera Lopes - Cabelos que negro

*Cabelo carapinha,  
engruvinhado, de molinha,  
Que sem a monotonia da lisura  
mostra-esconde surpresa de mil  
espertas espirais,  
cabelo puro que dizem que é duro,  
cabelo belo que eu não corto a zero,  
não nego não anulo, assumo,  
assino pixaim,  
cabelo bom que dizem que é ruim  
e que normal ao natural  
fica bem em mim,  
fica até o fim  
porque eu quero,  
porque eu gosto,  
porque sim,  
porque sou pessoa negra e vou  
ser mais eu, mais neguim  
e ser mais assim. (SILVEIRA, 2002, p. 134)*

Uma perspectiva menos híbrida encontra-se na posição de Vera Lopes, embora reconheça a ligação de Oliveira Silveira com suas origens rurais, insiste na vertente que procura situá-lo fundamentalmente como um homem negro, como será visto a seguir. Vera Lopes teceu críticas ao pensamento de Ronald Augusto expresso no prefácio do livro *Obra Reunida*, por entender que na apresentação do livro e do poeta não contemplou o lugar no qual esta o situa e o enxerga.

Vera Lopes, grande amiga de Oliveira Silveira, recebeu esta pesquisadora em sua residência em setembro de 2013 para entrevista. Diferente de Naiara Silveira, Vera preferiu iniciar a conversa com a sua mudança para Salvador e na sequência quis saber sobre a entrevistadora: “E tu o que está fazendo?” Ao que foi informada do curso na UFPel e das dificuldades com o trabalho de campo. Imediatamente perguntou se Naiara Silveira já havia sido contatada bem como se o acervo de Oliveira Silveira havia sido visitado. Ao que ficou sabendo das circunstâncias do encontro com Naiara Silveira, a perspectiva de trabalho e o desejo de retornar novamente ao Acervo. Vera Lopes enfatizou a importância do trabalho de Eliane Severo junto ao referido acervo.

A Eliane é a pessoa que tem o maior conhecimento do acervo do Oliveira porque enquanto o Oliveira estava vivo a Eliane já trabalhava. Alguns anos atrás ela e a *Nhô*<sup>81</sup> já organizaram um pouco do acervo do Oliveira, que é vasto, rico demais. Então, a Eliane, para mim, é a pessoa que mais conhece o acervo do Oliveira.

Após uma pequena pausa, completou: “Eu não sei o que tu *quer* que eu fale do Oliveira.” Foi então solicitado que descrevesse sua aproximação com Oliveira Silveira.

Eu conheci o Oliveira no final da década de 70 na revista *Tiçãõ*. Na época eu estava começando a fazer teatro com o diretor, o Décio que era diretor do grupo que eu estava fazendo parte na época. Falou que tinha um grupo de jovens que estavam fazendo uma revista, um grupo de jovens negros estavam fazendo uma revista aqui, em Porto Alegre, e me indicou as pessoas para procurar, e neste grupo estava o Oliveira Silveira. Então o Oliveira fazia parte da revista *Tiçãõ*. E das pessoas da revista daquele momento: Oliveira e Vera Dayse foram as pessoas que me receberam e passaram a me orientar dentro da revista, então tinha muitas coisas das questões raciais que eu não entendia nada, que eu não conhecia nada essas pessoas que foram me ensinando muito. E o Oliveira tinha uma característica dele: ele tinha muita paciência e ele era professor, então ele tinha uma didática e era uma pessoa extremamente querida. De cara eu fiquei muito amiga do Oliveira, ele era um pouco mais velho que a gurizada da época. Acho que todo mundo estava na fase dos 20, chegando nos 20 e o Oliveira estava já por volta dos 30, então era um cara um pouco mais maduro que a gurizada que fazia parte.

---

<sup>81</sup> Maria Noelci Homero, bibliotecária, militante histórica do movimento de mulheres negra no estado.

Apesar dessa acolhida e de saber que Oliveira Silveira estava escrevendo um livro, Vera Lopes admite não ter percebido a dimensão do trabalho deste naquele período. Em sua opinião, tratava-se de um professor, uma pessoa que escrevia, um militante. A narrativa de Vera Lopes adota uma perspectiva do presente para o passado para apresentar a densidade da trajetória de Oliveira Silveira como esta o compreende enquanto pessoa-personagem. Essa relação também se revela como um produto do tempo.

Então eu não dimensionava quem era a figura do Oliveira, o Oliveira era mais um que fazia parte da revista, não conseguia dimensionar essa figura importante que o Oliveira já era e acho que só com o tempo que eu fui ter a dimensão de quem era Oliveira.

Vera Lopes, em um tom emotivo, fala da importância de Oliveira Silveira em sua formação e na sua vida diária, narrou o quanto ele costumava ajudá-la e a seus filhos no desenvolvimento de trabalhos, fosse na atuação como atriz, fosse nos estudos acadêmicos. Oliveira era a fonte de pesquisa para ela e para os filhos.

Para mim desde sempre o Oliveira foi o cara que sempre me ensinou e até hoje eu aprendo com o Oliveira, cada vez que eu abro um livro do Oliveira, que eu leio alguma coisa que eu já li e que eu leio de novo eu aprendo sempre, eu aprendo muito com o Oliveira. O Oliveira era aquela figura que se tu *tinha* uma dúvida qualquer, estava escrevendo alguma coisa, tinha uma dúvida pegava o telefone e ligava para ele, tinha problemas, qualquer coisa o Oliveira era a nossa fonte de pesquisa, em qualquer assunto podia conversar com ele, era um cara extremamente amável, extremamente cortês.

Ao trazer essas qualidades de Oliveira Silveira, Vera Lopes também ressalta outra característica marcante, a quem identifica como sendo uma pessoa de convicção, também se pode pensar no termo ousadia, enquanto ação que identifica e situa o intelectual no mundo.

(...) mas era uma pessoa de convicção, depois que o Oliveira estava convencido de algo ninguém removia o Oliveira, era um cara que depois que dizia que pedra é pedra, pedra é pedra, mas ele não se alterava para te dizer que pedra é pedra, ele não mudava (...).

Vera Lopes admite que o comportamento calmo de Oliveira Silveira às vezes a incomodava, principalmente na juventude: “Quando a gente é guria faz

muita bobagem, os jovens são muito audaciosos, acham que sabem de tudo...e ele não se alterava, ficava na boa.” Contou que na sua convivência com Oliveira Silveira aprendeu que quando alguém fazia alguma proposição, e ele falava: “pois é” de forma demorada e comprida, sabia que discordava de algo e que, dificilmente, alguém conseguiria demovê-lo de sua posição inicial. Mas, Vera Lopes reconhece que essa mesma “teimosia” que em determinados momentos a incomodava foi o sustentáculo para ações fundamentais desenvolvidas por Oliveira Silveira.

(...) mas eu comecei a conhecer a história do Vinte de Novembro com o Oliveira, a teimosia do Oliveira a cada vinte comemorar o vinte, fortalecer o 20 de novembro e não importava o número de pessoas para fazer o evento, isso é uma coisa que eu aprendi muito e hoje mais ainda eu entendo esse significado porque eu me lembro que nos primeiros anos do 20 de novembro, nas primeiras comemorações teve épocas de ser poucas pessoas e quem criou essa data, quem pesquisou, quem apresentou essa data, apresentaram porque eles queriam uma alternativa para o treze. O treze não era o que aquelas pessoas queriam e essas pessoas pesquisaram e apresentaram essa data porque era algo [em] que eles acreditavam, era algo que era a vontade daquele grupo. (...) e hoje eu percebo isso, não tinha uma ideia: olha, vamos jogar essa data para o Brasil, a gente vai jogar essa data para o mundo, (...) Não! Eles acreditaram naquilo. Aquilo era algo que oficialmente se contrapunha ao que oficialmente estava posto e fizeram daquilo, do seu jeito acontecer e hoje temos mais de 40 anos do vinte sendo comemorado no Brasil inteiro e até fora do Brasil, tem um grupo na Alemanha de brasileiros que moram lá que comemoram o Vinte de Novembro lá. Então, isso para mim é algo extremamente significativo, agora o tempo me permite ver isso, que coisas [em] que a gente realmente acredita. Coisas que realmente tem significado e se a gente acredita mesmo naquilo, aquilo dá certo, o Oliveira me mostrou isso (...).<sup>82</sup>

Dentro dessa mesma perspectiva do Vinte de Novembro, Vera Lopes comparou o Sopapo Poético que reúne artistas e negros da cidade, tendo as rodas de poesia organizadas por Oliveira Silveira como matriz inspiradora. Narrou que, na década de oitenta, costumava participar de um evento semelhante na parte superior do Mercado Público de Porto Alegre. Mais uma das tantas iniciativas que teve Oliveira Silveira como precursor: “então tem coisas que são extremamente significativas, coisas que ficam e que começam com esse cidadão, com o Oliveira com sua calma, com a sua paciência, mas

---

<sup>82</sup> Sobre a atuação de Oliveira Silveira e o Grupo Palmares, discorre-se no Capítulo 2, no subtítulo: A Insurgência de Zumbi.

sem desistir daquilo [em] que ele acreditava.” Vera Lopes prossegue a narrativa sempre exaltando características positivas de Oliveira Silveira e os significados do seu fazer intelectual em sua vida e na vida de seus filhos.

Outra coisa do Oliveira: O Oliveira era um pesquisador e ele conhecia muita gente e ele colocava na roda essas pessoas que ele conhecia. Foi com o Oliveira também que eu conheci a Bahia porque o Oliveira nos apresentou a Bahia, o Oliveira nos apresentou o *Ilê Aiyê*, a primeira pessoa que eu ouvi falar do *Ilê Aiyê* foi o Oliveira Silveira, (...) mas o Oliveira era essa pessoa que recebia essas informações ou que buscava essas informações e sabia circular essas informações entre as pessoas. Então, essa é outra característica desse professor.

Vera Lopes atribui à atividade cultural a responsabilidade de ter sedimentado sua convivência com Oliveira Silveira, a quem fez questão de apresentar um intelectual multifacetado, que não se reduz ao poeta.

Porque o Oliveira gostava muito de tocar, o Oliveira tocava, o Oliveira compunha e cantava. Gostava de cantar as suas composições, mas cantava composições de outros e eu comecei a conviver com o Oliveira nesse gostar de poesia e no gostar de falar poesia, então, depois de algum tempo, a gente falava na roda, a gente fazia leitura dramática de textos e eu comecei a fazer muita coisa com o Oliveira: ele escrevia contos e tinha alguns que dava para dramatizar, dramatizei alguns contos com ele e fui aprendendo a falar e eu gosto muito da poesia do Oliveira, eu sou apaixonada pela poesia do Oliveira.

A relação com a música foi retomada na fala de Oliveira Silveira ao salientar a presença da musicalidade em sua formação, advinda do lado materno como mapeou na entrevista que concedeu ao Projeto Mocambo, supracitada:

(...) É, eu comecei na Hora Estudantil, que era um programa dos nossos estudantes do grêmio estudantil João Simões Lopes do ginásio estadual de Rosário do Sul, que se chama ginásio Plácido de Castro. Então, nós fomos fazer esse programa e me convidaram pra tocar, eu tocava acordeom, gaita, e depois passei a fazer poemas no programa, e também fui fazendo essa locução comercial entre aspa, e, às vezes, apresentando o programa *Chimarreando no Galpão* que era apresentado pelo delegado e por outro Rosariense lá. O Jair de Sousa Pinto, o delegado, e Rui Fernandes Barbosa, o nosso conterrâneo. (...) A gaita foi coisa de família, porque a minha mãe tocava essas gaitas de botão de oito baixos e eu comecei a aprender com ela. Havia tocadores que apareciam por lá, levavam gaita, às vezes, deixavam lá em casa e eu ia treinando. Também tinha a

influência de um tio, Adalto Ferreira, que era irmão da minha mãe que era um exímio tocador de bandolim, ou bandoneon, como nós dizíamos lá. Eu tinha uma outra tia que tocava violão: a tia Mariazinha, Maria José, um outro tio, não sei se tocava, nunca vi ele tocando, mas tinha gaita de botão de doze baixos e o filho dele depois o Birico que se chamava Araci era um ótimo tocador de gaita. Começou nessa gaita de botão e depois foi pra gaita apianada como eu também. Depois passei pra gaita piano. Uma gaita, só que tem teclado de piano. Então, a música sempre foi uma coisa muito presente e havia os bailes lá na nossa comunidade.

Durante toda a entrevista Vera Lopes se reporta à figura de Oliveira Silveira com indisfarçável admiração. Afirmou que sua constituição como atriz está muito relacionada a essa convivência. Relatou que, certa vez, Oliveira Silveira chegou para assistir um de seus recitais de poesia e, ao final, falou:

Vera, eu escrevi esse poema para homem falar, não era para mulher falar. Era um poema de amor que era para homem falar e eu estava lá falando o poema de amor do Oliveira de um homem para uma mulher e ficou muito bem de uma mulher para um homem também e de uma mulher para outra mulher, seja como for, mas enfim, a obra do Oliveira permitia isso, acho que nem ele tinha pensado quando escreveu aquele poema que uma mulher fosse lá falar.

Esse caráter abrangente da produção intelectual de Oliveira Silveira que permitiu possibilidades versáteis como essa:

Esse cidadão criou uma obra que permite isso. Então, quando eu vou falar no Oliveira, eu fico sempre muito emocionada porque o Oliveira era um militante acima de tudo, antes e depois de qualquer coisa o Oliveira era um cidadão negro que lutava pela causa negra, que ele defendia a causa negra, ele defendia a família negra e defendia as nossas questões negras. Era um defensor das questões afirmativas, um defensor das cotas, defensor das reparações e era esse cara que unia essa sua militância a escrita, o Oliveira é um dos melhores poetas que a gente tem. A poesia do Oliveira, a obra do Oliveira é uma obra extremamente rebuscada, o Oliveira não era um escritor apenas intuitivo, ele era um escritor que trabalhava a sua obra, um poema do Oliveira era sempre muito trabalhado.

Observa-se que, embora a relação de Vera com Oliveira Silveira tenha um tom de admiração, afeto e respeito, não significa dizer que não houvesse dissenso entre ambos. Discorreu, principalmente, sobre suas discordâncias na questão de gênero, na medida em que seu pensamento foi amadurecendo. Afirmou que Oliveira Silveira escrevia como um homem e em alguns poemas não tinha atenção com essa questão. Relatou uma situação específica de um

poema de Oliveira Silveira que colocava o homem com o ser humano e Vera Lopes reagiu:

Eu não vou falar isso, eu vou dizer homem/mulher e ele dizia: não dá para dizer porque não está dentro da métrica e etc. Até que um dia tivemos um discussão e eu disse: então tá, então tu fica com a tua métrica, fica com o teu poema que eu não vou falar mais isso.

Considerando-se muito atrevida nessa situação, contou o desfecho da divergência: tempos depois Oliveira Silveira mostrou-lhe o poema alterado seguindo as regras de métrica e considerando as questões de gênero. Ele publicou o poema com uma nota, dizendo que a alteração era decorrente da solicitação da atriz Vera Lopes. Esta procurou mostrar o tempo todo ao longo da entrevista e nessa situação em particular o quanto havia de pesquisador minucioso, dedicado, exigente com seu próprio trabalho acompanhado de uma grande simplicidade e generosidade no agir como traço marcante de Oliveira Silveira.

Em determinados pontos da conversa, saiu-se da esfera da vida pública de Oliveira Silveira para a vida privada, Vera Lopes afirmou: “então esse era o Oliveira, que gostava de namorar e tinha algumas namoradas muito bonitas”. Foi indagado se as namoradas eram mulheres ligadas à literatura ou do movimento negro, informou que algumas sim, outras não, mas todas eram mulheres negras. Porém, considera que nem sempre o trataram como ele merecia. “Um dia eu vi alguém [namorada] sendo ríspida com o Oliveira e aquilo me doeu, eu queria bater na pessoa porque o Oliveira era uma pessoa muito querida”.

Em relação às pessoas que Oliveira Silveira conhecia pelo mundo, foi questionado como era feito o contato e como alimentava uma rede densa de relações, explicou que este se comunicava através de cartas.

Escrita à mão, carta (...) mas o Oliveira escrevia muito e recebia muita correspondência do Brasil e de fora do Brasil, muitas, muitas mesmo e ele se comunicava com gente de todos os lugares, em todos os lugares da América Latina, América do Norte, na Alemanha. O Oliveira era uma pessoa extremamente reconhecida, foi o que eu te disse no início: eu não dimensionava o reconhecimento que o Oliveira tem. (...) o Oliveira era um homem de escrever, ele escrevia muito, ele escrevia para as pessoas, quando ele recebia uma obra ou

quando ele tinha a informação de alguma obra ele escrevia para a pessoa falando da obra que ele recebeu ou que ele gostaria de ler. Quando tinha alguma informação de alguém, o Oliveira guardava absolutamente tudo e ele lia tudo, então se tu fores dar uma olhada no acervo dele tu vai ver a quantidade de recortes de jornais que o Oliveira tinha, ele recortava absolutamente tudo. Até notinhas pequenas. E ele se comunicava com essas pessoas por carta, ele falava/estudava alguns idiomas africanos: o *Quimbundo* era um que ele estudava e ele estudava mais alguns e quando ele sabia que vinha alguém para cá ele procurava a pessoa. Ele ia falar com a pessoa, o Oliveira fez o curso de Letras e a especialização foi em francês, então ele falava muito bem e escrevia muito bem, então, ele tinha essa facilidade de se comunicar. Uma vez nós viajamos *pra* o Uruguai, para um encontro em Montevideu e as pessoas que estavam lá, outros escritores que estavam lá, conheciam o Oliveira, já tinham conversado com ele por carta, então a rede funcionava legal assim. Outra coisa que o Oliveira sempre manteve, ele tinha amigos de muito tempo, ele mantinha essas relações de amizade e não perdia isso. Eu lembro que quando estava conversando com o Cutie o Cuti falou que foi o Oswaldo de Camargo quem apresentou o Oliveira para o Cuti, por carta. O Oliveira conheceu o Oswaldo e trocaram correspondência, livros e o Oswaldo falou para o Cuti: tu *precisa* conhecer esse escritor e foi quando o Cuti conheceu o Oliveira, isso na década de 70. Então quer dizer, funcionavam, eles são lá de São Paulo, então, essa era uma forma, e tem muitas cartas na casa dele para você ler.

Dentro do contexto de uma rede internacional, multissituada foi indagado se Oliveira Silveira havia feito viagens internacionais, se havia viajado para algum país africano ao que respondeu não ter nenhum conhecimento, acreditava que tenha ido uma vez para Alemanha. Posteriormente, em conversa com Suely Silveira, a irmã, esta mencionou que Oliveira Silveira, apesar de um convite para participar de um evento na Alemanha não efetuou a viagem por medo de andar de avião. É interessante perceber que a viagem para esse intelectual ficava circunscrita ao campo da escrita. Vera Lopes mencionou que o poeta teve uma namorada na Itália, mas não esclareceu como ocorria o encontro entre ambos.

Ao refletir sobre o reconhecimento de Oliveira Silveira em Porto Alegre, onde viveu boa parte da vida, Vera Lopes pondera que apenas as pessoas mais próximas dele e alguns intelectuais o conhecem, mas para a população em geral esse reconhecimento ainda está como um devir a ser incrementado por seus interlocutores e pelos coletivos negros da cidade.

E é uma pena, mas eu acho que somos nós que vamos ter que fazer isso, é na educação mesmo, é trabalhando com os professores para

que os professores repassem para os alunos, então eu acho que esse ainda é um papel nosso.

A seguir Vera Lopes fez um relato criterioso do Vinte de Novembro em Salvador para reforçar o referido desconhecimento da produção de Oliveira Silveira. Narrou seu estranhamento com a marcha do Vinte de Novembro, naquela cidade, destaca que Salvador tem como característica a duplicação de vários eventos. No Vinte de Novembro existem duas marchas pelas ruas da capital baiana e Vera Lopes optou por seguir a que considerara mais interessante no bairro do Curuzu.

(...) fui lá para o Curuzu, quando eu cheguei lá eu fiquei enlouquecida porque parecia um dia de saída do bloco *Ilê Aiyê* era gente, gente, gente, gente, gente, muita gente. Dois trios elétricos, festa e lá todo mundo saudando o Vinte de Novembro, então andou um pouco, chegou na parte de cima onde os trios pararam para fazer as falas políticas. Então tinham políticos, tinham militantes, artistas e as pessoas começaram a falar do Vinte. Eu lá em baixo super emocionada ouvindo. Então, a pessoa que era o mestre de cerimônia, falando várias coisas e lá pelas tantas o cara diz: porque o Vinte de novembro nasceu aqui, então eu parei e a festa para mim acabou ali... Fiquei esperando para ver se alguém ia falar no Oliveira Silveira e ninguém falou absolutamente nada, não foi falada uma palavra sobre o Oliveira! Não falaram da origem real do Vinte. Então isso para mim foi algo muito triste e depois até escrevi para algumas pessoas falando isso. A história oficial já nos nega e nós não podemos nos negar. Então, nós precisamos criar sim os nossos ídolos, nós precisamos criar sim as nossas referências, nós precisamos fortalecer, porque quando estamos fortalecendo eles nós estamos nos fortalecendo. Então, não é só porque é o Oliveira, não, é a importância que o Oliveira tem. A importância que essa data tem, a importância de como nós negros, conseguimos criar uma data para contrapor uma data oficial e dizer a nossa data é essa por esses e esses motivos, quem nos representa é zumbi e sua luta. Nós somos um povo de luta, nós somos um povo de resistência e era isso que o Oliveira falava, então precisamos trazer esse ícone para nós, é nosso e vamos fortalecer. Então, eu fiquei bastante triste e fui embora a festa acabou para mim ali. Não quis mais ficar na festa do vinte, mas eu acho que não dá para só não querer ficar na festa, tem que falar sobre isso e aqui [Porto Alegre] a gente tem que falar também.

Vera Lopes salienta ainda que Oliveira Silveira estivesse fora do mundo acadêmico, tratava-se de um pesquisador minucioso e trouxe, como exemplo, a pesquisa deste desenvolvida quando propôs a alteração no hino rio-grandense, após um estudo do período em que o hino foi escrito, propondo um vocabulário em consonância com a esta época. Embora atualmente existam outras sugestões de texto, defende a necessidade de reconhecer o trabalho de

Oliveira como algo que não surgiu do dia para noite, mas resultado de uma ação amplamente refletida pelo intelectual. Vera Lopes concorda com a necessidade de se reconhecer o protagonismo de Oliveira Silveira: “porque isso vem com ele, durante muitos anos ele vem apontando essa mudança do hino do Rio Grande, daquele seu jeito, com aquele sorriso tímido”.

Ao discorrer sobre a questão da autonomia política em Oliveira Silveira, Vera Lopes acrescenta que, além das convicções políticas deste, havia uma idiossincrasia que tornava a atuação de Oliveira Silveira diferenciada dos interlocutores.

Além dessa autonomia que ele sempre defendeu, que nós negros deveríamos ter, eu acho que tinha outra coisa. Havia um momento de muitos embates, as pessoas muito aguerridas nos seus embates, as pessoas discutiam, (...) e o Oliveira sempre foi muito ponderado, o Oliveira nunca falou sem pensar, não era o tipo de cara que saía falando, ele sempre foi ponderado e, às vezes, tu ter essa postura, a postura de ser ponderado, a postura de pensar, de refletir, faz com que as pessoas achem que tu é muito lento, que tu é devagar, que tu *demora* em te *posicionar*. Então, eu acho que isso tinha sim, tinha essa coisa do Oliveira ser essa pessoa mais reflexiva e um grupo, algumas pessoas serem mais impulsivas, mais aceleradas, então tinha essa diferença. O Oliveira realmente... ele propunha nossa autonomia, tu *acabou* de falar de autonomia com relação aos partidos, com qualquer partido. Ele não era petista e a gente viveu o mundo petista aqui no estado e ele não era petista, ele era pedetista, ele defendia o PDT, brizolista sem nenhum pudor, mas não era filiado ao partido, não era um cara de partido. Ele mantinha sim a sua defesa era a questão racial, era o que pautava a sua vida, então eu o acompanhei em diversos momentos e a gente viveu isso sim, essa resistência.

Vera Lopes narra de forma muito semelhante à Naiara Silveira a experiência de produção cultural com Oliveira Silveira. Conta que ao conhecê-lo, já atuava como atriz e esse sempre acompanhou seu trabalho, criticando, assistindo, divulgando e levando outras pessoas junto para assistirem seu trabalho. “O Oliveira sempre foi assistir absolutamente tudo”. Sobre a experiência de trabalhar diretamente com Oliveira, expôs:

(...) o Oliveira sempre nos deixou muito livre, ele nunca interferiu no que fazíamos. Tudo que fazíamos ficava muito bom, mas depois de certa época eu comecei a fazer recital de poesia e música e o Oliveira sempre foi a minha fonte de pesquisa. Então, eu queria montar um recital e eu não conhecia alguns poetas e ele me dizia tem o fulano de tal, tem o beltrano e ele sempre tinha os livros de todo mundo. Tinha um período que eu saía do meu trabalho e ia para a casa dele,

chegava lá e ele já me esperava com a mesa pronta: café com muitas coisas boas e já com os livros separados. Então eu ficava um tempo lendo, a gente lia junto, falava desse, daquele poema, características, de que período, o que tem, quais são as características desse poema e eu marcava os poemas que eu queria. Ele não me dava o livro é óbvio, não me emprestava o livro nem para eu levar para fazer xerox. Eu deixava marcado os poemas que eu queria, ele fazia o xerox (...) por isso que tem esse acervo maravilhoso... Mas isso não me incomodava, imagina se ia me incomodar. Então, muita coisa eu fui para a casa do Oliveira pesquisar, lia com ele, se ele recebia alguma coisa nova ele falava: olha, recebi um livro de um poeta, (...) e acho que tu *vai* gostar e sempre teve essa troca, e ele era um incentivador mesmo. Em todos os recitais que eu fiz (...) sempre trabalhei com algum poema dele, depois teve um ano que fizemos um *pra* Feira do Livro um recital só com a obra dele, a obra de Oliveira Silveira e ficou muito bonito. Foi bem bacana porque ele estava lá, ele assistiu, depois fizemos outro e ele não estava mais conosco que é *o Batuque tuque, tuque*.

Ao detalhar a sua atuação como atriz e os vários trabalhos de que participou a partir da produção de Oliveira Silveira, e também sua experiência dentro do grupo de *Teatro Caixa Preta*<sup>83</sup>, quando produziram *Hamlet*, Oliveira escreveu um artigo sobre os grupos de teatro formados por negros, existentes no Rio Grande do Sul e no Brasil.

(...) Então o Oliveira era esse homem que conhecia muito, eu sempre dizia para as pessoas de dentro do grupo: gente... Aproveitem o Oliveira, ele mora ali na Assis Brasil ao alcance da nossa mão, é só pegar um ônibus e está na casa do Oliveira. É no *inichinho* da Assis Brasil ou então *vai* na padaria, a Pão de Açúcar<sup>84</sup> que nós encontrávamos muito com ele na padaria. Ele gostava de tomar café com leite. Uma época a Pão de Açúcar passou a ser o escritório, então já tinha mesa onde o Oliveira sentava, então tu *podia* sentar ali e esperar que ele ia chegar ou então tu *chegava* no horário e ele estava ali naquela mesma mesa, com a reforma da Pão de Açúcar não tem mais a mesa do Oliveira, mas era ali que a gente encontrava e tomava café com leite e pão com manteiga prensado.

Em vários momentos da conversa, Vera Lopes mencionou a predileção de Oliveira Silveira por tomar café com leite, assim como por carne, churrasco e linguiça. Gostava da campanha, de andar a cavalo e usar bota e bombacha.

<sup>83</sup> Caixa preta é um grupo de teatro negro fundado em Porto Alegre no ano de 2002. Realizou os espetáculos: Transegun (2003), de Cuti, Hamlet Sincrético (2005), de Shakespeare, Madrugada, Me Proteja (2007), de Cuti, Antígona BR (2008), Prêmio Myriam Muniz - Funarte, O Osso de Mor Lam (2010), de Birago Diop, Dois Nós Na Noite (2010), de Cuti, além do IV ENCONTRO DE ARTE DE MATRIZ AFRICANA (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010). Disponível em: <<http://grupocaixa-preta.blogspot.com.br/>> Acesso em: 01/08/14.

<sup>84</sup> Pão de Açúcar é uma tradicional padaria existente no Mercado Público de Porto Alegre, fundada em 1959. Compõem junto com outras bancas e pontos comerciais a identidade do local.

Afirmou que ele nunca negou suas origens de homem da campanha. Vera Lopes recorda um festival nativista de Rosário do Sul que fez homenagem a Oliveira Silveira.

(...) ele era bastante reconhecido pela cidade dele, a cidade de Rosário reconhece bastante o Oliveira, então foi bem bacana, nós fomos nessa homenagem lá, as pessoas lendo a poesia do Oliveira no meio de um festival com milhares de pessoas, gaúchos, milhares mesmo, muita gente e as pessoas lendo as poesias do Oliveira, foi muito bonito.

Quanto à obra poética de Oliveira Silveira, Vera Lopes coloca:

Olha, eu não considero o Oliveira um poeta universalista: o Oliveira é a pessoa que escreveu sobre o amor, assim como escreveu a sua trajetória regional. O Oliveira era um poeta negro que escreveu antes de tudo essa condição de ser uma pessoa negra (...) para mim é esse o forte da obra do Oliveira. Acho que os primeiros poemas dele antes dele ter esse envolvimento mais profundo com as questões raciais, com o mundo negro, com a sua condição de negro nesse mundo que a gente está, eu acho que eles eram poemas que sim tinham essa característica mais universal. A partir do primeiro livro que o Oliveira lança já vem totalmente voltado para as questões raciais, é um homem negro que escreve sobre essa condição, a partir dessa condição, a partir dessa visão de construção de mundo, para mim o Oliveira é isso: nem classifico como afro-brasileiro, não, é um homem negro, com a visão negra, que escreve com essa visão, a partir desse ponto que ele enxerga o mundo e é desse ponto que ele escreve. Essa condição de estar no mundo: pessoa negra. Todos os envolvimento que nós pessoas negras temos na nossa vivência, é isso que eu vejo na obra do Oliveira, é isso que eu trabalho com a obra do Oliveira, é dessa forma que eu também me coloco no mundo, e com a obra do Oliveira eu posso falar isso.

Sobre a identidade na poesia de Oliveira Silveira, citou o poema *Minha Terra*, no qual o retorno era ao mesmo tempo físico e poético ao local de origem não era um enraizamento crítico. Publicado no *Livro Pelo Escuro*, os poemas dessa obra foram escritos entre os anos de 1968 e 1977, a produção atravessa o tempo de amadurecimento e efervescência do ativista e do poeta.

Tem um poema dele que é fantástico, (...) ele vai falando *isso* da condição de *que* ele é um negro gaúcho, ele é um negro desta terra e ele vai falando *tudo de mal* que a terra oferece para ele: te agradeço pelos lanhos no lombo, agradeço pelo emprego que não me dá. E no final ele coloca que a terra tem o seu lado bom também. Foi essa terra que permitiu ele sair e conhecer outras fronteiras e te agradeço, mas sem nenhum perdão. Esse era o Oliveira, ele tinha consciência do lugar [em] que ele estava. De quem ele era e o que estava

falando, ele era gaúcho: Sou gaúcho, gosto dessas coisas, mas essa terra fez isso, isso e isso comigo e não tem perdão *pra* isso, então eu vou cobrar.. No poema *Sou* ele fala isso que essa terra foi nutrida com o sangue dele. As raízes dele estão nessa terra, ele é gaúcho. Ele é daqui e aqui ele vai manter, mas ele vai falar também das contradições que a terra tem, do racismo que a terra tem, da discriminação que o negro sofre aqui.

Vários poemas publicados na mencionada obra situam-se numa “contranarrativa estética” da presença negra no Rio Grande do Sul. O texto literário não pode ser confundido com outras textualidades sob pena de uma interpretação equivocada. É inegável, nesse livro, o diálogo com a História e com lendas brasileiras. O Negrinho do Pastoreio, uma lenda cristã, ganha uma nova versão na imaginação do poeta; as charqueadas; lanceiros negros; o Negro Bonifácio - personagem da literatura de Simões Lopes - são rerepresentados na poética de Oliveira Silveira.

Ao final da conversa, foi perguntado à interlocutora se havia acompanhado os últimos meses de vida de Oliveira Silveira. Antes de adentrar nesse assunto, reiterou mais uma vez o lugar de Oliveira Silveira em sua família e contou de sua graduação em direito e em jornalismo da filha e colaborações recebidas de Oliveira Silveira.

O Oliveira foi muito presente na minha vida, na vida dos meus filhos, na criação dos filhos. O Oliveira é exemplo porque eu sempre digo para as pessoas: meus filhos não são só resultados da minha criação, criação da mãe e do pai, meus filhos são resultados também dos meus amigos, eles sempre viveram muito em contato com os meus amigos e eu tenho amigos muito queridos que influenciaram muito na vida deles, o Oliveira é um deles. O Oliveira é uma pessoa que foi muito presente na vida dos três e não só na coisa dele vir aqui em casa, da gente se encontrar nos lugares, dele ler, de passar coisas para as crianças. Como o Oliveira era uma pessoa que recortava tudo, guardava tudo, o que ele via que era importante ele repassava, então ele foi muito significativo na vida dos meus filhos e ele conhecia as namoradas e namorados, e ele tinha uma preocupação com a coisa do “quem tu *vai* escolher para namorar”.

Nesse âmbito da conversa, há novamente a menção da opinião de Oliveira Silveira a respeito da família negra, possivelmente, compartilhada por essa interlocutora. Como dito, existe na família de Vera Lopes a consolidação de um projeto de negritude expresso de diferentes formas: na maneira como os membros da família arrumam o cabelo; nos objetos decorativos de sua casa;

na quase mágoa ao defender a filha das críticas que esta sofre por fazer penteados afros para as novelas da rede globo: “minha filha trabalha com uma coisa que ela aprendeu em casa”; em sua relação com o teatro e poesia negra; no orgulho ao falar do neto que afirma ter na figura da avó, “sua rainha”. Em seu depoimento há uma contraposição à geração anterior que buscava modelo de rainha nos programas infantis de televisão, comandados por apresentadoras loiras, de olhos azuis. Todos os dados manifestados por Vera Lopes ou elencados nessa observação conduzem à dedução de que a sua família segue a visão de Oliveira Silveira.

Quando meus filhos namoravam, ele sempre tinha (...) essa coisa de saber quem é que está namorando. Então a minha filha (...)foi morar no Rio e eu disse para ele que ela estava namorando e ele perguntou: quem é que a (...) está namorando? Ela está namorando o (...), eu sabia o que ele queria saber, e como de vez em quando eu era malvada com o Oliveira. Eu não contei quem era, e eu disse para ele: Oliveira a (...) vai vir com o namorado (...) Ela vai levar o namorado para tu *conhecer* para ver se tu *aprova* e ele ficou com aquela cara. O que vem aí? Ele deve ter pensado: se ela não está me dizendo porque não deve ser negro, porque se fosse negro ela já teria dito que é negro. No dia em que a (...) chegou com o (...) o Oliveira abriu um sorriso de orelha a orelha. O (...) é negro de pele preta, ele ficou extremamente feliz com o namoro.

O episódio descrito ocorreu no ano que antecedeu a sua morte, Vera Lopes destaca que os problemas de saúde não afetaram a lucidez nem as convicções de Oliveira Silveira, além de ter se mantido produtivo.

(...) até o final da vida ele ficou lúcido, esse último livro que eu te falei dele, o Oliveira fazia as coisas, ele não gostava de edição, ele era o editor, ele dizia que nós precisamos estar à frente de todas as nossas coisas, nós precisamos ter domínio das nossas coisas, então a produção do livro toda passava por ele e ele sempre defendeu isso. O Oliveira defendia, por exemplo, se eu vou pagar para comer em algum lugar, se eu sei que é um restaurante que é de pessoas negras eu vou para aquele restaurante, se eu sei que tem alguém que produz alguma coisa que eu estou precisando e essa pessoa é negra eu vou comprar com essa pessoa, então ele sempre defendeu que o nosso dinheiro também circulasse entre nós.

Depois dessa colocação sobre a questão econômica envolvendo Oliveira Silveira, procurou-se saber qual era a opinião desta sobre as publicações póstumas tendo em vista resistência que havia por parte dele em permitir que as obras entrassem no circuito de editoração. Essa questão foi apresentada a

diferentes interlocutores, difícil de ser abordada na medida em que não se trata de uma crítica, mas de perceber que construção os interlocutores formaram. Acrescente-se que era difícil de ser respondida uma vez que havia todo um esforço de mostrar que as ações empreendidas após a morte de Oliveira Silveira buscam o reconhecimento e divulgação de seu trabalho. Como se seus interlocutores entendessem isso como um compromisso ético para sedimentar a trajetória intelectual.

(...) o primeiro livro que lançamos depois que ele morreu era um livro que já estava pronto, que ele já tinha aprovado e esse livro era para sair por uma editora. O livro ficou pronto, lindo e era para ir para uma editora e ele não concordou, ele não autorizou que saísse pela editora. E depois ele ficou doente e faleceu e como o livro estava pronto o que nós fizemos? Reunimos vinte amigos dele, e em função do vinte (...) e fizemos a edição por nossa conta e eu creio que isso ele super aprovou. Agora, é muito importante ter a obra do Oliveira reunida e acho que esse livro que o Ronald fez, que tem essa reunião da obra dele, eu acho que é significativa e acho que é uma justa homenagem, eu vejo como uma justa homenagem. Acho que não está violentando o Oliveira. Eu não concordo com o prefácio do Ronald eu não gosto do prefácio do Ronald que está no livro, mas eu entendo que a organização do livro, organizar a obra do Oliveira, ter sido financiada com verba pública eu entendo que é uma justa homenagem ao Oliveira, acho que o livro está muito bonito, mas tenho esse senão (...).

A contrariedade de Vera Lopes em relação ao prefácio elaborado por Ronald Augusto, organizador do livro, tem sua origem na divergência quanto à interpretação deste à obra. Entretanto, é preciso compreender que a interpretação de Vera Lopes não reduz o intelectual à condição de um poeta da negritude ou poeta regional: é um homem negro e que escreve a partir desse lugar, nem tampouco reduz o pensamento de Oliveira Silveira a uma temática específica.

Na última parte da conversa, Vera Lopes trouxe livros e textos de Oliveira Silveira e, por um longo período, ficou lendo e mostrando alguns trabalhos. Este ato reproduzia algo semelhante ao que Oliveira Silveira costumava proporcioná-la. Nos livros editados por Oliveira Silveira, há muitas sutilezas, dedicatória e observações caracterizando uma editoração personalizada. A título de curiosidade, há um livro em que escreveu: “Dedico a uma pessoa negra”, ao deparar-me com essa dedicatória, tentei interpretar sua

intencionalidade. Esses detalhes da escrita, sem dúvida, importantes para Oliveira Silveira dificilmente teriam espaço numa editoração comercial. O poeta enquanto editor se permite a movimentos de autonomia na sua produção.

O conceituado poeta foi tematizado de modo comum pelos diferentes interlocutores, entretanto, na entrevista de Vera Lopes a especificidade consistiu na consonância de ideias estabelecida entre os dois. Apesar de ter relatado discordar muitas vezes da posição de Oliveira Silveira, ao ratificar a importância deste na sua vida e na dos filhos, reporta-se ao processo de identificação e de buscas de referências com o qual se situam no mundo, extensivo aos netos. Quando se refere a Oliveira Silveira como “mestre” ou como “professor” corrobora para a noção apresentada anteriormente sobre o papel do intelectual, quando situado num lugar simbolicamente de identificação e diferenciação com relação a um determinado grupo.

#### 4.3.6 Alsom Pereira da Silva – Réquiem para Luther King<sup>85</sup>

O irmão da paz morreu de bala  
o irmão da paz morreu de bala.

Martin Luther King Jr.  
mártir Luther King Jr

Descansa em paz irmão, porque  
tuas pernas estão cansadas  
e teus pés estão doídos  
das grandes marchas negras  
na estrada branca da paz  
(estrada-sangue de paz).

Descansa, irmão, em silêncio  
porque tua voz está rouca  
assim de um rouco-jazz  
de tanto usar armas-palavras  
palavras-armas de paz.

Descansa teu corpo judiado  
de viagens, prisões, atentados  
descansa agora, ovelha-negra,  
ovelha-negra mas não desgarrada  
cordeiro enfim sacrificado

---

<sup>85</sup> Poema escrito por Oliveira Silveira, datado de 5/4/1968, um dia após a morte do ativista negro norte-americano. Encontra-se publicado no livro *Obra Reunida*, obra póstuma, publicada em 2012.

Descansa, irmão em paz  
em livre-paz-igual  
em justa-paz-total.

Conforme apresentado no Capítulo 2, esse interlocutor representa um deslocamento de universo da cidade de Porto Alegre para Rosário do Sul. Alsom Pereira da Silva e Oliveira Silveira passaram juntos por essa experiência. Embora existam semelhanças nas duas trajetórias, o resultado de como cada um vivenciou revelou-se diferente. Alsom Pereira da Silva voltou para a sua cidade de origem, aproximou-se do ponto de vista empírico do lugar onde nasceu enquanto para Oliveira Silveira, Rosário do Sul opera como *lócus* de experiências marcantes do passado. Na sua condição de visitante temporário, esforça-se por reencontrar o modo de vida característico de sua juventude, mas certamente o que vivencia é uma experiência reinterpretada, atualizada pela condição urbana e pelas interações com que foi tocado em sua trajetória.

A fala de Alsom Pereira da Silva, assim como a de Vera Lopes e Naiara Silveira, traz consigo a marca da afetividade que os envolvia. O tratamento pelos quais se dirigiam um ao outro era “índio velho” com relatou Alsom Pereira da Silva. Expressou que estavam marcados por uma história de afeto e convivência que os uniu da infância até a morte do querido amigo.

O que eu posso te informar é que há um vínculo nosso de toda vida dele na minha vida, de alguma forma sempre estávamos perto. Nós somos originários do mesmo distrito, do 6º Distrito e havia uma amizade anterior a nós, amizade dos pais dele com os meus pais, eles eram muito próximos, tinham uma amizade grande. Pessoas do mesmo distrito. Na época era um distrito praticamente isolado porque a estrada era muito precária e a vida toda era feita lá no distrito, o convívio das pessoas era no distrito: convívio familiar, convívio da carreira<sup>86</sup>, o convívio do baile. Então, o meu pai e a minha mãe eram amigos do seu Felisberto e da dona Nair que era a mãe do Oliveira, e da família.

As narrativas de Oliveira Silveira também estão permeadas pelo significado do lugar em sua vida:

---

<sup>86</sup> Carreira, refere-se às corridas de cavalo em cancha reta. Atividade rural muito comum na região da campanha que comporta dimensões econômicas, pelo valor significativo das apostas de corrida, mas comporta também uma dimensão de lazer e sociabilidade em torno das pessoas que se reúnem na “carreira”.

Eu nunca me afastei do interior, sempre voltei. A minha família continua morando lá e eu gosto tanto de lá que depois que meus pais faleceram nós continuamos, eu e meus irmãos, mantendo o sítio que até foi aumentado pelo meu pai. Ele conseguiu comprar mais uma área que depois foi partilhada e nós ficamos com uma parte nessa nova área e outra, e todo o sítio antigo, onde nós nascemos estamos preservando (...)<sup>87</sup>

Alsom Pereira da Silva rememorou a escola localizada na casa dos pais de Oliveira Silveira. Segundo ele, parte do galpão de chão batido, existente na casa do “seu” Felisberto foi transformado em sala de aula. Lá iniciou o processo de alfabetização de Oliveira Silveira e de uma de suas irmãs. Alsom Silva não detalhou o caráter público ou privado dessa escola, mas salientou que, na sua atuação como prefeito da cidade, a primeira escola criada em sua gestão, aconteceu justamente em Touro Passo. Apesar de ser residente no mesmo distrito, estudaram em escolas diferentes, esclareceu que sua escola mantinha as mesmas características e dificuldades da escola montada na casa de Oliveira Silveira onde estudaram até os 11 ou 12 anos de idade. Relatou que as visitas entre as duas famílias ocorriam a cavalo, nenhuma delas possuía automóvel e os encontros eram marcados por certa formalidade: “visita prevenida”, como a mãe costumava dizer. Depois da convivência de infância, Oliveira Silveira e Alsom Silva se reencontraram na cidade de Rosário do Sul. Os laços das famílias foram estreitados a partir do deslocamento dos filhos, estudantes de Touro Passo para o “mundo”. Na correspondência trocada entre os jovens, as respectivas famílias sempre dava notícia ou mandava recado da outra.

(...) quando o Oliveira veio para a cidade, eu vim também e nós viemos estudar na cidade, na época tinha que fazer um exame de admissão do ginásio, fazia o primeiro vestibular da vida. Então vínhamos do interior, tendo feito o curso primário no interior e, então tinha que entrar para a parte seguinte. A gente seguido estudava junto, eu ia na casa onde o Oliveira parava, como a gente dizia, se hospedava. Tanto os pais dele quanto os meus não tinham casa na cidade, então a gente se hospedava na casa de alguma pessoa conhecida. Os pais pagavam, acertavam, enfim e a gente estudava junto em muitas oportunidades, se preparando para o ginásio. E mesmo depois do ginásio. Então entramos para o ginásio que na época era o Ginásio Estadual de Rosário do Sul, hoje se chama

---

<sup>87</sup> Entrevista Projeto Mocambo (2004).

Colégio Estadual Plácido de Cássio, é aqui próximo. Então fizemos o ginásio, eram quatro anos de ginásio e, então tínhamos que nos deslocar para fora sem condições, aqui os pais não tinham casas, imagina Porto Alegre, Porto Alegre era muito difícil. Mas um grupo aqui da cidade resolveu se deslocar para Porto Alegre e, então fomos, cada um com a sua coragem. (...).

Alsom Pereira da Silva narrou que, após a chegada de ambos a Porto Alegre, passaram a morar na pensão do “seu Hélio e da dona Palmira”, na Rua Havaí com a Rua Lima e Silva. Na época não havia o que é hoje a Avenida Perimetral.

(...) enfim, tem um convívio nosso e tanto daqui, continuando lá. E havia uma amizade muito grande porque estávamos fora de casa e eram poucos aqui de Rosário que estavam lá. E como a nossa amizade vinha desde o interior, que é uma amizade forte que a gente consolida por um tempo e sempre consolidando a cada dia. E os desafios se apresentavam da mesma forma: para estudantes com pequenos recursos na capital, os pais no interior, não tinha telefone, não tinha ligação asfáltica para Porto Alegre, a ligação era de trem, quando saía num dia chegava no outro. Então as dificuldades sempre foram muito grandes. Mas, em Porto Alegre, nós estudamos no Júlio de Castilhos, fizemos curso no Júlio de Castilhos também, então seguimos perto um do outro durante todo esse tempo (...).

Após a conclusão dos estudos no Colégio Júlio de Castilho, as vidas de Oliveira Silveira e Alsom Pereira da Silva seguiram rumos diferentes. Este último cursou a faculdade em Santa Maria e voltou para Rosário do Sul. Na década de setenta tornou-se prefeito da cidade, quando convidou o amigo para realizar um trabalho sobre o centenário de Rosário do Sul.

Mais adiante terminei sendo vereador, sendo prefeito e fui prefeito do centenário do município. E neste período eu acertei para que a prefeitura contratasse, achava que tinha que ser um trabalho contratado, trabalho pago porque o município estava precisando de alguém que fizesse uma compilação, fizesse um trabalho, um livro com a primeira história do município, a história através de livro que pudesse transitar para as escolas, para quem tem a vontade de conhecer a história. Então nós (...) combinamos com o Oliveira, combinei com ele: tu és a pessoa indicada para preparar esse livro, para o centenário do município que era um centenário feito com grandes festividades em 1976, e combinamos de fazer o livro, saiu o livro: Rosário Centenário. Tinha História, atualidades e perspectivas. *Comprou-se* os direitos autorais da primeira pessoa que eu conheço que escreveu um pouco da história do município. O município comprou os direitos autorais daquele cidadão que havia sido o senhor Clemente Duarte, que havia sido o secretário geral do município, na época acredito que poucos cargos do município, mas dentre eles o secretário geral deveria ter, imagino naqueles tempos lá, anteriores

ao nosso nascimento, mas ele escreveu: breve sinopse histórica de Rosário do Sul. E combinei com o Oliveira, vamos fazer assim: tu *coloca* a história de Rosário ali, atualidade é contigo e perspectivas é contigo. (...) é um livro que você encontra hoje, é raro, mas tem na biblioteca, algumas pessoas têm, mas é a primeira referência na história do município.

Na conversa Alsom Pereira da Silva destacou, em vários momentos, que a sua narrativa não seguia uma ordem cronológica. Explicou-se que o presente trabalho não tinha essa perspectiva. Depois de contar a experiência da produção do livro em Rosário do Sul, voltou a relatar fatos de quando moravam na JUC.

(...) na Venâncio Aires, quase em frente ao Colégio Militar, onde hoje tem um posto de gasolina, e ali a gente tinha um convívio grande, enfim. E o Oliveira gostava, sempre foi poeta e tinha uma inspiração muito boa, escrevia muito bem e ele gostava de um violão, uma viola. E eu que não tocava violão, mas estava ao lado dele era levado a cantar, desafinado, mas também cantava, ele cantava bem. E saiu o hino dos estudantes distantes, que está nesse livro, você deve ter visto ali. É um hino de saudade que ele escreveu, eu dei alguns pitacos também, mas a letra é dele. Eu tive uma participação, mas é uma participação de companheirismo, mas a escrita é dele com algumas ideias que terminei dizendo. Depois nós cantávamos junto aquele hino na Casa do Estudante, muitas e muitas vezes, era um hino de saudade... até, e até depois...(..).

Essa parte do depoimento remete à questão destacada por Hall (1992) sobre os processos de identificação nas diásporas negras resultante dos processos de globalização. Algumas interpretações relacionadas aos efeitos da dispersão das pessoas pelo mundo defendem que o problema da identidade poderia se situar em dois polos extremos: ou a assimilação ou da volta as “raízes.” Contrapondo-se a esses dois polos, introduz o conceito de tradução:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. (HALL, 2006, p. 88).

Alsom Pereira da Silva contou que reagiu com muita surpresa quando, em 2008, soube através de Gizelda Maciel que o poeta estava doente.

Em 2008 eu conversei com a irmã dele aqui e fiquei surpreso porque ela me disse: o Oliveira está com problema de saúde e eu fiquei... Essas coisas que a gente não quer acreditar, não gostaria de acreditar... fiquei um pouco chocado. (...) ela me disse: é bom quando tu fores a Porto Alegre ir visitá-lo. Eu vou logo visitar. (...) E em seguida tratei de ir a Porto Alegre, e liguei para ele e cantei:

Santa Maria é o rio lá da terra  
 arroio e serra, velho Caverá  
 Aqui o anúncio do sol pela aurora  
 o lá de fora nunca igualará.

Esse é o começo do Hino dos Rosarienses distantes que Alsom Pereira da Silva cantou ao telefone para Oliveira Silveira poucos dias antes do poeta vir a falecer.

(...) iniciei cantando para ele, ele viu que era eu, então telefonei cantando para ele, e ele: que bom índio velho, que bom que tu me *ligou*. E ficamos um tempão conversando por telefone. E ele me disse: tu estás voltando em seguida? Eu preciso que tu voltes aqui para gravarmos juntos o Hino dos Rosarienses Distantes, e eu quero fazer uma pequena mudança em uma estrofe, mas eu preciso fazer junto contigo essa mudança, quero conversar contigo. Eu disse: Eu tomo posse como vereador e vou aí te procurar (...) A nossa conversa foi amena, coisas assim. E nos despedimos eu dizendo: Eu volto para nós *gravar* o Hino dos Rosarienses Distantes, me deixa só tomar posse... (...).

Naiara Silveira, em sua narrativa sobre as últimas ações do pai, abordou a pressa deste de concluir alguns projetos, a gravação do hino fora um dos que ficou por realizar. No tom de voz de Alsom Pereira da Silva havia um lamento pelo fato de não ter percebido a urgência e por Oliveira não ter “esperado” a investidura ao cargo de vereador. Alsom Silva reafirma a admiração por Oliveira Silveira extensiva à família: “As irmãs dele dizem: tu é o nosso irmão branco. E eu digo: vocês e o Oliveira são o meus irmãos pretos.”

Alsom Pereira da Silva contou como foi surpreendido pela notícia da morte de Oliveira Silveira:

Dia 1º de janeiro de 2009 houve a posse de vereador, dia 2 eu estava chegando *na* Câmara, aqui em Rosário, para ver que gabinete que eu ia ficar, a equipe que ia trabalhar comigo. E chegou a sobrinha dele e falou comigo na entrada, eu desci do carro e ela falou comigo: eu

tenho uma notícia não boa para lhe dar e tenho esse livro, e me entregou esse livro, era Bandonion do Adauto, que era tio dele, o Adauto Ferreira, era do Bandonion. Tocava as músicas nos bailes de campanha naquela época, era um exímio músico. Com a dedicatória do Oliveira, e ela disse que o Oliveira tinha falecido, e que ainda no final do ano tinha me deixado esse livro que veio com equívoco de endereço. Veio para cá, voltou com a dedicatória dele, me emocionei na hora, é claro.

Inquirido como via o reconhecimento do trabalho de Oliveira Silveira em sua cidade natal respondeu que, de certa forma, caminha para a hipótese inicial deste trabalho. A saber, a morte desencadeou todo um processo de revisitar a sua produção intelectual, inclusive na cidade de Rosário do Sul.

(...) eu acho que Rosário precisava ter reconhecido melhor em vida o Oliveira. Eu acho que ele foi mais reconhecido depois que ele partiu porque as pessoas não tinham se acordado bem a respeito da importância do trabalho dele, claro que as áreas mais intelectualizadas da cidade conheciam e aplaudiam, respeitavam o Oliveira como uma pessoa de letras, conterrâneo nosso, enfim. Ele chegou a ser jurado aqui de um festival grande que é o Gauderiada da Canção Gaúcha, que traz milhares de pessoas ao parque de exposições sempre no mês de janeiro. Ele foi jurado dessa Gauderiada. Algumas vezes as áreas mais intelectualizadas o reconheciam. E ele participava de atividades na cidade, mas eu acredito que depois que ele partiu é que o pessoal cuidou de dar uma expressão maior... (...).

Alsom da Silva discorreu a respeito do Centro Cultural Oliveira Silveira, afirmou que durante toda a sua atuação política defendeu que a cidade deveria ter um centro cultural e que deveria levar o nome do poeta, informou inclusive que Oliveira Silveira estava ciente do projeto. Para Alsom Pereira da Silva o centro que hoje congrega um antigo clube da cidade, a biblioteca municipal e o Teatro João Pessoa representa uma solução paliativa de seu projeto, mas acredita no caráter definitivo do nome: Centro Cultural Oliveira Silveira.

Então, ele ficou realmente com o conhecimento perene na cidade, dando nome ao centro cultural, até sugiro que você conheça ali. Tu vai encontrar ali a biblioteca, o museu e mais o teatro, mas o conjunto agora se chama Centro Cultural Oliveira Silveira. E só para completar, sem ordem cronológica das coisas, quando chegou aqui as cinzas do Oliveira eu terminei recitando o hino de Rosário, eu recitei o hino que nós ficamos de cantar juntos. Como as circunstâncias da vida, o destino não permitiu o nosso trato, o Senhor estava com outros planos. Então nós tínhamos o trato de cantar junto, como não cantamos juntos eu recitei lá no cemitério municipal.

A narrativa de Alsom Pereira da Silva trata das relações de amizade pelas quais ambos foram envolvidos. Consultou-se qual era a percepção desta em relação à obra de Oliveira Silveira e fica nítido que, além dos laços existentes, revela-se um conhecedor do pensamento e da atuação do poeta.

Ela *tem muito* regional, tem sentimento, nativismo e vivências que começaram lá no interior do nosso município. E tem o convívio com as realidades universais. Ele fala no Martin Luther King que é uma luta universal, sonho universal. Mas, eu posso te dar um dado que com relação a esta visão mais universalizada, mais nacional que eu conheço desde muito tempo no Oliveira e eu muitas vezes nas nossas conversas do dia a dia ouvi dele que o 13 de maio não era a data máxima do negro brasileiro. A data é outra, é a data da morte do Zumbi dos Palmares. Porque ele entendia o seguinte: você deve saber disso por causa da poesia, ele achava que o negro brasileiro não tinha como perenizar uma coisa que fosse máxima nada que fosse favor, tinha que perenizar uma coisa que fosse conquista do negro. E ele entendia que a Princesa Isabel tinha tomado um ato, que por um lado era um ato de justiça com os injustiçados, mas que não deixava de certa atitude, não digo de favor, mas de um conhecimento de cima para baixo, de governo, talvez não com a intenção de solucionar um problema por inteiro. Ele achava que tinha que ser alguma coisa que fosse conquistada pelo negro brasileiro. Ele achava que tinha que perenizar [o] ato de conquista, quer dizer, que viesse do conhecimento das dificuldades da escravidão, do sofrimento todo. Que fosse[m] quebradas as barreiras por conquista do negro e ele achava que essa barreira tinha iniciado com o Zumbi dos Palmares ou que pelo menos tinha tido um momento importante com o Zumbi dos Palmares. E que ele, então, deveria ser essa figura que *encarnasse* a luta do negro brasileiro pelos seus direitos de igualdade, humanidade, de fraternidade, de inclusão social. Isso ele achava que ainda tinha um caminho a percorrer. Ele achava que aquela luta do Luther King... Ali diz o. "Irmão morreu de bala"... Não me lembro bem do texto agora...(..).

A respeito da luta pelos direitos civis norte-americanos e a chegada ao poder de Barack Obama, Alsom Pereira da Silva entende que o trabalho de Oliveira Silveira tem um grande sentido naquilo que ele chama de "*luta universal*", mas desenvolvida por um segmento específico na experiência da diáspora. Essa ideia de uma luta universal aparece nas interrogações de Gilroy (2007) sobre a questão das identidades essencializadas. Esse autor aponta que as diferentes discussões sobre o conceito de identidade não se preocupam com "identidade humana", pensada em uma acepção mais universalista.

(...) E eu considero também que a poesia do Oliveira é muito forte nesse sentido também, você conhece muito mais que eu, mas é uma opinião minha só, baseada em alguns livros que eu tenho dele que

são relíquias para mim. Eu fiz algumas palestras em escolas do município, várias escolas do município sobre o Oliveira, então isso daqui, [os livros de Oliveira Silveira] me desculpem, mas eu não dou, eu não empresto e eu não vendo por preço nenhum porque têm a[s] dedicatórias do Oliveira, então para mim tem um valor muito grande. E acho que tem um valor grande para a cidade e creio que tem um valor muito grande também a nível nacional. O Oliveira foi, a meu ver, e acho que isso é um registro histórico, no grupo Palmares, foi o que sugeri o 20 de novembro como a data máxima do país, do negro brasileiro que tem uma presença fundamental na vida do país e que tem um crédito, a meu ver, muito grande com a história do país. (...).

Para Alsom Pereira da Silva, a postura de Oliveira Silveira, com seu jeito de ser muito discreto, não favoreceu um maior reconhecimento por parte da cidade.

E até pela forma de ser dele, ele sempre foi muito retraído, enfim, ele não, como é que vou dizer. No sentido de que ele não se expunha nas suas qualidades, deixava que descobrissem. Até um dia me falou um taxista aqui da rodoviária: diz que ele chegou ali e vinha devagarinho, com a mala e ele ofereceu carona. - *O senhor vai para o centro?* - *Vou.* - *O senhor não quer uma carona?* - *Não, eu estou bem, eu vou caminhando...*” Então ele tinha essa maneira de ser, ele não cultivava muito esse lado dos aplausos, ele não corria atrás do aplauso e deve ter chegado pouco na vida dele, não sei até onde ele conseguiu receber isso, e acho que a meu ver aqui em Rosário bastante depois do falecimento dele. Então, aí realmente o pessoal se acordou. (...). Depois da morte dele, esse é o milagre da permanência, a poesia continua mais viva do que nunca, está aí, escreveu e continua, e eu acho que é marcante, e fica marcante, ela tem uma mensagem permanente.

Convém ressaltar a partir do testemunho desse interlocutor, algumas questões, isto é, a experiência comum aos dois na infância, juventude e trajetória acadêmica. Alsom Silva além de ser advogado, formou-se em Letras e foi atuante também na rede pública de ensino em Rosário do Sul. Enquanto Oliveira Silveira se fixou em Porto Alegre e transitava por Rosário do Sul, Alsom Pereira da Silva fez o caminho inverso, voltou para a cidade do interior e transita por Porto Alegre, tendo inclusive um apartamento na capital do estado. Adotando a conceituação de Edilson Nabarro em termos do que o “Oliveira não foi”, o amigo ocupou posto de liderança política como prefeito, vereador, sendo também diretor da Escola Estadual Frei Plácido, localizada no centro de Rosário do Sul, onde os dois haviam cursado o ginásio. Destarte, observa-se que embora com formações idênticas, os cargos políticos exerceram nesses perspectivas diferenciadas. As quais, contudo, não interferiram na relação de

amizade, como afiançado tanto por Vera Lopes quanto Naiara Silveira, pois, as amizades do poeta eram de caráter duradouro.

#### 4.3.7 Suely Silveira e Gizelda Maciel – No meu Rosário<sup>88</sup>

Em Rosário chove  
como em outros lugares.  
E faz seca,  
como nordeste ou em outros lugares.  
Em Rosário tem água, céu e chão.  
Em Rosário tem tudo que é preciso  
ter  
para ser um lugar  
Como outros lugares.  
E em Rosário muitas coisas não existem,  
como noutros lugares.  
Mas Rosário é o lugar onde eu nasci.

Conforme descrito no capítulo anterior, Suely Silveira e Gizelda Maciel são irmãs de Oliveira Silveira, com as quais se conversou durante a curta experiência de campo na cidade de Rosário do Sul, cujo encontro fora resultado de um empenho pessoal de Alsom Pereira da Silva. Oliveira Silveira em sua composição de irmão presente no seu texto autobiográfico, transcrito no Capítulo 1, refere-se ao nome de três irmãos de criação, uma prima e uma sobrinha como partes do núcleo familiar. Entretanto, as irmãs fizeram referência apenas aos irmãos consanguíneos. O objetivo dessa entrevista em particular foi a relação destas com o trabalho de Oliveira Silveira. Queria se saber qual a dimensão que as irmãs possuíam do trabalho deste compreendido como uma pessoa pública e em que medida participavam das múltiplas dimensões que a vida do irmão comportava. Suely Silveira fez a seguinte colocação:

Nós não participávamos muito, mas não sei se é porque a gente ficou meio afastados. Ele lá e a gente aqui. Então quando ele vinha a gente participava, mas não o acompanhava o tempo todo. Eu acompanhei um pouco mais porque parava no apartamento quando ia, a gente ia a Porto Alegre e parava lá com ele, eu e minha filha. E ele vinha aqui, mas a gente não conseguia acompanhar porque ele estava lá e a gente aqui, mas ele nos contava as coisas, então o pouco que sabíamos era isso. A gente admirava o trabalho dele só que...

<sup>88</sup> Poema escrito em 1974 publicado em *Poemas: Antologia*, 2009 e *Obra Reunida*, 2012.

Precisava ver a inteligência dele, era estudioso, se dedicava aos estudos. E tem outra coisa ele era muito discreto, tinha coisas que a gente não sabia, ele não era muito de falar... As outras pessoas que conviviam com ele, a gente não convivia com aquelas pessoas, então a gente não tinha todo potencial. E quando a pessoa morre parece que aparece mais as coisas, começam a divulgar e antes não divulgam tanto.

Suely Silveira mencionou repetidas vezes que pelo fato dela e a filha transitarem entre Rosário do Sul e Porto Alegre, tiveram a possibilidade de travar maior conhecimento com o trabalho do irmão.

E a gente soube mais coisas porque ficávamos lá e a minha filha que era mais nova e acompanhava tudo, gostava... E quando chamavam e/e para uma entrevista, ela ficava feliz e ele ia contando as coisas para ela e, assim, a gente ia sabendo.

Cabe observar que a separação entre a vida pública e a privada que parece muito imbricada na vivência de Oliveira Silveira em Porto Alegre, na cidade de Rosário do Sul adquire outra conotação. Enquanto que no primeiro caso a vida pública de Oliveira Silveira invade e se mistura a sua casa, em Rosário do Sul parece ser o local de volta as origens, de re(ligação) com a terra e o espaço da vida privada. Ao se deslocar no sentido físico, há também uma alternância de referências entre um local e outro. É em Rosário do Sul que ele usa bombachas, e anda a cavalo: “Ele chegava lá fora e a primeira coisa... ele tinha o cavalo dele, e queria ir para o campo. Sempre gostou muito.” Ao falar sobre o município, reitera: “Rosário era tudo para ele.” O deslocamento espacial produzia também um deslocamento de referências em termos de uma escolha do sujeito por acionar determinados códigos e valores culturais. Hall (1997), ao denunciar o fim do sujeito do iluminismo, anuncia o processo cambiante e provisório da identidade.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocada (HALL, 2002. p. 2).

Essa observação permite dissipar qualquer possibilidade de pensar esse “retorno” numa abordagem semelhante à “volta à terra prometida”. Oliveira

Silveira, regressa à terra natal modificado pelas experiências vividas em outro tempo-espaço. Embora seu cavalo e suas vestes permaneçam dotados de sentidos. Paul Gilroy (2007), no desenvolvimento do conceito de diáspora cita o escritor afro-americano Leroi Jones e a expressão usada por este: “o mesmo mutante”. Essa expressão associada à concepção de Gilroy sobre diáspora possibilita pensar esse “mesmo” que não seja enquanto essência. “A iteração é a chave do processo. O mesmo é mantido sem precisar ser reificado. Ele é permanentemente reprocessado” (GILROY, 2007, p. 159).

No início desta dissertação, esperava-se colher diferentes percepções sobre a pessoa-personagem Oliveira Silveira, entretanto, seja em Porto Alegre, seja em Rosário do Sul existem alguns traços através dos quais os diferentes interlocutores apresentam o intelectual, como por exemplo a paciente vocação para transmitir conhecimentos: “E ele explicava bem direitinho, tinha uma paciência para explicar...”, contextualizou a irmã. Oliveira Silveira parecia carregar em si um *ethos* pedagógico interiorizado em suas práticas que transcendia a sala de aula ou grupos que formava.

A irmã também retoma o gosto de Oliveira Silveira pela música de forma similar ao abordado em outras narrativas, mencionou de forma emotiva sobre os retornos do poeta a Touro Passo e como sua música impactava o ambiente familiar.

E ele gostava de uma música, quando a gente ia lá para fora, quando morava lá ainda, e ele procurava um tio nosso que tocava bandonion. E aquilo era um sucesso para ele, ir lá tocar, ele tinha uma gaitinha, que não era dele, era da minha mãe. Mas ele tocava com esse meu tio do bandoneon, mas cantava... tocava... brincava... Um sucesso... Cada vez que ele ia a gente se realizava.

Suely frisou a qualidade de Oliveira como um ouvinte atento aos relatos dos tios maternos em torno da memória da escravidão, aos quais credita o despertar da consciência negra do poeta que, posteriormente, aliou militância e estudo.

Esse interesse dele, pela cultura negra, defender os direitos da raça começou... Junto com os tios, dos irmãos da minha mãe. Então foi por aí que ele ouvia as histórias dos escravos e ele prestava muita atenção em tudo. Ele estava sempre perguntando e querendo saber, então eles contavam para ele. E lá fora tem uma cerca que foi feita pelos escravos, então ele admirava muito aquilo. Fotografava e gostava demais...

Nessa perspectiva, Suley Silveira alarga a temporalidade da condição de saber-se negro a partir da própria experiência familiar. Oliveira Silveira contradiz no depoimento: “lá [Em Touro Passo]a gente dizia que nós não éramos negros”. Talvez isso fosse uma reação à memória da escravidão, talvez fosse algo silenciado dentro da própria família. Segundo Gilroy (2001), como se houvesse desejo quase impossível de esquecer o inesquecível gerando a autonegação. Observa-se na afirmação do próprio Oliveira Silveira que a genealogia familiar não ultrapassa a geração dos seus avós, isto leva a questionar se se trata de uma história desconhecida ou silenciada e inacessível ao poeta que, paradoxalmente, assevera ter descoberto a região de origem de sua família. Essa “descoberta” leva Oliveira a se identificar e a desenvolver estudos sobre o tronco linguístico banto, por entender que os africanos que vieram para o estado eram originários da região designada atualmente como Angola.

A morte de Oliveira Silveira para os interlocutores representava um momento de emoção. Espontaneamente, Suley Silveira lembrou-se do modo como a notícia do agravamento da saúde foi recebida. Há no relato um misto de decepção e resignação por não ter participado de forma mais efetiva da fase final da vida do irmão.

Ele não nos deixou ir para lá cuidar dele, até a minha sobrinha mandou ir escondido, disse que eu fosse, e quando eu cheguei ele disse: não precisava, eu não queria... Mas era nos poupando, eu o entendo. Ele sabe que aqui no interior a gente ia para lá e ele que era o nosso guia, ele que orientava a gente para tudo lá. Sempre que precisava fazer tratamento, eu mesma fiz duas cirurgias lá e depois ele e a minha filha me cuidando. Ele era muito bom de coração, não tinha um dia que ele não fosse *no* hospital me ver para ver se eu estava precisando de alguma coisa, deixava o telefone anotado para mim. Então ele era mesmo que um pai (...), toda vez que a gente ia a gente parava lá com ele e ele que orientava a gente para tudo. Então eu entendo que a ele não quis que a gente fosse porque ele sabia que era ele que nos ajudava. Quando ele ficou doente ele não

poderia ajudar, então ele sabia que íamos ficar meio perdidas lá. E assim mesmo ainda fiquei uns dias lá.

Enquanto Suely Silveira narrava sobre o irmão, Gizelda Maciel remexia em seus guardados e trazia materiais, tais como: fotos, livros e recortes de jornais. Além de um arquivo com várias reportagens publicadas nos jornais de Rosário do Sul que, de certo modo, confirmam a informação fornecida por Alsom Silva, de que a cidade despertou para a importância da produção intelectual de Oliveira Silveira após a sua morte. Em quase todas as reportagens lidas, o destaque residia no fato de Oliveira Silveira ser um poeta natural de Rosário do Sul, como se todo o reconhecimento concernente à sua obra já estivesse sido dado e a cidade necessitasse colocá-lo na condição de espelho enquanto rosariense ilustre. Percebe-se uma ambiguidade comum aos processos marcados pela duplicidade. Oliveira Silveira traz consigo um histórico de construção de contranarrativas ao mesmo tempo em que é capturado por uma narrativa hegemônica que não tem como preocupação, por exemplo, indicar a cultura negra como parte da formação do gaúcho.

Um colunista de um jornal local escreve uma matéria com o seguinte título: *magro, calmo e meio tímido*. O jornalista se chama Antônio Fagundes, perguntei se era o mesmo apresentador do programa de televisão<sup>89</sup>, e Gizelda Maciel informa tratar-se de outro, mas Suely Silveira afirma que Oliveira Silveira participou de um programa de televisão: “Mas ele participou do programa do Antônio Augusto Fagundes, até veio assistir conosco em Rosário do Sul<sup>90</sup>. Enquanto isso, Gizelda Maciel exhibe uma fotografia do menino Oliveira Silveira: “Vou te mostrar como ele era criança: magrooo... Perninha fina”. Aproveita e mostra a foto do pai e avô paterno e é visível a semelhança física de Oliveira Silveira com os dois que aparecem elegantemente vestidos. Foi perguntado como era a experiência com fotografia em Touro Passo, pois o relato de Alsom Silva transmitiu a ideia de um local isolado. Gizelda Maciel

---

<sup>89</sup> Antonio Fagundes foi apresentador por muitos anos de programa tradicionalista, denominado *Galpão Crioulo* em das principais emissoras de televisão do estado. É um nome conhecido no meio tradicionalista gaúcho. No depoimento de Oliveira Silveira realizado em 2004, ele faz referência a uma interlocução, ainda que divergente com o tradicionalista na questão dos Lanceiros Negros.

<sup>90</sup> Vera Lopes também havia feito menção a participação de Oliveira Silveira no *Galpão Crioulo*<sup>90</sup>.

falou que a foto de seus ancestrais havia sido produzida em Santa Maria, onde o pai passara muito tempo em tratamento. Inclusive o nome de “Oliveira” faz referência ao médico que cuidou por três anos da saúde de Felisberto, pai de Oliveira Silveira.

Suely Silveira reiterou diversas vezes a estreita relação de sua filha Thaís com Oliveira Silveira, inclusive com cartas e desenhos enviados pelo tio à sobrinha: “Tudo ele fez para ela, se mandava uma revistinha para ela, mandava com versinho. Então, ela tinha uma admiração enorme por ele.” Observo que Oliveira se dirige a sobrinha como padrinho honorário.

E quando ele estava para vir ela arrumava tudo, dava o quarto dela para ele, colocava a escrivaninha dela ali para ele escrever, fazia todas as vontades. Então ele ficava com a gente. Ela gostava muito de divulgar as coisas do tio, ela dizia: o tio vem para cá e ficava tão feliz... Essa foi a última cartinha que ele nos mandou, porque ele nunca perdeu a mania de escrever carta. Então ele dizia que as pessoas só querem se comunicar hoje em dia por internet. Então a minha filha escreveu uma cartinha para ele quando ele já estava doente, ele ficou muito feliz quando recebeu a carta dela.

Em outro momento, Suely Silveira abordou a dimensão do trabalho de Oliveira Silveira e como a família se relacionava com esse fato.

Um dia nós estávamos no apartamento dele e ligaram da Alemanha para falar com ele. E minha filha ficou muito impressionada: mas tio! E custou para ele se comunicar com a moça, ela ligava todos os dias e ele estava dormindo, mas ela não queria que acordasse ele. Ele disse para a minha filha: pega o telefone que eu vou ligar para ela então, até que no terceiro dia ela conseguiu falar com ele. Era um convite para ele ir a Alemanha divulgar o trabalho dele porque gostavam muito do trabalho dele lá. E a minha filha: vai tio, coisa bem linda. E ele: não, isso de ficar voando em cima do oceano não é comigo, mas eu sei como vou resolver o problema, eu vou gravar um vídeo e mandar para ela. E nunca cheguei, a saber, se ele gravou o tal vídeo.

As entrevistadas mencionaram a relação do poeta com a religião. “Depois que ele foi deixando a religião, ele foi batizado na Igreja Católica, (...) fez primeira comunhão. Então depois ele foi se descobrindo porque ele estudava sobre a cultura negra e religião...”. Gizelda Maciel prosseguiu mostrando fotos, inclusive uma da mãe de Naiara Siveira e outra de Oliveira Silveira em sua formatura no ginásio. Ponderou acerca da perda de alguns

registros do irmão devido ao hábito de emprestá-los a pessoas e a grupos de estudantes. Suely Silveira relembra que Oliveira aconselhava a nunca emprestar um livro, tal como Vera Lopes havia relatado: “Ele ensinava isso para a gente também, dizia: nunca emprestem um livro. Chegou a contar a história de um amigo dele que disse assim: bobo é quem empresta um livro, burro é quem devolve”. Gizelda Maciel falou ter sido comum chegarem estudantes do colégio à casa pedindo livros de Oliveira Silveira e não os devolver.

Essa situação chama atenção em três aspectos. A necessidade de compreender esse intelectual na sua idiossincrasia sempre disposto a ensinar e manter a relação personalizada com seus livros. Evidencia também que as escolas da cidade divulgam a produção de Oliveira Silveira e por fim revela uma fragilidade na implantação do Centro de Cultura que leva seu nome e que abriga a biblioteca da cidade. Observa-se que o lugar ainda não se apresenta como uma referência forte em torno da vida e obra de poeta, conforme verificado em uma ida à biblioteca, quando se interpelou a atendente se havia livros de Oliveira Silveira. Ao que esta perguntou: “aquele que morreu?”. Deduz-se, portanto, que, para aquela funcionária, o poeta era uma figura distante de sua realidade tanto que solicitou ajuda de outro bibliotecário. Além disso, no acervo da biblioteca há apenas parte de sua obra.

Ao término da entrevista, Suely Silveira também apresentou um arquivo parecido com o de Gizelda Maciel, porém constava alguns manuscritos de Oliveira Silveira em um material onde se lia a seguinte frase: “escrito de literatura negra”. Pergunta-se como era a narrativa de Oliveira Silveira dentro da família quanto às escolhas de casamento e Suely Silveira ratifica a mesma ideia já citada por outros interlocutores.

Ele falava que negro tinha que casar com negro. Naquelas misturas lá fora, na campanha que a gente chama, são todos misturados. Uma casa com branco, outra casa com preto e assim vai. Então, ele falava: vocês escolheram branco para casar, mexia conosco brincando, mas ele cobrava.

Suely Silveira também reiterou a relação de afeto existente entre Oliveira Silveira e o neto e quis saber se eu já conhecera Thales. Para alguns

interlocutores parece impossível traçar a trajetória de Oliveira Silveira, defini-lo dissociado de Thales, que surge ao final da entrevista, mas de forma muito presente na vida do avô. “E o Oliveira ia cuidar todos os dias dele, (...), ele que queria cuidar. Trazia-o aqui, levava lá para fora conosco, botava ele para andar a cavalo...”. Essa atitude perante o neto pode ser interpretada, dentro da noção de projeto, como transmissão de um *ethos*, de uma tradição ainda que marcada pela descontinuidade.

Naiara Silveira tem dois filhos, o menor nasceu na fase que Oliveira Silveira já estava doente. Portanto, Thales, o mais velho, tem significativa diferença de idade com relação ao caçula e ocupava um espaço privilegiado na vida do avô. Para alguns interlocutores há um silêncio em torno desse segundo neto de Oliveira Silveira, Gizelda Maciel fez questão de mostrar um registro fotográfico, do poeta segurando Elias, o segundo neto, no colo. Quando estive no Acervo de Oliveira Silveira conversei rapidamente com Thales que atribuiu ao avô a relação com a música enquanto este indicava diferentes instrumentos musicais dispostos pelo espaço que, a princípio, passaram despercebidos.

Ele despertou meu interesse pela música Ele me ensinou a ser paciente, nisso o vô era craque, ele era paciente *prá* tudo. Era um grande incentivador, me deu meu primeiro violão, meu primeiro baixo, me deu as primeiras batucadas no tambor. Ah, ele fez meu primeiro berimbau.

Um aspecto plural na trajetória de Oliveira Silveira é sua relação com a música, mantendo-se conectado a experiência da música regional com seus ritmos típicos da região da campanha, onde instrumentos como gaita e violão são dominantes. Além disso, incorporou não só outros instrumentos bem como estilos musicais, conforme Vera Lopes, ao dizer que coube a ele apresentar a musicalidade baiana ao grupo do qual ela participava. Luiz Ribeiro também relatou sobre as pesquisas realizadas por Oliveira Silveira, através do Grupo Semba, quando desejava um diálogo fecundo entre o teatro e os sons da diáspora, especialmente com o uso de tambor, indicando a indissociabilidade entre cultura e política.

#### 4.3.8 Evandoir dos Santos – A foto<sup>91</sup>

Que é uma foto de uma pessoa morta  
para quem a conheceu em vida?  
Em geral coisa opaca e estática  
e pouco diz de quem foi.

Mas quando menos se espera  
pode mudar-se em cor e em movimento,  
sorriso, voz braços que veem e cingem  
e nós ressuscitamos.

Após a viagem até Rosário do Sul segui com destino a Porto Alegre, levava comigo o propósito de entrevistar alguns representantes da Roda de Poesia Crioula da qual, segundo Edilson Nabarro, Oliveira Silveira era integrante. Quando entrevistado, sinalizou com a possibilidade de intermediar o encontro. Dentro dessas situações imponderáveis que a experiência de campo nos apresenta, isso não foi possível.<sup>92</sup>

Durante o desenvolver da presente pesquisa houve tentativas infrutíferas de construir uma interlocução com Giane Vargas Escobar, técnica responsável pelo Projeto Museológico de criação e revitalização do Museu Treze de Maio, na cidade Santa Maria, o qual representa o primeiro museu de cultura afro-brasileira do Estado do Rio Grande do Sul. Desde o começo do trabalho, Giane Escobar surgiu como uma possível interlocutora, pois trabalhou com Oliveira Silveira na luta pela revitalização desse espaço. A concepção inicial considerava interessante tomar como ponto de partida o passado recente para gradualmente adentrar na trajetória de forma inversa à vivência empírica.

Esse movimento de “resgate” dos clubes negros em conjunto a pesquisa sobre a Liga da Canela Preta, duas experiências plenas de sentido as populações negras no pós-abolição representaram as últimas janelas de militância política-cultural abertas por Oliveira Silveira. Isso possibilitou entender a conversa com Evandoir dos Santos.

O contato com Evandoir dos Santos aconteceu por sugestão de Naiara Silveira, segundo a qual, esteve muito presente no final da vida do pai. A

<sup>91</sup> Poema de 1967, publicado no livro *Obra Reunida* de 2012.

<sup>92</sup> A ausência desse diálogo pode representar uma lacuna como, por exemplo, a trajetória militante de Oliveira Silveira junto aos clubes negros do país.

conversa ocorreu em um bar do centro de Porto Alegre onde as condições eram adversas em virtude do barulho do local, mas se tratava da escolha do interlocutor.

Evandoir dos Santos relatou sua aproximação com o movimento negro decorrente de uma frustração pessoal quando não pode mais jogar futebol, momento em que entendeu a necessidade de buscar algo que o compensasse. Nessa busca, trilhou o caminho ao encontro do movimento negro, quando se aproximou de Oliveira Silveira. Assim, o sentido de vida buscado em uma trajetória individual ganhou uma dimensão coletiva.

Quero te dizer eu sou muito ligado a esportes, e o que acontece? Eu me machuquei, não podia mais jogar, fiquei desesperado. E eu queria ser útil, já que me traumatizou essa derrota. Então, eu vou me juntar ao movimento negro, e daí que veio a ideia: agora vou lá me juntar à roda, vou pegar o cara e me grudar nele. Auxiliar o que for possível, (...) Para sobrar tempo para ele produzir. Então, a ideia foi essa: de me aproximar dele e poder fazer o que eu gostava. E, então, eu fui me aproximando. E quando tu te *aproxima* tu te *apaixona* por uma personalidade dessas, *vai* te envolvendo com tudo que ele sabia, com tudo que ele passava...

Evandoir dos Santos contou que, inicialmente, propôs a Oliveira Silveira cuidar das questões de ordem prática, envolvendo o dia-dia do intelectual. Fazer compras, realizar pagamentos bancários, pois, desse modo, deixaria Oliveira Silveira com tempo “livre” para produzir. A partir do momento em que houve a intensificação da convivência entre ambos, foram surgindo outras possibilidades de atuação e Evandoir dos Santos procurou juntar a militância ao esporte. Durante esse processo houve uma retomada da Liga da Canela Preta, organização esportiva de Porto Alegre que congregava basicamente jogadores negros.

Ciente de minha condição de moradora na cidade de Bagé, Evandoir dos Santos me solicitou na ocasião uma foto do Guarany de Bagé, campeão gaúcho de 1920. Segundo este, havia vários jogadores negros no time campeão e isso produziu impacto importante na ascensão do negro no futebol.

Até tem um destaque: eu precisava se tu me conseguisses a foto do Guarany de Bagé que foi campeão gaúcho em 1920 e isso influenciou também na ascensão do negro no futebol. E quando se lia sobre os esportes, tinha historiadores bons que falavam sobre a Liga

da Canela Preta, e eu comentei com ele e ele foi atrás ver o que era isso. A Liga da Canela Preta tinha tido praticamente como sede a região onde era Ilhota... e formada por um time de futebol de negros que não podiam jogar nem no Grêmio e nem no Inter. E na verdade se tu fizeres uma análise foi um *apartheid* no futebol, porque não se podia jogar no Grêmio nem no Inter, existia a discriminação racial, era tudo mascarado(...). E o Oliveira se interessou, então houve a aproximação dele com esse pessoal do futebol. E em 2006... Em homenagem a Liga da Canela Preta, (...) Ele promoveu uns eventos que ressaltaram o exemplo da Liga, o estilo da Liga. Descobrimos seu Jaime com várias histórias da Liga. Foi jogador da Liga do Oito de Setembro, Primavera e outros times que se organizavam e os times da Liga conseguiram superar o racismo... foi uma maneira de superar aquela dificuldade que foi imposta. A gente está fazendo um trabalho até agora, ele se interessou e começou a acompanhar (...) tomando a proporção nacional.

Na medida em que Oliveira Silveira se interessava pela história dos jogadores negros na cidade de Porto Alegre, Evandoir dos Santos parece ter (re)significado sua vida, pois houve um intercâmbio através da rede de contatos e pessoas que conhecia aliado ao interesse de Oliveira Silveira pela retomada histórica da presença negra no futebol. Evandoir dos Santos passou a integrar a Associação Negra de Cultura, organização criada por Oliveira Silveira. Pouco a pouco, o interesse pela produção de Oliveira Silveira aumentava: “Eu comecei a me interessar pelos trabalhos dele e o que ele escrevia. Eu comecei a participar daquele outro mundo, me encantou com o jeito dele, a maneira de agir”.

Evandoir dos Santos possui uma forte ligação com o Clube Floresta Aurora, quando pertencia à direção do clube, defendia que este deveria produzir um jornal. Através de uma parceria com Oliveira Silveira foi lançado o primeiro exemplar do informativo *NegraAldeia*, que atualmente se desvinculou do Clube Floresta Aurora<sup>93</sup> e tornou-se uma publicação da Associação Negra

---

<sup>93</sup> Em sua página do *facebook*, acessada em 16/08/2014, encontramos o seguinte resumo histórico sobre o Clube: “Sociedade mais antiga que a abolição da escravatura. Fundada em 31 de dezembro de 1872, por negros alforriados (que haviam conquistado a liberdade) para auxiliar famílias negras em caso de óbito, custeando o funeral e prestando assistência aos familiares do falecido conforme registro e publicação em extrato no jornal *A Federação*, do dia 13 de fevereiro de 1918. Teve como registro inicial o nome de Sociedade de Dança. E em 25 de setembro de 1961 sua denominação foi alterada para Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora tem caráter beneficente e, em razão disto, foi declarada de utilidade pública estadual em 24 de julho de 1984, de acordo com o Decreto Lei 1.130/1946. A Sociedade Floresta Aurora cumpre suas normas estatutárias desenvolvendo projetos nas áreas beneficentes que tem como objetivo a promoção humana e a construção da cidadania. Os departamentos cultural, social e esportivo são voltados à preservação da cultura negra, e revitalização da memória da própria Floresta Aurora através do trabalho de pesquisa,

de Cultura. Por influência de Evandoir dos Santos, Oliveira Silveira associou-se ao clube na década de noventa. Interessante essa informação haja vista que na trajetória de Oliveira Silveira existem relatos de sua ligação com o clube. Edilson ao falar tudo que Oliveira Silveira não foi evocou a relação com os tradicionais clubes negros da cidade<sup>94</sup>, mas enfatizou que aquele nunca foi dirigente, ao que Evandoir dos Santos complementou com a sua condição de sócio tardio. Relatou também sobre a experiência do primeiro número de informativo do jornal, quando entregou ao poeta o rascunho de suas ideias. E o recebeu completamente rabiscado.

Comecei a pedir auxílio das pessoas e ninguém podia. O Oliveira, o mais ocupado aceitou ajudar. Então, eu devo ter o rascunho do primeiro jornal. (...) Ele não deixava escapar nada de português, todo riscado, corrigido, vírgula por vírgula.

Ao versar sobre a importância de Oliveira Silveira, Evandoir dos Santos entende que o reconhecimento em torno da produção do poeta ainda é incipiente e enfatiza que para aqueles que conviveram com Oliveira Silveira, ele continua vivo.

Para nós ele continua vivo no trabalho, em tudo que ele nos ensinou. As pessoas estão muito ocupadas, atrasadas. E com o Oliveira não. Era a gente parar, conversar e aprender muita coisa. Muita calma, muita tranquilidade. Mas muito forte, guerreiro. A importância do Oliveira Silveira está bem marcada para o povo negro. Não é só com o vinte. A Naiara continua descobrindo coisas inéditas. Depois da morte dele publicamos um livro, 20 pessoas publicaram o livro dele

---

entrevistas, depoimentos, seminários, eventos culturais e sociais voltadas à comunidade afro-brasileira. Ao longo de sua história o Clube Floresta Aurora teve sedes na rua Concórdia (atual José do Patrocínio, conforme registros no jornal negro *O Exemplo* (1892-1930)), avenida Lima e Silva, bairro Cidade Baixa próximo à extinta Ilhota, na rua Curupaiti, no bairro Cristal, onde se fixou cerca de três décadas, até chegar a atual sede na avenida Coronel Marcos, em 1997. Ainda no século XIX, antes da abolição da escravatura no Brasil, era situada no centro da capital entre as ruas Floresta (atual Cristóvão Colombo) e Aurora (atual Barros Cassal) segundo relatos. Este encontro de ruas seria a origem o nome Floresta Aurora, por ter ali, uma concentração muito grande de negros. Fundada em caráter beneficente, tornou-se referência na representatividade histórica e cultural da raça negra na Capital e no Rio Grande do Sul".  
*Obs.: O clube agora está sediado em o outro endereço, seguindo a sua trajetória de mudança e afastamento do centro da cidade.*

<sup>94</sup> Na trajetória de Oliveira Silveira torna-se muito visível a sua ligação com os clubes negros de Porto Alegre: Marcílio Dias, onde fez a primeira evocação do Vinte de Novembro; Satélite Prontidão, onde recebeu o Troféu Zumbi e Floresta Aurora onde começou seu processo de experimentação teatral. Em depoimento sobre suas memórias referentes à chegada à capital gaúcha, Oliveira Silveira citou que morou próximo ao clube Floresta Aurora. Há um tom de lamentação pelo seu desconhecimento sobre o clube na época.

com o material dele e tem mais material para outras publicações no acervo. Então, a produção continua.

As relações político-partidárias nunca foram objeto de conversa entre os dois, explicou Evandoir dos Santos, ele considerava que a relação do intelectual com as letras era mágica, impressionava a habilidade que o poeta tinha de lidar com as palavras. “E me impressionava que no início tu *dava* um texto deste tamanho para ele e parecia mágica. Ele colocava todas as palavrinhas.”

Interlocutores do perfil de Evandoir dos Santos, que conviveram de forma intensa com o intelectual pouco antes de sua morte, narram essa perspectiva de pressa em concluir projetos. Percebe-se que há uma alteração no comportamento desse sujeito, sempre descrito como uma pessoa calma, sem pressa para nada, alterou o modo de agir, ainda que tenha permanecido criterioso na escolha daqueles a quem confiava suas produções.

*Bandone do Caverá* que é o livro de poesia da família dele. Aquele trabalho ele queria terminar logo. E eu disse para ele: *Me dá* esse trabalho que eu dou pra os meus filhos e eles digitam para ti, e ele dizia assim: eu vou te dar, mas é tuuuu que tem que digitar... Eu tinha que digitar, e no fim eu digitei. Fiz a digitação para ele porque ele tinha certa pressa no material... Ele insistia muito que era eu...

Questionado se Oliveira Silveira fazia uso da escrita através do computador, Evandoir dos Santos contou que Vera Lopes criou um correio eletrônico para o poeta que passou a usar essa ferramenta, “meio escondidinho, sem ter ninguém interferindo.”

Evandoir dos Santos foi o interlocutor que apresentou as últimas frentes de atuação de Oliveira Silveira, a saber: a participação negra no futebol e a questão dos clubes negros, dois temas que, segundo ele, mobilizaram intensamente o intelectual em seus últimos anos de vida e também definiu o vínculo existente entre eles. Evandoir dos Santos como participante ativo do *Floresta Aurora*, assim como seu envolvimento com o futebol, aguçou em Oliveira Silveira a vontade de pesquisar e conhecer a respeito desses temas. Ambos acreditavam que era possível associar essas duas forças.

Eu acredito que eles estão tendo mais consciência agora a partir desse trabalho com eles. Não só o futebol, negritude, valorização e também são clubes, eles estão fazendo o trabalho dos clubes (...). Um time de futebol, por exemplo, uma festa que teve, a última, lotou o salão, 500 pessoas (...) isso que a gente conversava: desse potencial, dessas estruturas sociais negras, como funciona a valorização (...) tomando proporção boa, bem positiva. Ele era muito preocupado com o fechamento dos clubes. Vai fechar o clube tal! clube de negros... E isso aconteceu, Ele ficava muito chateado, ele falava com muita tristeza, era fechamento de cultura... Ele se dedicou muito, com a Giane, com o Luís Carlos. Fizeram um trabalho enorme para que esses clubes permanecessem. Ele se preocupava com isso, queria também que os clubes tivessem uma gestão exclusivamente negra.

Evandoir dos Santos não escondeu a satisfação ao relatar o período de trabalho dedicado aos clubes negros e aos times de futebol através da Liga da Canela Preta. Cabendo a Oliveira Silveira o mérito por ter impulsionado essa ação, dando-lhe visibilidade em toda a região metropolitana de Porto Alegre. “Mas foi lamentavelmente pouco tempo que ele viveu com essas pessoas do esporte, liberais, empresários”. A proposta era aliar com o futebol um trabalho de conscientização, tanto que hoje a Associação Negra de Cultura continua essa empreitada. “Segue sim, tem times que no Grupo Canela Preta, dá continuidade ao trabalho Trabalha com crianças carentes; acesso à literatura, à história negra. Mas se ele ainda estivesse aí...”

Evandoir dos Santos deu ênfase a aspectos considerados marcantes em Oliveira Silveira, um deles era a descrição. Narrou um episódio no qual o intelectual havia perdido horário para a tomada do voo e telefonou-lhe para perguntar como proceder.

Muito, muito discreto. Eu até dizia para ele: Oliveira para tu resolveres alguma coisa tu *tem* que ser mais ignorante... Tem gente que só vai ouvir assim... Ele foi convidado para a inauguração daquele espaço lá em Alagoas, o Lula ia lá. Ele perdeu o avião, me ligou e eu trabalhando. E ele: perdi o avião, e eu digo: não, tem o que fazer um escândalo, faz um escândalo aí que vão te colocar em um avião. Mas para o Oliveira fazer um escândalo... imagina! Eu digo: fala, reclama, xinga...

Esse interlocutor insistiu na necessidade de conhecer o trabalho de Oliveira Silveira na luta pela manutenção dos clubes negros existentes no país. Afirmou que o poeta ficava entristecido quando recebia a notícia do fechamento de algum desses clubes. Questionou-se com Evandoir dos Santos como seria

possível manter essa segmentação na contemporaneidade, ou pelo menos, como Oliveira Silveira e ele percebiam essa questão. Esclareceu que a luta era para manter ao menos uma “gestão negra” e, provocativamente, inquiriu se, por acaso, eu conhecia algum negro na direção da SOGIPA<sup>95</sup>. A conversa encerrou-se com o compromisso mútuo: de um lado, enviar fotos antigas do Guarani, tradicional clube da cidade de Bagé/RS; e de outro, Evandoir dos Santos enviaria fotos de Oliveira Silveira.

---

<sup>95</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre fundada por imigrantes alemães em 1867.

## **Considerações finais**

Ao longo da escrita deste texto apontam-se as dificuldades encontradas no esforço de produzir uma reflexão antropológica sobre a trajetória de Oliveira Silveira. A constatação dos obstáculos longe está de ofuscar a riqueza dos depoimentos fornecidos acerca desse intelectual. Entrevistas realizadas nos mais diferentes contextos, sobretudo mediadas pelo controle rigoroso do tempo, ora medido pelo relógio da entrevistadora ora pelo dos interlocutores. Uma constatação dessa natureza serve aos propósitos de se pensar as possibilidades e as limitações da Antropologia urbana ou de uma etnografia multissituada, onde a única probabilidade de efetivação encontra-se no deslocamento da pesquisadora, tentando se colocar um passo a frente do caminho de cada um dos entrevistados. O desconforto, a sensação de estar perturbando, a angústia, a pressa, a dúvida foram sentimentos que surgiram em diferentes momentos do “estar em campo”. No relato dessas situações percebe-se um descompasso entre os relatos clássicos de pesquisa, onde o etnógrafo vivencia o estranhamento e familiaridade em etapas, como se fossem tempos distintos. Ou pelo menos escreve de uma forma que propicie uma interpretação dessa natureza. Porém, nessa experiência, as diferentes etapas foram vivenciadas ao mesmo tempo, talvez com velocidades distintas.

Conforme assinalado na Introdução, a interpretação quanto à escolha dos interlocutores, permanece como possibilidade aberta, como qualquer fenômeno da linguagem. Porém, enquanto ação possível esses foram os interlocutores que puderam ser acessados para a construção dessa etnografia. Ao tomar como universo de pesquisa o estudo de uma biografia se trouxe como pano de fundo o debate sobre os estudos biográficos no campo das Ciências Sociais.

A etnografia de Kofes (1999) citada no Capítulo 3 como trabalho inspirador, por intermédio do qual se passou a acreditar na possibilidade de abordar através da Antropologia a trajetória de Oliveira Silveira, salienta a indissociabilidade entre a trajetória e a narrativa. Este foi o motivo pelo qual se

manteve no presente segmento os longos depoimentos na esperança que proporcionem os nexos entre a singularidade e a experiência social. Na medida em que não se pôde ouvir o próprio Oliveira Silveira narrando a sua trajetória espera-se que, através das vozes e das narrativas dos interlocutores, seja possível de ser analisada.

Na dedicação generosa de Evandoir dos Santos, no posicionamento crítico de Luiz Ribeiro, no pensamento reflexivo de Ronald Augusto, no comprometimento afetivo e político de Vera Lopes e Naiara Silveira, na lealdade de Edilson Nabarro e Alsom Pereira, nas memórias afetivas de Suely Silveira e Gizelda, na contribuição “aleatória” de Reginete Bispo procurou-se trazer a pessoa-personagem Oliveira Silveira o intelectual diaspórico, poeta contemporâneo, poeta negro, poeta gaúcho. Enfim, multifacetado, plural e singular como foram as narrativas elencadas a respeito de seu vivido. Portanto, procurou-se situá-lo enquanto uma totalidade sem a preocupação de estabelecer fronteiras, as quais, nesse contexto, só podem ser concebidas como processo inconcluso e de mudanças permanentes. De forma geral observamos uma repetição de ideias, ainda que com pequenas nuances, todos os interlocutores mostram-se envolvidos por um compromisso ético com relação a Oliveira Silveira, mas como bem apontou Vera Lopes, falar dele é também falar da coletividade. Poder-se-ia pensar aqui no sentido da palavra de origem banto, *ubuntu* sem tradução exata na língua portuguesa, mas no seu uso corrente é traduzida pela seguinte expressão: “eu sou por que nós somos”. Essa dimensão talvez sintetize a postura de cada um frente à trajetória de Oliveira Silveira.

Quando inicie esse trabalho tinha a noção que encontraria narrativas dispares sobre a Oliveira Silveira, não havia uma busca por coerência ou cronologias. O que desejava, era identificar as ações e os eventos com significados coletivos a partir de sua trajetória. Entre os interlocutores com os quais conversei encontrei mais convergências do que o contrário. Ronald Augusto foi quem se mostrou um interlocutor preocupado em firmar em Oliveira Silveira o poeta e o artista. Ele entende que há o risco de que sua trajetória seja reduzida ao propositor do Vinte de Novembro. Este foi um dos primeiros interlocutores da pesquisa, entretanto, observando outras narrativas vê-se que não há esse reducionismo, pelo contrário o que todos os demais procuraram mostrar como a poesia era apenas uma dimensão do intelectual Oliveira Silveira, embora proeminente.

Os dados etnográficos apresentados no Capítulo 4 propiciam reafirmar uma hipótese inicial presente nessa dissertação, a saber, que a morte de Oliveira Silveira ocasionou uma releitura e nova significação de algumas ações praticadas por ele. Nas entrelinhas das narrativas de Vera, de Edilson e de Alsom pode-se perceber Oliveira Silveira sendo apresentado como um produtor de contra-narrativas. Há durante a narrativa uma redefinição, uma reflexão a partir de um novo pensar desses sujeitos. Os traços que antes podiam ser vistos como de um homem exageradamente cauteloso e conservador, especialmente a sua relação com os partidos políticos, são agora (re) vistos. O processo histórico e as tensões existentes entre os coletivos negros e poderes constituídos pela democracia no país, não satisfizeram as demandas elencadas pelo movimento negro contemporâneo. É neste contexto que a postura de homem cauteloso, sai do lugar de uma postura lenta e conservadora e assumem o lugar de uma ação reflexiva e autônoma, como destacam os depoimentos apresentados.

Propus ao longo desse trabalho a perspectiva de compreender Oliveira Silveira enquanto um intelectual diáspórico e contemporâneo, como produto e produtor de narrativas e contra discursos que colocam em xeque valores, signos e símbolos dominantes sobre projetos hegemônicos de identidade. Trabalhei com a perspectiva da não fragmentação do poeta e do ativista do

movimento negro, em consonância com aporte teórico que questiona as epistemologias dominantes, através das quais só é possível explicar o mundo, a cultura e seus sujeitos por conceitos binários, fixos e construídos como categorias externas a experiência humana.

A aproximação dos estudos pós-coloniais com a Antropologia se mostra de certo modo, uma relação ambivalente. Paulo Gilroy (2001) ao usar a metáfora do navio que representa a disseminação, as influencia e as trocas culturais intercontinentais contrasta com a própria ideia de culturas isoladas, ameaçadas de desaparecimento com as quais a Antropologia flertou nas suas origens clássicas. O que autores como Gilroy nos possibilitam pensar o quanto de equivoco existia nessa concepção de isolamento. Os traços comuns que possibilitam falar de uma cultura negra diaspórica atestam para esse fato. A trajetória de Oliveira Silveira, as publicações de suas obras em países Europeus nos permitem falar de um movimento contínuo, histórico e circular.

A música, a dança, o teatro e a literatura são chamados a produzirem performances que falam de um modo de estar no mundo e lutar por direitos políticos, fazendo emergir alternativas que redefinem a cultura, a política e as formas de conhecimentos. Esse híbrido produz interrupções socioculturais significativas no projeto da modernidade, enquanto forma hegemônica.

Os entre-lugares identificados por Homi Bhabha (2003), representam essa lutas que não são travadas nos moldes tradicionais. São estados agonísticos que operam no plano da linguagem, do signo entre os discursos hegemônicos e contra hegemônicos sempre pronunciados. Entretanto, os mecanismos de dominação e as estereotípias não deram a essas vozes espaços de poder.

Nesse contexto a importância de Oliveira Silveira, a importância da persistência em sua trajetória, como alguém que entende que a transformação de um espaço desfavorável, na qual as culturas negras da diáspora se encontram, necessita de um conhecimento autorreferenciado. O que está em jogo, portanto, são múltiplas narrativas e as relações de poder que elas tecem. Oliveira Silveira como intelectual de seu tempo possuía plena compreensão desse fato.

Ao longo do texto procurei explicitar as situações vivenciadas na busca dos interlocutores, mas é preciso registrar mais uma vez que o desenho final da pesquisa foi muito diferente do que eu havia pensado. Quando comecei a mapear meus possíveis interlocutores pensava que haveria necessidade de um convencimento quanto aos meus propósitos. Entretanto, aqueles que consegui acessar eram pessoas já convencidas da importância de falar sobre Oliveira Silveira, ainda que tenha realizado um ou no máximo dois contatos com cada, sobressaiu-se nesses encontros, um estado de absorção e entrega motivado pelas lembranças que Oliveira Silveira parece suscitar em cada um.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, V.; PEREIRA A. A. **História do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.

BARCELLOS, D. M. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre**. 1996, 328 fl. Tese (Doutorado em Antropologia Social) PPGAS/Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BARTOLOME, M. A. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, abr. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 10 fev. 2013.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CAMPOS, D. M. C. de. **O grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço simbólico**. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p.283-302, julho de 2003.

COSTA, S. **Dois Atlânticos: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CRAPANZANO, V. Diálogo. **Anuário Antropológico**, Brasília: Editora da UNB, 1991.

DANTAS, M. E. **A negritude poética do gaúcho Oliveira Silveira**. Disponível em: < <http://www.revistadeletras.ufc.br> nº 28.> Acesso em: 2 fev. 2013.

DOMINGUES, P. J. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** (Universidade Federal Fluminense), Rio de Janeiro, v. 23, p.100-122, 2007.

DOMINGUES, P. J. **Movimento negro brasileiro: história tendência e dilemas contemporâneos**. **Dimensões** (Universidade Federal Fluminense), Rio de Janeiro, v. 21, p.101- 124, 2009.

DOMINGUES, P. J. Um “templo de luz”: a Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 39, p.518-596, set/dez 2008.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

DONIZETH, Aparecido dos Santos. A ressonância dos movimentos culturais negros na poesia de Oliveira Silveira **Espéculos Revista de Estudos Literários** (Universidade Complutense de Madri), n. 44, 2010. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo>> Acesso em: 10 fev. 2013.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILROY, P. **Entre campos – Nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. 34/UCM, 2001.

GONÇALVES, M. A. T.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (Org.). **Etnobiografia: subjetividade e etnografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2012. 266 p.

GUIMARÃES, A. S. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUTFRIEND, I. O Negro no Rio Grande do Sul: o vazio historiográfico. **Estudos Ibero-Americanos**, (PUCRS), v. XVI, n. 1, 2, p. 175-187, jul-dez. 1990.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOFBAUER, A. Entre olhares antropológicos e perspectivas dos estudos culturais e pós-coloniais: consensos e dissensos no trato das diferenças. **Antropolítica** (Universidade Federal Fluminense), v. 27, p. 99-130, 2009.

KOFES, S. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2001.

MARCUS, G. E. O que vem (logo) depois do “Pós”: o caso da etnografia. **Revista de Antropologia**, v. 37, p. 7-33, 1994.

MELLO, L. G. de. Teoria pós-colonial e a política racial brasileira. **Revista de Estudos Antiultraristas e Pós-Coloniais**, v. 1, n. 1. 2011. Disponível em: < <http://www.revista-realis.org/> >. Acesso em: 28 jan. 2013.

MONTAGNER, Â. M. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n.17, p. 240-264, jan/jun 2007.

MONTEIRO, C. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petropolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, T. A Outra negra Fulô, de Oliveira Silveira, “Pra escândalo do bom Jorge de Lima”. **Diálogo e Interação**, v. 2, 2009. Revista eletrônica disponível em <http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>.

OLIVEIRA, H. Oliveira Silveira: política de exceção e poética do além. In: ANAIS VI SIMPÓSIO EM LITERATURA, CRÍTICA E CULTURA, PPG em Letras: Estudos Literários. Faculdade de Letras. UFJF 28 a 31 de maio de 2012. Juiz de Fora, 2012,

OLIVEIRA, R. C. Os (des) caminhos da identidade. **Rev. Bras. Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 42, fev. 2000. Disponível em: <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 3 ed. Brasília: Ed. Paralelo Quinze/São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

OLIVEN, R. A invisibilidade Social e Simbólica Do Negro no Rio Grande do Sul. In: BOAVENTURA, Ilka (Org.). **Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade**. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1996.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, A. A. **“O Mundo Negro”**: A constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010, 268f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

RESOLUÇÕES DO DÉCIMO Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado. Goiânia, 1993. Texto de divulgação interna

REVISTA TIÇÃO. Porto Alegre: Editora Meia-Cara Ltda. Ano II, n. 2, ago. 1979.

RUBERT, R. A. Comunidades negras no RS: o redesenho do mapa estadual. In: SILVA, G. F. da; SANTOS, J. A. dos (Org.). **RS negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAHLINS, M. O “Pessimismo Sentimental ” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SAID, S. **Representações do intelectual**: as conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, I. S. Pedagogias culturais no teatro de Arthur Rocha. In: MOURA, Carlos Alves (Org.) **Diversidade cultural afro-brasileira**: ensaios e reflexões. Brasília: FCP, 2012.

SANTOS, J. A. **Prisioneiros da história**: Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011, 281f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SCIRÉ, C. D. O. **Consumo popular, fluxos globais**: práticas, articulações e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza. In: ANPOCS, 2008, Caxambu. 32º Encontro Anual da Anpocs, 2008.

SILVEIRA, O. Cabelos que negros. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (Org.). **Cadernos negros**: poemas afro-brasileiros, v. 25. São Paulo: Quilombhoje, 2002.

SILVEIRA, O. **Poema**: antologia. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

SILVEIRA, O. **Obra reunida**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Corac, 2012.

TADDEI, Â. Sobre a Escrita Etnográfica. **Revista Aurora**, Marília, v. 5 p.103-118, 2012. Edição Especial.

TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Niterói: EdUFF, 2005.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, G. Antropologia Urbana. Encontro de Tradições e Novas Perspectivas. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 59, p.11-18, 2009.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WALDMAN, M. **O Baobá na paisagem africana**: singularidade de uma conjugação natural e artificial. Texto de apoio elaborado para o XIII curso de difusão cultural “Introdução aos Estudos de África” promovido pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. São Paulo – CEA – USP, 1º Semestre de 2011.